

CRISTIANISMO E HOMOSSEXUALIDADE

Algumas perspectivas Adventistas do Sétimo Dia



Editado por: David Ferguson, Fritz Guy e David R. Larson

Título Original : Christianity and Homosexuality: Some Seventh-day Adventist Perspectives

Editado por: David Ferguson, Fritz Guy e David R. Larson

Autor: Vários

1 de janeiro de 2008

Tradução Livre: Natalia Caballero – com autorização.

Colaboração: Josiane Silva

Capa: Cintia Valadares

Adventist Forum
P.O. Box 619047
Roseville, California 95661-9047
© 2008 por Adventist Forum
Todos os direitos reservados. Publicado em 2008

Índice

Dedicatória	5
Prefácio	6
Parte 1 - Autobiografias	
Aprendendo a girar a moeda da verdade	9
A perspectiva de um pastor: Crescendo Adventista e Gay	19
Homossexualidade e Famílias Adventistas do Sétimo Dia	34
Resposta: Escolha de quem? Qual armário?	54
Parte 2 – Perspectivas Biomédicas	
Determinantes Biológicos da Orientação Homossexual	58
Psiquiatria, Discriminação Anti-homossexual e Desafios para Jovens Gays e Lésbicas	83
Resposta: Ciência e Orientação Sexual	97
Parte 3 - Perspectivas Científico-Comportamentais	
Interação e Angústia: As Experiências Sociais de Gays e Lésbicas Adventistas do Sétimo-dia	106
A Igreja Receptiva e Afetuosa? A Igreja Adventista do Sétimo Dia e Seus Membros Homossexuais	130
Resposta: Experiências Sociais Na “Igreja Acolhedora”	170
Parte 4 - Perspectivas Bíblica e Teológica	
“Em Cristo Não Há Nem...”: Com relação à Unidade do Corpo de Cristo	178
Amor Entre Pessoas Do Mesmo Sexo: Considerações Teológicas	215
Amor Entre Pessoas do Mesmo Sexo no “Corpo de Cristo”?	233
A Igreja Está Pronta Para o Sexo Entre Pessoas do Mesmo Sexo?	242
Parte 5 - Perspectivas Sociais Cristãs	
Normas Sexuais Cristãs Para Hoje: Algumas Propostas	256

Ministrando aos Gays Dentro da Comunidade da Igreja: Uma Perspectiva Pastoral	272
Políticas Públicas Envolvendo a Homossexualidade	281
Amor, Auxílio, Igualdade e Inclusão	295

Dedicatória

Em Memória de Mitchell Henson

Não muitos pastores podem estar por vinte e três anos em uma congregação, mas Mitchell Henson esteve. Ele está no topo de uma longa lista de líderes que lideraram a dinâmica Igreja Adventista do sétimo dia na cidade de Glendale, Califórnia, por mais de um século. Ele construiu sobre o legado desses grandes pregadores e líderes inovadores. Seu ministério proveu um desafio a outros pastores para desenvolver congregações que conheça a grande mensagem do Advento para levar o Evangelho a todas as nações, tipos, línguas e pessoas.

Sua congregação veio balizar o significado do que é uma congregação inclusiva, mas seu desenvolvimento não foi sem dificuldades (exemplos disso são tocados no capítulo 16, a contribuição de Mitch para esse volume). Entretanto, através dos anos, toda vez que apareceu um desafio, isso resultou na congregação se tornando mais sólida em seu apoio a um ministério de acolhimento – incluindo o estabelecimento de programas especiais e políticas oficiais.

Tudo isso foi o resultado da pregação de Mitch, e o modelo de vida amorosa e cuidadosa que ele proveu.

Esse livro é, portanto, dedicado a memória de Mitch em gratidão – e na esperança que outros pastores e membros individuais, ao lerem este material, optem por enfrentar o desafio de criar congregações mais acolhedoras e inclusivas.

Prefácio

Esse é um livro importante. É o resultado de um abrangente e coletivo esforço adventista do sétimo dia para chegar a um acordo com a tensão entre o entendimento Adventista tradicional da sexualidade humana e a realidade da orientação homossexual, experiência e relacionamentos.

Como muitas outras comunidades de fé cristãs, nós Adventistas levamos a sério o conteúdo da Bíblia como um todo como “a infalível revelação da vontade de Deus”; e a Bíblia em lugar algum fala alguma coisa boa a dizer sobre os relacionamentos homossexuais¹. Ainda assim, entre nossos membros temos um significativo número de pessoas que são dedicadas, membros ativos da congregação Adventista e ao mesmo tempo parceiros em relacionamentos homossexuais de longo compromisso – pessoas que são, de fato, Adventistas incuráveis e gays incuráveis. Nos anos 1970, alguns desses Adventistas criaram o Kinship Internacional Adventista do Sétimo Dia que foi incorporada como uma organização sem fins lucrativos em 1981 e agora (2008) tem mais de mil membros em vinte países em cinco continentes². Um dos oficiais da Kinship servia de ligação com a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Em 1980, aconteceu a primeira reunião geral de associados - o primeiro Kampmeeting anual - realizado em Payton, Arizona. Em 2000, a Kinship convidou uma dúzia de Adventistas Heterossexuais – pastores, professores, administradores e profissionais da saúde – para se tornarem membros do Conselho Consultivo da Kinship e então ajudar a Kinship a aumentar a compreensão geral dos Adventistas sobre a homossexualidade. Em janeiro de 2006, com o apoio do Fórum Adventista e uma bolsa da Fundação E. Rhodes e Leona B. Carpenter, o conselho consultivo patrocinou uma conferência em Ontário, Califórnia, que proveu a primeira leitura da maioria dos textos que constituem esse livro.

A primeira parte do livro oferece três histórias pessoais de homossexualidade dentro do Adventismo – as histórias de uma filha de um respeitado educador, de um pastor que serviu a igreja em três continentes e de uma mãe de um homem gay – com a resposta de um jornalista e editor. A parte dois dá uma perspectiva biomédica de dois experientes médicos, um clínico acadêmico e um psiquiatra infantil particular; a resposta é de um psicólogo. A parte três se dirige a questões individuais e coletivas na experiência adventista da homossexualidade, com relatórios de um professor de trabalho social e sociologia, e a resposta de um assistente social clínico licenciado. A parte quatro contém um exame extenso do material bíblico relevante por um estudioso do Novo Testamento e a reflexão de um teólogo, com a resposta de um estudioso do Velho Testamento e outro teólogo. A parte cinco se dirige a questões de ética pessoal e ministério pastoral e política pública, com a resposta de um estudioso em ética profissional e lei.

Cada capítulo é autônomo. Como resultado, o livro tem duas características proeminentes – diversidade e reiteração – que consideramos como ativos em vez de passivos. Não fizemos nenhuma tentativa de homogeneizar o conteúdo, perspectivas, ou estilos literários dos vários capítulos, nem nos esforçamos para

eliminar a repetição de fatos e ideias na medida em que os autores desenvolveram suas próprias contribuições independentes para a discussão.

Esperamos que o livro “*Cristianismo e Homossexualidade: Algumas Perspectivas Adventistas*” estimule a conversa e realce o entendimento entre adventistas ao redor do mundo – por isso, as respostas e as perguntas no final de cada capítulo. A palavra “*algumas*” no subtítulo reflete a nossa consciência de outros, bem diferentes, pontos de vista Adventista; nós esperamos aprender deles do que eles expressaram em suas revisões críticas do livro e seus capítulos individuais. Assim, nós pretendemos que o livro seja uma expansão e não o fim de uma conversação em andamento.

Nós também esperamos que o livro beneficiará aqueles em outras comunidades interessadas na realidade da orientação sexual e dos relacionamentos. Os capítulos proveem informação e *insights* que não estariam rapidamente disponíveis em outro lugar, e alguns deles quebram bases conceituais e interpretações.

Nós somos profundamente gratos pelo generoso investimento de tempo e esforço dos autores dos capítulos e das respostas. Nós somos gratos também pela iniciativa e encorajamento do Conselho Consultivo da Kinship, o suporte moral da editora, do Fórum Adventista, o suporte financeiro da DAS Kinship Internacional, e a expertise técnica de Leigh Johnsen como coeditor e Steve Smith como designer de layout.

David Ferguson

Fritz Guy

David R. Larson

Notas e Referências

1. A citação vem da Declaração de Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, artigo 1, acessível em:

www.adventist.org/beliefs/fundamental/index.html

Em português pode ser acessada em:

<https://www.adventistas.org/pt/institucional/crencas/>

2. Para saber sobre a história do Kinship acesse:

<www.sdakinship.org/history.htm>.

Parte 1
Autobiografias

Parte 1 – Capítulo 1

Aprendendo a Girar a Moeda da Verdade

Por Sherri Babcock

Eu preciso começar com uma advertência. Minha história não chega perto das histórias de corações quebrantados que muitos homossexuais têm. Muitos jovens homossexuais têm sido lançados fora de suas casas e rejeitados por suas famílias, mas essa não é minha história. Ambas, minha parceira Jill e eu fomos abençoadas com pais que acreditam em amar incondicionalmente seus filhos e nossa família é tratada da mesma forma que a família de nossos irmãos.

Muitos homossexuais adventistas receberam recusa de batismo, foram removidos de posições pessoais no ministério, ou excluídos do convívio da igreja, sendo deixados sem uma comunidade espiritual. Mas essa não é minha história. Jill e eu estamos ativamente engajadas em nossa igreja local.

Muitos homossexuais adventistas perderam seus empregos, carreiras, e a credibilidade de uma vida inteira de trabalho quando sua orientação sexual foi conhecida, mas essa não é a minha história. Em nossos lugares de trabalho, Jill e eu fomos capazes de ser abertas quanto a nossa família, e temos experimentado muito pouco tormento e discriminação.

Então porque ouvir minha história ao invés de centenas de outras que podem ser contadas? Talvez minha história tenha que ser contada especificamente porque é menos triste. A despeito de períodos onde eu tive lutas e estive em sofrimento, minha história provê generosa visão do que uma atitude cristã quanto à homossexualidade pode fazer.

Primeiros anos

Minha história começa com o contexto de meus ancestrais adventistas. Meu tataravô, D.A. Robinson, co-fundou o “*Atlantic Union College*” em 1881 junto com o pioneiro adventista Stephen Haskell. Ele depois se tornou o primeiro missionário adventista homem na Índia, seguindo a enfermeira Georgia Burrus. Meu bisavô e meus avôs foram missionários na África. Meus pais eram ambos educadores adventistas, meu pai é o atual presidente do “*Atlantic Union College*”, e eles eram missionários no Paquistão quando minhas memórias de infância começam.

Com essa rica herança familiar, minha infância era cheia de histórias sobre a história de igreja, histórias miraculosas das missões, Histórias bíblicas, atividades de igreja e relacionamentos com estudantes missionários. Eu

experimentei de primeira mão a emoção, aventura, e responsabilidade relacionada ao serviço de Deus e da igreja remanescente de Deus. Eu presumia que o plano de Deus para a minha vida incluía ir à escola adventista até a faculdade, ir a algum lugar um ano como estudante missionária, me casar, trabalhar para a igreja adventista, me tornar uma missionária credenciada, e espalhar a mensagem da verdade para o mundo e então Jesus poderia voltar.

Na escola sabatina e nas aulas de Bíblia, eu fui ensinada sobre os dois lados da moeda. De um lado, eu aprendi a importância da “verdade absoluta”. Como a posse da verdade define a igreja adventista e a qualifica como remanescente. Eu aprendi a importância de saber o que é certo e o que é errado, junto com quais coisas eram certas e quais eram erradas.

Do outro lado, eu aprendi sobre a importância da verdade presente. Como os pioneiros adventistas redefiniram o que eles acreditavam por meio do estudo da Bíblia, oração, e revelação divina. Como eles eram guiados pelo Espírito Santo para lançar a mensagem à luz do que era importante para aquele tempo. Eu aprendi que se esperava dos Adventistas que eles estudassem a Bíblia, por si mesmos e soubessem por que eles acreditam no que eles acreditam. Eu aprendi que Deus responsabiliza as pessoas somente por viver de acordo com a luz que elas receberam e que Deus leva as histórias individuais, a cultura, e as habilidades em consideração.

No meio de todo esse tradicionalismo adventista, eu fui descobrindo que partes de mim não se encaixavam nesses ideais tradicionais da igreja Adventista. Meu pai estava constantemente me lembrando de “agir como uma dama”. Eu preferia brincar com meus irmãos de carrinhos, caminhões, e legos, mais do que com minhas próprias bonecas e Barbies. Eu queria subir em árvores, sobressair na escola, lutar e soltar pipas, mais do que ler “*Little Woman de Louisa May Alcott*” e aprender a costurar.

Com a idade de oito anos, eu tinha requerido completamente o rótulo que haviam me dado de “moleca”. Eu frequentemente me perguntava por que Deus havia me feito menina, quando os meninos tinham muito mais diversão, liberdade e aventura. Eu frequentemente pedia a Deus que me transformasse em um menino.

A despeito de minha identidade de moleca, eu fiquei lisonjeada quando um garoto missionário de outra cidade, que era quatro anos mais velho que eu, me pediu para ser sua namorada. Aos poucos eu soube que a sua ideia de ter uma namorada era fazer sexo. Quando eu percebi o que ele queria e eu tentei voltar atrás, ele me dominou.

Confusa e envergonhada, eu tinha medo de contar a meus pais, então o abuso continuou até que ele se foi para fazer o ensino médio fora, dois anos depois. Naquele ponto, eu segmentei minha pequena vida e prontamente apaguei de minha memória praticamente tudo dos dois anos anteriores. Eu precisava de um novo começo limpo.

Quando eu entrei nos meus anos de pré-adolescência e os garotos que eu considerava meus melhores amigos começaram a mostrar interesse em sair comigo, eu comecei a sentir que eu era outra pessoa vivendo no corpo de uma menina. Essa outra era eventualmente chamada de Sandy Smith. Sandy representava alguém totalmente andrógono (que descreve perfeitamente como eu me sinto) e Smith era totalmente anônima (não era a filha do presidente do colégio).

Eu poderia passar longas horas nas tardes andando no parapeito de telhado de nossa casa, falando com Deus e fingindo ser Sandy, alguém que era forte e independente e não se encaixava em um rótulo tradicional. Ainda que eu não pudesse dar um nome a isso, eu sabia que alguma coisa estava errada comigo. O isolamento emocional e a solidão eram insuportáveis, e eu sentia que eu nunca poderia ser eu mesma.

Uma noite, enquanto eu estava na pessoa de Sandy Smith, eu estive perigosamente perto de cometer suicídio me jogando do parapeito. Justamente quando meu centro de gravidade estava para fora da beirada do telhado, uma garota do colégio, a quem eu considerava como uma irmã adotiva mais velha, apareceu na calçada abaixo. Não querendo cair nela ou em sua frente para que ela testemunhasse minha morte, eu virei para trás, me agarrei ao parapeito, e voltei para a segurança. Essa intervenção ao suicídio foi tão providencial que eu parei de fazer qualquer consideração séria sobre suicídio novamente.

Anos da Adolescência

Meu círculo de amigos se expandiu na oitava série, quando meus pais voltaram para os Estados Unidos. Meu sotaque único e minha perspectiva de vida me fizeram intrigante para os meninos americanos. Eu de repente percebi que eu podia namorar qualquer garoto que eu quisesse, e todas as minhas amigas pensavam que eu era louca por não tirar vantagem disso. Então meus primeiros anos nos Estados Unidos foram marcados por namorar os garotos mais desejados e aproveitar a atenção que isso me trazia das garotas de quem eu gostava.

Durante meu primeiro ano no ensino médio, minha colega de quarto terminou com seu namorado com quem estava há quatro anos. Ela estava com o coração partido e chorava todas as noites até dormir. Uma noite, ela me pediu para descer do beliche e abraçá-la até que ela dormisse. Durante a semana seguinte, eu a abracei até ela se acalmar e dormir. Depois eu voltava para o meu beliche e dormia.

Na semana seguinte, eu comecei a perceber que eu não queria voltar para meu beliche. Eu queria protegê-la de seu sofrimento e estar lá para ela em um “sentido mais amplo”. Eu não entendia meus sentimentos, mas eu tinha um senso de que eles me colocariam em problemas. Eu orei para que esses sentimentos fossem embora, e eu passei muito tempo tentando entender o que estava acontecendo comigo.

Um dia, enquanto eu estava agonizando na aula de clarinete, eu silenciosamente chorei”, Deus o que está acontecendo comigo”? Eu imediatamente recebi minha resposta de forma audível, eu ouvi uma voz estrondosa do corredor, “Sherri, você é homossexual”. Eu me virei para olhar quem havia falado, e se ninguém mais havia ouvido, mas o corredor estava vazio.

Eu comecei a chorar e correr do prédio gritando, “não Deus, qualquer coisa menos isso! Eu prefiro morrer”! Depois de correr entre as árvores e campo em volta da escola por uma hora, eu parei em uma grande pedra ao lado de uma lagoa. Eu estava exausta e ainda chorando quando começou a chover.

Após recobrar minha compostura, eu lembrei a mim mesma o que eu havia aprendido sobre a verdade absoluta. Eu havia aprendido claramente que homossexualidade era errado, eu decidi que essa era a cruz que eu tinha que levar. Eu tinha que superar essa tentação e pedir a Deus que me mudasse. Embora eu fosse a “pastora” da classe no colégio, eu passava mais tempo em atividades espirituais.

Eu me enterrava em trabalhos escolares, e comecei a namorar garotos que não eram necessariamente os mais populares, mas eram bons cristãos e amigos próximos. Eu me formei no ensino médio como presidente de sala e oradora.

Primeiros anos da idade adulta

Durante meu segundo ano da faculdade, eu percebi que atração espontânea por mulheres ainda acontecia, a despeito de minha dedicação para mudar. Um temor inesperado aparecia em momentos surpreendentes. Eu estava tentando tudo para me enterrar nos estudos, atividades de igreja, e outras distrações, mas isso não era suficiente. Pensando que eu precisava dedicar minha vida a Deus mais profundamente, eu continuei o plano original de vida e tirei um ano para ser estudante missionária.

Ainda que, ser uma estudante missionária era definitivamente uma experiência de mudança de vida enriquecedora, eu percebi durante aquele ano que mesmo vivendo uma vida totalmente dedicada ao serviço de Deus, meus sentimentos não haviam mudado. Em desespero, eu me abri com meus pais e pedi ajuda. Apesar de meus pais terem me assegurado seu amor e apoio incondicional, eles obviamente não podiam tomar decisões por mim.

No final daquele ano, eu comecei a entender que por alguma razão que eu não conhecia, isto não era alguma coisa que Deus fosse mudar. Independentemente dessa consciência, eu ainda não podia aceitar ser homossexual.

Depois de voltar à faculdade, eu decidi viver uma vida de solteira, celibatária ou tentar novamente me apaixonar por algum garoto de quem eu era amiga. Eu namorei esporadicamente, mas o esforço, isolamento, e solidão quase resultaram em um desarranjo emocional. Nesse ponto eu finalmente coloquei minha salvação na misericórdia de Deus e comecei a procurar uma mulher com quem eu pudesse desenvolver um relacionamento. Eu tinha que descobrir se eu

realmente era homossexual. Se eu fosse, eu imaginei que poderia ser mais bem usada por Deus como uma mulher “menos-que-perfeita” do que como uma mulher insana.

No meio do ano, eu descobri meu primeiro amor. O nível de conforto e a falta de ânsia que eu senti quando estava com ela foram libertadoras. Eu experimentei pela primeira vez ser totalmente eu mesma. Eu me senti completa e percebi que finalmente muitas facetas de minha vida haviam se integrado. Junto com essa maravilhosa experiência nova veio o constante medo de ser exposta publicamente e ser expulsa da escola.

No final do ano, eu me transferi para o “*Walla Walla College*” para terminar meu último ano. Logo ficou claro que a distância e as pressões sociais para “casar e ter filhos” eram mais do que nosso relacionamento podia suportar. Com o coração partido, eu comecei a namorar homens novamente, mas eu me sentia como se estivesse mentindo para eles na melhor das hipóteses e me tornando insana na pior delas.

Eu me preocupava que se eu casasse, eu acabaria partindo o coração de um bom homem e arruinando nossa vida. Eu fiquei seriamente deprimida e decidi retirar-me da escola, mesmo faltando apenas um quarto de ano para terminar e eu havia sido condecorada como a melhor estudante de Engenharia do ano. Eu precisava descobrir quem eu era e encontrar pessoas com quem eu pudesse ser eu mesma. Eu decidi ir a São Francisco e começar uma vida nova.

Me assumindo e os anos de cura

Quando eu liguei para meus pais educadores para contar sobre minha decisão, eles foram determinadamente contra a ideia de não terminar minha graduação. Percebendo que eu estava decidida em prosseguir nesse curso desastroso, eles prometeram conseguir um número de contato do SDA Kinship se eu promettesse terminar o curso e me formar.

Eu dei a eles minha promessa e contatei o Kinship na semana antes do recesso de primavera, perguntando se eu poderia encontrar algumas das mulheres do grupo no sul da Califórnia durante o recesso. Eles não somente me deram as boas-vindas em minha visita improvisada, mas me deixaram ficar em suas casas, me levaram para comer fora, passaram longas horas dividindo suas histórias de vida e me apresentando a comunidade gay e lésbica.

Uma noite depois de contar a eles minha história, eu perguntei”, mas como Deus pode me amar se eu sou homossexual”?

Marge não perdeu um segundo. Ela disse, “Sherri, se alguém te contasse a sua história de vida, e ela fosse similar à que você nos contou, você os julgaria ou ofereceria a eles o seu amor e compreensão”?

Eu respondi “eu entenderia, é claro, eu sei a luta pela qual eles estiveram passando”.

Então Marge olhou bem nos meus olhos e disse, “Sherri, você realmente acredita que ama mais do que Deus”? Naquele momento, eu percebi que a graça de Deus era grande o suficiente para me amar, mesmo que eu me tornasse uma lésbica.

No longo caminho de volta à escola, eu processei tudo o que eu havia aprendido e as pessoas que eu conheci na Califórnia. Eu percebi que, como em toda comunidade, a comunidade de gays e lésbicas contem pessoas, atividades e cenas sociais saudáveis e não saudáveis. Eu me determinei a separar o ruim e manter o bom. Eu finalmente estava pronta para começar a olhar para o outro lado da moeda da verdade: estudar e encontrar o que minha “verdade presente” era, e porque eu acreditava nela.

Durante meu bimestre final em *Walla Walla*, eu me conectei mais com os membros do Kinship e com os gays da comunidade local. Fora da solidão, eu rapidamente me senti dentro de uma relação com uma mulher adventista com quem eu não combinava, e depois fiquei nele sem um senso de obrigação. Depois ela se mudou para Ohio comigo depois da formatura e nós duas obtivemos emprego na “*Worthington Foods*”.

Vivendo com ela, eu logo descobri que ela definitivamente não era meu tipo de adventista. Ela não gostava de ir à igreja, e ela bebia, fumava, e gostava de ir a bares regularmente. Durante nosso relacionamento de dois anos, nós fomos à igreja apenas esporadicamente, e eu descobri que nossa relação frequentemente me afastava de meus hobbies, interesses e de minha rede de apoio.

Como nós trabalhávamos em turnos diferentes, eu frequentemente tinha tempo livre, mas ela com ciúmes me proibia de sair com amigos. Como resultado, eu passei uma boa parte desses dois anos bordando, servindo no quadro do SDA Kinship, e continuando com meu estudo das referências bíblicas ao homossexualidade. Eu aprendi a entender o contexto e as traduções das línguas originais. Eu finalmente vim a acreditar que Deus espera que eu viva minha vida de acordo com o ideal Bíblico, mas sem o contexto de minha orientação sexual.

Quando nosso relacionamento acabou, eu comecei a processar o abuso sexual que sofri na infância. Quando eu deixei minha criança interna contar sua história, eu revivi as experiências mentalmente e emocionalmente. Por muitos meses, foi tudo o que eu consegui fazer para continuar a trabalhar todos os dias. Muitas áreas da minha vida ficaram de lado enquanto eu lidava com essa nova crise. Por meio de aconselhamento e educação, eu aprendi como educar e proteger minha criança interna. Eu participei de um programa de 12 passos para sobreviventes de abuso e ganhei a cura compartilhando histórias com outros.

Ao me tornar mais aberta sobre o abuso e minha sexualidade, eu descobri que muitas pessoas tentavam associar esses dois aspectos da minha vida como uma relação de causa e efeito. Isso se tornou frustrante para mim, tinha que explicar

repetidamente que o abuso sexual não afeta necessariamente a orientação sexual. Como evidenciam a multidão de mulheres heterossexuais que sobreviveram ao abuso. Eu eventualmente percebi que pessoas que precisam de uma razão para a homossexualidade vão encontrar uma, sem levar em consideração a sua relevância. Pessoalmente, acredito que eu seria lésbica com ou sem a história de abuso sexual.

Com o meu progresso da cura, eu tive um punhado de relacionamentos breves. Ainda que alguns deles tenham durado um par de meses, a maioria nunca passou do primeiro encontro. Mesmo eu querendo alguém com quem dividir minha vida, eu não estava emocionalmente pronta. Então eu decidi ser celibatária por um ano. Eu separei esse ano para redescobrir quem eu era como pessoa, para ampliar minha base de amigos, e desenvolver um nível básico de conforto comigo mesma.

Anos de crescimento e de família

No meio do caminho de meu ano de celibato, eu conheci Jill por meio de amigos em comum em uma igreja ecumênica amigável aos gays. Ela respeitou meu comprometimento com o celibato, e nós começamos uma lenta amizade que eventualmente se transformou em namoro. Logo, eu convidei Jill para visitar a Igreja Adventista e ela com prazer aceitou.

O primeiro sábado em que eu a levei a igreja, eu pude perceber que não era um culto normal. As cadeiras estavam arrumadas em um círculo de duas fileiras. Nós escolhemos cadeiras na segunda fileira no lado direito e o culto começou. Eu logo percebi que o convidado para pregar era um assistente da Conferência Geral da Igreja Adventista. Eu tinha familiaridade com ele, já que eu havia trabalhado na Conferência Geral vários verões durante a faculdade.

Eu me lembrei que meus pais haviam mencionado que o fato de minha foto e meu nome aparecerem no jornal *Kinship Connection* havia causado uma grande movimentação na Conferência Geral. Mesmo assim, como eu nunca havia trabalhado próxima a ele e eu não o havia visto por muitos anos, eu duvidei que ele se lembrasse de mim se me visse.

Quando o sermão começou, Ele entrou em várias histórias de como a Igreja Adventista na Rússia estava crescendo aos saltos. Ele era uma enciclopédia virtual de portas se abrindo miraculosamente e oportunidades de difusão do evangelho. No meio de sua grandiosa apresentação, ele de repente se lembrou de quem eu era, parou de falar sobre a Rússia no meio do pensamento, caminhou até ficar de frente a Jill e a mim, e lançou uma crítica pungente sobre a perversidade da homossexualidade.

Eu estava chocada e humilhada. Como isso podia acontecer na primeira vez que eu levava Jill para minha amada igreja? Eu não sei quanto tempo isso continuou, mas em algum momento, ele se virou e continuou seu sermão sobre a Rússia

como se ele nunca tivesse parado. No caminho para casa, eu me atrapalhei toda me desculpando com a Jill.

Apesar dessa experiência introdutória, Jill concordou em ir à igreja comigo novamente. A medida que nosso relacionamento se aprofundava, eu lutava com a ideia de estar “em jugo desigual” com uma não adventista. Mas Deus me mostrou com certo humor que estar unido com uma Metodista espiritualmente semelhante era muito melhor do que estar unida a uma adventista espiritualmente desigual. Então, depois que meu ano de celibato havia terminado, eu pedi a Jill para entrar em um relacionamento mais amplo comigo.

Nós consolidamos nosso relacionamento dois anos depois com uma celebração de compromisso, feita no parque metropolitano local. Nós decidimos fazer a cerimônia de acordo a uma antiga tradição Quaker e escolher seis casais para serem nossos padrinhos. Nossos padrinhos eram pessoas com experiência que poderiam ser nossos mentores na construção de nosso relacionamento. Nós duas fomos incrivelmente abençoadas de ter nossos pais como dois desses casais. O fim de semana do casamento foi perfeito, e mais de oitenta amigos e familiares de todo o país compareceram. Um helicóptero nos tirou da recepção, eu sabia que eu nunca havia sido mais feliz em minha vida.

Mais ou menos três anos depois de nosso casamento, Jill me disse que ela realmente queria ter um filho. Eu, por outro lado, estava bem contente com nossa vida e nunca havia querido imaginar os desafios apresentados aos pais gays. Por causa de minha relutância, nossa discussão sobre sermos mães continuou por mais dois anos. Quando eu finalmente percebi quão profundamente impregnados seus sentimentos eram, eu concordei com sermos mães. Nós selecionamos um doador que nosso filho pudesse conhecer quando tivesse 18 anos, e Jill ficou grávida na primeira tentativa.

Grace nasceu exatamente nove meses depois. Nós escolhemos o nome Grace não apenas porque era o nome de minha bisavó, mas também porque nós recentemente havíamos lido o livro “*Maravilhosa Graça*” de Philip Yancy¹. Nós sentimos que esse pequeno presente que é um bebe, simbolizava perfeitamente a forma inesperada e imerecida que Deus se moveu em nossa vida.

Não me levou muito tempo me apaixonar, à medida que eu aprendi a cuidar dessa pequena garotinha, eu comecei a ficar surpresa com o significado por trás das metáforas Bíblicas relacionando Deus a um Pai. Minha vida espiritual foi incrivelmente enriquecida quando me tornei mãe. Eu me tornei mais amorosa com aqueles que me rodeavam a medida que eu experimentava a fragilidade e a importância de uma vida tão pequena. À medida que Grace cresce, eu continuamente sou desafiada a encontrar novas e criativas maneiras de explicar Deus e como Deus trabalha no mundo. Eu constantemente fico impressionada com a intensidade da fé infantil e sua não complicada relação com Deus.

Logo antes de Grace nascer, meu emprego de 12 anos na *Worthington Foods* acabou. Devido a aquisição pela *Kellogg*, meu posto de engenheira de fiscalizar aparelhos da *Worthington and Zanesville* foi eliminado. *Kellogg* generosamente

me ofereceu o único posto de gerente de engenharia disponível – uma transferência para o centro de operações em Battle Creek, Michigan.

Depois de uma entrevista com meu novo empregador, eu percebi que a *Kellogg* requeria setenta a oitenta horas de trabalho por semana, reuniões obrigatórias com o conselho aos Sábados, e três semanas de viagem por mês. Então, depois de muita oração, eu rejeitei a oferta de transferência e decidi começar minha própria consultoria na área de Columbia. Esse era um enorme salto de fé, sair de um salário regular para o que se tornou uma entrada muito pequena nos nove meses seguintes.

Justo quando a licença maternidade de Jill ia terminar, eu finalmente consegui um grande contrato para gerenciar um projeto. O trabalho estava suficientemente estável, então Jill teve a oportunidade de tomar a decisão de ficar em casa e cuidar de Grace em período integral. Por cinco anos, nós estivemos muito bem cuidadas. Agora o contrato terminou e o futuro é novamente não muito claro com a chegada do nascimento de nosso segundo filho. Ainda assim, se há uma coisa que eu aprendi de minha experiência anterior, é que o tempo de Deus é muito superior a qualquer coisa que eu possa planejar, mesmo se eu fiz uma previsão completa.

Envolvimento na igreja

Durante os primeiros oito anos de nosso relacionamento, Jill e eu frequentamos um sortimento de igrejas na área de Columbia, a “*comunidade da vida abundante*” da igreja Adventista, onde eu era membro; “*Spirit of the Rivers*” de uma igreja ecumênica, onde nós nos conhecemos; a Igreja Adventista de Dublin; e a Primeira Igreja Batista de Grandville, onde nós aprendemos sobre justiça social, construir um habitat para a Humanidade, e onde nossa filha Grace, foi dedicada.

Logo depois da dedicação de Grace, nós decidimos frequentar outra igreja adventista por causa do maravilhoso programa para crianças e porque eu realmente sentia falta de adorar no Sábado. Ainda que nós nunca tenhamos nos juntado oficialmente a igreja, nós frequentamos essa igreja há cinco anos.

Nós tentamos ir à igreja discretamente, sem confrontos, e testificar o trabalho de Deus na vida de nossa família. Nós somos constantemente surpreendidas pela graça, amor e aceitação que nós recebemos de muitos membros da igreja. Os outros pais do “*Rol do berço*” e “*Jardim da infância*” nos tratam como uma família. A direção da escola da igreja tem se aproximado de Jill e de mim para nos encorajar a enviar Grace à escola deles.

Jill está esperando nosso segundo filho para abril, e alguns dos membros da igreja estão nos perguntando se podem fazer um chá de bebe para nós. E eu recentemente aceitei um convite para ocupar uma cadeira no Comitê de Instalações da Igreja.

A despeito das tantas relações maravilhosas que nós temos na igreja, nós frequentemente sentimos que ainda não encontramos nosso verdadeiro lar espiritual. Nós ainda sentimos a necessidade de sustentar nossas opiniões e nosso discernimento espiritual para nós mesmas, durante as discussões da escola sabatina. Nós ainda ocasionalmente sofremos com as críticas pungentes na escola sabatina contra a perversidade e perigo que homossexuais, casamentos homossexuais, e famílias homossexuais, representam. E nós ficamos esperando por algum membro do comitê de vigilância que decida que é tempo de “limpar a casa” e livrar-se de nós.

Talvez nosso verdadeiro lar espiritual não possa ser experimentado desse lado do paraíso, mas nós ocasionalmente temos vislumbres da promessa que nos mantém a procura de novas formas de promover nosso relacionamento com Deus. Nós nos sentimos abençoadas por isso por agora. Esse relacionamento inclui ser parte da família da igreja de Worthington.

Conclusão

Ainda que minha história esteja longe de acabar, eu atualmente me vejo usando os dois lados da moeda da verdade para prover direção a minha vida. Em lugar de focar um lado de cada vez, eu estou aprendendo a girá-la em pé.

Por um lado, eu estou constantemente tentando identificar e distinguir o certo do errado, peneirar o ruim, e apegar-me ao que é bom. Por outro lado, as variadas comunidades de igrejas em que nós estivemos envolvidas, têm expandido minha definição da “Igreja de Deus”, o trabalho de Deus e o povo de Deus.

Eu agora entendo “verdade” como conceitos, metáforas, e princípios de guia, ao invés de comandos em branco e preto e histórias literais. Eu descobri que a verdade, entendida dessa maneira, é imediatamente aplicada a minha vida diária, e isso me chama a um comprometimento maior, fé maior, e ação maior.

Sherri Babcock tem desfrutado de um relacionamento amoroso e estável com sua companheira Jill Babcock, por mais de treze anos. Elas vivem em um subúrbio de Columbia, Ohio, com sua filha de cinco anos, Grace e estão esperando seu segundo filho para abril. Sherri é uma Engenheira Mecânica Registrada e sustenta a família com os rendimentos de sua própria consultoria e projeto de gerenciamento de negócios.

Questões para discussão

1. De tudo o que você aprendeu sobre "verdade", que porcentagem tem sido ensinada sobre "verdade absoluta"? Que porcentagem tem sido ensinada sobre como discernir “a verdade presente”?

2. Como o seu entendimento pessoal sobre a natureza da “verdade” tem mudado a medida que você amadurece?
3. O que lhe ensinaram sobre “verdade” com relação a expressão apropriada da sexualidade?
4. Que desafios são apresentados ao seu atual entendimento da “verdade” pelo testemunho da Sherrie?
5. Leia 1 coríntios 13: 11 – 12 dentro do contexto do famoso capítulo do amor. Como essa passagem reflete o entendimento de Paulo sobre o processo de amadurecimento do pensamento, especialmente em como nos relacionamos com os outros?

Notas e Referências

1. Yancey, Philip D. **Maravilhosa Graça**. São Paulo: Vida, 1997.

Parte 1 – Capítulo 2

A perspectiva de um pastor: Crescendo Adventista e Gay

Por: Leif T. Lind

Eu trabalhei como pastor e missionário para a Igreja Adventista do Sétimo dia por vinte anos, em três continentes. Eu sou o pai de dois filhos adultos que, como eu, têm vivido e trabalhado em várias culturas e continentes diferentes.

Eu sou gay.

Foram anos até que eu pudesse dizer a palavra, inclusive para mim mesmo. Como pastor e homem casado, eu lutei por anos em um inferno particular, de onde não parecia haver escapatória. Como missionário, eu sentia que não tinha ninguém com quem falar, e, até onde eu sabia naquele tempo, eu estava sozinho em um dilema assustador e traumático.

Mas eu estou me adiantando. Meus anos de crescimento foram basicamente anos muito felizes. Eu vim de uma amorosa família com pai e mãe, e meus pais eram orgulhosos de mim. Eu cresci essencialmente como uma criança sozinha, já que minhas irmãs já estavam fora de casa quando eu nasci. Meus pais foram missionários noruegueses no Quênia e em Uganda, (onde eu nasci). Eu tive maravilhosas oportunidades de experiências que só viagens podem trazer.

Crescer indo à escola em oito países diferentes, embora desconcertante às vezes, era uma experiência abundantemente benéfica.

Meu pai serviu em muitas posições de liderança na igreja – desde diretor de missão até presidente de divisão – e era uma lenda nos seus dias.

Eu era considerado um “bom” menino Adventista do Sétimo Dia em crescimento, e meus colegas de classe geralmente gostavam de mim. Eu tinha uma aparência hetero o suficiente para não atrair a atenção negativa que às vezes atormenta jovens gays à medida que eles crescem. Minha asma na infância também providenciou uma desculpa conveniente para que eu não participasse de alguns dos esportes da escola, que eu não gostava particularmente e nos quais eu não era um esperto.

Durante minha adolescência, ninguém falava muito sobre gays – a palavra não era nem comumente usada naquela época. Eu cresci em um campo de missão remoto em uma família conservadora na qual nem o tópico sexo era discutido. Em retrospectiva, eu agora percebo que eu nem mesmo posso me culpar por ser tão atrasado em descobrir (ou admitir) minha identidade sexual.

Eu também entendo como a mente pode fazer truques estranhos na tentativa de negar o óbvio – especialmente quando a aceitação é muito dolorosa ou incompatível com o sistema de crenças da pessoa. Eu sabia que eu não podia

ser como aqueles estranhos homossexuais, com seu comportamento e roupas estranhas, sobre quem eu ocasionalmente lia na mídia. Esse simplesmente não era eu (e ainda não sou).

Então quantos anos eu tinha quando eu pela primeira vez entendi quem eu era? Eu realmente não sei com certeza. Olhando para trás hoje, eu percebo desde cedo na infância impressões de que eu considerava homens atrativos muito antes de eu ter qualquer vaga noção de sexo. Mas em geral para mim, isso era um gradual despertar para o fato de que eu simplesmente não era igual aos outros.

Na faculdade, eu sabia que alguns de meus amigos estavam preocupados porque eu não tinha namoradas suficientes, ou pelo menos não mostrava interesse suficiente nas uma ou duas que eu tive. Novamente, eu presumi que eu estava “fazendo a coisa certa” pedindo a uma garota ou outra para sair ou namorando firme com elas. Eu era provavelmente incapaz de distinguir entre uma simples amizade e um genuíno vínculo interno.

O que eu realmente entendi em algum nível, embora talvez eu não soubesse por que, foi que eu tinha uma tremenda necessidade de ligação com homens. Intencional ou não, todos os meus amigos homens mais próximos, eram hetero. Talvez isso fosse simplesmente uma tentativa inconsciente de me manter a salvo de sentimentos que eu ainda não podia entender.

Para tudo há um tempo

Antes que eu percebesse, meus anos de ensino médio e faculdade haviam passado.

Olhar para o passado frequentemente distorce ou muda nossa percepção, e pode ser difícil lembrar exatamente o que se estava pensando naquele momento. Eu não acredito que eu soubesse ou entendesse completamente quem eu era quando eu tomei a decisão de me casar. Eu trabalhava como pastor em *Norway* naquela época enquanto me correspondia com minha noiva no Canadá. O que eu esperava realmente? Possivelmente eu só esperava que tudo ficaria bem depois de me casar. Em todo caso, eu estava novamente tomando as “decisões certas” na minha vida.

Esta questão de fazer o que é certo (mesmo o perfeccionismo) é, logicamente, comum dentro do Adventismo. Eu acredito que é comum também entre gays e lésbicas, que tentam compensar suas perceptíveis imperfeições mostrando a sua igreja e familiares que eles podem ser bem-sucedidos ou “fazer as coisas certas” na vida.

No que diz respeito ao casamento, eu me perguntei, a maioria dos homens não se casa? A despeito do meu senso de humor, eu sempre levei a vida a sério. Eu nunca me envolvi em sexo antes do casamento – hetero ou gay. Eu tinha altos ideais para o casamento (e ainda tenho), e queria construir um lar feliz para

minha esposa e meus filhos. A opção de não me casar simplesmente não me ocorreu.

Mesmo Paulo disse que “é melhor casar do que abrasar-se” (1 cor. 7:9), embora algumas de suas ideias sobre casamento são dificilmente consideradas como norma. As escrituras também dizem que “não é bom que o homem esteja só” (Gen. 2:18) Um texto que eu considero tão relevante hoje como quando foi escrito.

Minha noiva e eu nos casamos, e eu continuei a negar o inevitável. Minha educação conservadora da igreja não me preparou para aceitar o senso de devastação e solidão que eu enfrentei quando eu finalmente admiti uma atração mental para os homens que a quantidade de minhas orações ou jejuns não iria mudar. Sim, eu acredito que Deus poderia fazer qualquer coisa, mas por alguma razão, pelo jeito, Ele não estava respondendo minhas preces.

Retornando ao país de origem

Os anos passaram – geralmente, de forma feliz. Nós dois experimentamos as alegrias e desafios criando uma família na missão do campo, para onde fomos transferidos. Algumas noites eu acordava suando, tendo sonhado (como um consciencioso Adventista) que eu estava na sala de audiência no “tempo do fim”.

Em meu sonho, alguém perguntava se eu era gay, e eu discutia comigo mesmo sobre mentir ou não. (Sim, eu sou um péssimo ator, a despeito de ter fingido desesperadamente por anos). Se eu admitisse que eu era gay, eu descreditaría minha fé e a igreja que eu amava; se eu mentisse, eu seria eternamente amaldiçoado. Essa era uma situação impossível de ganhar. Algumas vezes eu sonhava que me perdia eternamente por ter desejos homossexuais que eu não podia sequer explicar. Então eu implorava novamente a Deus para que me perdoasse por ser quem eu era. Anos se passaram antes de descobrir que eu estava orando a oração errada. Totalmente aparte do pavor de mudar de rumo e encarar minha orientação de frente estava a preocupação primordial da integridade bíblica. Para mim, isso era supremo. Como eu poderia entender o punhado de referências bíblicas a homossexualidade sem ver nelas uma condenação direta a mim mesmo?

Parentes bem-intencionados me advertiram depois sobre o julgamento de Deus e o perigo de eu racionalizar fora das escrituras. Como eu poderia discordar? Racionalizar pode ser um perigo para qualquer um, mesmo para o acusador. Eu estava provavelmente mais ciente desse perigo do que eles imaginavam. Mas eu também sabia que crescer incompreendido pode ser doloroso para qualquer um – hetero ou gay – e que muitos se recusam a olhar honestamente para todos os aspectos da questão.

Como Adventistas todos nós sabemos dos tão falados problemas dos textos relativos ao sábado e ao estado dos mortos – sim, em quase todos os assuntos

– textos podem, na primeira leitura, parecer dizer uma coisa, mas nós sabemos depois de cuidadoso estudo que dizem coisas inteiramente diferentes.

Parte da razão dessa dificuldade em entender é o fato de que os autores da Bíblia escreveram em uma cultura, tempo e línguas diferentes das do mundo de hoje. Nós nos esforçamos para entender os princípios envolvidos no que o escritor estava tentando nos dizer. Com oração e cuidadoso estudo nós como membros de igreja somos encorajados a cuidar de qualquer assunto bíblico. Porque nós deveríamos tratar o tópico da homossexualidade de forma diferente?

Então eu avidamente, em segredo, estudei as escrituras e li livros sobre o assunto, às vezes discordando com os dois, “tradicional” (conservador) e “progressivo” (liberal), pontos de vista. Eu tinha que saber em minha própria mente o que eu acreditava e por que. Anos depois, eu preparei um estudo bíblico de trinta e cinco páginas para mim mesmo, explanando meu próprio entendimento sobre o assunto.

Gay... e Adventista?

No começo dos anos oitenta, o conceito de existirem outros gays Adventistas surgiram em mim pela primeira vez depois que eu li o tópico em uma edição especial da revista *Spectrum*. Eu li e reli as experiências de outros membros de igreja gays, quase não ousando acreditar em suas histórias. Isso ainda parecia muito remoto para mim; América do Norte era um mundo a parte.

O mesmo assunto (assim como em uma edição de da revista *Ministry*) apresentou a triste saga de Colin Cook. Ex-pastor transformado em conselheiro Cook, Ele mesmo um homossexual “transformado”, alegou a habilidade de prover aconselhamento para membros da igreja lutando para se tornarem heteros. Embora a igreja tenha promovido seu programa como “a resposta à homossexualidade”, eu me lembro de ter sido extremamente cético às suas alegações naquele tempo e pensei, ou esse homem nunca foi realmente gay ou ele simplesmente não está sendo honesto. O tempo revelou o perigo de suas alegações depois dos repetidos problemas e evidencias de seu abuso sexual aos clientes masculinos.

Indo para a América

Em 1990, depois de oito anos no campo missionário, nós voltamos para a América do Norte. A saúde de minha esposa não estava boa depois de repetidos surtos de malária, e nós sentimos que era hora que nossos filhos fossem a escola da igreja depois de ter estudado em casa por anos. Nós alegremente aceitamos um chamado para pastorear duas igrejas, e por muitos anos nós criamos raízes ali, com nossos filhos indo à escola da igreja local e minha esposa estudando enfermagem.

Todavia, a pressão dentro de mim se elevou. Eu comecei a perceber que viver continuamente com medo estava sugando uma enorme montanha de energia enquanto eu estava tentando negar uma parte essencial de mim mesmo.

Fora do armário

Eu nunca vou esquecer o dia em que eu finalmente decidi contar a minha esposa de quase 20 anos de casamento. Retificando, eu planejei por meses antes. Eu fiz um compendio com uma lista de livros, fitas, web sites, e telefones pessoais para ajudá-la a lidar com o que eu sabia que seria traumático inclusive para ela. Eu deveria esperar até uma semana depois de ela se formar na escola de enfermagem assim as notícias não afetariam seus estudos. Eu planejei contar a nossos dois adolescentes alguns dias depois.

Isso foi sem dúvida a coisa mais difícil que eu já fiz. Eu estava literalmente doente de meu estomago por meses antecipadamente. Eu me peguei argumentando comigo mesmo que eu realmente não tinha razão para contar qualquer coisa a ela. Eu até fiquei melodramático, dizendo a mim mesmo que seria melhor morrer sozinho com o segredo que eu guardava. Eu não estava nem sequer “vivendo o estilo de vida gay”. Mas eu também sabia que era hora de ser honesto; eu estava vivendo uma mentira. Embora nossa vida de casal aparentasse ser normal, eu estava experimentando um tormento mental no esforço de esconder desejos internos que minha esposa nunca poderia conhecer.

Eu também sabia que, em algum nível, minha esposa sabia que nem tudo estava bem, e que ela estava ferida, “eu sinto que há uma barreira entre nós”, ela disse em um par de ocasiões. Eu só ridicularizei suas palavras, terrificado de que ela pudesse adivinhar a verdade. Eu sabia o que ela queria dizer, mas eu sentia que ela não entendia realmente.

Na sexta-feira, dia 2 de fevereiro de 1996, com nossos adolescentes fora em um acampamento de igreja, eu finalmente contei a ela a verdade sobre mim. Sabendo de minha tendência a brincadeiras, ela não acreditou em mim a princípio. Quando ela finalmente se deu conta, nós dois choramos no ombro um do outro pelo que pareceu uma eternidade. Nós falamos até as primeiras horas da manhã, e depois novamente pela maior parte do outro dia.

Para ela era o começo de um pesadelo; para mim, o peso do mundo havia saído de meus ombros. Em seu crédito, nunca (naquele momento ou depois) ela me culpou por ser gay, nem tentou me convencer a mudar minha orientação. Seu desapontamento em meus anos de decepção era de se esperar. Ainda assim, nós estávamos, ao menos pelas várias semanas que se seguiram, provavelmente mais próximos do que nós estivemos em qualquer momento antes.

Em meu próprio planejamento, eu sabia muito bem quais poderiam ser as consequências. Eu sabia que nosso casamento, como a grande maioria dos “casamentos mistos”, provavelmente acabaria. (Isso foi uma coisa que nós dois

eventualmente concordamos, como nós resolvemos os assuntos de ira, uma parte normal de qualquer processo de sofrimento). Eu sabia que seria difícil para nossos filhos aceitar, embora eles, também, tenham sido maravilhosamente compreensivos sobre o tema – muito mais do que eu havia esperado. Como eles admitiram, a separação era o mais difícil para eles.

Depois de me assumir: Encarando a Conferência e o futuro

Notícias de nossa história não apareceram por vários meses depois de eu me assumir. A única coisa que havia mudado em minha vida era o fato de que agora minha família sabia quem eu era. Durante todo esse tempo, eu entendi completamente que eu provavelmente perderia não só meu trabalho como pastor, mas também minha carreira. Eu sabia das dificuldades que pastores desempregados enfrentavam, particularmente porque eles normalmente não receberam treinamento para outras ocupações.

Confrontar isso a meia idade não tornaria as coisas mais fáceis. Como eu continuaria a cuidar da minha família? E sobre plano de saúde para mim e para os outros membros da família? E sobre perder os benefícios de aposentadoria privada? Poderia o seguro desemprego – presumindo que eu recebesse – me cobrir por tempo suficiente até que eu terminasse meu treinamento? Isso era para mim, um cenário assustador.

Eu esperava que nossa família fosse logo capaz de se mudar e fazer uma tranquila transição para um emprego não denominacional em outro lugar, mas isso não aconteceu. De forma compreensível, minha esposa tinha necessidade de falar com outros sobre nossa crise, e embora ela tentasse ser cuidadosa sobre as pessoas com quem ela falava, um membro de igreja chocado se sentiu na obrigação de reportar-me imediatamente a Conferência Geral da Igreja.

Quando a Conferência finalmente descobriu, eu estava recebendo o que eu posso chamar unicamente de um ultimato: rescisão imediata sem a indenização usual, a despeito de vinte anos de serviços para a igreja com um passado limpo. O diretor de ministério da conferência, um pastor que havia repetidamente insistido para que pensássemos nele como um “camarada” em lugar de somente um chefe, nunca procurou falar com minha esposa ou comigo depois que soube que eu era gay. Foi como se eu houvesse deixado de existir.

Agora, a maioria das pessoas me descreveria como bastante calmo e amigável. Aqueles que me conhecem bem entendem que eu posso ser muito determinado, e eu considere o ultimato de “rescisão imediata sem indenização” injusta. Eu não me sentia como sendo um capacho. O ultimato da conferência não somente ia contra a lei do governo local; Ele também violava a política denominacional. Em uma conversa por telefone, o presidente da conferência naquele tempo aparentou simpatia, dizendo que entendia como eu poderia ver o tratamento que eu estava recebendo como injusto. Ele também concordou que se o assunto

fosse qualquer outro que não fosse homossexualidade, a decisão provavelmente teria sido diferente.

Os líderes da conferência me chamaram para ir à frente deles. Eu apareci, mas eu não os informei que eu iria com outra pessoa que eles conheciam muito bem: um advogado que havia sido anteriormente desligado dos serviços denominacionais por ser gay. Embora essa abordagem fosse estranha para mim, eu me senti em uma armadilha e estava com medo. Eu nunca vou me esquecer da expressão de alguns dos rostos no momento em que nós aparecemos juntos na sala de reuniões da conferência. Era um “momento Kodak”, se eu tivesse levado uma câmera! Quando fui questionado, eu garanti a eles que o advogado estava ali apenas como “um amigo”. Embora ele não tenha dito praticamente nada durante a reunião, eu mostrei meu ponto, e nós alcançamos um acordo consideravelmente mais feliz do que teria sido possível de outra forma. Eu apenas desejaria que a ameaça percebida pela ação legal não tivesse sido necessária para alcançar esse resultado.

Eu fiquei desempregado por quase dois anos, fazendo treinamento enquanto procurava por um emprego. Durante esse período, eu recebi seguro desemprego pelo período que eu era elegível (período de 5 anos, quando acontecem novas eleições para os cargos da igreja) * porque o governo acreditou em minha versão da história: que a conferência me demitiu e não que eu rescindi o contrato, como minha carta de rescisão dada pela conferência cautelosamente dizia (por razões óbvias). O presidente da Conferência chegou a me informar verbalmente que a igreja ainda poderia me empregar “se” – e ele disse isso com um grande “SE” – eu mantivesse celibato e “se” eu encontrasse uma igreja local que quisesse me aceitar como pastor nessas condições.

Eu nunca vou saber se ele estava ou não falando sério, mas ele indubitavelmente sabia que a igreja precisava ser cautelosa por razões legais, e ele estava talvez desconfortável sobre os passos que eu poderia tomar. Ele não precisava ficar preocupado.

Eu estava então sozinho. A família havia se separado, minha esposa se mudara a milhares de milhas de distância, e nossos filhos, com quinze e dezessete anos, foram para colégios internos da igreja. Eu senti, como eu sei que eles sentiram, que o mundo havia desmoronado. Eu me mudei a algumas milhas mais distante e comecei a frequentar uma igreja local, onde o pastor e os membros de igreja me aceitaram calorosamente, e eu era inclusive permitido de lecionar a classe de escola sabatina regularmente.

Eu encontrei um apartamento de dois quartos no centro, onde eu podia dividir o aluguel com outro homem. Por causa disso, o novo presidente da Conferência me criticou. Em minha resposta à carta que ele enviou, eu escrevi em agosto de 1997:

“Se alguém que deseja me julgar por minha situação de dividir um apartamento se dispusesse a ajudar a pagar meu aluguel por um apartamento de um quarto, eu seria grato em aceitar tal oferecimento.”

Como eu não espero realisticamente tal assistência, eu não acredito que qualquer outra pessoa tenha muito a dizer também. Seria melhor se eu escolhesse dividir um apartamento de dois quartos com uma mulher? Isso é parte da situação do Ardil-22¹ em que nós frequentemente nos encontramos: nós somos censurados por outros, não importando a companhia que nós tenhamos”,

Fora disso, eu expressei meu desejo de continuar como membro de igreja:

“Eu pessoalmente sinto o chamado e satisfação em trabalhar dentro da missão da igreja. Eu deveria ser restringido de fazer o que eu sinto que Deus me deu como talentos para executar, particularmente quando eu me comprometo com Ele diariamente? Eu pessoalmente não acredito que tal limitação viria Dele”,

Através desse processo, eu estava aliviado em ver que muitos membros da igreja local nos deram suporte aos dois, minha esposa e eu, durante o difícil processo de me assumir. Um par de meses depois, entretanto, eu recebi uma carta do novo pastor de minha antiga igreja na qual ele me questionava com respeito a meu pedido de transferência de igreja:

“Como você sabe, você tem muitos amigos na igreja _____ que estão profundamente preocupados com seu bem-estar e sua relação com a igreja, e quem sinceramente espera que nós todos um dia andemos juntos pelas ruas de ouro.

Em resposta a seu requerimento nós estamos constrangidos em reafirmar os ensinamentos da igreja a esse respeito, então temos a necessidade de fazer algumas perguntas para que você responda antes de que nós decidamos se nós podemos ou não conceder sua transferência.

- 1. Você está no presente praticando o estilo de vida homossexual?*
- 2. Você está determinado pela graça de Deus a abster-se de praticar o estilo de vida homossexual?*
- 3. É seu entendimento que o estilo de vida homossexual não tem defesa nas escrituras?*

Leif, nós estamos te colocando em nossas orações a Deus enquanto aguardamos sua resposta sobre esse assunto”.

Eu não estava “praticando o estilo de vida homossexual” e até aquele momento eu não tinha um parceiro. Ainda assim eu achava as questões desnecessariamente intrusivas, e me perguntava quantos homens e mulheres heteros receberiam um questionamento tão direto quando eles pedissem uma transferência de igreja. Embora minha requisição de transferência inicialmente tenha sido concedida, eu fui depois requerido a deixar de ser membro da igreja.

Preocupações relativas

Provavelmente a parte mais difícil do processo de me assumir – depois de me assumir para minha esposa e filhos – foi o efeito que isso causou em outros parentes meus. Eu não havia previsto a tempestade que isso produziria, particularmente no lado Adventista da família. Embora eu prefira não divulgar alguns dos intensos sentimentos que emergiram (alguns dos quais infelizmente permanecem até hoje), eu estava chocado em ouvir minhas sobrinhas ameaçando informar minha mãe de oitenta e seis anos de idade sobre minha orientação sexual se eu não contasse por mim mesmo. Eu não estava certo naquele momento da necessidade de fazer isso, mas eu estava certo de que não era o papel deles informar minha mãe disso, se isso ia ser feito, eu preferia fazê-lo por mim mesmo.

Uma das primeiras longas cartas que eu recebi de minha família veio de uma preocupada sobrinha que escreveu em 1996:

“Caro Leif,

Você é meu tio, você é parte de minha família e eu quero te amar como sempre fiz. Nada que você faça mudará isso ou me fará parar de orar por você – ou esperar o melhor para você. Mas esse amor e preocupação me compelem a dizer que você está cometendo um terrível engano que irá e já afetou as vidas de muitas pessoas – família, amigos e sua congregação... Você está querendo abandonar suas responsabilidades de pai e marido para seguir um estilo de vida sexual que “faz você feliz”? A maior arma que satanás usa é o egoísmo. Quando suas prioridades precedem as dos outros, então Deus não pode falar com você. Esta é minha opinião (e a de meu marido) que você está comprando uma mentira diretamente de satanás...

Parece por seus atos que são puramente egocêntricos, que você não está servindo a Deus – que é COMPLETAMENTE ABNEGADO. Você pode procurar nas escrituras o quanto você quiser – satanás as conhece melhor do que você – e eu tenho certeza que ele é capaz de te persuadir a acreditar em qualquer mentira que ele quiser. Mas em nosso estudo das escrituras, esse estilo de vida é completamente contra o desejo de Deus. (Rom. 1:26, 27. 1 Cor. 6:9,10) e como tal está fora do cristianismo – porque isso destrói a família e eventualmente destruirá você.

Nós estivemos orando e pensado sobre isso e em nossa opinião aqui estão algumas das mentiras que satanás está lhe contando:

Você nasceu desse jeito e assim não tem escolha de parar. Todos nós temos desejos, raiva e frustrações em que nós não podemos tomar decisões todos os dias. Algumas pessoas são compulsivas –

isso não é desculpa para ser um alcoólatra. Alguns têm muitos hormônios – isso não é uma desculpa para bater em sua esposa. Todos nós temos escolhas para fazer e satanás quer que você acredite que você não tem uma escolha nesse assunto. Essa é a maior das mentiras! ... Esse estilo de vida foi condenado pelo próprio Deus – como prova – olhe para todo o sofrimento envolta de você e em você agora. Isso já destruiu sua família – isso deveria ser um sinal suficiente de Deus.

Leif, eu tenho que te dizer que toda essa situação me fere muito. Eu não posso falar com ninguém de minha família sem que o sofrimento de suas ações apareça na conversa. Eu tenho revivido meu divórcio em algum nível por meio disso e meu coração dói por sua esposa e filhos”.

Eu respondi a sua carta da melhor maneira que pude, acreditando que suas intenções pelo menos seriam boas. Além de comentar algumas das suposições e estereótipos em que ela acreditava, e notando o que eu considereei sua inapropriada comparação entre homossexualidade e alcoolismo, eu apontei o seguinte:

“Você mencionou que por causa de toda a dor e sofrimento em volta de nossa família agora que eu deveria ver isso como um “sinal de Deus”. Entretanto, eu acredito que tudo isso é uma lembrança do fato de que vivemos em um mundo de pecado. Você deve se lembrar que os amigos de Jó disseram a mesma coisa sobre seu problema (e não, eu não estou comparando minhas dificuldades com as dele! Só estou mostrando o ponto que problemas não são prova definitiva de nada exceto de que nós vivemos em um mundo em que o pecado causa problemas). Seus três amigos estavam convencidos de que isso era um “sinal de Deus”. Assim eram os discípulos no tempo de Jesus (João 9: 1-3) que seguiam a crença judaica de que sofrimento tinha que ser resultado dos pecados dos indivíduos.

Eu acho irônico que nós como Cristãos Adventistas ainda caímos em algumas das mesmas armadilhas dos antigos Israelitas”!

Essa foi a última vez que ouvi sobre minha sobrinha, mas havia mais para vir de outros membros da família.

Mudança para a área de Washington, D.C.

Pelo começo de 1998, meu parceiro de algumas semanas e eu decidimos nos mudar para a área de Washington, D.C. onde nós dois encontramos trabalho. Nós nos encontramos por meio de um grupo de apoio a gays e lésbicas Adventistas, e nós dois sentíamos um compromisso em relação à igreja na qual nós fomos criados e pela qual trabalhamos. Nós começamos a frequentar uma das igrejas Adventistas na área, e lá nós ouvimos novamente, bastante indiretamente, de um de meus parentes.

Embora não tenhamos ficado sabendo disso imediatamente, nós depois descobrimos que meu cunhado, um pastor aposentado, se sentiu obrigado pela consciência a ligar para nosso pastor e “deixá-lo saber a verdade” sobre meu parceiro e eu. Nosso pastor já sabia, porque nós fomos abertos com ele e seu “staff” desde o começo. Não havia surpresas aqui.

Em seu crédito, o pastor ignorou a ligação e nunca falou uma palavra sobre isso a nós até que ele foi embora, aludindo a isso quando nós convidamos a ele e sua esposa para um lanche de despedida sabatina. Nós ouvimos primeiro sobre o incidente por meio de outra família de membros.

Em 1999, meu chefe na época, um membro de igreja, decidiu informar um dos novos pastores de nossa igreja sobre meu parceiro e eu. Literalmente em uma hora, o pastor estava reclamando com o “staff” pastoral a nosso respeito. Mas novamente, o pessoal do escritório da igreja não estava surpreso, e eles ignoraram o assunto a pesar dos protestos do novo pastor.

O ano 2000 viu uma tempestade de correspondência de outra sobrinha (irmã da que havia escrito anteriormente, e filha do cunhado que havia telefonado para nossa igreja). Ela também estava ostensivamente preocupada com meu bem-estar espiritual.

“Você me provou que é bem versado na Bíblia e eu esperava isso. Por outro lado, como Deus te abençoou com esse conhecimento Ele espera mais de você também. Se seu estilo de vida é tão “OK”, porque você tem que se defender tanto de mim e de todo o mundo que, como você sabe, tem passado por tempos difíceis se restabelecendo dessa orientação. Eu acredito que Deus fez Adão e Eva, não Adão e Steve. Porque você tem dificuldade com os versos que dizem”, não se deite com um homem como se fosse uma mulher”, ou “Não se deite com animais”, etc.? Eu suponho que você ache que está tudo bem em se deitar com animais então? ...

Você pode tentar justificar suas ações o tanto que você quiser. Eu sinto muito que você ainda pense que eu estou te julgando, mas até que Deus traga algumas de minhas falhas ou pensamentos injustos a minha consciência então eu tenho que andar com o que eu sei. Também é difícil para mim, aceitar seu estilo de vida quando eu tenho

que explicar a meus filhos que seu tio pastor não é mais pastor porque ele escolheu um estilo de vida homossexual. Suas ações, como uma onda na piscina afetam a muito mais gente do que só você... eu acho que você se convenceu de que você está certo no seu pensamento porque você precisa disso. E como você é um cristão “devoto” fica tudo certo. Porque você guarda o sábado e os outros mandamentos e não guarda “não fornicarás”? O que você vai dizer quando Cristo vier de novo e seus filhos não estejam lá, os filhos que Deus confiou a você? Você era a cabeça da família e não foi um exemplo”.

Eu tentei racionalizar, mas, como eu aprendi, usar a lógica nesse assunto nem sempre ajuda! Depois de mais algumas voltas de comunicação, eu disse a ela que simplesmente não havia qualquer sentido em seguir adiante com a discussão. Isso pode ter parecido rude, mas eu não podia ver outra forma razoável de lidar com esse assunto. Entretanto, eu ainda ia ouvir mais.

Pastores de nossa igreja vieram e foram. Alguns meses depois, nosso novo pastor nos informou de que minha sobrinha havia se queixado para seu pastor sobre meu parceiro e eu, e seu pastor havia escrito uma carta acusatória para nosso pastor. Essa vez, nosso pastor falou diretamente conosco, nos interrogando sobre nosso relacionamento, fazendo perguntas pessoais que nunca teriam sido feitas a qualquer casal hetero. Isso era quase a gota d'água, e nós nos recusamos a discutir mais sobre o assunto. O tema era relutantemente jogado.

Vale o preço?

Eu me arrependo da decisão de me assumir e ser honesto? Eu me arrependo da considerável dor que eu causei a minha família e amigos. Eu me arrependo de ter perdido minha vocação como pastor de uma igreja que eu ainda amo e apoio. Embora eu agora tenha um maravilhoso patrão, meu trabalho atual provavelmente não proverá uma solução de carreira a longo prazo, e eu ainda não tenho certeza de que caminho minha vida profissional vai tomar.

Mas nem por um momento eu me arrependo de ter sido honesto sobre mim mesmo. Eu estou agora em paz comigo e com Deus, e feliz como resultado. Eu tenho compartilhado quase nove felizes anos com um parceiro Adventista que partilha dos mesmos valores e compromisso na vida que eu. De algum modo, eu gostaria de ter tomado a decisão mais cedo no meu casamento – se eu tivesse sido capaz. Fazendo isso teria sido mais fácil para minha ex-esposa (com quem eu ainda tenho um relacionamento amigável), embora não para as crianças, que seriam mais novas.

Para aqueles que perguntam, “o que faz uma pessoa gay”? Eu respondo, “o que faz uma pessoa hetero”? A verdade é, ninguém sabe; ninguém realmente entende, “Pai fraco, mãe dominante”? Certamente não no meu caso. E quem escolheria ser gay? Quem iria escolher se colocar contra todas as vantagens e

fazer a vida tão difícil quanto possível se isso fosse realmente uma questão de escolha ou preferência sexual? Não muitas pessoas que eu conheça.

O que significa ser gay? O que significa ser hetero? Certamente nenhuma orientação é somente sobre sexo, como alguns acreditam. Como eu mencionei antes sobre minhas namoradas no ensino médio, há uma conexão emocional ou um vínculo interno que uma pessoa gay simplesmente não consegue alcançar vivendo uma vida hetero. Além disso, uma tendência completamente diferente está envolvida na qual há uma sensibilidade geral (que frequentemente inclui uma forte tendência a música e artes) que se faz evidente.

Talvez clichês, ainda assim amplamente verdadeiros. Para um homem gay, isso frequentemente se traduz em ver todo o mundo com gentileza, olhos mais sensíveis do que os heteros semelhantes, “Virtudes femininas”, como tenho eu muito frequentemente sido lembrado? Ou os ideais cristãos aos quais todos nós deveríamos aspirar? (Gal. 5:22,23; Mat. 5:3-12). Mas esse é outro assunto.

O atual Presidente da Conferência Geral – um companheiro compatriota, meu ex-professor, e um amigo de nossa família – recentemente deu a seguinte advertência sobre homossexualidade no seu fórum de perguntas e respostas para orientação de jovens – *Let’s Talk*. (Sua coluna sobre homossexualidade é classificada, ironicamente, abaixo do título *Cultura Pop*, ao invés do título mais lógico *Relacionamentos* – onde os tópicos sobre, Namoro, Família, Casamento e Sexo estão listados.) Ele aconselha os jovens da igreja:

“Isto significa que a expectativa Bíblica para aqueles que acreditam que tem uma orientação homossexual é de que devem viver uma vida de celibato ou limitar a atividade sexual para dentro de uma situação de casamento entre homem e mulher”,

É precisamente esse tipo de advertência que direciona para a tragédia que nossa família, como muitas outras, tem experimentado.

Nós podemos apenas orar para que a igreja não mais dê a abordagem de “avestruz com a cabeça na areia”, mas encare a realidade de que irmãos e irmãs gays estão em todo lugar na igreja: desde a congregação laica até faculdades, pastores de igreja, e até funcionários da Conferência Geral. Nós estamos feridos e isolados, e tão necessitados da aceitação denominacional, suporte, e da graça perdoadora de Cristo como qualquer outra pessoa. Por favor, não continuem a nos ignorar. Eu acredito que Cristo pode usar a todos nós.

Questões para discussão

1. Porque a maior parte da oposição experimentada pelo escritor veio dos membros mais religiosos de sua família?
2. Como você pensa que a reação da igreja à “saída do armário” do autor influenciou sua família? Seus filhos?

3. Você pensa que é melhor manter os “casamentos entre pessoas de sexo oposto” a qualquer custo? Que preço é pago pela pessoa gay e por seu marido ou esposa, tanto se eles decidem ficar juntos quanto se eles decidem se separar?

4. O que há na cultura adventista que faz com que os membros se sintam responsáveis por obrigar outras pessoas a aceitar sua ideia do que é "Retor e correto"?

5. A igreja tem o direito de interrogar seus membros sobre suas vidas pessoais? Porque isso é frequentemente praticado de forma seletiva? Os membros deveriam ser consistentemente questionados?

*nota de tradução. 1

(Catch -22 é um romance satírico-histórico do autor estadunidense Joseph Heller. O livro, é frequentemente citado como uma das maiores obras literárias do século XX)

Parte 1 – Capítulo 3

Homossexualidade e Famílias Adventistas do Sétimo Dia

Por Carrol Grady

Eu acredito que Deus ama as famílias! Eu amo minha família. Eu sou descendente de quatro gerações de maravilhosas famílias adventistas. O homem que eu amo é um pastor adventista do sétimo dia, missionário e administrador de igreja. Juntos nós criamos três ótimos filhos que nós amamos ternamente. Hoje, vou lhes contar sobre meu filho mais novo, Paul, que é gay. Assim como eu conto a minha história, eu represento quase seiscentas famílias que eu vim a conhecer nos meus dez anos de ministério.

É minha esperança que qualquer que seja o ponto de vista que você possa abraçar atualmente, você esteja disposto a colocar de lado e respeitar, ouvir, e tentar entender as diferentes perspectivas apresentadas aqui. Citarei o Rabi e político Jonathan Sacks, “Cada um de vocês... deve aprender a ouvir e estar preparado para ser surpreendido por outros. Nós devemos estar abertos para suas histórias, que podem ser profundamente conflitantes com as nossas. Nós devemos... estar prontos para ouvir sobre seu sofrimento, humilhação e ressentimento, e descobrir que a imagem que eles têm de nós é qualquer coisa menos a imagem que nós temos de nós mesmos”¹. Eu acredito que nós precisamos aproximar-nos deste assunto com compaixão e humildade.

Passado familiar

Deixe-me contar um pouco do passado da família para começar. Meus pais trabalhavam no hospital e eu passei meu ensino fundamental e meus anos de faculdade rodeada por grandes instituições adventistas em *Takoma Park*, Maryland. Nós nos mudamos para *Paradise Valley*, Califórnia, e eu frequentei o colégio de *La Sierra*, onde eu conheci meu marido, um estudante de teologia. Nossos primeiros dez anos de ministério foram em *Southeastern*, Califórnia, onde Bob foi o primeiro pastor de jovens na igreja de La Sierra, e depois nós pastoreamos e construímos uma nova igreja em *Victorville*, Califórnia.

Paul, o mais novo de nossos três filhos, nasceu no Hawaii, onde Bob era um diretor departamental da missão. Como pré-escolar Paul era um brilhante, simpático e adorável garoto que fazia amizade instantaneamente com qualquer pessoa. Quando ele tinha três anos de idade, nós nos mudamos do Hawaii para Singapura, para a sede da Divisão do Oriente. Bob passou cinco anos na União Sul Asiática e dez na sede da Divisão como Diretor do Departamento de Escola Sabatina.

Paul estava tão animado quando ele teve idade suficiente para começar a escola, mas seu entusiasmo rapidamente acabou quando os garotos mais velhos em sua classe, 1ª a 4ª séries, começaram a caçoar dele e chamá-lo de “maricas”. Este era só o começo do tormento que ele enfrentou em seus anos de escola. A maior parte do tempo nós não éramos conscientes disso. Ele começou as aulas de piano quando tinha sete anos de idade, e ele estava para a música como um pato para a água. Ele era um rato de biblioteca que leu além dos anos dele. Ele também escrevia poesia e revelou talento na classe de arte. Nas séries de 5ª a 8ª os meninos tinham aula de cozinha e costura enquanto as meninas tinham aula de carpintaria e mecânica. A maioria dos garotos estava menos que entusiasmado com isso, mas Paul aproveitou completamente aprender a cozinhar e fazer pão. Ele fez nosso pão em casa, e fez cookies com gotas de chocolate. Quando ele entrou na faculdade ele conseguiu um emprego de padeiro na cafeteria.

Quando ele chegou à puberdade ele estava frequentemente mal-humorado. Nós depois descobrimos que isso foi por causa do seu livro de texto da aula de Bíblia do sétimo ano, onde ele soube o nome para aquilo que ele sempre sentiu que era diferente nele mesmo. A partir daquele momento ele começou a orar sinceramente para que Deus o mudasse. Ele era o único aluno em sua sala nos sétimo e oitavo anos na escola da missão, mas ele começou a fazer planos de ter uma namorada assim que ele começasse o colégio. Ele estava determinado a superar seus sentimentos não desejados e ser “como os outros garotos”. No colégio ele tinha muitos amigos, mas ele também parecia “marchar na batida de outra bateria”. Seus interesses eram diferentes dos interesses de seus colegas de classe. Ele frequentemente parecia ir por seu caminho individual. Em um nível muito subconsciente, isto criou um senso de apreensão em mim que eu não reconheci até mais tarde. Em um nível consciente eu encobri isso como sendo por causa da adolescência. Eu soube depois que muitos garotos do colégio perguntavam se ele era gay e zombavam dele. Ele nos contou depois que essa foi a primeira vez que ele pensou em suicídio.

Nossos três filhos se formaram na *Far Eastern Academy* e foram cursar a faculdade no *Pacific Union College*. Nós voltamos para os Estados Unidos depois que Paul terminou o colégio. Quando ele estava na faculdade eu notei certos sinais de rebelião, como às vezes não querer ir à igreja e ficar em casa. E eu notei mais fortemente que alguma coisa o estava perturbando, mas eu ainda não sabia o que estava errado. Eu pensei que nós estávamos falando de todas as coisas que eram importantes para ele, mas depois eu percebi que ele estava escondendo alguma coisa quando começou a falar sobre sua orientação sexual.

Enquanto nós estávamos na Conferência Geral da Igreja Adventista, onde Bob era um departamental dos ministérios da igreja, e enquanto Paul estudava Língua Inglesa na PUC, nós tivemos a primeira notícia de que ele era gay.

Ele nos contou depois que sua primeira prioridade quando ele foi para a faculdade era encontrar uma boa garota para se casar. Ele tinha certeza que se ele fizesse isso Deus o mudaria. Ele conheceu uma garota muito doce enquanto trabalhava no acampamento Junior de Wawona no verão antes de começar as aulas. Apesar de ele ter contado a ela que era gay, ela acreditou que poderia ajudá-lo a mudar. Eles anunciaram o noivado perto do fim do penúltimo ano dele e planejaram se casar no natal de seu último ano. Mas quando eles estavam prontos para fazer o pedido dos convites eles terminaram, sem nenhum motivo aparente que nós pudéssemos notar. Bob estava fora em uma viagem de seis semanas na América do Sul e eu tive que lidar com esse enorme desapontamento, sozinha.

Uma a uma, pequenas coisas que eu havia notado através dos anos que eram diferentes a respeito de Paul – coisas que às vezes me fizeram sentir desconfortável – começaram a aparecer de onde eu as havia escondido na minha subconsciência. Eu me lembrei de como ele sempre queria ser a mamãe quando ele e a menininha da casa ao lado brincavam de casinha. Como ele adorava vestir fantasias quando era criança, como ele ficou obsessivo com a ideia de ser uma bailarina depois de termos assistido o lago dos cisnes do balé Bolshoi, como ele nunca gostou de esportes como futebol, como ele adorava arrumar a mesa com minha melhor louça quando tínhamos visitas. Apesar de agora eu saber que esses comportamentos são estereótipos e não todos os gays os têm – não todos os homens que tem esses estereótipos são necessariamente gays - nesse momento essas observações e outras pareciam me apontar em uma direção não desejada. Desde isso, eu tenho lido pesquisas indicando que envolver-se em comportamentos não típicos do gênero quando criança, é um forte prognosticador de orientação sexual homossexual na idade adulta em homens².

Eu tinha que saber se minhas suspeitas eram verdadeiras, então finalmente, em desespero, eu decidi ligar para o pastor da faculdade com quem Paul e sua noiva haviam feito o aconselhamento matrimonial. Eu contei minhas suspeitas e perguntei se ele pensava que eu deveria falar com Paul sobre isso. Depois de um longo, tenso momento de silêncio ele disse sim. Esse terrível momento dividiu minha vida em antes e depois.

Ninguém com quem conversar

Até aquele momento, eu quase não havia pensado em homossexualidade; ainda assim, de alguma maneira eu havia absorvido a ideia de que homens gays eram pervertidos e obcecados com sexo. Eu certamente nunca havia sonhado que homossexualidade era alguma coisa que poderia me tocar ou a minha família. Mas quando eu soube que Paul era homossexual, eu percebi que alguma coisa devia estar errada com meu entendimento. Eu sabia que Paul não era um pervertido. Ele sempre havia sido um garoto muito orientado a espiritualidade.

Meu coração ficou agitado com temores, questionamentos e sofrimento. Eu precisava desesperadamente falar com alguém com quem eu pudesse dividir meu sofrimento e me ajudasse a entender. Mas a grande sensação de vergonha, o silêncio em nossa igreja sobre esse assunto, me fizeram sentir que não havia ninguém com quem eu pudesse falar. Eu também senti um terrível fardo de culpa. Bob e eu éramos líderes de igreja; como isso poderia acontecer em nossa família? Eu era a mãe de Paul. Isso deveria ser culpa minha. Eu deveria ter cometido algum erro horrível criando-o.

Eu mantive tudo dentro de mim, mas eu não conseguia dormir; todas as perguntas sem respostas ficaram rodando em minha mente. O stress era tremendo. Eu comecei a ter vários problemas físicos. Quando eu fui ao médico, ele estava preocupado porque minha pressão arterial estava elevada. Finalmente, eu me quebrantei e contei tudo a ele – depois de vários meses, ele foi a primeira pessoa com quem eu fui capaz de conversar sobre isso. Ele me aconselhou a ver um terapeuta. Embora houvesse vergonha conectada com isso, também, a necessidade de alguém com quem dividir meu desespero era maior que o meu sentimento de humilhação.

Depois que eu comecei meu ministério por outras famílias, eu descobri que medo e vergonha marcam o início e frequentemente continuam na experiência de muitos pais adventistas. Recentemente, eu falei com pais que mantiveram seu segredo escondido por mais de trinta anos porque eles tinham medo de que sua família da igreja iria condená-los e rejeitá-los.

Bob e eu fomos superados por um sentimento de tristeza e perda. Nós começamos a amar a noiva de Paul e esperávamos ansiosamente que ela fosse nossa nora. Nós prevíamos um futuro brilhante para Paul, com todos os seus talentos. Seu sonho era voltar a Singapura e ensinar inglês na *Far Eastern Academy*, mas isso já não parecia provável. Por tudo que nós havíamos ouvido – e logicamente nossos ouvidos estavam sintonizados em tudo que tocasse no assunto – Paul estava destinado a uma vida solitária e infeliz.

Isso foi próximo do começo da epidemia da AIDS, então esse terrível medo também se prendeu em nossas mentes. Esses são sentimentos que muitos pais adventistas experimentam, quase sempre sem suporte ou ajuda de suas igrejas.

Eventualmente, quando pais passam os sentimentos iniciais de devastação pessoal, eles frequentemente estão devastados com o sofrimento à medida que eles começam a perceber quanto seus filhos têm lutado sozinhos por muitos anos, e a solidão e rejeição que eles temem que ele ou ela vá enfrentar no futuro.

Tormento em escolas adventistas

Paul decidiu terminar com seu noivado porque ele percebeu que ele ainda não sentia a atração física por sua noiva que ele sabia que ela sentia por ele. Ele

sabia que não seria justo com ela se casar baixo essas circunstâncias. Porque Deus não havia respondido a suas orações ou recompensado seus esforços por mudar, ele finalmente aceitou o fato de que ele era gay. Ele estava cansado de tentar negar e se esconder dessa realidade, então ele começou a se assumir para seus amigos. Na maioria dos casos, eles aceitavam e apoiavam, mas como o fato começou a se espalhar, alguns dos jovens começaram a atormentá-lo. Um dia ele entrou no banheiro e viu as palavras, “Paul Grady é uma bicha”! Escrito no espelho.

Eu não sei se você consegue imaginar como ele deve ter se sentido. Mas talvez você consiga imaginar como você se sentiria se ouvisse alguém chamando o seu filho de bicha. Para mim, isso foi como receber um soco no estômago. Outra vez, vários estudantes trancaram a porta do banheiro enquanto ele tomava banho, e quando ele tentou sair, eles gritaram, “Saia daí seu viado sujo! Nós não queremos que você contamine nosso dormitório”! Paul foi falar com o reitor dos meninos, mas nada foi feito para parar com o abuso.

A última gota veio quando ele encontrou novamente escrito no espelho do banheiro “Morte para todas as bichas! Matem Paul Grady”! Isso o aterrorizou, e ele se mudou para fora do dormitório. Ele estava no meio de seus estudos naquela época, e o stress e o medo dificultaram sua concentração. Embora ele sempre tivesse sido um excelente estudante, ele não foi capaz de conseguir suas credenciais de professor.

Eu ouvi muitos pais contar sobre experiências semelhantes de seus filhos em escolas adventistas. Uma mãe disse que seu filho nunca pareceu se encaixar e ser aceito na escola. Um dia quando ele estava no quinto ano ele chegou em casa e perguntou o que “fag” significava (fag – gíria semelhante a bicha, também é utilizado para se referir ao cigarro). Ela não tinha ideia. Ela disse que talvez significasse cigarro. Ele disse que tinha certeza que era alguma coisa pior do que isso da forma que eles haviam lhe dito isso.

Então ela foi até o diretor e perguntou a ele. Ele deu voltas e falou de modo hesitante até que finalmente envergonhado disse que essa era uma gíria para homossexual. Ela ficou chocada, “Não deixe mais que eles chamem meu filho assim” ela pediu. Um par de anos depois, quando ela era líder dos pioneiros, seu clube fez uma viagem para o Canadá. Eles passaram a noite na escola de uma igreja e enquanto eles estavam levando os materiais para dentro da classe, ela viu que alguém havia escrito “Cris é uma bicha”! No quadro negro.

Muitas vezes, seu filho perguntou a ela com lastima “Mamãe, você acha que eu sou homossexual”? Ela carregou esse medo secreto em seu coração à medida que ele crescia, antes que seus medos fossem finalmente confirmados.

Alguns anos depois, eles se encontraram com o diretor de escola de Cris, ele apertou a mão de Cris e disse, “Eu sempre soube que você ficaria bem”!

Anos de ressentimentos acumulados explodiram quando Cris exclamou com raiva “Você deveria ter me protegido deles, mas você nunca fez isso. Você deixou que os garotos me importunassem e fizessem minha vida miserável”³!

Don foi outro jovem que experimentou tormento. Sua mãe me contou que ele teve problemas em se entender no colégio local então ela e seu esposo decidiram enviá-lo ao internato.

Quando ele veio para casa em seu primeiro recesso, ele suplicou para que seus pais não o enviassem de volta, mas eles pensaram que ele estava só com saudades de casa e insistiram que ele retornasse. Durante seu próximo recesso, ele contou a eles com vergonha que em várias ocasiões os outros garotos do dormitório o haviam jogado dentro do boxe do chuveiro e urinaram nele. Horrorizados, eles ligaram para o reitor dos meninos. Ele sugeriu que Don precisava aprender a ficar de pé por si mesmo. Depois disso, seus pais o deixaram ficar em casa e frequentar a escola pública.

Lá ele encontrou outros estudantes gays e finalmente se sentiu aceito. Mas ele também foi atraído ao estilo de vida sexual permissivo dos estudantes de segundo grau seculares. Ele finalmente contraiu AIDS e faleceu.

Ambas histórias, e centenas de outras como essas, representam uma tragédia humana. Pessoas jovens que se sentem diferentes, que estão sofrendo para entender a si mesmos, e pais que ouvem suas dolorosas notícias, deveriam ser capazes de esperar compreensão e suporte de sua igreja, seu pastor, e de seus professores da escola da igreja. De todos os lugares, nossas igrejas e escolas deveriam ser lugares onde crianças pudessem se sentir salvas e protegidas. Ao invés disso, aqueles que poderiam ser de ajuda em tais situações nunca foram educados ou receberam informação que possa ajudá-los a relacionar isso de modo remissório, então eles destroem e normalmente ferem, alienam, e denigrem aqueles que precisam de sua ajuda.

Eu acredito que diretores e presidentes, preceptores de dormitório, pastores de campus e capelães, e outros responsáveis por cuidar de nossos estudantes precisam treinamento sensitivo para fazer com que eles se conscientizem das necessidades de estudantes gays e lésbicas e dos perigos que eles enfrentam. Um bem ideado jogo de diretrizes para controlar situações de tormento deve ser formulado. Esses líderes – e talvez até mesmo presidentes de conselho estudantil – deveria ser requerido deles que lessem livros como *My son, Beloved Stranger*, por Carrol Grady (Tajique, N.M.: Alamo Press, 2005); *Stranger at the Gates: To Be Gay and Christian in America*, por Mel White (New York: Simon and Schuster, 1994); *Prayers for Bobby*, por Leroy Aarons (San Francisco: HarperCollins, 1995); *Pastoral Care of Gays, Lesbians, and Their Families*, por David Switzer (Minneapolis: Augsburg Press, 1999); e *Homosexuality and Christian Faith: Questions of Conscience for the Churches*, editado por Walter Wink (Minneapolis: Fortress Press, 1999).

Meu filho vai se perder?

Um dos mais urgentes e dolorosos questionamentos que preocupam pais cristãos quando eles descobrem que seus filhos são gays é: O que isso significa para a salvação do meu filho? Meu filho vai se perder? De repente se torna muito importante saber o que a Bíblia diz sobre homossexualidade.

Tendo eles ou não sequer pensado nesse assunto antes, a maioria dos pais adventistas começa acreditando que homossexualidade é um pecado e homossexuais não vão para o céu. Não é até que eles descobrem que seus filhos são gays que eles começam a se questionar sobre esse assunto. Não leva muito tempo para que a maioria dos pais perceba que essa não é uma escolha que seus filhos fizeram – de fato, ele ou ela tipicamente passaram muitos anos orando e tentando superar isso. Quase todos os jovens gays que cresceram em famílias cristãs passaram anos tentando com toda fibra de seu ser mudar, para superar seus sentimentos inatos, para “serem normais”.

Isso nos leva a questões muito difíceis. Se Deus diz que homossexualidade é pecado, porque Ele não responde as muitas orações de meu filho implorando para ser mudado? Porque Deus aparentemente condena pessoas por algo com que eles nasceram e que Ele não muda? Para ambos, pai e filho, essas questões podem levar a uma crise na fé.

Eu tive que achar respostas para esse desafio para minha fé. Já que eu não me sentia confortável para falar com ninguém, eu comecei a encontrar respostas por mim mesma. Eu li tudo que eu pude encontrar sobre o assunto. Por um longo tempo, eu tive o cuidado de ler somente o que eu acreditava que apoiava minhas crenças, mas eu não encontrei respostas que me ajudassem e fossem satisfatórias para todos os meus questionamentos.

Eu cresci em um lar Adventista amoroso, rígido, mas não fanático, frequentei somente escolas adventistas, me casei com um missionário adventista, e vivi a maior parte da minha vida em comunidades adventistas. Minha visão de mundo era um produto do Adventismo. Embora nossos pioneiros adventistas corajosamente tenham desafiado o entendimento das igrejas de onde eles vieram, eu cresci temendo que se eu questionasse o que me ensinaram eu estava abrindo minha mente para os enganos de Satanás.

Isso fez com que fosse muito difícil para mim, considerar a possibilidade de outras formas de pensar, mas eventualmente eu comecei a fazer leituras mais amplas. Eu descobri que uma ampla variedade de visões pode ser encontrada entre os teólogos sobre interpretação dos tão mencionados “*lobber texts*” (as seis referências bíblicas a comportamento homossexual que foram usados para “derrotar” homossexuais) ⁴.

Sem entrar em detalhes, depois de muitos anos eu me convenci de que as referências bíblicas que se referem a comportamento homossexual foram escritas em uma situação e um contexto cultural que não se aplica a pessoas

com orientação homossexual, e que a Bíblia não dá instruções específicas com respeito a como homossexuais deveriam viver.

Eu percebi que a não ser que teólogos e líderes de igreja venham a conhecer e amar os gays e lésbicas cristãos como pessoas reais e simpatizar com o doloroso dilema que eles enfrentam, eles não estarão realmente desejando olhar além da tradição e estudar com uma mente aberta. Mas eu acredito que Deus entende e simpatiza com seus filhos gays e lésbicas com um terno amor que ultrapassa o nosso.

O que causa a homossexualidade?

Outra grande questão que os pais enfrentam quando eles inicialmente descobrem que seu filho é gay é isto: o que realmente faz com que algumas pessoas se sintam atraídas por outras do mesmo sexo ao invés do sexo oposto? Eu tento me manter atualizada com relatórios da literatura popular sobre as últimas pesquisas científicas sobre o assunto. Mais e mais, as pesquisas parecem apontar uma flutuação nos níveis de hormônios pré-natais que governam o cérebro, a qual pode ser influenciada por uma variedade de fatores, como a mais provável causa⁵.

Um estudo foi especialmente interessante para mim. Foi observado que homens gays frequentemente têm vários irmãos mais velhos. Alguns cientistas teorizam que certas mães podem ter algum tipo de reação contra hormônios masculinos que começam a ficar sucessivamente mais fortes em casa gravidez de meninos e interfere com a produção de hormônios masculinos⁶. Como Paul foi minha quarta gravidez de meninos, eu fiquei me perguntando se essa poderia ser a causa de sua orientação homossexual.

Durante a maior parte do século vinte, o pensamento científico foi dominado pela teoria de influências ambiental ou educacional e identidade de gênero, um dos aspectos da orientação sexual. Um dos que propôs essa teoria foi John Money, um pesquisador da Universidade John Hopkins, que iniciou com o tratamento cirúrgico de crianças hermafroditas (aproximadamente um por cento de todos os nascimentos nos quais os bebês têm genitais ambíguos ou os dois órgãos sexuais, feminino e masculino). Ele acreditava que eles podiam de forma bem-sucedida fazê-los femininos e criá-los como meninas.

Seu caso mais famoso envolveu gêmeos idênticos, um deles perdeu o pênis em uma circuncisão malsucedida. Baixo a supervisão de Money, esse gêmeo foi criado como menina. Por décadas esse caso foi citado em livros de texto como prova de que identidade de gênero podia ser mudada por fatores ambientais. Isso também alimentou a crença de que orientação sexual é determinada pelo ambiente, e pode ser mudada. Depois foi descoberto que o gêmeo supostamente criado com sucesso como menina sempre sentiu que era um menino, teve muitos problemas de comportamento, e quando finalmente contou

sobre sua história, insistiu em viver o resto de sua vida como homem. Infelizmente o trauma que os dois gêmeos sofreram eventualmente os conduziu a cada um cometer suicídio⁷.

Aprender sobre isso e conhecer pessoas com outras variações sexuais me ajudou a entender a homossexualidade melhor e me convencer de que isso tem base biológica. Alguns anos atrás, eu vi um par de filmes documentários sobre nascimentos de hermafroditas que me fez pensar que se tantos bebês nascem com diferenças físicas, que podem ser vistas, seria razoável que muitos podem nascer com diferenças no cérebro, que não podem ser vistas⁸.

Muitos adultos hermafroditos estão agora procurando contestar decisões, feitas quando eles eram crianças, para tentar mudar seu gênero. Eu sei de uma mulher a qual seus pais assumiram que ela fosse uma menina e a criaram como menina só para vê-la desenvolver características masculinas na puberdade. Os médicos aconselharam que a transformassem por meio de cirurgia em uma menina e que lhe dessem hormônios femininos. Isso nunca foi mencionado na família, mas aos seus trinta anos ela finalmente descobriu que cromossomicamente ela era homem, o que explicava sua atração emocional e sexual por mulheres.

Durante os últimos dez anos, pelo menos seis ou sete pessoas transexuais (aqueles que têm características de um sexo, mas que se identificam ou que se sentem membros do outro sexo) me contataram para falar sobre suas dificuldades. Eu não acredito que muita gente realmente entenda o desconforto emocional que tais pessoas experimentam, ou o alívio que eles sentem quando eles podem viver em um corpo que corresponde à forma que eles se percebem.

Eu também me interessei em saber que vários comportamentos homossexuais, tais como exhibições de namoro, acasalamento e criação de jovens por casais do mesmo sexo, foram observados em pelo menos 450 espécies de mamíferos, pássaros, peixes e insetos⁹.

A homossexualidade pode ser curada?

Durante aquelas duas primeiras semanas desesperantes, quando eu precisava conhecimento tão desesperadamente, mas tinha medo de falar com qualquer pessoa, eu visitei o departamento de lar e família na Conferência Geral, fingindo que estava procurando ajuda para uma amiga. Eu dei uma olhada em um folheto de Colin Cook que prometia que a homossexualidade podia ser curada¹⁰. Depois de ler isso, eu fiquei certa de que essa era a resposta! Mas pouco tempo depois, eu soube que Colin Cook havia sido acusado de comportamento sexual inapropriado para com seus aconselhados. Isso resultou em um trauma emocional muito grande para os jovens vulneráveis que foram a ele por ajuda, tenho falado com muitos deles desde então¹¹.

Tenho descoberto que comportamento sexual impróprio por parte de um conselheiro nesse tipo de programa não é incomum¹². Cook alegou que havia se tornado homossexual. Ele se casou e teve dois filhos. Mas vários anos depois, quando ele começou seu ministério novamente no Colorado baixo os auspícios de Colorado por valores familiares, alguns de seus aconselhados novamente o acusaram de comportamento sexual inapropriado, e sua esposa eventualmente se divorciou dele¹³.

Eu li vários livros sobre “cura da homossexualidade” por autores como Leanne Payne, Tim LaHaye, e Elizabeth Moberly¹⁴. Todos eles apoiam de alguma forma a teoria de que homossexualidade é o resultado de pais disfuncionais e que isso pode ser curado com terapia, oração e fé. Bob e eu passamos por anos de doloroso pesar e culpa por nosso papel em fazer de Paul um homossexual. Nós sabíamos que não havíamos sido pais perfeitos, mas nós tentamos nosso melhor para dar a nossos meninos uma boa base cristã.

Eu penso que Cristãos evangélicos acreditam tão fortemente na necessidade da mudança por pelo menos dois motivos: (1) Eles acreditam que Deus condena a homossexualidade e que ele é onipotente; Então Ele tem as duas coisas a obrigação e o poder de mudar a orientação sexual de uma pessoa. (2) Deus prometeu responder as orações sinceras dos crentes nascidos novamente; Então se um crente tem fé e o desejo de mudar, suas orações serão atendidas. Eu tenho lido sobre fundadores ou porta-vozes de muitos programas de “mudança”, homens que tem viajado o país contado a outros que eles têm superado a homossexualidade, só para perceber vários anos depois que, embora eles tenham declarado que foram mudados pela fé, isso nunca teve realmente lugar em suas vidas. Por um tempo, eles foram capazes de se convencer que eles viam evidências de mudança, mas eles eventualmente perceberam que sua atração pelo mesmo sexo permaneceu no mesmo lugar. No meio tempo, a maioria deles se casaram e tiveram filhos. Como resultado, toda a família sofreu um grande trauma¹⁵.

Eu tenho ouvido as histórias de um bom número de gays e lésbicas adventistas que tem gasto muitos anos e milhares de dólares tentando mudar sua orientação sexual. Eles foram a conselheiros e programas de mudança e tentaram terapia de aversão, terapias com drogas, e inclusive exorcismo – todos sem proveito. De fato, eu ainda não conheci alguém que tenha mudado sua orientação.

Eu também ouvi muitas histórias preocupantes sobre pessoas que estão marcadas emocionalmente e espiritualmente como resultado desses programas. Foi-lhes dito que eles não foram curados porque eles não tinham fé suficiente, não tinham uma vontade verdadeira de mudar, ou não haviam orado suficientemente, resultando em condenação própria. Muitos se sentiram rejeitados por Deus e acreditaram que não podiam ser salvos, então eles se voltaram a um estilo de vida promiscua, e não poucos cometeram suicídio¹⁶.

Eu vim a acreditar que o dano que esses programas fazem para tantas pessoas é um sumário de culpa contra eles e que o dano inflige mais do que compensa qualquer coisa boa que eles possam fazer por alguém.

Recentemente, grupos como Exodus e NARTH tem agenciado um recente, muito publicitado, estudo por Robert Spitzer, no qual duzentas pessoas declaram que mudaram sua orientação sexual.

Entretanto, organizações profissionais consideram esse estudo seriamente falho por que carece de controle e medidas independentes. Ele é inteiramente baseado em informação própria em entrevistas por telefone de quarenta e cinco minutos com pessoas altamente motivadas a dizer que foram mudadas por causa de suas afiliações com grupos de ex-gays. O próprio Spitzer disse que, a pesar da ativa cooperação do NARTH e grupos religiosos de ex-gays, levou mais de dezesseis meses para recrutar duzentas pessoas que tenham se submetido ao tratamento. Spitzer expressou desanimo porque um terapeuta de reparação deturpou seu estudo, usando-o para declarar que terapia de reparação funciona. Ao invés, ele disse, mudança é sumamente rara¹⁷.

Outro artigo, que se refere à sequência continua entre totalmente homossexuais e heterossexuais como percebido por Alfred Kinsey, declara:

“Se um indivíduo está em algum lugar no meio do espectro, o ambiente pode ter mais influência, especialmente quando a pessoa é jovem. Porque a sociedade favorece fortemente a vida heterossexual, na maioria dos casos a mudança será para a heterossexualidade... É razoável presumir que a maioria das pessoas que atualmente vive como homossexual estão provavelmente mais perto do fim do lado gay da sequência continua; em outras palavras, eles provavelmente têm fortes tendências genéticas para a homossexualidade”¹⁸.

Nossa história atualizada

É aqui provavelmente que a história de Paul precisa ser atualizada. Depois de perceber que todas as suas orações e pedidos não trouxeram mudança, ele decidiu que ele não podia mais confiar e acreditar em Deus. Ele conheceu Jeff, um jovem católico um par de anos mais velho que ele. Jeff convidou Paul para cantar no coral de sua grande igreja católica, e embora Paul tivesse dado as costas a Deus, seu amor pela música o tirou da total falta de contato.

Eles começaram a viver juntos, mas Jeff, um católico muito conservador que já havia estado em um monastério, nunca esteve completamente confortável sendo sexualmente ativo. Três anos depois, Paul ligou para nos contar que ele e Jeff haviam decidido ser celibatários e que ele havia decidido se tornar católico. Depois ele nos contou que chegou a um ponto onde ele estava pronto inclusive para mergulhar completamente na comunidade gay secular ou para retornar

para Deus no contexto católico. Como Jeff, ele abraçou um ponto de vista religioso completamente conservador.

Eles viveram juntos outros seis anos, então se separaram como bons amigos. Paul voltou para o leste para trabalhar para uma fundação católica. Enquanto isso, ele se tornou próximo de um padre carmelita que com dois noviços, estava começando um monastério. Paul tomou a decisão de entrar nesse novo monastério.

A decisão de Paul de se tornar um católico foi muito difícil, especialmente para Bob. Mas a decisão de entrar em um monastério foi muito mais difícil. Os carmelitas são uma ordem de meditação; eles observam a lei do silêncio. E eles são enclausurados, o que significava que nós praticamente não teríamos mais contato com nosso filho uma vez que ele tivesse feito os votos finais. Ele nos disse que seria capaz de sair da clausura somente para ir a nossos funerais. Ele esteve no monastério por quase nove meses. Ele nos contou depois que era uma situação muito disfuncional. O padre o aconselhou sobre sua homossexualidade, mas era extremamente manipulativo e controlador. Paul veio para casa e ficou conosco alguns meses até colocar novamente os pés no chão. Ele havia dado tudo o que tinha para o monastério quando ele entrou lá.

No momento em que ele veio para casa, nós notamos uma grande diferença nele. Parecia que havia uma parede entre nós. Antes disso, nós éramos capazes de falar sobre qualquer coisa. Eu havia ido me encontrar com ele muitas vezes, e ele ocasionalmente ia à igreja conosco. Ele me deu muito suporte para o livro que eu havia escrito. Mas depois de sua experiência no monastério, ele se recusava a discutir homossexualidade – ou religião – conosco. Ele nos contou depois que o padre havia tentado fazê-lo se voltar contra nós.

Quando ele veio para casa na primeira vez, ele estava tão desconfiado que ele pensou que estávamos tentando comprar o amor dele porque nós o ajudamos a comprar roupas novas e um carro. Ele estava irritado e deprimido e parecia ter muita raiva internalizada.

Ele ainda abrigava o desejo de uma vida de monastério. Alguns meses antes dele vir para casa, Paul e Jeff visitaram um distante monastério carmelita em Minnesota. Ele pediu para entrar lá, mas o noviço chefe disse a ele que ele precisaria antes superar sua homossexualidade. Paul veio para casa determinado a mudar sua orientação. Era irônico, ele queria entrar no monastério para ajudar a controlar sua homossexualidade, mas ele não podia entrar no monastério até que já tivesse superado isso.

Logo depois, ele se mudou para um lugar próprio. Ele leu alguns livros sobre como mudar, então começou a procurar um terapeuta de reparação. O mais perto que ele encontrou foi em Portland, Oregon. Antes de ele começar, eu lhe disse que havia ouvido de muitas pessoas que haviam tentado mudar e não haviam sido bem-sucedidas, e que eu esperava que ele não ficasse muito

desapontado se isso não funcionasse para ele. Mas ele disse que sentia que era uma coisa que ele tinha que tentar, então eu prometi que nós o apoiaríamos.

Depois de oito ou nove meses, ele me pediu que eu o acompanhasse a uma sessão. Eu pensei que o terapeuta queria ouvir minha história para entender Paul melhor, mas eu estava enganada. Ele era seco, quase hostil. Se eu começasse a dizer qualquer coisa, ele se voltava para mim e dizia, “Eu não sou seu terapeuta, eu sou terapeuta de Paul. Você está aqui para ouvir”, Ele ficava perguntando ao Paul, “como você se sentiu quando isso ou aquilo aconteceu? Eu sei como eu me sentiria, eu teria ficado com muita raiva”. Isso parecia manipulador e confrontante, como se ele estivesse tentando me forçar a dizer que era minha culpa que Paul fosse gay.

Depois disso, eu disse a Paul que eu não poderia mais ir a qualquer sessão como essa com ele. Ele me respondeu com uma carta cheia de raiva. Por quase um ano ele manteve pouco contato conosco. Esse foi um tempo muito doloroso. Nós tentamos manter um relacionamento amoroso e respeitoso com ele desde o momento que nós soubemos que ele era gay. Eu estava chateada com seu terapeuta por tentar destruir esse relacionamento. Paul esteve na terapia por três anos ao todo. Gradualmente, ele começou a nos ligar mais e nos visitar, antes que nós estivéssemos novamente em um relacionamento amigável novamente. Cerca de um ano atrás, ele comprou uma casa e não pode mais pagar seu terapeuta. Durante esse ano passado, nós nos tornamos bem próximos novamente. Ele trouxe seus amigos para as refeições e para jogar em nossa casa e nos convidou para sua casa em algumas ocasiões.

Ele acha que está pronto para ver se pode se relacionar com uma garota, mas eu não vejo nenhum sinal de mudança em sua orientação. Ele entrou em um site para católicos solteiros, foi em um cruzeiro para o Alaska com um grupo de solteiros, e viajou para Spokane, Washington, e Vancouver, British Columbia, para conhecer garotas. Ele nos contou sobre cada uma, mas depois de um ou dois encontros ele dizia: “Ela é uma boa garota, mas nós decidimos que não havia nenhuma faísca”,

Eu gostaria de poder dizer a ele, “querido, provavelmente não vai haver nenhuma fagulha”, mas ele tem que perceber isso por ele mesmo.

Paul tem lutado por muitos anos com a depressão e normalmente está tomando dois antidepressivos e medicamentos calmantes. Ele alugou quartos para três de seus amigos. De certa forma ele parece mais contente agora, porque ele tem alguma coisa parecida a uma situação familiar. Ele e seus colegas comem juntos à noite e nos sábados à noite eles ficam juntos para jogar com outros amigos. Ele encontrou pelo menos temporariamente, um substituto para a família que ele sempre quis.

O desejo de uma companhia

Antes de eu continuar, eu quero pedir que você tente colocar de lado todas as suas ideias preconcebidas e só escute o coração de uma mãe. Como todos os pais, nós queremos que nossos filhos tenham uma vida rica, cheia de realizações. À medida que pensamos na solidão, no caminho difícil que nossos filhos e filhas gays encaram – frequentemente evitados e menosprezados por aqueles com quem não se importam em entendê-los, talvez perseguidos e discriminados – nosso coração dói.

Nós desejamos fazer do mundo um lugar melhor para eles. Esse desejo pode nos conduzir a pergunta de ultimato: Porque é errado ou pecaminoso para meu filho, que é incapaz de viver um casamento heterossexual bem-sucedido, querer o mesmo tipo de relacionamento com um parceiro do mesmo sexo? É possível que um celibato vitalício não seja requerido por Deus para todos os homossexuais?

Verdade, a Bíblia indica que quando Deus criou o mundo perfeito, seu plano era de um casamento entre um homem e uma mulher, mas isso quer dizer que ele não fez ajustes a esse plano quando o mundo caído fez esse casamento impossível para algumas pessoas? Foi Deus quem disse no começo, “não é bom que o homem esteja só” (Gen. 2:18).

Ele também mandou que o primeiro casal “fosse frutífero e se multiplicasse” (Gen. 1:28). Os efeitos de um mundo caído fizeram isso impossível para algumas pessoas, mas nós não encorajamos pessoas inférteis a fazer uso da ciência reprodutiva moderna ou a adotar crianças para que eles possam ter uma família normal? Porque nossos filhos gays não podem ter uma vida familiar tão normal quanto possível?

Qual é o real significado e propósito do casamento afinal de contas? Não é nos ajudar a entender melhor o tipo de relacionamento que Deus quer conosco? Não é nos ajudar a aprender a submeter nossa vontade a de nosso parceiro assim como nos submetemos à vontade de Deus? Não é uma escola onde nós aprendemos a não sermos egoístas e pôr a necessidade de outros antes da nossa? Não é pretender criar um laço que nos ajudará a construir uma comunidade e fazer do mundo um lugar melhor? Nossos filhos e filhas gays não precisam das bênçãos e benefícios do casamento tanto quanto nossos filhos heteros? O Web site do concilio de pesquisa familiar lista os muitos benefícios do casamento. Estudo atrás de estudo mostra que aqueles que são casados vivem mais, tem um sistema de imunidade mais forte, tem melhor saúde mental, tem menos tendência a cometer suicídio ou abusar de álcool e drogas, expressam mais felicidade e satisfação com suas vidas, são menos expostos a violência, fazem mais dinheiro, tem mais respeito próprio, e é mais provável que sejam produtivos e cidadãos responsáveis do que pessoas solteiras. Quais são as implicações morais de um grupo cristão que ativamente busca negar esses benefícios aos casais gays e lésbicos? ¹⁹

A edição de 3 de outubro de 2005, trazia um grupo de artigos referentes as “personalidades Tipo D” (Distress – sofrimento). Eles declaram que stress e solidão são talvez os mais importantes fatores que conduzem a doenças cardíacas. Um artigo de Dean Ornish, em particular, alerta para a necessidade que cada pessoa tem de uma companhia íntima e próxima. Ele diz:

“Amor e intimidade são o fundamento do que nos faz doentes e o que nos faz sãos. Se um novo medicamento tem o mesmo impacto, falhar em prescrevê-lo seria negligência profissional... Estudo atrás de estudo encontra que pessoas que se sentem solitárias são muitas vezes mais propensas a ter doenças cardiovasculares do que aquelas que tem um forte senso de conexão e comunidade. Eu não estou ciente de nenhum outro fator na medicina – nem dieta, nem fumo, nem exercícios, nem genética, nem drogas, nem cirurgia – que tenha tão grande impacto em nossa qualidade de vida, incidência de doenças e morte prematura...

Em um estudo em Yale, homens e mulheres que se sentiam mais amados e apoiados tinham substancialmente menos bloqueios em suas artérias coronárias... E quando os pesquisadores de Duke investigaram homens e mulheres com doenças do coração, aqueles que eram solteiros e sem confidentes foram três vezes mais propensos a morrer depois de cinco anos...

Nós podemos ver que esses relacionamentos são praticamente os mais poderosos determinantes de nosso bem-estar e sobrevivência. Nós somos fortemente conectados para nos ajudar mutuamente. A ciência está documentando os valores curativos do amor, da intimidade, comunidade, compaixão, perdão, altruísmo e serviço... redescobrimo que a sabedoria do amor e da compaixão podem nos ajudar a sobreviver”²⁰.

Esta passagem não poderia ilustrar a necessidade de Deus de lugares em cada um de nós para o amor, compromisso, relacionamento íntimo, e o risco de negar essa satisfação? É verdade que em uma condição menos que ótima essa necessidade pode ser parcialmente preenchida por uma amizade próxima. Mas nossa igreja tem falhado em fazer qualquer esforço para prover isso para pessoas gays e lésbicas. Embora algumas igrejas Adventistas possam tolerar pessoas gays e lésbicas só em raras circunstâncias eles oferecem uma comunidade calorosa, amorosa e apoiadora.

Muitos membros de igreja têm medo de ser muito amigáveis com pessoas gays. Eles não se sentem confortáveis. Se forem homens eles têm medo de serem vistos como homossexuais também. Mesmo quando uma pessoa gay estabelece uma amizade próxima com outra pessoa gay isso é visto como

suspeito. E isso pode, de fato, levar ao desejo de um relacionamento com compromisso.

É fácil para mim, entender porque adultério, promiscuidade, incesto, abuso e pornografia são considerados pecados sexuais, porque eles ferem aqueles que os iniciam assim como as suas vítimas. Mas porque deveria o amor verdadeiro e comprometido entre duas pessoas do mesmo sexo ser considerado pecaminoso, se essa é a única maneira em que eles podem se ligar a alguém emocionalmente e sexualmente?

Eu tive a oportunidade dada por Deus de conhecer muitas pessoas gays e lésbicas. Eu vi a diferença entre os que estão em paz com o que eles são, encontraram um parceiro de vida, e estabeleceram um relacionamento estável, e aqueles que estão envolvidos no constante sofrimento de tentar negar quem eles realmente são e suprimir seu desejo natural de amor e companhia. Eu penso que é muito fácil para os líderes de igreja que são felizes no casamento decidir abundantemente que todos os homossexuais devem permanecer em um celibato vitalício.

A resposta da Igreja

Muitas das famílias que eu conheço foram eventualmente capazes de trabalhar todas essas questões que os confrontam e encontrar respostas que ajudem. O que ainda é um problema para a maioria é a resposta de suas igrejas. Quase todos têm uma história para contar de palavras ou ações dolorosas e cruéis de pastores e outros membros de igreja. Eu frequentemente ouço sobre filhos ou filhas, vindo para casa para visitar e indo à igreja com os pais, só para ouvir alguém fazer alguma piada gay, ou fazer alguma observação de condenação. Como resultado, o filho ou filha se recusa a ir à igreja com os pais novamente.

Deixe-me compartilhar brevemente uma das muitas histórias que eu ouvi. Uma mãe e um pai me contaram sobre seu filho, casado por dezessete anos, com duas filhas adolescentes. Ele e sua esposa eram muito ativos em sua igreja como músicos e líderes de aventureiros, e ele era o organista da igreja e um ancião de igreja. Desde o início, sua esposa sentiu que alguma coisa estava errada em seu casamento. Várias vezes, ela perguntou ao marido se ele estava tendo um caso, e ele assegurou que era fiel a ela.

Finalmente, ela exigiu saber o que estava errado e ele finalmente disse a ela que era gay. Ele se casou com ela na esperança de que o casamento o mudaria, ela pegou suas filhas e o deixou depois de contar ao pastor e a outros da igreja que seu marido era gay. A resposta do pastor foi cortá-lo da igreja e dizer-lhe que ele não era mais bem-vindo na igreja deles.

Variações dessa experiência são, infelizmente, muito comuns. Quando a Bíblia diz para “levar os fardos uns dos outros” (Gal. 6:2) e “amar nosso próximo como

a nós mesmos” (Mat. 19:19), porque nós vemos tanta frieza, hostilidade, e rejeição em nossa igreja? Eu penso que muito disso pode ser culpa da falta de conhecimento, de medo do que é diferente, ou simplesmente não saber como reagir de uma forma amorosa. Mas o fato que permanece é que literalmente centenas de gays e lésbicas e suas famílias estão deixando nossa igreja que, embora professe compaixão, não tem mostrado por suas ações que realmente se importa com a experiência e necessidade desse segmento de seus membros²¹.

Harold G. Porter, pastor emérito da Igreja Presbiteriana Mt. Auburn de Cincinnati, Ohio, diz que o problema da igreja não é reconciliar a homossexualidade com a Bíblia, mas é tentar reconciliar o continuo abuso e condenação de gays e lésbicas com o amor de Cristo. Infelizmente, essa atitude da igreja para com a homossexualidade torna difícil para os pais responderem de forma amorosa e que ajude seus filhos e filhas gays desde o começo. Eu tenho visto e ouvido muitos casos onde pais acreditam que seus filhos fizeram uma escolha pecaminosa e eles devem mostrar sua forte desaprovação, frequentemente renegando seus filhos. Certamente não é essa a forma que Deus nos trataria, mas pais precisam educação e apoio para saber a melhor maneira de responder. Por causa da frequência de tais experiências, jovens gays e lésbicas, assim como aqueles que são mais velhos, temem contar a seus pais e familiares e tentam esconder a verdade sobre eles mesmos.

Eu acredito que nossa igreja deve fazer um trabalho melhor encorajando pais a demonstrar o amor incondicional de Deus por seus filhos. Os pais precisam uma rede de apoio. Eles precisam ser ensinados a ficarem ao lado de seus filhos, não importando quanto os outros possam julgá-los. Nossos periódicos da igreja deveriam estar promovendo, atitudes de cuidado para com os gays e lésbicas e suas famílias, a despeito das críticas daqueles que não entendem.

Muitos de nossos filhos não querem deixar a igreja na qual cresceram – a igreja que moldou sua visão de mundo e seus objetivos e aspirações. Apesar da falta de apoio e compreensão que eles encontraram em sua igreja, muitos que ainda querem fazer parte dela, a menos que eles sejam convidados a sair ou sejam cortados da igreja. Alguns poucos afortunados podem encontrar uma igreja que estenda a mão e mostre a eles amor cristão, mas infelizmente, a maioria sai. Mesmo assim, eles vêm para o encontro anual do Kinship para ouvir ardentemente as palavras de esperança trazida por corajosos líderes de igreja, para cantar os velhos hinos e coros com profunda emoção, e para fazer parte do único serviço de comunhão que muitos deles assistem durante o ano todo.

Eu sei que ainda existem muitos líderes de igreja que sentem raiva do Kinship por causa do processo que aconteceu há muitos anos – um processo que a igreja perdeu. Ainda há cicatrizes nos membros do Kinship também, porque a igreja deles lutou para proibir que eles usassem o nome da igreja. O fato que fica é que o Kinship é o único lugar onde gays e lésbicas adventistas podem encontrar ajuda e cura quando sua igreja ou família os rejeitam. Muitos pais que

conheço estão gratos pelo Kinship ser um lugar onde seus filhos ou filhas ainda mantêm algum tipo de conexão com a igreja.

Partiu meu coração ver a grande ferida de gays e lésbicas e de suas famílias – pessoas que eu vim a conhecer e amar – ver como eles, relutantemente ou com raiva, deixaram a igreja, onde eles encontraram tanta dor e rejeição. Embora exista pouco consenso em relação à porcentagem da população que é gay ou lésbica, mesmo se pegarmos o cálculo mais baixo de três por cento e adicionarmos a isso pelo menos dois familiares, nós podemos ver que pelo menos cinco por cento de nossos membros de igreja são afetados.

Na Conferência mundial da igreja em 2005 em Saint Louis, um dos tópicos de discussão foi a perda de membros. No sermão do último sábado da conferência, o Presidente Jan Paulsen fez um pedido para que nossa igreja tenha uma porta aberta, para ser uma família segura, aberta a todos – uma família que valorize e dê as boas-vindas a todos e não dê as costas a ninguém – uma igreja que valorize a justiça e a compaixão. Referindo-se a oração de Salomão na dedicação do templo, Paulsen disse “Senhor, o Senhor ama o estranho que eu posso pensar que não pertence a esta casa. Por favor, me ajude a lembrar disso”²². Eu espero com todo o meu coração que o que Paulsen disse incluía pessoas gays e lésbicas e suas famílias também! Nossa igreja precisa reconciliar comunidades de amor. Como eu gostaria que, não importa qual seja nosso entendimento sobre esse assunto, nós possamos abrir nossos braços, nossos corações, e nossa igreja para nossos membros de igreja gays e lésbicas e reafirmar que Deus os ama. A filha do evangelista H.M.S. Richards, Virginia Cason, tem dois filhos gays. Quando outra mãe perguntou a ela o que ela deveria fazer sobre seu filho gay, ela respondeu”, só os mantenha e os ame”! Nós precisamos mantê-los e amá-los, e deixar a acusação para o Espírito Santo e o julgamento para Deus.

Mais do que qualquer coisa, eu desejo para nossos líderes de igreja que eles tenham o desejo de estudar este assunto com mente aberta e mostrem para aqueles que sofrem com isso que eles se importam e querem ajudar a levar os fardos deles. Como poderemos responder a Deus no dia do juízo se nós fechamos nossos ouvidos para o choro de nossos próprios filhos?

Questões para discussão

1. O que pastores e membros de igreja poderiam fazer para apoiar pais e familiares de pessoas gays e lésbicas?
2. Você diria aos pais que seus filhos ou filhas gays podem ser libertados da homossexualidade e os encorajaria a enviar seus filhos a um “ministério de reversão”?
3. Você acha que pastores e membros de igreja precisam desenvolver mais sensibilidade em suas declarações a respeito da homossexualidade?

4. Cristãos tem alguma responsabilidade pelos crimes de ódio contra homossexuais ou pelas muitas centenas de pessoas gays e lésbicas e seus familiares que deixam a igreja?
5. Você gostaria de ver a igreja nomear um comitê amplamente representado para estudar a questão da homossexualidade profundamente?

Notas e Referências

1. SACKS, Jonathan. **A Dignidade da diferença: como evitar o choque de civilizações**. 1ªEd. São Paulo: Editora Sêfer. 2013. 228p.
 2. BAILEY, J. Michael; ZUCKER, Kenneth J. Childhood sex-typed behavior and sexual orientation: A conceptual analysis and quantitative review. **Developmental psychology**, v. 31, n. 1, p. 43, 1995.
 3. Hammond, Ella. Behind Closed Doors. **Someone to Talk to**, 2008. Disponível em: <http://www.someone-to-talk-to.net/new_page_86.htm>.
 4. BALCH, David (ed.). **Homosexuality, Science and the “Plain Sense” of Scripture**. Grand Rapids, Eerdmans, 2000. 333p.
- BRAWLEY, Robert. L. (ed.). **Biblical Ethics and homosexuality: Listening to Scripture**. 1st Edition. Louisville: Westminster John Knox Press. 1996. 176p.
5. MOIR, Anne; JESSEL, David. **Brain Sex: The Real Difference between Men and Women**. New York: Carol. 1989. 504p.
 6. BLANCHARD, Ray; BOGAERT, Anthony F. Homosexuality in men and number of older brothers. **American Journal of Psychiatry**, v. 153, n. 1, p. 27-31, 1996.
 7. COLAPINTO, John. **As nature made him: The boy Who Was Raised as Girl**. New York: Harper Collins. 2000. 320p.
 8. **HERMAPHRODITES Speak!**. Direção: Cheryl Chase. San Francisco: Intersex Society of North America. 1997. Video tape (30 minutes).
 9. BAGEMIHL, Bruce. **Biological Exuberance: Animal Homosexuality and Natural Diversity**. New York: St Martins. 1999. 768p.
 10. COOK, Colin. **Homosexuality, An Open Door?** Boise, Idaho: Pacific Press. 1985. 48p.
 11. LAWSON, Ronald. **The Troubled Career of an Ex-Gay Healer**. Colin Cook: Seventh-day Adventists and the Christian Right. Documento apresentado no encontro da Sociedade para o Estudo Científico da Religião, San Diego, nov. 1997.
 12. BESON, Wayne. **Anything but Straight: Unmasking the Scandals and Lies behind the Ex-Gay Myth**. 1ª ed. New York: Harrington Park. 2003. 311p.

13. LAWSON, **Troubled Career**.
14. PAYNE, Leanne. **The Healing of the Homosexual**. Westchester, IL: Crossway. 1985;
- LAHAYE, Tim. **What everyone Should Know about Homosexuality**. Wheaton, IL: Tyndale Press, 1980;
- MOBERLY, Elizabeth. **Homosexuality, A New Cristian Ethic**. Cambridge: James Clarke. 1983. 64p.
15. BESON, **Anything but Straight**.
16. CAMPOLO, Tony. **Sepaking My Mind: The Radical Evangelical Prophet Tackles the Tough Issues Christians Are Afraid to Face**. Nashville, Tenn.: W. Publishing Group. 2004. pp. 61-63.
17. ROBINSON, D. A. "Analysis of Dr. Spitzer's Study of Reparative Therapy. **Religious Tolerance.org**. 2012. Disponível em:
< http://www.religioustolerance.org/hom_spit.htm>. Acesso em 11/07/2020.
18. EPSTEIN, Robert. Do Gays Have a Choice?. **Scientific American Mind**. v. 20. p. 62-69, 2009.
19. MAHER, Bridget. The Benefits of Marriage. In: **Family Research Council**. Website. Disponível em:
<http://www.lifeissues.net/writers/mah/mah_03marriagebene.html>. Acesso em 11/07/2020.
20. ORNISH, Dean . Love is Real Medicine. **Newsweek**. v. 146. n. 14. 2005: 56.
21. Declaração da Igreja Adventista do Sétimo dia sobre homossexualidade, votado em 3 de outubro de 1999, durante o Concílio Anual da Conferência Geral do Comitê Executivo.
22. PAULSEN, Jan. "If My People", **Adventist Review**. July 14–28, 2005, 19.

Parte 1 – Capítulo 4

Resposta: Escolha de quem? Qual armário?

Por Bonnie Dweyer

A Leif, Sherri, e Carrol, eu sou grata por sua disposição em escrever sobre experiências de vida difíceis, e particularmente apreciativa de sua completa honestidade. Essa honestidade demanda o mesmo em resposta.

Como uma pessoa heterossexual, eu estava especialmente intrigada pelos amigos e familiares nessas histórias, notando as histórias de flutuação da homossexualidade. Em lugar de perguntar sobre quando ou como a pessoa gay concluiu que era homossexual, eu fiquei pensando sobre porque um amigo ou familiar disse isso ou fez aquilo. Como uma pessoa responde apropriadamente as pessoas gays em sua vida? O que realmente significa amar um ao outro? Esse questionamento me lembra a um par de experiências pessoais.

Uma vez eu estava em uma conversa com os professores de escola sabatina das crianças em uma pequena igreja politicamente correta no município de *Northern Califórnia*. O líder dos juvenis disse ao grupo que ele queria discutir questões sociais com seus garotos, não só contar as histórias bíblicas. “Quais questões”? Eu perguntei. Homossexualidade era a primeira de sua lista. Minha resposta imediata foi “Por favor, não discuta homossexualidade com eles, porque você não será capaz de fazer isso direito. Se você condena os homossexuais, você vai correr o risco de prejudicar emocionalmente qualquer criança que possa ter tendências homossexuais. Se você não condena a homossexualidade, você vai correr o risco de enfurecer pais que considerem a homossexualidade pecaminosa. Não importa o que você faça você vai fazer isso errado”,

Mais tarde, eu me perguntei se eu estava errada em ter dito tal coisa. Quem precisa sair do armário primeiro? Eu não deveria ter simplesmente falado para as pessoas gays, e assim ajudado a fazer nossa igreja um lugar seguro para os homossexuais? Qual é a melhor forma da congregação lidar com esse tópico? Ignorar isso é realmente uma boa solução?

Eu sei que eu estava inspirada pelo que me contou um amigo sobre sua igreja, também em *Northern Califórnia*, e como eles lidaram com o assunto da homossexualidade. Eles começaram por ler o livro de Philip Yancey “*What’s So Amazing about Grace*”? Então um dos professores de escola sabatina colocou junto um drama no tópico, e uma discussão extensiva continuou. Esse me pareceu um excelente exemplo de uma forma da congregação estudar, pensar e discutir um tópico delicado. O que eu não sei é se a discussão dessa

congregação afetou a forma como as pessoas gays foram tratadas. Essa deveria ser a consideração mais importante.

O segundo incidente se relaciona com a publicação das histórias de Sherri e de Leif, que foram publicadas na revista *Spectrum* depois da apresentação original na Conferência de Ontário em 2006. Sherri Babcock contatou seu pastor para dizer o que ela havia dito e para perguntar se ele queria que sua congregação fosse identificada pelo nome no jornal. Ele estava orgulhoso de ter Sherri e sua companheira, Jill, como participantes regulares na vida da congregação, mas depois ele discutiu mais o assunto com Sherri e concluiu que talvez fosse melhor deixar o nome de fora.

O preço pago por outra congregação Adventista que foi aberta e aceitou pessoas gays fez o custo da franqueza parecer muito alto.

O que essas histórias me mostraram é que os membros heterossexuais da igreja têm muito a aprender com a comunidade homossexual. Aqueles que somos heterossexuais às vezes mudamos de congregação simplesmente porque gostamos mais da pregação de um pastor do que de outro, e temos tanto para aprender sobre o que significa ser uma comunidade amorosa, ser de apoio para pessoas cujas vidas são diferentes das nossas.

A primeira lição que Sherri recebeu dos membros do Kinship foi a percepção de que ela não amava mais do que Deus ama.

O desafio de mudança de amor que Carrol tomou em conta foi não somente amar seu filho, mas também tentar amar ou se relacionar com as pessoas importantes na vida dele – primeiro, sua noiva, depois seu parceiro católico conservador, depois seu terapeuta. O que se espera do amor hoje pode ser totalmente diferente amanhã. Nós temos a coragem de fazer essa mudança? Como nós mudamos nossas expectativas?

Leif nos mostrou o valor de simplesmente dizer a verdade. Sua resposta para aqueles que perguntam o que faz uma pessoa ser gay é notável: “ O que faz uma pessoa ser hetero? A verdade é que ninguém sabe; ninguém realmente entende... E quem escolheria ser gay? Quem escolheria se colocar contra todas as vantagens e faria a própria vida tão difícil quanto fosse possível se isso fosse realmente uma questão de escolha ou “preferência sexual”?

Na minha mente, escolha é à base do cristianismo, mas a escolha não é sobre sexualidade, é sobre como tratamos os outros. Essa é a escolha sobre a qual cada um de nós deveria se preocupar mais.

É nossa resposta às outras pessoas uma resposta de amor, ou de condenação? A condenação é alguma vez uma resposta de amor? A admoestação contra julgar os outros em Mateus 7 deveria indicar que Cristo não pensou que era uma prática prudente. Além disso, eu levei um tempo para entender a atitude julgadora contra a homossexualidade entre alguns cristãos nessas histórias,

como eu faço da própria condição. Como o estado da vida de alguém pode justificar atos contrários ao grande mandamento?

Esse texto, João 15:17, fica retornando a essas perguntas. O que realmente significa amar ao próximo?

Quando a homossexualidade é vista por meio das lentes dessas experiências pessoais – em lugar de ser visto como um assunto social – isso muda totalmente a conversa. Isso não pode mais ser um debate sobre causas ou escolhas, isso é simplesmente – uma parte de suas histórias de vida e das nossas. A escolha a que devemos nos dirigir é à nossa própria.

Questões para discussão

1. Como essas histórias afetaram suas ideias sobre homossexualidade?
2. Se lhe pedissem para conduzir uma discussão sobre homossexualidade em sua igreja local, o que você faria?
3. Se você pudesse se sentar com Leif, Sherrie e Carrol, que perguntas você gostaria de fazer?
4. Que perguntas você acha que eles lhe fariam, se eles pudessem sentar com você?

Parte 2
Perspectivas Biomédicas

Parte 2 – Capítulo 1

Determinantes Biológicos da Orientação Homossexual

Por Ben Kemena

A homossexualidade é uma escolha ou é inata – pecado ou biológico?

A noção de que orientação sexual tem uma base biológica foi de especulação a resolução nos últimos 150 anos. Embora detalhes precisos sejam incertos, o raciocínio para a base biológica é claro. Embora a política e a retórica que envolve esse assunto continue a rodar em um vendaval de rancor e fanatismo. Aqueles que vêm orientação sexual como uma questão de moralidade baseada em escolhas humanas citam uma falta de provas absoluta. Essa abordagem é semelhante a aquele em que as pessoas primorosamente apontam que fumar cigarros é inteiramente associado com câncer – sem que a sequência e o momento da causa tenham sido encontrados.

Aqueles que vêm orientação sexual como um determinante biológico humano tentam reconhecer as consequências perturbadoras da descoberta genética. Por exemplo, à medida que mais sequências genéticas são descobertas que provavelmente carreguem a orientação sexual, poderiam ser oferecidos aos pais testes pré-natais que permitissem aborto de filhos gays não desejados? Ou esses filhos gays deveriam ser carregados cheios de cuidado e nascer só para enfrentar anos da tão conhecida “terapia de reparação” (provada ou não), como as crianças canhotas que eram obrigadas ou espancadas para usar sua mão direita.

Orientação sexual tem uma base biológica – mas antes de examinar o assunto, temos que nos perguntar: Quais são as razões escondidas que motivam a discussão? Nós queremos entender as bases biológicas por uma curiosidade intelectual geral? Ou nós queremos usar essa informação para justificar nossa própria visão? Nós queremos revisar as informações das pesquisas honestamente – e desejamos mudar de opinião – ou não? Esse é o contexto dentro do qual a discussão deve começar.

Passado Cultural

O conceito de orientação sexual teve sua gênese científica no crescimento intelectual de Hapsburg Empire durante os anos de 1840. Antes disso, somente a forma específica de intimidade heterossexual (prática de intercurso vagina – pênis, somente para fins de procriação) era vista como típica ou padrão, e na

sociedade europeia era considerada legítima apenas dentro do confinamento de casamento sancionado pela igreja cristã. Qualquer outra forma de expressão sexual era classificada como “inversão” o que incluía bestialidade, prostituição, pedofilia, homossexualidade, estupro, masturbação, escravidão, sexo pré-marital e extramarital, e uma variedade de outras manifestações. Médicos e cientistas começaram a perceber no meio de século dezenove que a categoria agrupada como inversão sexual era muito generalizada. Eles começaram a acreditar que havia diferenças importantes entre as várias formas de inversão. Assim, inversões foram lentamente separadas em diferentes subcategorias e a homossexualidade foi distinguida de outras formas de inversão.

O final do século dezenove foi um período de avanço ideológico rápido na medicina e nas ciências humanas. Em 1889, a implementação do sistema de esgoto de Munique deu espaço para a crença na “Teoria do germe” – Que germes ruins caíam no esgoto e deveriam ser evitados. Essa crença era associada a uma enorme diminuição das doenças, mesmo que as razões não fossem completamente entendidas. As maiores cidades do mundo começaram a limpar seus sistemas de água depois da experiência de Munique. Semelhantemente, médicos começaram a acreditar mais firmemente na base biológica das funções humanas. Eles começaram a ver que o coração mais do que a alma espiritual – tinha uma ação fisiológica – e doenças como o câncer e a tuberculose não eram adquiridas por falhas que eles tivessem, mas por patologias biológicas. Tanto quanto possa se imaginar, essas noções tiveram profundo efeito na noção de mente e comportamento. Pela primeira vez na história, função mental e manifestações de comportamento eram ligadas a biologia celular mais do que a escolhas humanas conscientes ou punição divina.

Outra consideração contextual gira em torno da mudança abrupta no clima político do século dezenove. Durante o século dezoito, o iluminismo golpeou o coração do feudalismo. As sociedades estavam saindo da noção de que o governo deveria ser baseado em linhagem de sangue para o conceito de que todos os homens foram criados iguais. O iluminismo político lentamente começou a se infiltrar nas ciências. Não é surpresa que essas ideias vieram alimentar pesquisas como as de Charles Darwin e Sigmund Freud. Acreditar na nobreza do sangue deu caminho a uma visão mais igualitária da humanidade – mas o processo foi lento. A noção de que todo homem tem o mesmo código genético, a mesma necessidade de fluxo de sangue, e as mesmas funções básicas de organismo chocou a estrutura de classes ocidental. Para as sociedades ocidentais do século dezenove, era uma coisa para se elogiar a ideia de igualdade, mas outra bem diferente era viver isso, com a guerra civil americana as consequências disso imediatamente se demonstraram.

No começo do século vinte, a maioria dos médicos e cientistas ainda explicava a homossexualidade como um produto da degeneração social, como eles haviam aprendido durante sua juventude e treinamento anterior. Em 1886, o trabalho monumental do médico Vienense Richard Von Krafft-Ebing, *Psychopathis Sexualis*, racionalizou a “justificativa científica” da degeneração,

rotulando homossexuais, judeus, negros, estupradores, assassinos e abusadores incestuosos como os mais perigosos degenerados da sociedade. Aqueles que apoiaram a teoria da degeneração social tipicamente vieram das classes privilegiadas. Essa teoria – em sua essência – reivindicava que a sociedade valorizasse os “tipos” diferentes de humanos de forma diferente. Homens brancos, educados (proprietários de terras) protestantes, europeus, tinham posições elevadas na “pirâmide da degeneração”; todos os outros tinham posições inferiores. A degeneração social era usada para justificar o racismo, a escravidão e o antissemitismo, e para argumentar contra o voto de mulheres. Algumas pessoas também usaram isso para justificar indiferença para com os pobres e aflitos. De fato, degeneração e o calvinismo social eram usados juntos para desumanizar e ignorar o pobre (considere os ladrões barões da revolução industrial). Degeneração social também era empregada para justificar experiências brutais com mulheres, pessoas de cor, e homossexuais – porque sua perda não era considerada uma sobrecarga para a sociedade. Além disso, isso era usado para enobrecer o papel do homem branco de ascendência europeia – e justificar o uso do poder imperial, incluindo seus abusos.

Para a maioria das pessoas, a degeneração social foi eventualmente e supremamente desacreditada com a destruição da Alemanha nazista, a Nação-Estado construída na defeituosa teoria da supremacia ariana, e a necessária iluminação que veio com o tratado de Nuremberg.

Como se pode imaginar, aqueles que falavam contra o status quo da degeneração social no começo do século vinte ariscavam a marginalização, o ridículo e a ruína pessoal. Quando o médico vienense Sigmund Freud ousou declarar em 1905 que “homossexuais não eram pessoas doentes” ele foi imediatamente ridicularizado como um Judeu degenerado. Aqueles que mais provavelmente falariam contra a noção de degeneração social – como judeus, mulheres, católicos, e pessoas de cor – ocupavam posições de subordinação em relação as classes principais de homens brancos, europeus, e nessa situação eles e seus argumentos eram tipicamente desacreditados.

A morte da teoria da degeneração quase não tem cem anos – e vestígios ainda permanecem - mas sua acusação é clara. Mulheres ganharam o direito de votar sem o colapso da sociedade. O holocausto repudiou qualquer justificativa de antissemitismo. Impérios e colônias tiveram seu colapso por seu próprio peso, e monarquias deram meio a libertação responsável. Direitos civis para pessoas de cor não trouxeram o caos e a anarquia – de fato, foi justamente o oposto. A exposição de experiências humanas na Alemanha nazista e em Tuskegee, Alabama, mostraram que médicos e cientistas trabalharam dentro da ética da sociedade em lugar de trabalhar acima dela. Mas talvez mais importante, um melhor entendimento da biologia molecular abasteceu o iluminismo científico do século vinte. A teoria da degeneração foi completamente solucionada com o esclarecimento da genética molecular, que é definida pela dupla hélice da molécula de DNA (1953) e pela finalização do projeto Genoma Humana (2000).

As duas realizações demonstraram uma base molecular estrita para a humanidade que é moralmente neutra.

Em 1892, quando a literatura médica nos Estados Unidos pela primeira vez imprimiu a palavra homossexual, a degeneração social ainda não havia sido examinada de perto ou desacreditada dentro da ciência humana. Homossexuais eram colocados perto da base da pirâmide da degeneração – e as consequências de estar lá foram consideráveis. Em 1895, quando o escritor inglês Oscar Wilde foi sentenciado a prisão por atividade homossexual, existia concordância geral nos dois lados do oceano atlântico. Expressões homossexuais eram vistas naquele tempo como atividades degeneradas das quais a sociedade geral deveria ser protegida. Para homossexuais ao redor do globo, o fato do status privilegiado de Oscar Wilde não ter oferecido proteção da sentença à prisão de trabalhos forçados enviou uma mensagem clara e nada ambígua: a sociedade nunca toleraria as preferências de qualquer homossexual, não importando seu mérito ou a importância de sua contribuição para a sociedade.

Um pequeno grupo de médicos e cientistas começou a ponderar o assunto do que é a expressão humana normal, e eles perceberam que o entendimento do que é normal (ou típico) é crucial para entender o que é anormal (ou variação). Essa percepção começou a ajudar progressivamente com respeito a doenças infecciosas (como a pneumonia, influenza e tuberculose) e com o câncer. Mas era muito mais difícil avaliar com respeito à sexualidade humana, em parte porque “dados objetivos” eram muito mais difíceis de se obter. Além disso, porque havia consequências legais potencialmente negativas, conversas justas sobre atividade sexual e sinceridade genuína – mesmo em ambientes de pesquisa – eram escassas.

Mesmo assim, pesquisas no campo da sexualidade humana seguiram em frente de outras formas, embora as pesquisas fossem construídas dentro do fundamento da degeneração e do feudalismo. Em 1919, O pesquisador de Berlin, Magnus Hirshfield publicou um extraordinário papel, declarando que a homossexualidade era inata e provavelmente influenciada por glândulas de secreção internas. Ele usou especificamente o termo *glândula interna* porque muitas experiências antes daquele tempo haviam demonstrado que a castração não “curava” o desejo homossexual. Entre 1880 e 1914, Médicos americanos em Nova York, Texas, Kansas e Indiana publicaram numerosos estudos revelando que a castração não apagava a homossexualidade, particularmente o desejo homossexual. Logicamente, o que nunca foi mencionado durante o tempo foi a significativa quantidade de mortes cirúrgicas causadas pelos procedimentos executados na era pré-antibióticos.

Além disso, nas sombras da pirâmide da degeneração, pesquisas que levavam a significantes mortes de homossexuais não eram consideradas consequências para a sociedade. Em 1920, pesquisas médicas claramente entenderam que a homossexualidade não é uma escolha. Especialmente, que isso tinha uma base

biológica mais complexa do que imaginado no começo. A medicalização da sexualidade humana, que datava de antes de 1840, estava em sua capacidade total.

Em 1871, o pesquisador Inglês Charles Darwin observou uma variedade de comportamentos humanos e animais e publicou suas descobertas no livro *“Descent of Man and Selection in Relation to Sex”*. Neste trabalho publicado, Darwin estava convicto de que certas variações no comportamento sexual deveriam ser pelo menos “em parte herdadas”. Essa era uma noção destacável e ressoava com as teorias genéticas de Gregor Mendel de herança genética, que agora são conhecidas como *“Mendelian Genetics”*. Entretanto, até uma elucidação adicional sobre genes e a descoberta da estrutura molecular do DNA em 1953 por James Watson e Francis Crick, a maioria das pesquisas giravam em torno da observação de atividades mais do que na genética.

Depois da primeira guerra mundial, um grupo internacional de profissionais da saúde argumentou que um número de comportamentos sexuais, incluindo o comportamento homossexual privado, deveriam ser descriminalizados. Esses médicos argumentaram que a experiência humana em sexualidade era pouco conhecida e não deveriam fazer leis sobre ela. Mas seus argumentos foram largamente desacreditados porque eles também condescendiam com várias expressões heterossexuais (incluindo misturas de classes, misturas de raças, e casamentos com misturas de religiões) – coisas que a sociedade daquela época tinha dificuldade de aceitar. De fato, até 1966, casamentos inter-raciais eram ilegais em muitos estados americanos.

Em 1930, Freud fez uma forte declaração relativa à homossexualidade”. Castigar a homossexualidade”, ele escreveu”, é uma extrema violação dos direitos humanos”. Em 1935, ele publicou sua agora famosa “Carta a uma mãe americana”, na qual ele escreveu”, homossexualidade não é nada para se ter vergonha... isso não é um vício”. Freud conheceu homossexuais em Viena durante o transcurso de sua vida profissional. Ele observou que quando homossexuais não eram perseguidos, eles funcionavam bem e contribuíam ativamente para a sociedade. Suas descobertas foram ignoradas – e, eventualmente, ele foi forçado a fugir da Alemanha nazista.

Graças à pirâmide degenerativa dos valores humanos (ou a falta disso), os anos 30 viram o começo de trinta anos épicos de experiências brutais em homossexuais em busca de uma “cura”. Experiências foram conduzidas com radiação, materiais químicos, eletrochoque (nos testículos), choques convulsivos (na cabeça), e medicamentos eméticos (que provocam vômito). Muitos pacientes morreram, e os resultados foram decididamente insatisfatórios, mesmo com o apoio das mais cruéis pesquisas. Aqueles que disseram terem sido “curados” relataram que eles permaneceram curados apenas por dias ou no máximo por dois meses. Mas nenhum “sucesso” de longo período foi reportado. La Forest Potter, um médico de Nova York, publicou alegações em 1933 que radiações no

peito reduziam o desejo homossexual, mas muitos de seus pacientes subsequentemente morreram.

Outro médico de Nova York, Louis Max, recomendou “altas doses de eletrochoques” nos testículos para uma cura de pouco tempo que durava apenas dias. Em 1941, Samuel Liebman apresentou a primeira publicação sobre lobotomias (remoção de parte do cérebro) em “negros afeminados” com resultados frustrantes: muitos dos pacientes morreram; aqueles que sobreviveram acabaram hiper sexuais, dementes ou inconscientes. Em 1959, o último grande estudo sobre lobotomia foi publicado, baseado em estudos no *Pilgrim State Hospital* em Nova York. Embora uma centena de lobotomias tenha sido feita em homossexuais, não foram reportadas “curas”. De fato, a maioria dos pacientes se tornou agressiva e hiper sexual, e eles permaneceram em instituições de saúde até a morte.

Nos Estados Unidos, o bombardeio de Pearl Harbor precipitou uma crise militar com respeito à homossexualidade. Em 1841, mais de 40 por cento dos presidiários de prisões militares eram considerados homossexuais depravados. Pouco dispostos a policiar suas prisões abarrotadas, o estabelecimento militar dos Estados Unidos declarou a homossexualidade uma “doença” e os “sofredores” recebiam baixas desonrosas sem julgamento. Embora discutivelmente mais humanas do que a prisão, as baixas desonrosas de homossexuais deixavam poucas opções além do suicídio ou mover suas vidas se escondendo e no anonimato. Mas as prisões eram limpas e muitos dos carcereiros permitiam servir no fronte de guerra. Em 1941, a profissão médica ainda não havia definido a homossexualidade como uma desordem mental, havia a suposição de que não se precisava mais iluminação no assunto, visto que, já era considerada uma atividade criminal. Entretanto, essa decisão militar unilateral de declarar a homossexualidade uma doença teria consequências de longo alcance.

Depois da segunda guerra mundial, extratos de hormônios crus eram desenvolvidos para tratar desordens reprodutivas humanas, permitir a contracepção e corrigir síndromes de deficiências de hormônios. Em 1949, o pesquisador americano George Thompson reportou que sua terapia eletroconvulsiva, junto com injeções hormonais, não obliterava atração ou desejo homossexual. A frustração das pesquisas no imediato pós-guerra foi óbvia. O entendimento de que os homossexuais existiam e que a despeito dos avanços na medicina e na ciência até aquele ponto, essa “anormalidade” ou “doença” desafiava a tentativa de erradicar isso. A pirâmide degenerativa estava dando margem para novas questões.

Nos Estados Unidos, a era McCarthy conduzia uma politização da homossexualidade. Em 1950, o senador de Nova York Ken Wherry sugeriu durante uma audição no senado que não havia diferença entre um homossexual e um comunista. O termo *commie-pinko-fag* se tornou figura de discurso. Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria listou pela primeira vez a

homossexualidade como uma desordem mental. Assim, homossexuais podiam ser encarcerados como comunistas ou colocados em asilos sem seu consentimento. Esse desenvolvimento conduziu para outra assustadora mensagem: homossexuais eram legitimamente objeto de perseguição – e a escolha era entre cadeia ou asilo.

Desenvolvimentos recentes

A era pós-guerra criou algumas vozes novas. Uma das mais influentes foi a de Alfred Kinsey, de Indiana. Ele, como muitos antes dele, lutou para entender e definir uma extensão mais abrangente da atividade sexual humana. Ele entendeu que ninguém realmente havia se colocado na tarefa de entender o comportamento da sexualidade humana. Ninguém realmente havia entendido até aquele momento o que significava ser “normal” ou “anormal”, e Kinsey decidiu estabelecer um registro estatístico usando um questionário de pesquisa. Em 1948 e 1953 respectivamente, ele publicou *Comportamento sexual humano masculino* e *Comportamento sexual humano feminino*. Comportamento homossexual masculino foi notado em cerca de 10% dos entrevistados e comportamento homossexual feminino em cerca de 5% - ambos números muito maiores do que o previamente suspeito. Além disso, a pesquisa de Kinsey revelou que muitos casais heterossexuais estavam envolvidos em atividades sexuais fora do casamento ou sem potencial de procriação (em outras palavras, atividade sexual fora do intercurso vagina - pênis). Seu estudo de observação permanece como um marco por várias razões. O mais importante para os homossexuais, esse foi o primeiro estudo que ofereceu uma voz confidencial e eventualmente moveu a discussão intelectual fora da dicotomia do “normal versus anormal” para “doença versus variação”. Em outras palavras, para 5 a 10 por cento da população, “homossexualidade” era “normal”. Então, a questão real não era se esse grupo era “doente”.

Enquanto isso, psicanalistas estavam propondo suas próprias teorias em ordem para entender e tratar homossexuais degenerados. Em 1950, Edmund Berger propôs que psicanálise poderia curar a homossexualidade identificando “masoquismo psíquico” forçado na vida de homossexuais – tipicamente atribuído a mães dominantes e pais ausentes. Em escrutínio, entretanto, curas de longo prazo nem foram informadas nem eles puderam documentar de forma independente. Em 1962, o psicanalista de Nova York Irving Bieber declarou que dominação materna “desmasculiniza” a descendência masculina, que conduz supostamente a homossexualidade. Bieber acreditava que “a maioria, se não todos, os homossexuais preferiam ser heterossexuais” e procuravam “tratamento”.

Dada a situação social de Nova York em 1962, a maioria dos homossexuais provavelmente procurou por “tratamento” preferindo isso a prisão ou o asilo, mas Bieber nunca publicou estatísticas de cura, nem ele seguiu adiante com outros

questionamentos. Berger e Bieber eram instrumentos em uma mudança de visão cultural sobre a homossexualidade que ainda se prolonga: Homossexualidade é o resultado de erros maternos (e, então, censurável), e é implicitamente ligado ao “movimento feminista” dos anos 1960 e 1970. Ainda assim uma revisão substancial de suas teorias iria eventualmente expor suas falsas declarações. Os americanos Bieber e Berger não estavam sozinhos. Em 1954, sem qualquer dado substantivo, a Associação Médica Britânica declarou que homossexualidade era “curável” por meio de “cristianismo, silvicultura, trabalho de fazenda e jardinagem”.

Outros pesquisadores psiquiátricos decidiram abordar a orientação sexual de uma perspectiva diferente. A pesquisadora americana Evelyn Hooker revisou os dados de Kinsey e decidiu mover a estrutura da discussão para fora da “normalidade ou não”, da homossexualidade (ou da tipicidade ou usualidade) – o que aparentava ser válido para cinco a dez por cento da população americana – para o lado da patologia da expressão sexual (doentio e/ou prejudicial). Em outras palavras, deveria a homossexualidade ser rotulada como doença ou como uma variação de traço humana como destros ou canhotos? Isso se mostrou ser uma pergunta muito boa.

Em 1957 – dois anos antes da última série de cem lobotomias ser feita – Evelyn Hooker publicou seus resultados. Suas observações conclusivas eram provocativas: em “estudos encobertos” homossexuais eram mentalmente saudáveis como os heterossexuais. De fato, quando os dois grupos eram misturados, eles não podiam ser separados por uma equipe de especialistas com base na psicopatologia. A declaração ressonante de Freud em 1905 de que “homossexuais não eram doentes” era reafirmada! Essa era uma impressionante descoberta, uma, confirmada por muitas outras pesquisas que usaram a mesma técnica cega. Em 1967, Evelyn Hooker foi selecionada para conduzir a força-tarefa sobre homossexualidade para o Instituto Nacional de Saúde Mental, e em 1971 a força-tarefa liberou seu relatório, com a aprovação do Presidente Richard Nixon, recomendando que a homossexualidade fosse descriminalizada e desestigmatizada. Seguindo a força-tarefa de Hooker, muitos estados passaram leis seguindo essa recomendação, e elas têm permanecido até o presente momento. Em 2003, a Suprema Corte dos Estados Unidos derrubou uma decisão legal anterior em um caso do Texas que foi um marco e descriminalizou o comportamento homossexual privativo, adulto e consensual.

Em 27 de junho de 1969, um pequeno grupo de homossexuais americanos se revoltou na cidade de Nova York – uma revolta que se tornou conhecida como Stonewall Riots (a revolta de Stonewall). Até junho de 1969, a polícia rotineiramente invadia bares e clubes que protegiam homossexuais. Embora obedecendo à lei, os protetores eram presos só porque eram suspeitos de serem homossexuais.

Depois de quase duas semanas de revoltas noturnas, o prefeito da cidade de Nova York suspendeu as invasões da polícia a não ser que alguma atividade

ilegal fosse razoavelmente suspeita. Pela primeira vez na história americana, homossexuais em uma jurisdição ganharam o direito de livre assembleia pública. Esse evento foi um marco na história dos direitos homossexuais, e agora é celebrado ao redor do mundo como o dia do orgulho gay.

A revolta de Stonewall também marcou o começo da mudança com respeito às pesquisas médicas. Com mais aceitação social em relação aos homossexuais, um estudo populacional seccional crescentemente sincero e legítimo começou. Inicialmente pesquisas em comportamento foram frequentemente arruinadas pela natureza parcial das populações pesquisadas, que frequentemente consistia em protetores de bares gays. Estudos comportamentais mais recentes, que representavam um corte seccional genuíno em relação aos homossexuais, foram dramaticamente melhorados. Por causa de testes objetivos que podem identificar um indivíduo homossexual que vieram a ser usados apenas recentemente (por meio de fotopletismografia ou dimensões secretórias de estimulação sexual) a maioria das pesquisas são ainda baseadas em auto informes, o que envolve assuntos como segurança, confiança e confiança.

Em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana inesperadamente voltou à decisão de sua política de 1952 com respeito à homossexualidade. Mesmo com as descobertas dos resultados da força-tarefa de Hooker e da revolta de Stonewall que claramente proveram parte do contexto para revisão da pesquisa e da decisão da força tarefa, o voto de política atual foi organizado por membros que esperavam continuar definindo a homossexualidade como uma doença. O voto confidencial foi assustador especialmente para os próprios homossexuais. Depois disso, a maioria dos outros países atuou igual. Em 2000, a Associação Psiquiátrica chinesa também removeu a homossexualidade de sua lista de doenças.

Entretanto, a despeito de alguns eventos de iluminação científica, aproximações draconianas ainda podiam ser encontradas. Em 1970, o médico de Baltimore John Money usou altas doses de injeções de progesterona para controlar o comportamento sexual em condenados por ofensas sexuais (estupros) e alegou que sua prática poderia ser útil para forçar celibato aos homossexuais. Durante a guerra fria, experiências foram conduzidas no Leste da Alemanha que alteravam o ambiente dos hormônios pré-natais, na esperança de produzir atletas mais fortes que poderiam vencer jogos olímpicos. Como parte dos efeitos observados desses estudos, Gunther Dörner notou em 1975 que poderia existir uma ligação entre o uso de diethylstilbestrol, hiperplasia congênita (que resulta em genitália ambígua no nascimento) e lesbianismo. Dörner concluiu que os hormônios pré-natais podem ter predisposto indivíduos à orientação homossexual, mas a exata sequência de hormônios injetados, cofatores, e os resultados a longo prazo permanecem desconhecidos.

Em 1980, o primeiro relatório apareceu com uma constelação de sintomas em homens gays que eventualmente se tornou conhecido com Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, ou AIDS. Pesquisadores finalmente descobriram

que esta síndrome surgiu de uma infecção viral (retrovírus) identificado como Vírus da Imunodeficiência Humana. Essa infecção afetou o mundo e a comunidade gay profundamente, e pesquisas sobre orientação sexual e homossexualidade continuaram. Muitos cristãos conservadores consideraram a AIDS, (infecção HIV) como a ira de Deus e uma advertência aos homossexuais. Em resposta a essa acusação, a comunidade médica se tornou progressivamente polarizada em sua abordagem em relação à sexualidade humana. Em termos mundiais, a AIDS é na verdade uma doença sexualmente transmissível que tem feito muitas vítimas heterossexuais, mas nas sociedades orientais, sempre será vista como uma doença associada principalmente a homossexuais.

Em 1948, Richard Green começou uma série de relatórios que seguiu um grupo de garotos por mais de 20 anos. Esses garotos eram identificados em seu estudo como “Sissy-boys” (garotos – afeminados) – garotos que não brincavam, exploravam ou interagiam de forma tão agressiva quanto outros garotos de sua idade. Green notou que no seu grupo de “Sissy-boys” os níveis de testosterona eram mais baixos do que em seus colegas “não-afeminados”. Além disso, durante esse período de seguimento de 20 anos Green eventualmente identificou cerca de dois terços dos garotos como homossexuais. Dada a visão da sociedade em consideração a homossexualidade, muitos pais dos “Sissy-boys” quiseram que seus filhos tratassem sua “condição”.

Com a insistência de seus pais, muitos dos garotos foram sujeitos a terapias de comportamento e injeções hormonais desde muito jovens, mas independente de tratamento ou não tratamento os “Sissy-boys” do grupo foram mais tarde identificados como homossexuais na mesma porcentagem. Isso proporcionou mais crédito a relatórios feitos anteriormente de que hormônios sozinhos não causam homossexualidade. Também foi percebido que nenhum do grupo de meninos pequenos cujas idades se estendiam de 3 a 7 anos de idade, nunca aparentaram ter feito uma escolha consciente sobre sua orientação sexual, que apareceu em alguns deles desde o começo da infância. Seguindo o estudo de Green, um grupo de pesquisadores americanos examinou se níveis hormonais entre a população poderiam ser utilizados para prever a orientação sexual. Os pesquisadores descobriram que nem os níveis de testosterona nem testes endocrinológicos podiam ser utilizados para predizer a orientação sexual com certeza. Em outras palavras, embora a maioria dos “Sissy-boys” desenvolveram-se como homossexuais, a maioria dos homossexuais não eram identificados na infância como “Sissy-boys”.

Em 1988 o pesquisador americano R. C. Friedman publicou uma longa série de estudos familiares. Seus estudos revelaram que nem uma “mãe castradora” nem um “pai ausente” são causas necessárias ou suficientes para a orientação homossexual. Seu estudo era deliberado segundo as teorias de Berger e Bieber. Friedman sugeriu fortemente que a orientação homossexual era muito menos uma questão de ambiente ou de educação familiar do que havia sido proposto previamente.

A pesquisa de Green e de Friedman iniciou um novo round de discussões e estratégias de pesquisa. Pesquisas com gays e lésbicas revelaram que a maioria se sentia “diferente” de seus colegas desde muito cedo, muitos, antes dos 5 anos de idade. Estudos sobre a infância como os de Green sugeriram que a orientação sexual era provavelmente estabelecida nos primeiros anos da infância. Nem pesquisas homossexuais nem heterossexuais conseguiram identificar o momento em que eles fizeram realmente uma “escolha” sobre sua atração sexual. Nem níveis de hormônio nem manipulação de hormônios pareceram mudar o desejo sexual. (Embora altas doses de progesterona possam obliterar a libido, o desejo emocional permaneceu imutável). A última conclusão dessa discussão conduziu a especulação de que, embora possivelmente influenciado por hormônios, a homossexualidade devia ter uma base muito mais complexa do que foi avaliado inicialmente. Uma nova estratégia nasceu para investigar a possibilidade de uma base genética para a orientação sexual. Especificamente, novas pesquisas foram direcionadas à genética (por meio de estudos de gêmeos) ou estrutura corpórea (via estudos dos cérebros, orelhas ou mãos) com uma base genética que pode oferecer novas dicas.

Os anos noventa anunciaram o primeiro resultado positivo de pesquisas biológicas depois de anos de pesquisas negativas sobre hormônios. Em 1991, o Pesquisador Inglês Simon LeVay publicou na Califórnia uma pesquisa que sugeria diferenças entre os cérebros de homens heterossexuais e homossexuais. Diferenças na estrutura do cérebro, que eram orientadas pela genética, davam apoio à crença em uma base genética para a orientação sexual, no mesmo ano, Michael Bailey e Richard Pillard publicaram um estudo sobre gêmeos gays. Eles descobriram que gêmeos idênticos são muito mais propensos a ser homossexuais se seu irmão for homossexual do que em gêmeos bi vitelinos ou não idênticos. Outros têm confirmado essa pesquisa. Em 1999, Pesquisadores do Texas notaram que havia diferenças nos testes de emissão Oto - acústica em lésbicas estatisticamente diferentes dos testes de mulheres heterossexuais. Publicações como essas continuam a ligar diferenças entre a estrutura humana e a orientação sexual - E por inferência óbvia, com a genética que direciona esses desenvolvimentos.

Em 1993 Dean Hamer investigou irmãos homossexuais. Em 33 dos 40 pares que ele examinou que sabiam que tinham parentes homossexuais na família da mãe, cinco marcadores genéticos na região do Xq28 eram compartilhados com os pares de cromossomos X. Em outras palavras, eles herdaram isso geneticamente de suas mães. Para muitas pessoas, essa descoberta marca o momento científico da solução. Homossexualidade é muito mais provavelmente baseado na genética do que a consequência de uma consciente escolha pecaminosa. Pesquisadores rapidamente apontaram que a sexualidade humana é um assunto excessivamente complexo, e a que genética provavelmente se combina com fatores ambientais para criar um espectro do desejo sexual humano. Então, a noção de que homossexualidade tem uma pré-disposição genética se tornou um termo descritivo útil. Os argumentos, natureza (genética) versus criação (experiência humana) estão provavelmente unidos. Por

enquanto, nós sabemos que o comportamento sexual muda entre as pessoas que sofreram estupro ou foram sujeitas a violência. Experiências de vida claramente têm um impacto na expressão sexual. Essa percepção talvez ajude a explicar porque sete dos quarenta pares de irmãos não possuíam o marcador Xq28 do fator genético no estudo de Hamer. Isso também pode sugerir que a erradicação das pessoas gays pela engenharia genética pode ser difícil de alcançar.

Continuando com a controvérsia

Muitas organizações cristãs imediatamente difamaram Hamer e condenaram seu trabalho como falho – porque ele é homossexual. Esse comportamento volta em direção à Pirâmide da Degeneração e põe o status de Hamer como de um ser humano de menor valor. Entretanto, depois de vários anos, uma revista independente isentou seu trabalho e um grupo de pesquisa holandês produziu resultados semelhantes. Um pequeno grupo de pesquisadores médicos continua a condenar a homossexualidade. Um dos argumentos deles reivindica unir a orientação homossexual com a pedofilia. Entretanto, um estudo de 1992, de Carole Jenny do Hospital Infantil de Denver revisou mais de oitocentos casos de abuso sexual de crianças e encontrou somente três casos que envolviam ofensores homossexuais. Quando os eleitores do Colorado tentaram negar direitos civis básicos as pessoas gays no estado por meio de uma emenda a Constituição do Estado, a Corte Suprema dos E.U.A. derrubou a tentativa, baseado em parte nas descobertas do estudo do Hospital Infantil de Denver. Muitos cristãos têm também criticado a prática de permitir que casais gays criem crianças – crianças muitas vezes rejeitadas por casais heterossexuais tradicionais – mas um número crescente de estudos revelou que tais crianças acabam sendo saudáveis e bem ajustadas, e que sua orientação sexual é uma função de suas próprias individualidades mais do que uma causa de pais gays.

Nenhum estudo de pesquisa independentemente revisado mostrou que ser criado por pais gays é prejudicial para crianças. Além disso, culturas tolerantes aos homossexuais não aparentam criar mais crianças gays e lésbicas do que aquelas que agenciam a opressão homossexual.

Embora a retórica e a polarização continuem, a comunidade médica e científica tem de forma geral começado a aceitar a orientação homossexual como uma variação humana normal. O pequeno grupo de profissionais da saúde que argumenta que a orientação homossexual é uma escolha consciente e pecaminosa tem de forma discreta, mudado suas táticas. A atenção deles tem progressivamente se voltado à modificação de comportamento por meio de uso de injeções de hormônios ou agentes de “castração química”. Embora esses agentes alterem a libido e o despertar sexual, não há evidências de que eles mudem o desejo homossexual. Além disso, os efeitos colaterais do uso contínuo (presumivelmente por toda a vida) são consideráveis. Além disso, membros do

grupo nunca responderam o questionamento que Evelyn Hooker colocou há quase cinquenta anos: Qual é realmente a patologia da expressão homossexual? O grupo pode argumentar sobre esse assunto em questões morais, mas eles falham em responder a questão em méritos científicos razoáveis.

Então, neste momento da história da medicina a Associação Americana de Psiquiatria, a Associação Americana de Psicologia, a Associação Americana de Medicina, a Academia Americana de Pediatria, a Associação Americana de Trabalhadores Sociais e a Associação Americana de Advogados – Junto com inúmeros grupos profissionais da Europa e do resto do mundo – Têm visto a orientação homossexual como uma variação normal da expressão sexual humana. Essas organizações têm estabelecido guias éticos para os cuidados profissionais e inclusão de homossexuais na sociedade como homens e mulheres gays que são honestos, íntegros e autênticos. Então, como orientação sexual, a homossexualidade não deveria e não carrega o estigma de patologia inata; homossexualidade não é uma doença. Assim como seus colegas heterossexuais, homossexuais muitas vezes têm doenças mentais, mas muitas delas podem ser associadas ao fanatismo e preconceito da sociedade em geral. De fato, Gary Remafedi, um pediatra de Minnesota, publicou um estudo em 1991 revelando o número desproporcional de jovens gays que tentam ou cometem suicídio como reflexo da crueldade que eles enfrentam diariamente. Um dos piores crimes de adolescentes, O incidente da Escola de Ensino Médio de Columbine em 1999, pode estar ligado a apelidos pejorativos homossexuais lançados contra dois meninos adolescentes que subseqüentemente procuraram vingança.

Com a conclusão em 2000 do Projeto Genoma Humano, que mapeou completamente a sequência de DNA do corpo humano, toda uma nova pesquisa molecular baseada na genética está a caminho. Isso inclui explicitamente pesquisas que ligam a genética à atração sexual. Nós aguardamos esses estudos com muita antecipação.

No meio tempo um pequeno grupo de fundamentalistas cristãos ainda declaram sucesso com a tão falada “terapia de reparação”, que supostamente converte homossexuais em heterossexuais. Embora eles declarem altas taxas de sucesso, grupos de terapia não reparativa permitiram revisão independente semelhante sobre esses dados ou objetos de pesquisa. O fracasso tem sido notório e doloroso, particularmente entre líderes homossexuais nesses grupos tais como Colin Cook, a quem a Igreja Adventista Inicialmente dava suporte, e John Paulk do “Foco na família”. Além disso, nenhum desses grupos publicou essas taxas de sucesso cinco ou dez anos depois da alegada conversão. Os Psiquiatras de Nova York Ariel Shidlo e Michael Schroeder têm seguido um grupo de voluntários para ser estudados enquanto se submetiam a terapia reparativa e mais de duzentas outras pessoas após, por mais de cinco anos. A grande falta de sucesso é óbvia. Menos de 4% dos voluntários foram capazes de manter o celibato, mas todos continuaram a se sentir atraídos pelo mesmo

gênero, de acordo com o critério básico. No complexo mundo da sexualidade, deve haver certamente indivíduos que aparentam uma “mudança” em certas ocasiões, mas há muitos fatores mitigados de abuso, incesto, uso de drogas, e violência e tais casos complicam a equação. Para a maioria das pessoas, orientação sexual – independente de heterossexualidade, homossexualidade ou bissexualidade – não é uma escolha, mas parte inerente deles.

À medida que a informação científica é digerida, retrocessos e avanços ocorrerão simultaneamente. Muitas nações europeias e o Canadá permitem aos gays afirmar seus relacionamentos por meio de mecanismos de reconhecimento legal, incluindo o casamento civil. Muitos estados americanos estão debatendo esse tema, e a Suprema Corte dos E.U.A. tem voltado atrás na decisão de 1986 que continuava a criminalizar o comportamento homossexual consensual entre adultos. É interessante notar que permitir aos homossexuais o completo direito ao casamento – como no Canadá, na Holanda, e na Espanha – não tem levado à anarquia e ao caos que muitos cristãos fundamentalistas têm predito. Ao invés disso, tem permitido as pessoas homossexuais se integrar mais completamente e contribuir para a sociedade. A igreja Católica Romana tem condenado a orientação homossexual e culpado homossexuais por sua difícil situação atual de pedofilia entre os padres mais do que a seu próprio sistema clerical disfuncional. Esse tipo de abordagem continua a permitir pesquisas e discussões sobre a orientação sexual. Mas não existe como negar que a expressão homossexual vem desde a antiguidade, e independente de legislação, condenação, tolerância ou aceitação, isso continuará a ser parte da condição humana.

Em conclusão, existe ainda pouca certeza sobre o assunto exceto dizer que orientação sexual não é uma escolha consciente. A pirâmide da degeneração foi desacreditada com um grande custo humano e deu lugar à investigação científica que tem mais legitimidade. Estudos sobre a infância sugerem que tendências sobre a orientação sexual podem ser identificadas antes das idades de três ou quatro anos, mas predições para cada criança estão longe de ser 100 por cento certas. A estrutura do corpo e estudos sobre gêmeos sugerem uma forte ligação genética com a homossexualidade, como mostram as análises de genes.

Além disso, esforços para alterar a orientação sexual – não importa quão extremos sejam os meios – têm falhado dramaticamente. Alguns esforços estão a caminho de controlar a libido e o estímulo sexual com substâncias químicas, e isso cria muitas questões éticas. Entretanto, esses esforços não mudam o gênero e o tipo de atração ou desejo. Além disso, os níveis de hormônios não podem ser utilizados para predizer sinais de orientação sexual.

Dando o leque de patologia demonstrável entre adultos homossexuais que se amam consensualmente, a maioria das organizações médicas e organizações científicas veem a homossexualidade como uma variação normal do ser humano, similar a natureza de destros ou canhotos, e eles condenam

preconceito e intolerância contra pessoas homossexuais pelas mais elementares razões humanitárias. Homossexuais nasceram como indivíduos gays, e, até hoje, não podemos prever ou alterar esse curso. Algumas pessoas argumentam que o mundo seria melhor sem pessoas homossexuais, mas as consequências de eliminá-los para a sociedade seriam catastróficas.

A igreja Adventista do Sétimo dia declara ser comprometida com uma mensagem de responsabilidade com o cuidado da saúde, treinamento científico, e missão evangelística de caridade, mas sua política atual com respeito aos homossexuais é contrária às evidências científicas e a conduta ética. Há provavelmente hoje mais de um milhão de adventistas gays e lésbicas “refugiados” que estão ou vivendo de forma desonesta, “vidas escondidas” ou que foram afastados da sociedade da igreja. Esta é uma tragédia humana de proporções épicas. Da mesma forma que podemos imaginar Deus juntado brancos ou negros, homens ou mulheres, Judeus ou gentios, poderia também ser dito que crianças gays são criadas à imagem de um Deus insondável e amoroso. Podemos orar por uma mudança na instituição da igreja, e podemos entender que até que a Palavra de Deus seja apresentada a gays e lésbicas de uma forma reconhecidamente cristã, a promessa de uma segunda vinda continuará sem se cumprir.

Questões para discussão

1. Uma grande quantidade de evidências científicas sugere que a orientação homossexual tem tanto determinantes genéticos quanto biológicos. Dada a liderança Adventista nos cuidados com a saúde de pais e filhos, se a homossexualidade puder ser ligada a um marcador genético específico, todos os pais em potencial nos hospitais adventistas (através de testes pré-natais) têm o direito de abortar um feto que carrega esse marcador cromossômico?
2. Embora não seja oficialmente apoiado pela doutrina escrita da igreja, alguns adventistas acreditam que todos os homossexuais deveriam manter celibato vitalício como um imperativo moral. Se é assim, qual sistema de apoio cultural e espiritual a família da igreja Adventista deveria prover como substituto diário e vitalício para essa falta de intimidade e amor de forma que os gays possam amadurecer completamente em sua jornada cristã?
3. Nem Jesus nos evangelhos nem Ellen White em seus escritos falaram especificamente da orientação homossexual (como a conhecemos no século 21) - embora ambos abordassem amplamente a sexualidade. Que razões você pode dar a esse silêncio sobre esse assunto e o espaço espiritual que ele pode prover para todos os Adventistas?
4. Muitos países e trinta estados americanos permitem que homossexuais sejam demitidos de seus empregos, despejados de apartamentos ou ter empréstimos hipotecários negados estritamente com base em sua orientação sexual. Esses mesmos estados e países podem também negar visita hospitalar, colocação em

lar de idosos e sepultamento pelas mesmas razões. Como os Adventistas deveriam abordar esses temas como questão de justiça social?

5. Cerca de 30 a 50 % dos adventistas admitem conhecer uma pessoa gay como amigo próximo ou familiar mesmo que as políticas atuais da igreja condenem homossexuais e a orientação homossexual. Se essas políticas mudassem, que impacto essa inclusão de gays adventistas poderia ter para a igreja mundial?

Apêndice 1 – Declaração oficial de posicionamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia em relação à homossexualidade, revista em 1999.

Declaração votada e aprovada pelo Comitê da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Concílio Anual, Seção de Domingo, 3 de outubro de 1999 – em Silver Spring, Maryland, U.S.A.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia reconhece que todo ser humano é valioso à vista de Deus, e nós procuramos ministrar a todo homem e mulher no Espírito de Jesus. Nós também acreditamos que pela graça de Deus e pelo encorajamento da comunidade de fé, um indivíduo pode viver em harmonia com os princípios da palavra de Deus.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia acredita que a intimidade sexual pertence somente à relação marital entre homem e mulher. Esse foi o modelo estabelecido por Deus na criação. A escritura declara: “Por essa razão deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gen. 2:24, NVI). Por toda a escritura esse padrão heterossexual é reafirmado.

A Bíblia não faz acomodação para a atividade homossexual ou o relacionamento. Atos sexuais fora do círculo do casamento heterossexual são proibidos (Lev. 20:7-21; Rom. 1:24-27; 1 Cor. 6:9-11).

Jesus Cristo reafirmou a intenção da criação divina: “Não leram vocês” Ele respondeu, “que no princípio o Criador “os fez homem e mulher” e disse: “Por essa razão o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne”? Então eles não são mais dois, mas um” (mat. 19:4-6, NVI). Por essa razão os Adventistas se opõem às práticas homossexuais e aos relacionamentos.

Os Adventistas do Sétimo Dia se esforçam por seguir as instruções e o exemplo de Jesus. Ele afirmou a dignidade de todos os seres humanos e se achegou com compaixão as pessoas e familiares que sofriam as consequências do pecado. Ele ofereceu um ministério de cuidado e palavras de consolo ao povo em luta, enquanto diferenciava seu amor pelos pecadores de seus claros ensinamentos sobre práticas pecaminosas.

Apêndice 2: O que a Organização Americana dos Profissionais da Saúde diz sobre o esforço de terapias reparativas em eliminar a orientação sexual e o desejo

O termo terapia reparativa se refere à psicoterapia que tem como meta eliminar os desejos homossexuais. É utilizada por pessoas que não pensam que a homossexualidade é uma variação da orientação sexual humana, e ainda acreditam que a homossexualidade é uma desordem mental. O fato mais importante sobre a terapia reparativa, também conhecida como terapia de “conversão”, é o fato de que ela é baseada em entendimento sobre a homossexualidade que é rejeitada por toda a maioria das profissões da saúde e da saúde mental. A Academia Americana de Pediatria, a Associação Médica Americana, a Associação Americana de Aconselhamento, a Associação Americana de Psiquiatria, a Associação Americana de Psicologia, a Associação Nacional de psicólogos escolares, e a Associação Nacional de Assistentes Sociais, todos têm adotado a posição de que a homossexualidade não é uma desordem mental e de que não há necessidade de uma “cura”. No geral, essas organizações representam mais de meio milhão de profissionais da saúde e da saúde mental.

No Manual de diagnóstico e estatística de doenças mentais, a definição básica em seu campo publicada pela Associação Americana de Psiquiatria, não inclui a homossexualidade como desordem mental. Todas as outras importantes organizações profissionais de saúde têm apoiado a Associação Americana de Psiquiatria e sua desclassificação da homossexualidade como desordem mental, que ocorreu em 1973. A ideia de que a homossexualidade é uma desordem mental ou de que a emergência do desejo sexual pelo mesmo gênero entre alguns adolescentes é de alguma forma anormal ou não saudável mentalmente não tem apoio entre organizações profissionais da saúde mental e da saúde.

A despeito da unanimidade dos profissionais da saúde e da saúde mental sobre a normalidade da homossexualidade, a ideia da “terapia reparativa” tem recentemente sido adotada por organizações conservadoras e promovida agressivamente na mídia. Por causa dessa promoção agressiva, uma quantidade de profissionais da saúde e da saúde mental têm publicado testemunhos sobre a terapia reparativa.

Em sua política de declaração sobre homossexualidade e adolescência, a Academia Americana de Pediatria declara: “Confusões sobre a orientação sexual não são raras durante a adolescência. Aconselhamento pode ser de ajuda para pessoas jovens que não tem certeza sobre sua orientação sexual ou para aqueles que não estão certos de como expressar sua sexualidade e poderia ganhar com a tentativa de esclarecer seus pensamentos por meio de aconselhamento ou iniciativa psicoterapêutica. Terapias direcionadas especificamente para a mudança de orientação sexual são contraindicadas, já que elas podem provocar culpa e ansiedade enquanto se tem pouco ou nenhum potencial para alcançar mudanças na orientação”.

A associação Médica Americana se dirige ao assunto em sua política de declaração sobre necessidades de cuidados médicos para gays e lésbicas nos Estados Unidos, defendendo que “a maioria dos distúrbios emocionais experimentados por gays e lésbicas sobre sua identidade sexual não são baseados em causas fisiológicas, mas normalmente tem mais a ver com um senso de alienação por falta de aceitação em seu próprio meio. Por essa razão, terapia de aversão (uma intervenção médica ou comportamental, que compara comportamento não desejado, nesse caso, comportamento homossexual, com sensações ruins ou consequências aversivas) não são mais recomendados para gays e lésbicas. Por meio de psicoterapia, gays e lésbicas podem se sentir confortáveis com sua orientação sexual e entender a resposta da sociedade a isso”.

Em julho de 2000, a AMA especificamente dirigiu à terapia reparativa a seguinte declaração: “*Nós+ nos opomos a qualquer tratamento psiquiátrico, tais como terapias “reparativa” ou de “conversão” que sejam baseadas na suposição de que a homossexualidade por si só é uma desordem mental ou baseado na suposição “a priori” de que o paciente deveria mudar sua orientação sexual”.

A Associação Médica de Aconselhamento tem adotado uma resolução declarando que “se opõe a imagem de jovens e adultos lésbicas, gays e bissexuais como doentes mentais devido a sua orientação sexual; e apoia a disseminação de informação correta sobre orientação sexual, saúde mental, e apropriada intervenção com o fim de contestar preconceitos que são baseados na ignorância ou crenças infundadas sobre orientação sexual de mesmo gênero. Além disso, em 1999 em sua conferência mundial, a ACA adotou a posição de promover oposição à “terapia reparativa” como “cura” para indivíduos homossexuais.

A Associação Americana de Psiquiatria em sua declaração sobre o tratamento Psiquiátrico e a Orientação sexual declara: “Os riscos potenciais da terapia reparativa são enormes, incluindo depressão, ansiedade e comportamento autodestrutivo, desde que terapeutas se alinhem com o preconceito social contra a homossexualidade podem reforçar o ódio-próprio já experimentado pelo paciente. Muitos pacientes que tem se submetido a “terapia reparativa” relatam que lhes disseram imprecisamente que homossexuais são solitários, indivíduos infelizes que nunca alcançam aceitação ou satisfação. A possibilidade de que a pessoa possa encontrar felicidade e satisfação interpessoal nos relacionamentos como gay ou lésbica não é apresentada, não há abordagem alternativa para lidar com os efeitos da discussão estigmatizada da sociedade”.

A Associação Americana de Psiquiatria em sua resolução sobre respostas terapêuticas apropriadas para a orientação sexual, à qual a Associação Nacional de Psicólogos Escolares também endossou, afirma que “se opõe a imagem de jovens e adultos lésbicas, gays e bissexuais como doentes mentais devido a sua orientação sexual; e apoia a disseminação de informação correta sobre orientação sexual, saúde mental, e apropriada intervenção com o fim de

contestar preconceitos que são baseados na ignorância ou crenças infundadas sobre orientação sexual.”

A declaração de política em relação a Lésbicas, Gays e Bissexuais, emitida pela Associação Nacional de Assistentes Sociais “Endossa políticas nos setores públicos e privados que assegurem a não discriminação; que se sensibilize sobre as necessidades de saúde e saúde mental de lésbicas, gays e bissexuais; e que promova um entendimento sobre a cultura lésbica, gay e bissexual. A estigmatização social sobre pessoas lésbicas, gays, e bissexuais é muito ampla e é um fator de motivação primária que conduz algumas pessoas a procurar mudança de orientação sexual. Terapias de conversão de orientação sexual assumem que orientação sexual é patológica e livremente escolhida. Nenhum relatório demonstra que terapias reparativas ou de conversão são eficazes, e de fato elas podem ser nocivas”.

A Associação Nacional de Assistentes Sociais acredita que “assistentes sociais têm a responsabilidade com os clientes de explicar o conhecimento prevaente concernente a orientação sexual e a falta de dados que reportem resultados positivos com terapia reparativa. A Associação Nacional de Assistentes Sociais desencoraja assistentes sociais a proverem tratamento designado para mudar a orientação sexual ou se referirem a médicos ou programas que declarem fazer isso”.

Como estas declarações deixam claro, organizações de profissionais da saúde e da saúde mental não apoiam esforços para mudar a orientação sexual das pessoas por meio de terapia reparativa e eles têm suscitado sérias preocupações sobre o potencial dessas terapias em causar danos. Muitas das associações profissionais são capazes de prover informação de ajuda e contatos locais para ajudar administradores escolares, profissionais da saúde e da saúde mental, educadores, professores, e pais a lidarem com controvérsias nas escolas e em suas comunidades.

Apêndice 3: Linha do tempo do reconhecimento da orientação homossexual.

1869 – Karoly Maria Kerbeny da Hungria cria o termo homossexual.

1871 – Charles Darwin em *The descent of Man, and Selection in Relation to Sex* observa: “É quase certo que variações no comportamento [sexual] devem ser pelo menos em parte inerentes”.

1878 – N. Emmons Paine do Asilo de Insanidade de Nova York promove castração para masturbação e advoga “medicalização” da homossexualidade.

1884 – O Neurologista George Beard declara que “masturbadores” tipicamente não se interessam pelo sexo oposto.

1886 – R. Von Krafft-Ebing em *Psychopathis Sexualis* escreve que homossexualidade é degeneração, equiparando degeneração com homossexuais, judeus, negros, estupradores, assassinos e incestuosos.

1892 – J.A. Symonds pela primeira vez usa o termo homossexual nos Estados Unidos.

1893 – O texano F. C. Daniel afirma que todos os “degenerados” que incluíam negros, judeus, homossexuais, pobres, alcoólatras, e drogados, deveriam ser castrados.

1895 – Em *Sexual Inversion*, os autores J. A. Symonds e Havelock Ellis rejeitam “todas as teorias de degeneração” pedem por tolerância social para as variações do “normal” e argumentam que tais variações podem ser de valor.

O processo de Oscar Wilde termina em sentença de prisão.

1896 – Em um caso reportado, E. S. Talbot de Chicago declara que castração não elimina o desejo homossexual.

1899 – H.C. Sharp de Kansas reporta a castração de 48 garotos homossexuais, com resultados inconclusivos.

1905 – Sigmund Freud assegura que “Homossexuais não são pessoas doentes”.

1907 – Em Indiana, H. C. Sharp escreve sobre centenas de vasectomias sendo feitas em depravados sexuais, incluindo homossexuais, e declara que os sobreviventes terminam com uma maior disposição.

1919 – O Alemão Magnus Hirshfield argumenta que homossexualidade é inata, influenciada por glândulas de secreção internas.

1928 – A Liga Mundial pela Reforma Sexual, um grupo internacional de profissionais da saúde com base em Londres, argumenta que o comportamento homossexual privado deveria ser descriminalizado.

1930 – Sigmund Freud escreve que “punir homossexuais é uma extrema violação dos direitos humanos”.

1933 – Em Nova York, La Forest Potter usa radiação no peito na glândula de timo no esforço de reduzir o desejo homossexual.

1935 – Em “Carta para uma mãe americana” Sigmund Freud escreve que a homossexualidade “Não é nada para se envergonhar, nem um vício”.

Czechs J. Snee e Kurt Freund usam terapia de aversão química com medicamentos eméticos; declaram que 7 de 25 homossexuais haviam sido “curados” depois de dois meses de terapia.

Louis Max de Nova York tenta terapia de aversão elétrica usando choques elétricos nos testículos de homens gays, mas não reportou curas de longo prazo; o comportamento era modificado apenas por alguns “dias”. Ainda assim ele recomendava “altas doses elétricas”.

1941 – O pesquisador Americano Samuel Liebman tenta tratamento para “negros afeminados” com hormônios e terapia elétrico-convulsiva, nenhum se provou efetivo; fez a primeira lobotomia para comportamento homossexual, que levou a hipersexualismo, demência e incontinência.

Militares dos Estados Unidos declaram homossexualidade uma “doença”; os “doentes” recebiam dispensa desonrosa sem julgamento; em algumas prisões militares, 40 por cento dos internos ou mais, foram condenados por sodomia.

1948 – Em “*sexual behavior in the Human Male*”, o Pesquisador de Indiana Alfred Kinsey descobriu que a homossexualidade em homens era muito mais comum do que se suspeitava a princípio (10 por cento da população, de acordo com a escala de Kinsey) e evidente em todas as classes e geografias.

1949 – George Thompson usa Terapia eletroconvulsiva com metrazol para corrigir a homossexualidade, mas acha a terapia ineficiente.

1950 – Durante a era de McCarthy, o senador de Nova York Ken Wherry sugere que não existe distinção entre comunistas e homossexuais.

Edmund Berger propõe que psicanalistas podem “curar” a homossexualidade identificando “masoquismo psíquico” – tipicamente devido a uma mãe dominadora e um pai ausente; não foram documentadas de forma independente curas de longo período.

1952 – A Associação Médica de Psiquiatria lista a homossexualidade como uma desordem mental.

1953 – Alfred Kinsey publica *Sexual Behavior in the Human Female*, declara que a homossexualidade feminina é muito mais comum do que o que era suspeitado previamente (5 por cento da população).

1954 – A Associação Médica Britânica declara que a homossexualidade é curada por meio de Cristianismo, trabalho em fazenda, silvicultura e jardinagem.

1957 – O Hospital Estadual Pilgrim em Nova York faz cem lobotomias em homossexuais, mas não cura a homossexualidade; a maioria das pessoas que passa pela lobotomia se torna “hipersexual” e agressiva.

1962 - Irving Bieber de Nova York declara que dominação materna “desmasculiniza” os homens descendentes, o que levaria a homossexualidade; escreve que “a maioria, se não todos, os homossexuais prefeririam ser heterossexuais” e procuram “tratamento” o que implica a existência de “cura”; entretanto, nenhuma segmentação é conduzida, não foram dadas estatísticas.

1967 – Evelyn Hooker lidera a força tarefa sobre homossexualidade no Instituto Nacional da Saúde mental.

O termo homofobia é criado na literatura popular.

O Reino Unido descriminaliza os atos homossexuais conscienciosos privados entre adultos.

1969 – Em junho, a revolta de Stonewall em Nova York inspira a parada gay em anos posteriores.

1970 – John Money de Baltimore usa injeções de hormônios de acetato de medroxyprogesterona para controlar comportamentos sexuais em condenados por ofensas sexuais.

1971 – Os resultados da força tarefa sobre homossexualidade recomendam que a homossexualidade seja descriminalizada e desestigmatizada.

1973 – A Associação Americana de Psiquiatria remove a “homossexualidade” do DSM-II; não mais a considerando uma doença (o voto é na verdade organizado por aqueles que acreditam que a homossexualidade é uma doença).

1975 – Na Alemanha ocidental, Gunther Dornier declara que hormônios pré-natais podem predispor crianças a orientação homossexual, baseando seu postulado em estudos em diethylstilbestrol (ligado ao lesbianismo) e Hiperplasia congênita (genitália ambígua no nascimento).

1980 – Surge o primeiro caso do que depois foi conhecido como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

1984 – O californiano Richard Green declara que, nos chamados “sissy-boys” (afeminados) os níveis de testosterona são mais baixos do que nos “non-sissy”.

1985 – Os testes de HIV se tornam disponíveis nos Estados Unidos e Europa.

1986 – Em Bowers vs. Hardwick, a Suprema Corte Americana decide que o estado da Geórgia pode continuar criminalizando a homossexualidade consensual privada.

1987 – A pesquisa de dose anos de Richard Green em “Sissy-boys” com ou sem tratamento de terapia comportamental e hormônios não mostrou diferença no resultado da orientação homossexual.

1988 – R.C. Friedman declara que longos estudos sobre famílias revelaram que “mãe castradora” e “pai ausente” não são nem necessários nem suficientes para causar orientação homossexual.

1990 - Os pesquisadores americanos L. Goreen, E. Fliers, e K. Courtney descobrem que nem os níveis de testosterona nem qualquer outro teste endocrinológico podem ser usados para prever a orientação sexual; estudos mostram que a maioria dos “sissy-boys” são homossexuais na maturidade, mas que a maioria dos homossexuais não são identificados na infância como “sissy-boys.”

1991 – Gary Remafedi de Minnesota descobre que um número desproporcional de jovens e adolescentes homossexuais tenta ou comete suicídio; identificados fatores de risco.

O pesquisador americano Simon LeVay descobre diferentes estruturas no cérebro entre homens homossexuais e homens heterossexuais.

J. Michael Bailey e Richard Pillard declaram que homens homossexuais com gêmeos idênticos são muito mais propensos a ser homossexuais do que se tivessem um irmão gêmeo bi vitelino.

1992 – O Colorado passa a emenda 2, que rescinde todas as leis de discriminação anti-gay no estado.

1993 – Em Washington, D.C., Dean Hamer descobre que 33 de 40 pares de irmãos homossexuais (com parentes homossexuais por parte de mãe) dividem 5 marcadores de genes na região do Xq28 (cromossomo maternal X).

Carole Jenny do Colorado estuda 800 casos de abuso sexual na infância no Hospital Infantil de Denver durante 1992 -93, descobre que apenas 3 casos envolvem ofensores homossexuais.

1996 – Em Connecticut, Jeffrey Satinover advoga medicamentos psiquiátricos e/ou agentes de modificações hormonais para “curar” a homossexualidade.

Em Romer VS. Evans, a Suprema Corte dos Estados Unidos declara a Emenda 2 do Colorado Inconstitucional; vê que gays são frequentemente alvo de discriminação e que eles merecem o potencial da proteção antidiscriminação.

1998 – Os israelenses Ariel Rosler e Elezer Witztum avaliam a “nova geração” de agentes castradores químicos.

1999 – Os texanos Dennis McFadden e Edward Pasanen descobrem que a emissão Otoacústica em lésbicas são únicos.

2000 – O Projeto Genoma Humano é completo.

2001 – O reporte preliminar de Ariel Shidlo e Michael Shoeder sobre “terapia reparativa”; mostra uma grande falta de sucesso.

Vermont reconhece casais gays por meio do mecanismo de união civil.

2003 – Em Lawrence VS. Texas, a Suprema Corte dos E.U.A. revertem sua decisão de 1986 e descriminalizam o comportamento homossexual privado consensual entre adultos.

2004 Califórnia, Massachusetts, Oregon, e Nova York debatem o reconhecimento civil de casais gays, em concordância com o precedente de muitos países europeus e províncias canadenses.

2005 – A Igreja Católica Romana em um relatório formal do Vaticano culpa mundialmente os homossexuais pelos escândalos de padres pedófilos e bane os homossexuais dos seminários.

2007 – New Hampshire se torna o quarto estado a legitimar uniões civis de casais gays, efetivado em 1º de janeiro de 2008.

Parte 2 – capítulo 2

Psiquiatria, Discriminação Anti-homossexual e Desafios para Jovens Gays e Lésbicas

Por Harry C. Wang

Em julho de 2005, a assembleia da Associação Americana de Psiquiatria (APA) votou apoiar o casamento de pessoas do mesmo sexo. Em sua declaração, a APA reiterou seu “antigo interesse nos direitos civis e questões legais que afetam a saúde mental assim como um código de ética que apoia o respeito à dignidade humana. Educar o público sobre relacionamentos de lésbicas e gays e apoiar o esforço de estabelecer o reconhecimento legal do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é consistente com a defesa da associação para grupos minoritários”¹.

Psiquiatras e psicólogos nem sempre apoiaram uma posição tão iluminada. Aderindo a formulações teóricas não comprovadas e classificando a homossexualidade como uma desordem mental por décadas, profissionais da saúde mental disseram a indivíduos gays e lésbicas, que alguma coisa estava errada com eles. Simultaneamente, a sociedade usou a posição oficial de diagnóstico como base para justificar a discriminação contra eles.

Neste capítulo, eu vou discutir como os psiquiatras têm visto a homossexualidade através dos anos e oferecer um intrigante relato de como a APA reverteu sua posição. Eu vou também descrever como a discriminação anti-homossexual afeta o desenvolvimento e a vida psicológica de jovens gays e lésbicas.

A homossexualidade ainda era considerada uma doença quando eu entrei na Universidade de Medicina de Loma Linda, mas naquela época, eu me graduei em 1974, ela foi desclassificada da lista de doenças. Infelizmente, eu não sabia disso porque não existia discussão sobre homossexualidade durante minha educação.

Definições

Vamos começar com algumas definições básicas. Identidade de gênero é o autoconhecimento de ser homem ou mulher, pensamento que é estabelecido na idade de três anos. Esse é o sentido básico do próprio gênero, normalmente correspondente ao próprio gênero anatômico da pessoa. O *papel de gênero* é o comportamento observável que a sociedade designa como masculino ou

feminino, normalmente estabelecido entre os três e os sete anos de idade. Isso é o que é mais facilmente observável, embora seja normalmente definido de formas estereotipadas. Orientação sexual é a atração emocional e erótica que um indivíduo desenvolve por outra pessoa. Existe uma linha contínua de atração que pode ser somente para o gênero oposto, somente para o mesmo gênero, ou entre os dois.

Indivíduos heterossexuais são atraídos por pessoas do gênero oposto. Indivíduos homossexuais são atraídos por pessoas do mesmo gênero. Indivíduos bissexuais são atraídos por pessoas dos dois gêneros. Indivíduos transgêneros não se alinham com seu gênero anatômico e adotam o papel de gênero inverso (do outro sexo). A orientação sexual deles pode ser qualquer uma. Indivíduos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros são frequentemente referidos como parte da comunidade GLBT. A maioria das pesquisas em indivíduos GLBT são focadas em gays e lésbicas.

Novas Opiniões Sobre a Homossexualidade

As primeiras opiniões científicas sobre a homossexualidade em 1800 eram fortemente influenciadas pelas tradições religiosas da época, que viam a sexualidade não reprodutiva como um pecado ou vício. Essas crenças religiosas conduziram a séculos de criminalização dos atos homossexuais.

No fim do século 19, a medicina e a psiquiatria começaram a competir com a igreja e o estado pela autoridade na área da sexualidade. Isso conduziu à definição da homossexualidade entre a doença ou a patologia, ao invés de pecado ou crime.

O primeiro documento científico sobre homossexualidade foi publicado em 1869 por Carl Westphal, um psiquiatra de Berlin. Westphal criou o termo traduzido como inversão sexual. Baseando suas conclusões em mais de duzentos casos, ele acreditava que a homossexualidade era congênita em sua origem².

O psiquiatra Richard Von Krafft-Ebing, em seu livro de 1886 sobre desvios sexuais, intitulado *Psychopathia Sexualis*, rotulou a homossexualidade a uma condição “degenerativa”. Ele acreditava que isso era herdado de uma variedade de patologias familiares como insanidade, epilepsia e/ou alcoolismo³.

Sigmund Freud

Sigmund Freud, o pai da psiquiatria moderna, é frequentemente retratado como antigay, talvez injustamente. Ele não acreditava que homossexuais fossem “degenerados” e acolheu homossexuais dentro da sociedade da psicanálise. Em sua famosa “carta a uma mãe americana”, ele escreveu: “Homossexualidade seguramente não é nenhuma vantagem, mas não é nada para se ter vergonha, não é um vício, não é uma degradação, e não pode ser classificada como

doença; nós consideramos isso como uma variação da função sexual produzida por alguma interrupção do desenvolvimento sexual”⁴.

Freud via a homossexualidade como uma fase do desenvolvimento psicosssexual de todas as crianças. Essas tendências homossexuais da infância permaneciam, ele acreditava, mesmo depois da pessoa se tornar heterossexual. Então, Freud sentia que todos tinham uma bissexualidade constituída.

Ele postulou que, para o homem, um conflito de Édipo não resolvido combinado com intenso relacionamento com a mãe conduzia a uma identificação com a mulher que ele não podia ter. Ao invés de se identificar com seu pai em amar sua mãe, o homem homossexual se identificaria com a mãe e se tornaria como ela em sua atração aos homens. Isso representava, na visão de Freud, uma fixação imatura em um curto estado da heterossexualidade.

Homossexualidade e “Tratamento”

Nos anos 40, depois da morte de Freud, o psicanalista Sandor Rado começou a questionar a visão de Freud sobre a homossexualidade. Ele rejeitou o conceito de Freud da bissexualidade assim como da etiologia congênita. Rado acreditava que a homossexualidade era causada por uma “fobia” as pessoas do sexo oposto que podia ser remediada por meio de tratamento⁵. A visão de Rado começou uma significativa mudança no pensamento que levou psicanalistas e outros profissionais da saúde mental a acreditar que eles poderiam mudar a orientação sexual de homossexuais.

Em 1962, Irving Bieber, quem concordava com a posição de Rado, publicou resultados de estudos de casos de homossexuais em tratamento psiquiátrico. Bieber acreditava que a homossexualidade era causada por relacionamentos patológicos entre pais e filhos. O par mais comum mãe-filho foi dito como “ligação-próxima-intima”. Pais foram descritos como “distantes” e “hostis”. Bieber usou essas conclusões para encorajar o tratamento da homossexualidade, com o propósito de ajudar os pacientes a vencerem o “medo” da heterossexualidade⁶.

Outros Pontos de Vista

Ao mesmo tempo em que a visão de Rado se tornava influente, outra pesquisa surgiu. Alfred Kinsey chocou o público por meio de seu revolucionário estudo empírico do comportamento sexual dos homens americanos⁷. Kinsey descobriu que a homossexualidade era mais frequente do que se acreditava comumente, com 10 por cento dos homens reportando atividade sexual com pessoas do mesmo gênero por pelo menos três anos contínuos da vida adulta. Essas descobertas assustaram o público que acreditava que a homossexualidade era depravada e/ou pecaminosa.

Clellan Ford e Frank Beach desafiaram o público por meio de sua análise intercultural e interespecies do comportamento sexual. Eles descobriram que o comportamento homossexual estava presente na maioria das sociedades e era comum em animais, especialmente nos primatas⁸.

A psicóloga Evelyn Hooker foi a primeira pesquisadora a estudar o funcionamento psicológico de homens gays não clinicados⁹. Psiquiatras haviam anteriormente baseado suas descobertas em homens em tratamento. Patrocinada pelo Instituto Nacional da Saúde Mental, o estudo de Hooker não encontrou nenhuma diferença significativa, em testes de investigação de personalidade (Rorschach) e outros testes de projeção, entre gays que não estavam em tratamento clínico e homens heterossexuais. Essas descobertas começaram uma importante mudança no pensamento dos profissionais da saúde mental sobre a homossexualidade.

Numerosos estudos subsequentes confirmaram as descobertas de Hooker de que ser homossexual não é, por si só, equivalente a uma patologia¹⁰.

Posição da Associação Americana de Psiquiatria Anterior a 1973

Eu voltarei agora à visão da organização psiquiátrica. A homossexualidade foi listada como um desvio da sexualidade na primeira e na segunda versão do *Manual de Diagnóstico e Estatística de Desordens Mentais*, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (DSM-I 1952; DSMII 1968). Nesses livros de referências, que são usados para diagnosticar desordens mentais, a homossexualidade era agrupada com “travestismo”, pedofilia, fetichismo, e sadismo sexual. Infelizmente, muito poucos dados científicos foram usados para formular a classificação e não é claro se os estudos de Hooker foram sequer considerados. Como notado por James Krajeski, atual editor de *Psychiatric News*: “quando essa falta de dados é combinada com o fato de que nem a DSM-I nem a DSM – II continham uma definição do que constitui uma desordem mental ou a normalidade, é aparente que a tradição e não a ciência estava por trás da inclusão da homossexualidade na nomenclatura de diagnóstico”¹¹.

Ativistas gays desafiaram essa ortodoxia. O sucesso dos direitos civis e do movimento feminista dos anos 1960 conduziram os homossexuais a buscar direitos e aceitação social semelhantes. Quando gays e lésbicas lutaram publicamente com a polícia durante a revolta de Stonewall na cidade de Nova York em 1969, o movimento de liberação gay moderno foi iniciado. Parte da estratégia ativista gay foi desafiar publicamente instituições que expressavam comportamento anti-homossexual. Ativistas interromperam reuniões da Associação Americana de Psiquiatria em 1970 e 1971, forçando a supressão de uma exibição que mostrava técnicas de condicionamento aversivo para o tratamento de homossexuais¹².

Simultaneamente um grupo de psiquiatras mais progressivos (alguns dos quais eram secretamente homossexuais) começaram a procurar por posições de

liderança dentro da APA com planos de enfrentar as questões sociais do momento, incluindo a homossexualidade. Na reunião da APA de 1972 um psiquiatra gay de nome John Fryer falou como parte de uma apresentação sobre homossexualidade. Com medo de que seu emprego fosse afetado, ele adotou o pseudônimo de “Dr. H. Anonymous,” usando uma peruca, uma máscara, e um smoking grande multicolorido enquanto falava com um microfone que distorcia sua voz. Fryer havia sido despedido de duas residências psiquiátricas por causa de sua orientação sexual. Ele informou o auditório sobre como é ser gay e psiquiatra e causou um enorme impacto na reunião¹³.

Depois naquele ano o comitê de nomenclatura da APA decidiu fazer um sério estudo sobre a questão do diagnóstico. Eles foram responsáveis por fazer recomendações sobre futuras revisões no DSM. O comitê revisou estudos científicos, em homossexuais que não estavam em tratamento, usando instrumentos regularizados e/ou entrevistas psiquiátricas estruturadas. Isso mostrou que a maioria dos gays e lésbicas estavam satisfeitos com sua orientação homossexual e estavam bem funcionalmente. Isso levou o comitê a abraçar uma visão não patológica da homossexualidade¹⁴. O comitê também aprendeu como etiquetar o diagnóstico, aumentava a discriminação contra gays e lésbicas.

A homossexualidade como “doença mental” estava sendo usada pelo governo e pelas instituições privadas para privar lésbicas e gays de seus direitos. Por exemplo, o departamento de defesa recusou permissões de segurança para homossexuais por causa de sua “doença mental”¹⁵. Além disso, o comitê ouviu o seguinte testemunho com respeito ao impacto psicológico de classificar a homossexualidade como doença:

Disseram-nos, desde o momento que reconhecemos nossos sentimentos homossexuais, que nosso amor em relação a outro ser humano é doente, infantil e assunto de “cura”. Disseram-nos que somos emocionalmente incapacitados e condenados para sempre a um status emocional abaixo de todas as pessoas que dirigem o mundo. O resultado disso em muitos casos contribui para uma autoimagem que frequentemente reduz a visão que damos a nós mesmos na vida, e muitos de nós nos perguntamos, “como alguém pode me amar”? Ou “como eu posso amar alguém que é tão doente quanto eu”?¹⁶

Associação Americana de Psiquiatria Depois de 1973

Na reunião da APA de 1973 em Honolulu havia um debate vívido entre os psiquiatras sobre a homossexualidade. O ativista Ronald Gold foi convidado a falar em um painel e sua apresentação se intitulava “Pare com isso, você está me deixando doente”! Ele disse: “Ser visto como alguém com distúrbio psicológico é ser visto e tratado como um cidadão de segunda classe; ser um cidadão de segunda classe não é bom para a saúde mental... Eu acho que você

está preparado para concordar que minha doença previa era ao menos em parte um resultado direto dos crimes perpetrados em mim por uma sociedade hostil. Vocês têm se disposto a ser cúmplices em tais crimes”.¹⁷ Naquela tarde Ronald Gold convidou Robert Spitzer, um membro chave do comitê de nomenclatura da DSM que estava começando a mudar sua visão sobre homossexualidade, para um encontro do Gay-PA, um grupo de psiquiatras gays não assumidos que informalmente se encontravam nas reuniões. Ele ficou impressionado ao reconhecer psiquiatras proeminentes lá, e decidiu que o próximo DSM tinha que mudar.¹⁸

Seis meses depois, a comissão de diretores da APA removeu a homossexualidade do quadro de diagnósticos. A Associação Americana de Psiquiatria e a Associação Nacional de Trabalhadores Sociais subsequentemente endossaram essa decisão. Na subsequente DSM-III (1980), “homossexualidade ego-distônica” substituiu “distúrbio de orientação sexual”. Esse diagnóstico se aplica a indivíduos que estão persistentemente angustiados por sua orientação sexual e querem mudá-la. O diagnóstico foi um compromisso entre profissionais que não queriam a homossexualidade mencionada no manual e todos aqueles que ainda tentavam mudar a orientação sexual por meio de tratamento.

O diagnóstico de homossexualidade ego-distônica foi removido do DSM em 1987 e nas publicações subsequentes do DSM em 1994 e 2000 (DSM – III-R 1987; DSM – IV 1994; DSM-IVTR 2000). Em 1992, a classificação Internacional de doenças da Organização Mundial de Saúde (ICD-10) também removeu o diagnóstico de homossexualidade.

Desenvolvimento na Adolescência

A despeito das mudanças da posição oficial da organização psiquiátrica, a sociedade continua a ter preconceito contra os homossexuais. Eu vou me voltar agora aos desafios que jovens gays e lésbicas continuam a enfrentar.

As tarefas normativas na adolescência incluem separação-individualização; intensificação de relacionamentos entre pares; formação de identidade, incluindo identidade sexual; e formação de planos para o futuro.

Separação-individualização é o processo de separação psicológica dos pais. Isso envolve a percepção do que se gosta e do que não se gosta nos pais e quais valores são aceitos ou rejeitados. O fim do resultado é um adolescente capaz de negociar com o mundo separado de seus pais e capaz de discordar deles sem se sentir indevidamente angustiado.

Relacionamentos de pares proveem um senso de pertencer por meio do compartilhamento mútuo de atividades, ideias e emoções. Amizade para jovens lésbicas e gays são complicados por sentimentos de isolamento pela consciência de ser “diferente” dos pares, muitas vezes percebido por volta da idade de 4

anos.¹⁹ Oportunidades de se associar com outros gays e lésbicas jovens podem ser limitadas e a interação com heterossexuais jovens pode ser estranha.

“Quando eu tinha por volta de 5 ou 6 anos, eu sentia que era diferente dos outros. Eu não tinha um nome para isso no início, mas por volta dos 10 ou 12 eu percebi o que essa diferença significava. Essa foi uma experiência muito dolorosa. Não era algo que eu quisesse... eu não podia falar com ninguém sobre meus sentimentos. Eu estava convicto de que se alguém soubesse, eu seria objeto de preconceito e ódio. Eu não sabia como a homossexualidade é comum. Eu pensava que eu era provavelmente o único no mundo. Então eu vivia em uma atmosfera na qual eu sempre tinha que me esconder”. (Ron, pseudônimo).²⁰

Formação da identidade é o resultado final da pergunta “quem sou eu”? As crenças e valores pessoais são uma grande parte disso, mas formação de identidade também inclui etnia, cultura, crenças religiosas, e orientação sexual. Esse processo pode ser comprometido se partes importantes da identidade (por exemplo, etnia ou religião) rejeitam a orientação sexual como “errada”, “pecaminosa” ou “depravada”.

A entrada na puberdade traz um incremento aos sentimentos sexuais, pensamentos e comportamento. A consciência da atração sexual pelo mesmo gênero tem sido reportada na média de idade de 13 anos.²¹ Muitos jovens homossexuais, entretanto, se envolvem em relacionamentos com o sexo oposto como forma de negação dos sentimentos em relação ao mesmo sexo e/ou para se adequar as expectativas sociais.

Oportunidades para entender e explorar os sentimentos em relação ao mesmo sexo podem ser limitadas.

Finalmente, adolescentes precisam fixar metas e fazer planos para o futuro. O suporte de amigos, pais, e mentores pode ser de grande valia se eles estão disponíveis. Jovens homossexuais frequentemente sofrem com incertezas e dúvidas sobre o futuro sabendo que eles enfrentarão desafios pessoais e profissionais por causa de sua orientação sexual.

Formação da Identidade Sexual

Um número de teóricos tem descrito meios de desenvolvimento para a formação da identidade sexual em indivíduos gays e lésbicas.²² Eu vou descrever o modelo de Troiden com o entendimento de que ele serve somente como um guia, já que o desenvolvimento é fluido e pode não ser linear.

No primeiro estágio, *sensibilização*, crianças gays e lésbicas percebem que são diferentes e se sentem marginalizados. Eles podem apresentar um papel atípico de gênero e podem sentir que não se encaixam com seus colegas. O selo do segundo estágio é *confusão de identidade*. Isso acontece quando o adolescente

gay ou lésbica começa a se questionar se é homossexual. Dissonância cognitiva se desenvolve por causa da alteração de percepção de si mesmo, informação inexata sobre homossexualidade, e comportamento social anti-homossexual. No estágio três, *compreensão da identidade*, indivíduos gays e lésbicas começam a aceitar sua orientação sexual, normalmente no fim da adolescência ou no começo da idade adulta. Isso leva a um contato crescente com outros homossexuais e a exploração da sexualidade. *Compromisso*, o quarto estágio, é a integralização da orientação sexual em todos os aspectos da vida. Esse pode ser o momento da descoberta para heterossexuais, amigos e familiares próximos. Alguns podem rejeitar heterossexuais, como forma de legitimar o grupo de referência, enquanto que outros podem ser capazes de valorizar heterossexuais que deem suporte, com menos raiva e alienação.

Os Problemas Psicossociais dos Homossexuais Jovens

O principal desafio interno e externo para gays e lésbicas jovens é enfrentar o preconceito em volta de sua homossexualidade. Eles podem ter internalizado ódio próprio e baixa autoestima. Com o tempo, esses sentimentos podem levá-los a agir com comportamento sexual de alto risco, uso de drogas e álcool.²³

Muitos adolescentes tentam esconder seus sentimentos e questionamentos porque eles temem ser descobertos. Embora isso possa oferecer proteção contra a rejeição e o abuso, acaba resultando em isolamento.

Indivíduos gays e lésbicas de cor pertencem a uma “dupla minoria” e devem também lidar com a discriminação de seu grupo étnico em relação à homossexualidade assim como o preconceito da sociedade contra a cor deles. Aqueles que são também parte de uma comunidade religiosa com preconceito em relação à homossexualidade pertencem a uma “tripla minoria” e devem também enfrentar a rejeição de Deus e de seu grupo da igreja.

Não é de se admirar que ansiedade e depressão sejam comuns, sendo de três a quatro vezes mais frequentes entre jovens gays e lésbicas do que em jovens heterossexuais. Suicídio é a terceira principal causa de morte entre jovens nas idades de dez a vinte e quatro anos, mas alguns acreditam que seja a maior causa de morte entre jovens gays e lésbicas.²⁵ Muitos estudos têm mostrado que jovens gays e lésbicas tentam suicídio de duas a três vezes mais do que jovens heterossexuais.²⁶

*“Eu gostaria de estar lá. Eu amaria falar sobre as sérias implicações de não ser capaz de confessar, frequentemente nem para nós mesmos, de que existe uma alternativa para a orientação sexual da maioria... eu acredito que é nos anos da adolescência na escola, quando o maior dano e sofrimento acontecem. Fora de minha própria classe um de meus queridos amigos cometeu suicídio anos atrás por causa de sua incapacidade de se aceitar como ele realmente era”.*²⁷

“Eu não me permitia ter amigas mulheres. Eu cortava fotos de rapazes em revistas e cobria com elas todo o meu quarto. E eu escrevia em meu diário todas as noites e falava de como eu me odiava e como eu não queria ser dessa forma. E isso no final das contas me levou a ser muito depressiva e suicida”.²⁸

Infecção Pelo Vírus HIV

Jovens gays continuam a sofrer o risco de serem infectados com o HIV. Descobertas preliminares recentes do Sistema Nacional de Vigilância Comportamental do HIV mostraram uma taxa de prevalência de HIV em 14 % entre os jovens gays entre as idades de 18 a 24 anos.²⁹

Estima-se que metade de todas as novas infecções de HIV nos Estados Unidos acontece entre jovens entre as idades de 13 a 24 anos.³⁰ Em 2002, a AIDS era a oitava causa de morte entre jovens entre os 15 e 24 anos de idade, e era a sexta causa de morte entre homens entre os 25 e 34 anos de idade.³¹

HIV / educação sexual continuam sendo uma prioridade urgente para adolescentes, especialmente para os jovens gays.

Respostas Familiares

Quando pais proveem suporte e entendimento, lésbicas e gays jovens experimentam menos stress, melhoram a autoestima, e aceitam mais a própria orientação sexual.³²

Infelizmente, não todos os pais dão suporte. Mais de um terço dos jovens GLBT reportam abuso verbal por membros da família e 10% reportam abuso físico.³³ Como muitos cerca de 26% dos jovens gays são obrigados a deixar suas casas por causa dos conflitos em torno de sua orientação sexual, e é estimado que 25% dos jovens moradores de rua são homossexuais”.³⁴ Eu fui expulso de casa em julho, e naquele momento havia violência envolvida”. Recordou um jovem homossexual de Massachusetts”. Minha mãe ficou louca e veio para cima de mim com um ferro. Eu corri escada abaixo e tranquei a porta, ela chamou a polícia. A polícia veio e me perguntou o que estava acontecendo” ele continuou, “Minha mãe começou dizendo que eu estava sempre em Boston com “viados” e me disse que eu deveria ir embora... Ele [o policial] começou a fazer todo o tipo de piada de gays e disse que eu deveria ir embora”.³⁵

Experiências de Escola

A rede de educação Gay, Lésbica e Hetero, recentemente conduziu a primeira pesquisa nacional com mais de trezentos alunos entre as idades de 13 a 18 anos, e mil professores de ensino médio com o tema de “*bullying*” (atos de violência física ou psicológica) nas escolas.³⁶ A causa mais comum de *bullying* reportada foi sobre aparência física. A segunda causa mais comum foi sobre orientação sexual real ou presumida. A pesquisa encontrou que estudantes GLBT se sentiam três vezes mais inseguros na escola do que os não-GLBT (22% contra 7%). Além disso, 90% dos estudantes GLBT (contra 62% dos não-GLBT) reportaram terem sido hostilizados ou agredidos durante os anos anteriores.

Adolescentes gays e lésbicas desenvolvem atitudes negativas em relação à escola por causa desse tratamento, e 28% dos estudantes gays deixam o ensino médio por causa do desconforto e medo, de acordo com um estudo de 1987”.³⁷ Nós éramos importunados. Éramos chamados “bicha” e “viado” e uma enormidade de outros insultos homofóbicos”, lembrava um jovem homossexual”. Nós éramos também usados como saco de pancada por nossos colegas de classe, só por sermos diferentes”.³⁸

“Eu era muito hostilizada antes de me assumir. Quando eu era uma novata, como toda novata, eu tinha que fazer educação física. E um grupo de garotas na minha classe decidiu que eu era lésbica só porque eu era mais alta e forte que as outras garotas da classe. A primeira vez que elas me bateram foi no vestiário. Eu havia acabado de me vestir e elas me jogaram no chão e começaram a me chutar e gritar”, sapatão – pare de olhar pra nós”. E eu me levantei e fugi do vestiário, eu parei de me vestir para a educação física depois disso. A segunda vez que me bateram, eu estava jogando hóquei no gramado e uma delas pegou o bastão de hóquei e me bateu na parte da frente com o bastão. Eu caí no chão e o resto delas me cercou e começaram a bater em mim com os bastões gritando as mesmas coisas... minha professora de educação física disse: se você vai agir dessa forma então você merece isso”.³⁹

Conclusão

Atitudes no público geral contra a homossexualidade estão mudando, e é somente uma questão de tempo antes que indivíduos gays e lésbicas tenham os mesmos direitos e privilégios que heterossexuais. Passaram-se trinta e três anos desde que a organização psiquiátrica via a homossexualidade como uma doença. O casamento civil entre pessoas do mesmo sexo é agora apoiado pela Associação Psiquiátrica Americana, e reconhece que casais homossexuais têm as mesmas razões psicológicas, sociais e econômicas para estarem casados que os casais heterossexuais.

Embora seja animador ver essas mudanças, permanece inaceitável ver o contínuo ódio e violência dirigidos contra indivíduos GLBT, especialmente contra nossos jovens mais vulneráveis. Embora sejam vistas evidências empíricas, a sociedade continua abraçando atitudes baseadas em crenças religiosas e culturais. Já passou o tempo de parar o comportamento anti-homossexual e a violência e questionar as crenças fundamentalistas e atitudes que causam tanto ódio e discriminação.

Para conseguir a mudança nós todos devemos confrontar nossos preconceitos individuais e institucionais contra os homossexuais. Como a organização psiquiátrica há mais de trinta anos, nós devemos confrontar esses preconceitos e reconhecer seu efeito lesivo aos homossexuais.

Uma vez que nos tornemos plenamente conscientes de nossos preconceitos, nós precisamos providenciar informação correta sobre a homossexualidade para todos os nossos profissionais da saúde, educadores, clérigos, jovens, membros das famílias, e nossa comunidade. Por exemplo, os atuais livros de ciências do sétimo e oitavo anos de nossas escolas adventistas na América do Norte se referem à orientação homossexual como “parte do esforço de satanás para sabotar o plano de Deus para o homem e a mulher”.⁴⁰ Esse texto, e outros, precisam ser revisados ou substituídos por informação mais precisa.

Se nós não fizermos tudo o que podemos para parar o comportamento anti-homossexual, nós continuaremos a ser responsáveis, em parte, pelo sofrimento e mortes de indivíduos GLBT.

O autor gostaria de reconhecer as inestimáveis ideias e suporte para este texto de Janice Wang, Kia Wang Nevarez, e José Mateo.

Questões para discussão

1. Por que o artigo da psicóloga Evelyn Hookers, de 1957, sobre o funcionamento psicológico dos gays é tão importante?
2. Quais foram os fatores chave que levaram a Associação Americana de Psiquiatria a mudar sua visão sobre homossexualidade em 1973?
3. Porque o autor declara que lésbicas de cor que são parte de uma comunidade religiosa pertencem a uma “minoridade quádrupla”?
4. Porque as taxas de tentativas de suicídio entre gays e lésbicas jovens são duas a três vezes mais altas do que a de jovens heterossexuais?
5. O que pode ser feito para tornar nossas escolas mais seguras para jovens lésbicas e gays?

Notas e Referências

1. Hausman, K. Assembleia apoia casamento gay e pede conselho para compartilhar poder. **Psychiatric News** 40 (2005):1–5. Disponível em: <http://www.psych.org/edu/other_res/lib_archives/archives/200502.pdf>. Acesso em 26/03/2006.
2. BAYER, Ronald. **Homosexuality and American psychiatry: The politics of diagnosis**. Princeton University Press.1987.
3. MONEY, J. History, causality, and sexology. **Journal of sex research**, v. 40, n. 3, p. 237, 2003.
4. FREUD, Ernst. **Letters of Sigmund Freud**. New York: Basic Books, 470p. 1960.
5. BAYER. **Homosexuality and American Psychiatry**. Pág. 28–30.
6. BIBER, Irving. Homosexuality—a psychoanalytic study of male homosexuality. **The British Journal of Psychiatry**, v. 111, n. 471, p. 195-196, 1965.
7. KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell R.; MARTIN, Clyde E. Sexual behavior in the human male. **American Journal of Public Health**, v. 93, n. 6, p. 894-898, 2003
8. FORD, Clellan S.; BEACH, Frank A. **Patterns of sexual behavior**. 1951
9. HOOKER, Evelyn. The adjustment of the male overt homosexual. *Journal of projective techniques*, v. 21, n. 1, p. 18-31, 1957
10. FREEDMAN, Mark. **Homosexuality and Psychological Functioning**. Belmont, Califórnia: Brooks/Cole. 124p. 1971.
- FRIEDMAN, Richard.; DOWNEY, Jennifer. Homosexuality. **New England Journal of Medicine**. V. 331. N. 14. 1994.
- GONSIORREK, John C. The empirical basis for the demise of the illness model of homosexuality. In: J. Gonsiorek and J. Weinrich. **Homosexuality research Implications for Public Policy**. Nerberry Park, Califórnia: Sage, 1991.
- Idem. Results of psychological testing on homosexual populations. **American Behavioral Scientist**, v. 25, n. 4, p. 385-396, 1982
11. KRAJESKI, James. Homosexuality and the mental health professions: A contemporary history. In: Robert P. Cabaj.; Terry S. Stein. (org). **Textbook of Homosexuality and Mental Healt**. 1st. Edition. Washington DC: American Psychiatric Press. 1024p. 1996.
12. BAYER, **Homosexuality and American Psychiatry**. 102–105.
13. KIRBY, Michael. The 1973 deletion of homosexuality as a psychiatric disorder: 30 years on. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 37, n. 6, p. 674-677, 2003.
- e **81 Words**. (episódio 204), This American Life, 18 de jan. de 2002. Disponível em: <<http://www.thislife.org/pages/archives/archive02.html>>. Acesso em 26/03/2006.
14. LAMBERG, Lynne. Gay is okay with APA—forum honors landmark 1973 events. **JAMA**, v. 280, n. 6, p. 497-499, 1998
15. BAYER, **Homosexuality and American Psychiatry**. 118
16. *Ibid.*, 119.

17. Stoller, R. J, et al. A symposium: Should homosexuality be in the APA nomenclature? **The American Journal of Psychiatry**, v. 130. n. 11, pp 1207-1216. 1973.
18. BAYER, Ronald. **Homosexuality and American psychiatry: The politics of diagnosis**. Princeton University Press, 1987.
19. FISHER, Barry; AKMAN, Jeffrey S. Normal development in sexual minority youth. **Mental health issues in lesbian, gay, bisexual, and transgender communities**, p. 1-16, 2002
20. MOYER, B. A Cry from the Valley of Death. **Ministry**. Nov. 1996, 23–25, 29.
21. TROIDEN, Dr Richard R. The formation of homosexual identities. **Journal of homosexuality**, v. 17, n. 1-2, p. 43-74, 1989
- RYAN, Caitlin; FUTTERMAN, Donna. **Lesbian & gay youth: Care & counseling**. Columbia University Press, 1998
22. D'AUGELLI, Anthony R.; PATTERSON, Charlotte J.; PATTERSON, Charlotte (Ed.). **Lesbian, gay, and bisexual identities and youth: Psychological perspectives**. Oxford University Press on Demand, 2001;
- CASS, Vivienne C. Homosexual identity formation: A theoretical model. **Journal of homosexuality**, v. 4, n. 3, p. 219-235, 1979;
- Idem. Sexual orientation identity formation: A Western phenomenon. In: Robert P. Cabaj.; Terry S. Stein. (org). **Textbook of Homosexuality and Mental Health**. 1st. Edition. Washington DC: American Psychiatric Press. 1024p. 1996;
- COLEMAN, Eli. Developmental stages of the coming out process. **Journal of homosexuality**, v. 7, n. 2-3, p. 31-43, 1982;
- SOPHIE, Joan. A critical examination of stage theories of lesbian identity development. **Journal of Homosexuality**, v. 12, n. 2, p. 39-51, 1986;
- TROIDEN, Richard R. Homosexual identity development. **Journal of adolescent health care**, v. 9, n. 2, p. 105-113, 1988;
- TROIDEN, Dr Richard R. The formation of homosexual identities. **Journal of homosexuality**, v. 17, n. 1-2, p. 43-74, 1989;
- ROTHERAM-BORUS, Mary Jane; FERNANDEZ, M. Isabel. Sexual orientation and developmental challenges experienced by gay and lesbian youths. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, v. 25, p. 26-34, 1995.
23. GAROFALO, Robert et al. The association between health risk behaviors and sexual orientation among a school-based sample of adolescents. **Pediatrics**, v. 101, n. 5, p. 895-902, 1998.
24. FERGUSSON, David M.; HORWOOD, L. John; BEAUTRAIS, Annette L. Is sexual orientation related to mental health problems and suicidality in young people? **Archives of general psychiatry**, v. 56, n. 10, p. 876-880, 1999.
25. Suicide and Attempted Suicide. **MMWR Weekly**, 11 de jun. de 2004. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/mm5322a1.htm>>. Acesso em 20/02/2007.
- GIBSON P., **Gay and Lesbian Youth Suicide**. In: **Death by Denial**. Boston: Alyson, 1994.
- KULKIN, Heidi S.; CHAUVIN, Elizabeth A.; PERCLE, Gretchen A. Suicide among gay and lesbian adolescents and young adults: A review of the literature. **Journal of homosexuality**, v. 40, n. 1, p. 1-29, 2000.

26. FAULKNER, Anne H.; CRANSTON, Kevin. Correlates of same-sex sexual behavior in a random sample of Massachusetts high school students. **American journal of public health**, v. 88, n. 2, p. 262-266, 1998.
- FERGUSON, HOWOOD & BEUTRAIS. **Sexual Orientation**. E GARAFALO et. al. **Health Risk Behaviors**.
27. E-mail de ex aluno do Pacific Union College para Harry C. Wang, 28 de jul. de 1999, em posse do autor.
28. Entrevista de Lelli Peterson realizada por Terry Gross, Fresh Air, 8 de jun. de 1999.
29. HIV Prevalence, Unrecognized Infection, and HIV Testing among Men Who Have Sex with Men—Five U.S. Cities, June 2004–April 2005”. **MMWR Weekly**, 24 de jun. de 2005. Disponível em:
<<http://www.cdc.gov/mmwr/preview/mmwrhtml/mm5424a2.htm>>. Acesso em 20/02/2007.
30. Office of National AIDS Policy, **Youth and HIV/AIDS 2000: A New American Agenda**. Washington, D.C.: White House, 2000.
31. Centro de controle de doenças, Deaths, Percent of Total Deaths, and Death Rates for the 15 Leading Causes of Death in 10-year Age Groups. Estados Unidos, 2002. Disponível em:
<http://www.cdc.gov/nchs/data/dvs/LCWK2_2002.pdf>. Acesso em 20/02/2007.
32. HERSHBERGER, Scott L.; D'AUGELLI, Anthony R. The impact of victimization on the mental health and suicidality of lesbian, gay, and bisexual youths. **Developmental psychology**, v. 31, n. 1, p. 65, 1995
- SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. Coming out to parents and self-esteem among gay and lesbian youths. **Journal of homosexuality**, v. 18, n. 1-2, p. 1-35, 1989.
33. PILKINGTON, Neil W.; D'AUGELLI, Anthony R. Victimization of lesbian, gay, and bisexual youth in community settings. **Journal of Community Psychology**, v. 23, n. 1, p. 34-56, 1995.
34. GIBSON, Gay and Lesbian Youth Suicide, 5; and KRUKS, Gabe. Gay and lesbian homeless/street youth: Special issues and concerns. **Journal of Adolescent Health**, v. 12, n. 7, p. 515-518, 1991.
35. Testemunho de Troix Bettencourt na Comissão do Governador para a Juventude Gay e Lésbica. Prevention of Health Problems among Gay and Lesbian Youth. Boston, 1994.
36. INTERACTIVE, Harris; GAY, Lesbian; NETWORK, Straight Education. From teasing to torment: School climate in America. New York: **Gay, lesbian, and straight education network**, 2005. Disponível em:
<http://www.glsen.org/binary-data/GLSEN_ATTACHMENTS/file/499-1.pdf>. Acesso em: 20/02/2007.
37. REMAFEDI, Gary. Adolescent homosexuality: Psychosocial and medical implications. **Pediatrics**, v. 79, n. 3, p. 331-337, 1987.
38. Comissão do Governador para a Juventude Gay e Lésbica, **Making Schools Safe for Gay and Lesbian Youth**. Boston, Mass.: n.p., 1993.
39. Entrevista de Kelli Peterson, 8 de jun de 1999.
40. RITTERSKAMP, R.; WYRICK, D. **Exploring God's World** (Nampa, Idaho: Pacific Press, 1996), Chapter 9–4, “Sexual Issues”.

Parte 2 – capítulo 3

Resposta: Ciência e Orientação Sexual

Por Aubyn Fulton

A homossexualidade é uma escolha? É uma desordem mental? Através dos anos, eu tenho participado em muitas conversas sobre orientação sexual com amigos adventistas do sétimo dia, e essas duas perguntas eram quase sempre feitas. Isso é mais surpreendente do que poderia parecer, por que a resposta para nenhuma das perguntas é determinante de uma resposta teológica ou moral sobre a homossexualidade. Ainda assim, existem boas razões porque considerações biológicas ou psiquiátricas têm um importante papel em qualquer discussão sobre orientação sexual e religião. Primeiro, todos nós somos vulneráveis à tendência de nos enganarmos com evidências de nosso próprio preconceito. Quanto mais acurada e claramente entendermos as questões biológicas e de saúde mental, melhores serão nossos julgamentos morais e religiosos. Segundo, ambos, biologia e psiquiatria podem nos ajudar a reconhecer e servir àqueles de nossas comunidades que estão sofrendo. Ben Kemena e Harry Wang proveram a igreja com o tipo de informação biológica, psiquiátrica e histórica com que se deve lutar se os Adventistas querem se comprometer com uma conversa justa e amorosa sobre orientação sexual. Eles dois também colocam surpreendentes e até dolorosos desafios para a igreja. Uma piedosa e cuidadosa consideração sobre os desafios e evidências está muito atrasada.

O subtítulo do capítulo de Ben Kemena em “Determinações Biológicas na Orientação Sexual” é particularmente revelador: “É uma escolha ou é inato – Biológico ou pecado”? É imperativo corrigir as informações extremamente incorretas sobre as causas da orientação sexual, na igreja – e muitos cristãos têm-se mantido ignorantes sobre a explosão de evidências científicas que têm estabelecido fortes fatores biológicos, ou foram ensinados a serem irracionalmente desconfiados sobre a validade das evidências ou suas conclusões. O artigo de Kemena deveria ajudar enormemente nessa causa. Mas pode ser que seu traçado da história moderna da construção social da homossexualidade seja até mais importante – e ironicamente essa história extrapola a estreita dicotomia de “biologia ou pecado” refletida em seu subtítulo.

A dicotomia de “biologia ou pecado” é problemática em vários níveis. Isso implica que as únicas “causas” do comportamento humano são biológicas, ignorando a clara lição da ciência social de que muitas das mais poderosas forças que

formam ou causam o comportamento humano são do meio ambiente. Condicionar, modelar, e internalizar os papéis sociais são só alguns exemplos de poderosas forças não biológicas que moldam nosso comportamento, mais frequentemente fora de qualquer percepção consciente ou “escolha”. A dicotomia também implica que comportamento causado por fatores biológicos não possa ser considerado pecaminoso mesmo se uma forte contribuição biológica for identificada (por exemplo, assassinato ou roubo). Mais fundamentalmente, a dicotomia “biológico ou pecado” confunde duas categorias diferentes. Fatores biológicos contribuem para a orientação sexual muito ou pouco, e a única forma creditória de responder a essa pergunta é cientificamente. Se a homossexualidade é ou não pecado é uma questão inteiramente diferente, e a ciência pode talvez informar, mas certamente não decidir a resposta. Aceitar a dicotomia “biologia ou pecado” encoraja evitar a responsabilidade de fazer julgamentos éticos e morais que no final não podem ser realmente evitados.

Outro problema em tentar responder a questão de “biologia ou pecado” é o risco de super-enfatizar o papel biológico, já que é o único papel que ele aborda. Kemena nota “a genética é combinada a fatores ambientais para criar um espectro do desejo sexual” e reconhece que ainda há muito que não conhecemos sobre a sexualidade humana, mas tentando resolver a questão de se a homossexualidade é biológica ou pecado, ele naturalmente coloca muita ênfase na biologia. Eu não disputo a validade do resumo dessa evidência. Não existe mais nenhum argumento real sobre a forte contribuição biológica na orientação sexual, e negar isso é ficar fora do discurso razoável sobre o assunto. Mas a evidência aponta para algo mais que pode ser facilmente passado por alto: como o fato de que há fatores claramente não biológicos que contribuem para a orientação sexual.

Aqui está um exemplo para ilustrar a questão: A evidência sobre a concordância de taxas da homossexualidade em gêmeos idênticos, discutida por Kemena, são significativamente mais altas do que na população geral, mas não são nem perto de 100% (as taxas de concordância reportadas são entre 20% e 50%). Isso quase certamente significa que, embora cerca de metade dos determinantes da orientação sexual sejam genéticos, pelo menos metade não são genéticos. Nós deveríamos notar, entretanto, que muitas partes da explicação não genética podem ter fatores que tem efeitos no desenvolvimento uterino, por tanto mediadas por processos biológicos no desenvolvimento do feto.

É importante entender que isso não é a mesma coisa que dizer que a orientação sexual é em parte determinada, e em parte escolhida, ao contrário, isso quer dizer que algumas das causas da orientação sexual são biológicas e outras são não biológicas (por exemplo, psicológicas ou sociais). Como Kemena mostra tão bem, mesmo que não estejamos completamente certos de todas as causas específicas que a orientação sexual pode ter, é agora muito claro que a maioria de nós não escolhe nossa orientação sexual. Para a maioria de nós, nossa orientação sexual é parte de nossa identidade, parte de quem somos, que se desenvolve sutil e imperceptivelmente, mas é frequentemente ajustada, no fim do quinto ano de vida, segundo os dados que Green e seus colegas mostram.

O papel da escolha na orientação sexual tem sido confuso na mente do público nos anos recentes. O Psiquiatra Robert L. Spitzer publicou um artigo em 2003 sobre seu estudo em 143 homens, referindo-se ao tão falado ministério “ex-gay”, onde ele reportou que em um momento eles eram homossexuais e tornaram-se heterossexuais, como resultado de algum tipo de “terapia de conversão”.¹ Esse estudo foi amplamente mal representado na comunidade conservadora cristã como “prova” de que homossexualidade é uma escolha. Na verdade, Spitzer nunca fez essa declaração. Ele limitou suas conclusões simplesmente a observação de que alguns homens, uma muito pequena minoria, declararam ter mudado de orientação sexual. Em seu relatório, ele conclui que 11% em sua seleção mais alta, dos mais motivados participantes, mudaram sua orientação, e em uma comunicação pessoal que eu tive com ele, ele declarou que, para a maioria dos homossexuais, a orientação é altamente estável e extremamente resistente às mudanças. Nós não temos suficientes evidências para saber como homossexuais poderiam mudar sua orientação, principalmente porque os grupos engajados em tais práticas não permitem investigações independentes para revisar seus relatórios – como Kemena apontou. Entretanto, Spitzer declarou que ficaria surpreso se o número fosse maior do que 3%. Isso deve ser colocado no contexto dos dados existentes sobre o dano em tais práticas de mudança.

Kemena aponta que Ariel Shidlo e Michael Schroeder perceberam que menos de 4% dos homens gays que foram submetidos a “terapia de conversão” foram capazes de refrear o comportamento homossexual. É importante ressaltar que, os investigadores descobriram que 77% da mostra reportou significantes efeitos colaterais negativos na tentativa de mudança, incluindo aumento significativo na depressão, ansiedade, sério comportamento autodestrutivo, e abuso de substâncias pesadas.²

Kemena usou a estimativa de Alfred Kinsey de 10% de prevalência de homossexualidade masculina, embora os cientistas contemporâneos ponham a cifra em torno de 3% a 6%.³ Independente da exata porcentagem, e independente dos relativos balanços biológico e não biológico que causam a orientação sexual, agora parece claro que, para a maioria de nós, a orientação é estabelecida bem cedo na vida e é estável e altamente resistente a mudanças, e esses esforços para a mudança muito provavelmente resultem em um significativo risco de dano sério. A probabilidade de mudança é tão baixa, e a probabilidade de dano é tão alta, que é difícil ver qualquer base ética para encorajar alguém a tentar mudar sua orientação. Certamente, a Igreja Adventista deveria pelo menos considerar a moratória de qualquer programa formal ou informal que se refira a “terapia de conversão” para membros ou funcionários da igreja, gays e lésbicas.

Embora o artigo seja enquadrado pela dicotomia de “biologia ou pecado”, Kemena repetidamente quebra isso; mais claramente em sua localização ocidental, atitudes cristãs contra a homossexualidade na “pirâmide degenerativa”, baseada na crença de que “Diferentes tipos de seres humanos têm diferentes tipos de valor e mérito”. O argumento aqui não é de que a homossexualidade não é um pecado porque é biológico e fora do controle

peçoal. O argumento é muito mais radical – e mais cristão. A “pirâmide degenerativa” que Kemena discute é a tão poderosa hierarquia que foi o objetivo principal do ministério de Jesus. É difícil imaginar uma ideia que se oponha mais violentamente aos ensinamentos centrais do evangelho e aos princípios do reino de Deus. Se as atitudes “homo negativas” da igreja Adventista são influenciadas pelo menos um pouco pela internalização dessa poderosa hierarquia anticristã, então Kemena converteu a discussão da homossexualidade e da igreja em sua cabeça. A questão não é mais (como é frequentemente marcado) “vão os cristãos reduzir seu compromisso com o evangelho para acomodar-se à ciência moderna e às normas sociais”? E sim “vão os cristãos ter a coragem de deixar de lado o real significado do evangelho, quando isso desafia seus preconceitos pessoais e prerrogativas”?

Logicamente, nenhum membro da igreja Adventista iria conscientemente apoiar a ideia da “pirâmide da degeneração” – que alguns seres humanos (convenientemente, normalmente homens, brancos, ricos e poderosos) têm mais valor inerente que outros. Mas nossa experiência com outros aspectos dessa pirâmide sugere que é muito fácil para nós internalizar essa hierarquia inconscientemente e, mais chocantemente, realmente confundir isso com moralidade cristã. Não foi a tanto tempo, depois de tudo, que se via por certo em muitas comunidades cristãs – mesmo entre adventistas – que a Bíblia requeria que aceitássemos a conclusão de que negros eram inferiores aos brancos, ou as mulheres inferiores aos homens. O papel da biologia nessa discussão não é deixar a igreja sem o gancho de fazer fortes julgamentos morais por causa da simpatia por homossexuais que de alguma forma “não podem ajudar a si mesmos”. O papel da biologia é simplesmente de nos ajudar a obter um entendimento mais acurado de toda a gama da família humana, nos ajudando a ver mais claramente quem são nossos vizinhos. Assim equipados, nós estamos mais capacitados a ver o que nossos vizinhos precisam para estarem saudáveis e seguros, e como nossas próprias tendências tão humanas para criar fronteiras e elevar nosso interesse próprio podem ficar no meio de nosso caminho. Nesse ponto, nossa obrigação é clara.

Harry Wang começa seu capítulo corrigindo um erro comum de conceito entre muitos cristãos, de que alguns homossexuais radicais forçaram a Associação Americana de Psiquiatria e remover a homossexualidade da lista oficial de desordens mentais; talvez retirada por algum ateu que antipatize com a família ou a Bíblia. A história real, contada por Wang, é bem diferente. Não foi a política que tirou a homossexualidade da lista de desordens mentais; foi a política que colocou a homossexualidade na lista, em primeiro lugar. Certamente não foi a evidência científica que a colocou lá, já que não havia na época, nem nunca houve evidência científica de que a homossexualidade seja uma desordem mental.

É claro, que o conceito de “desordem” por si só não pode nunca ser puramente científica. O conceito descansa em certos pressupostos do que é o “preceito” de normalidade a princípio, e sempre haverá dimensões políticas e culturais nesse julgamento. A definição atual de desordem utilizada pela Associação Americana

de Psiquiatria requer evidências de alguma síndrome na pessoa que seja associada com angústia ou incapacidade (DSM-IV TR, XXI). Não existiam estudos científicos de mostras representativas mostrando que havia alguma coisa na orientação homossexual associada com angústia extrema ou disfunção quando a psiquiatria colocou a homossexualidade como patologia; essa decisão foi feita porque aqueles que detinham o poder para fazê-lo tinham preconceito contra a homossexualidade. Como Wang mostrou, a evidência científica é agora clara – a homossexualidade não é associada a angústia ou disfunção, e pelo critério estabelecido não é uma desordem mental. Isso não quer dizer que a política não teve nenhum papel na remoção da homossexualidade da DSM – todas as desordens no volume da DSM foram listadas lá como resultado de algum grau de processo político. Mas nesse caso, a política funcionou para remover barreiras para uma consideração objetiva das evidências.

Pelo meio dos anos 1970, a profissão da saúde mental se tornou mais consciente da necessidade de basear o diagnóstico psiquiátrico em evidências objetivas. Como Wang mostrou, isso coincidiu com uma crescente consciência por parte da liderança da Associação Americana de Psiquiatria de que alguns de seus destacados colegas, conhecidos por ser psiquicamente saudáveis, eram de fato homossexuais. Até aquele momento, a maioria dos psiquiatras baseava suas conclusões de que homossexuais sofriam de desordem mental em seus próprios pacientes, que, é claro, por definição tinham problemas psicológicos. Quando o primeiro corajoso psiquiatra gay se assumiu para seu líder, sua decisão proveu informação preciosa – que homossexuais são iguais a heterossexuais, nem mais nem menos saudáveis. Também não é coincidência nem surpresa de que como resultado desse honesto relacionamento psiquiátrico foi tomado o primeiro passo em direção a um entendimento mais acurado e tratamento civil aos homossexuais. A evidência tem mostrado consistentemente que o melhor mostrador de atitudes positivas em relação aos homossexuais é o número de amigos e parentes homossexuais que a pessoa tem.⁴ O clima hostil comum na maioria das igrejas Adventistas do Sétimo Dia contra homossexuais não é destrutivo somente para os homossexuais, mas também torna quase impossível o tipo de relacionamento aberto e honesto com homossexuais necessário para um entendimento completo e preciso. Como a psiquiatria fez há quarenta anos, a igreja hoje continua assumindo e perpetuando a mentira de que homossexuais são doentes, e depois age de forma a dificultar a correção dessa mentira.

Embora a homossexualidade não seja uma fonte de angústia, o clima negativo penetrante em que muitos homossexuais são forçados a crescer, é. Wang fecha seu capítulo com uma cuidadosa explicação das devastadoras consequências desse meio ambiente opressivo, hostil e muitas vezes violento, especialmente para crianças. Pais, pastores, professores, e membros de igreja que de alguma forma tem se convencido de que estão agindo no nome de Jesus tratam crianças gays com tanto ódio e desprezo que eles estão ansiosos, depressivos e com muita frequência suicidas. Wang apresenta descobertas feitas pela pesquisa nacional desenvolvida pela Rede de Educação Gay, Lésbica e Hetero – sobre bullying mostrando que estudantes GLBT são três vezes mais propensos a se sentirem inseguros, 50% mais provável de serem vítimas de ataques na escola,

e 25% mais provável de deixarem a escola. As Escolas Adventistas deveriam ser um lugar seguro para nossas crianças, mas elas podem ser até mais perigosas que escolas públicas. Nós precisamos desesperadamente de bons estudos sobre esse assunto.

Muitos anos atrás eu acompanhei um estudante gay a um de nossos colégios Adventistas para uma reunião com o preceptor do colégio. O estudante havia sido vítima de violência verbal e física durante o ano escolar e havia finalmente criado coragem, depois de meses de oração e aconselhamento, para pedir ajuda ao preceptor. Eu estava profundamente entristecido e envergonhado por saber que o preceptor – um sincero membro da igreja em boa posição – inicialmente sugeriu que o estudante havia trazido os ataques para si mesmo por sua não conformidade com o que o preceptor considerava uma forma masculina aceitável de vestir e de estilo pessoal. Foi só depois de eu recorrer a ameaças legais que o preceptor concordou que esse tipo de comportamento hostil e violento era inapropriado para um campus Adventista.

É aí que a análise de Wang apresenta um difícil desafio para a igreja – até mais difícil, talvez, do que ele tenha sugerido. Se a homossexualidade não é uma desordem mental (e, claramente não é) e se jovens gays são vulneráveis a agressões e opressão (como claramente eles são) qual é nossa responsabilidade como comunidade cristã? Wang termina com um argumento: “Se nós não fazemos tudo o que podemos para parar o comportamento anti-homossexual, nós continuaremos a ser responsáveis, em parte, pelo sofrimento e morte de indivíduos GLBT”. É verdade. Mas isso significa mais do que simplesmente intervir quando observamos um jovem gay ou uma jovem lésbica sendo atacada – Embora, é claro que nós devemos pelo menos fazer isso. Nós não temos todos que concordar que a homossexualidade não é pecado; todos temos que concordar que não tratar os homossexuais como nossos vizinhos é pecado. Quantas das 12 escolas e colégios adventistas têm programas sistemáticos e intencionais direcionados para o desenvolvimento apropriado desse assunto com seus estudantes? Eu suspeito que a resposta seria embaraçosa.

Mas é ainda mais desafiador do que isso. Não é suficiente parar os recorrentes casos de agressão, e não é suficiente desenvolver programas proativos para reduzir os ataques de onde eles sempre acontecem. O esboço de Wang sobre as necessidades no desenvolvimento dos jovens aborda o assunto do que estamos fazendo para ajudar adolescentes LGBT a aceitarem sua identidade.

Embora possa ser perturbador para alguns, talvez seja hora de considerar como nós podemos dar suporte a jovens gays e lésbicas adventistas, ao invés de criar um meio tão tóxico que nós os forcemos a se descobrirem fora da segurança da igreja. Eu não estou certo de como criar espaços de suporte para jovens gays e lésbicas para se encontrarem e conversar e se socializarem na igreja sem que ocorra uma mudança muito rápida para os membros que definem toda a homossexualidade como pecaminosa. Eu sei que o material revisado por Wang demonstra que é imperativo que nós comecemos a procurar meios agora.

Kemena e Wang ambos proveem importantes respostas para algumas das perguntas mais comuns que adventistas fazem quando eles começam a falar sobre homossexualidade. Quais são os fatores biológicos? É uma doença mental? Isso pode ser mudado? Mas as perguntas que eles criam e os desafios que eles fazem são até mais importantes.

Questões para discussão

1. Como e por que o status moral ou teológico da homossexualidade muda se assumirmos que a orientação sexual é biologicamente determinada? Se ela é parcialmente um resultado de fatores não biológicos, isso necessariamente a torna uma escolha?
2. Existem maneiras pelas quais a orientação sexual é semelhante a outras identidades pessoais essenciais, como gênero ou identidade étnica?
3. Cristãos frequentemente presumem que a Bíblia requer a condenação de homossexuais. Dada a discussão de Kemena sobre a pirâmide de degeneração, é possível que a Bíblia na verdade requeira que Cristãos acolham a homossexualidade?
4. Que definição de “normal” apoiaria etiquetar a homossexualidade como “anormal” sem abrir para que todos os outros grupos que não estão em conformidade com algum aspecto dos valores da maioria sejam classificados como “anormais” também?
5. Por que quanto mais amigos e parentes homossexuais, um heterossexual possui, mais apoiadoras suas atitudes são em relação à homossexualidade? Quais são as implicações desse fato para a igreja?
6. Que obrigações a igreja Adventista do Sétimo Dia tem de corrigir o tratamento negativo e hostil contra crianças LGBT e adolescentes em suas escolas, colégios e universidades? A abordagem padrão “odeie o pecado, mas ame o pecador” é suficiente para proporcionar o bem-estar desses alunos?

Notas e Referências

1. SPITZER, Robert L. Can some gay men and lesbians change their sexual orientation? 200 participants reporting a change from homosexual to heterosexual orientation. **Archives of sexual behavior**, v. 32, n. 5, p. 403-417, 2003.
2. SHIDLO, Ariel; SCHROEDER, Michael. Changing sexual orientation: A consumers' report. **Professional Psychology: Research and Practice**, v. 33, n. 3, p. 249, 2002.
3. Veja o site de Gregory M. Herick, **Herick's Web site**, Facts about Homosexuality and Mental Health. Disponível em: <http://psychology.ucdavis.edu/rainbow.html/facts_mental_health.html>.

4. COTTEN-HUSTON, Annie L.; WAITE, Bradley M. Anti-homosexual attitudes in college students: Predictors and classroom interventions. **Journal of homosexuality**, v. 38, n. 3, p. 117-133, 1999.

Parte 3
Perspectivas Científico-Comportamentais

Parte 3 – Capítulo 1

Interação e Angústia: As Experiências Sociais de Gays e Lésbicas Adventistas do Sétimo-dia

Por René D. Drumm

Como é crescer na igreja Adventista do Sétimo Dia e no meio desse processo de crescimento descobrir que você é gay ou lésbica? Dado que o comportamento homossexual é visto como pecaminoso de acordo com a interpretação da doutrina da Igreja Adventista, como uma pessoa faz tal descoberta? E como essa descoberta impacta a vida diária de gays e lésbicas adventistas? Esse capítulo é dedicado ao que a ciência social dá suporte e ao que não dá suporte em termos de como a orientação sexual se desenvolve e quão estável ela é. Abarcar mais de dez anos de pesquisa dentro dos aspectos sociais da vida de gays e lésbicas adventistas, oferece informação sobre a realidade social de crescer em um meio pronto para a rejeição. Esse capítulo discute a influência da família, escola, igreja e outras instituições sociais na vida de pessoas gays e lésbicas criadas em lares adventistas. O capítulo conclui oferecendo sugestões para enriquecer nossas respostas para esses membros da família adventista. Todos os nomes usados são pseudônimos para proteger as identidades das pessoas que contribuíram com informações para este capítulo.

Orientação sexual 101: Os componentes da orientação sexual


Orientação sexual se refere à configuração de dinâmicas que trabalham juntas categorizando as pessoas como heterossexuais, bissexuais ou homossexuais. A orientação sexual se forma ao longo de vários contínuos que contribuem para, em conjunto, etiquetar a orientação sexual com a qual a pessoa se identifica. Quatro desses componentes incluem aspectos psicológicos e biológicos da personalidade que são conferidos no nascimento, o gênero de identidade que as pessoas desenvolvem através do tempo, sua atração emocional, e suas preferências sexuais.

Fatores Biológicos

Componentes biológicos de uma pessoa que contribuem para determinação da orientação sexual incluindo as características anatômicas que a sociedade etiqueta como “masculino” ou “feminino”. Por exemplo, “homens” são

distinguidos por possuir testículos e pênis, enquanto que pessoas com vagina e seios são etiquetadas como “mulheres”. Existe um mito comum de que as pessoas são biologicamente masculinas ou biologicamente femininas. Na verdade, as pessoas são muito mais complexas. Algumas pessoas estão posicionadas no meio do continuum entre o masculino e o feminino. Por exemplo, pessoas que possuem genitálias indistintas são conhecidas como hermafroditas, ou correntemente mais conhecidas como pessoas intersexuais. Além disso, tipo de genital é um fator que determina um gênero particular etiquetado e hormônios tem um papel importante na determinação biológica de nossas emoções e comportamentos. Hormônios como a testosterona e o estrogênio ocorrem ao longo do continuum biológico e diferem em níveis de indivíduo para indivíduo.

Continuum Biológico



Homem	Hermafrodita	Mulher
Cromossomos XY Pênis, Testículos, Próstata, Testosterona.	Genitália mista Hormônios mistos	Cromossomos XX Vagina, Ovários, Clitóris, Estrogênio.

Essas duas facetas da biologia proveem importantes informações em relação à formação da orientação sexual. Pesquisadores têm notado diferenças muito específicas entre indivíduos com orientação heterossexual e homossexual.¹

Identidade de Gênero e Papel de Gênero

O gênero de identidade de uma pessoa é determinado pela combinação da expectativa social e preferências individuais. A sociedade decide quais comportamentos específicos ou características são apropriadas para cada gênero. Por exemplo, nos Estados Unidos, bebês meninas são identificadas por mantinhas cor de rosa, enquanto bebês meninos usam mantas azuis. Supõe-se que meninos devam brincar com caminhões, e meninas com bonecas. Assim como na biologia, a identidade de gênero também tem um continuum. A interação entre biologia e identidade de gênero começa no desenvolvimento da orientação sexual e dos rótulos sociais. Por exemplo, pessoas com pênis e testículos (biologicamente homens) que gostam de fazer compras no shopping e cozinhar são normalmente etiquetados como afeminados. Crianças biologicamente mulheres que gostam de subir em árvores são chamadas de “moleques”.

Continuum de Gênero

Homem/Masculino

Andrógeno

Mulher/Feminino

Culturalmente definidos pelos maneirismos, características de personalidade, roupas e aparência.

Pesquisadores, que estudam a identidade de gênero como um componente da formação da identidade sexual, têm provido percepções sobre como a identidade de gênero contribui para a formação da orientação sexual. Bailey e Zucker descobriram que o comportamento típico sexual na infância é significativamente preditivo na orientação sexual em homens em sua revisão de quarenta e oito estudos que examinaram a relação entre o comportamento típico sexual na infância e a orientação sexual. Comportamento típico-sexual na infância se refere a comportamentos identificados como indicadores da identidade de gênero e papel de gênero, tais como preferência por colegas do mesmo gênero ou do gênero oposto, brinquedos de interesse, e brincadeiras de fantasia. Bailey e Zucker asseguram que um significativo número de homens homossexuais e um pequeno, mas ainda significativo número de lésbicas, declaram ter tido comportamento sexual típico contrário ao próprio gênero.²

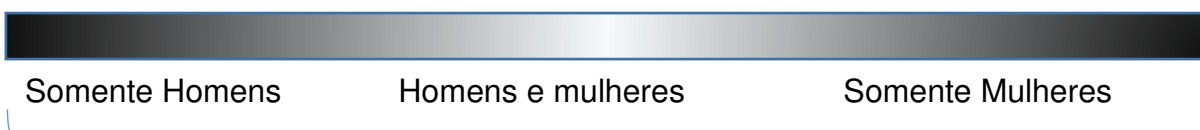
Em cima desse e de outros estudos, Ben desenvolveu a teoria que explica como a identidade de gênero tem um papel importante no desenvolvimento tanto homossexual como heterossexual.³

Funções Emocionais e Cognitivas

As funções emocionais e cognitivas de uma pessoa são elementos chaves na determinação da orientação sexual. Funções emocionais levam a questão de para quem uma pessoa é emocionalmente atraída e a quem essa pessoa pode realmente “amar”. A chave do assunto na identidade emocional se foca em, por qual gênero a pessoa se sente mais atraída em um nível emocional.

Funções cognitivas se centram em fantasias eróticas e com quem a pessoa se imagina como companheiro de vida. Pesquisas indicam que os componentes emocionais e cognitivos da orientação sexual são bastante estáveis. Em uma pesquisa foi reportado que tentando destacar a mudança na orientação sexual, oito de onze indivíduos (73%) que declaravam ter mudado a orientação sexual de homossexual para heterossexual mantiveram os sonhos, as fantasias e os impulsos com o mesmo sexo.⁴ Friedman e Downey que publicaram a pesquisa no *New England Journal of Medicine*, concluíram: “existe muito pouco evidência de que a substituição permanente das fantasias homossexuais por fantasias heterossexuais seja possível”.⁵

Continuum Emocional e Cognitivo



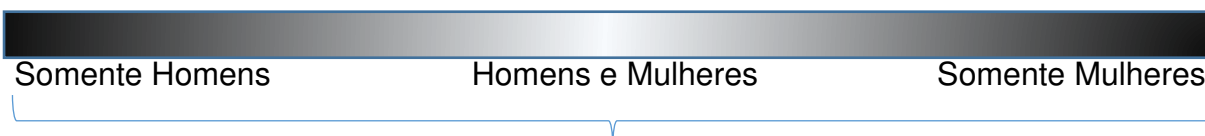
Por quem essa pessoa se sente atraída emocionalmente?

Com quem essa pessoa fantasia?

Preferência Sexual

A quarta parte dos componentes para entender a orientação sexual é a preferência sexual. A preferência sexual se refere ao gênero da pessoa que a outra acha atrativo como parceiro sexual. Apesar dos aspectos biológicos, de gênero de identidade, e aspectos emocionais da preferência sexual ser conhecidos normalmente cedo na vida, como regra geral, os aspectos da preferência sexual na orientação sexual aparecem algumas vezes depois da puberdade. Isso ajuda a entender porque algumas pessoas parecem “tornar-se” homossexuais mais tarde na vida. Preferência Sexual pode ser suprimida por fatores externos tais como expectativas religiosas e sociais. Somente após um esforço concertado para entender sua orientação sexual que algumas pessoas realmente reconhecem sua preferência sexual. Pesquisas indicam que preferência sexual é bastante fluida e maleável, particularmente entre mulheres.⁶

Continuum da Preferência Sexual



Por quem essa pessoa se sente atraída sexualmente?

Usando essa linha contínua, cientistas sociais criaram rótulos para descrever pessoas que ficam na intersecção da linha continua em várias configurações. Por exemplo, uma mulher biologicamente, que se sente como homem (identidade de gênero) é conhecida como uma pessoa transgênero, independentemente de sua identificação emocional ou preferência sexual. Um homem biologicamente, que gosta de fazer compras no shopping e cozinhar, que sente que sua alma gêmea pode ser uma mulher, e prefere intimidade sexual com mulheres é considerado um afeminado heterossexual.

Um homem biologicamente, que gosta de carros velozes (identidade de gênero), experimenta intimidade emocional com homens, e prefere homens como parceiros sexuais é conhecido como homossexual. Uma pessoa que pode ter

intimidade emocional e se satisfaz sexualmente com os dois gêneros é rotulada como bissexual. Rótulos para algumas configurações ainda não existem. Por exemplo, a sociedade não tem um rótulo para mulheres biologicamente, que se sentem homens e se sentem atraídas emocionalmente e sexualmente por mulheres. Embora algumas pessoas possam rotular essa orientação como lésbica, a psicologia a descreve mais como heterossexual do que como homossexual.

Com essa informação, fica claro que a orientação sexual é um assunto extremamente complexo. Orientação sexual não é facilmente ou claramente determinada às vezes. É importante reconhecer a natureza multifacetada da orientação sexual para ter um contexto apropriado para uma informação compreensível sobre as experiências dos gays e lésbicas adventistas.

O Que Não é Orientação Sexual: Comportamento Não Explica a Orientação Sexual

Assim como é importante entender a complexidade da orientação sexual, é também imperativo entender os fatores que não tem conexão com a orientação sexual. Essa seção explora alguns mitos sobre a formação da orientação sexual por meio de estudo de pesquisas que direciona cada comportamento comum.

Orientação Sexual Não é Somente Sobre Comportamento Sexual

Orientação sexual não pode ser entendida se concentrando exclusivamente no comportamento sexual; isso é muito mais complexo. Pesquisas que se direcionam somente para comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo indicam que entre homens que se relacionam sexualmente de forma anônima a maioria se identifica como heterossexual e mais da metade (54% a 58 %) são casados.⁷ Em outro estudo que examina rotulação sexual de homens que fizeram sexo com homens e requereram um teste de HIV, 25% reportaram orientação sexual heterossexual.⁸ Se comportamento sexual determina homossexualidade, esse estudo sugere que o índice de homossexuais é de 25% a 30% da população. Essa possibilidade é altamente improvável. Entretanto, uma explicação mais plausível para esse tipo de comportamento de mesmo gênero é o desejo sexual da pessoa de procurar por variação sexual, não variação de orientação sexual. Esse é um importante ponto para considerar quando se discute mudança na orientação sexual. Embora algumas pessoas possam mudar o comportamento – tais como os não saudáveis encontros sexuais anônimos - mudança na orientação sexual de exclusivamente homossexual para uma orientação heterossexual saudável e funcional é extremamente complexo e continua não documentada em estudos controlados.

Orientação Sexual Não é Uma Escolha

Um mito comum existente é de que a orientação sexual é uma escolha. Comportamento Sexual é uma escolha; entretanto, a configuração da orientação sexual depende de muitos fatores, como foi declarado anteriormente, e alguns desses fatores são designados. Além das diferenças biológicas e de gênero que as pesquisas demonstram (veja citações acima), uma pesquisa original sobre a vida de gays e lésbicas adventistas atesta a falta de escolha na orientação. Uma das descobertas mais claras de minha pesquisa na vida dos gays e lésbicas Adventistas é que de todas as contas, a orientação sexual para eles, nunca foi uma escolha. Todas as pessoas que eu entrevistei me disseram de muitas maneiras que eles tentaram não ser gays ou lésbicas.⁹ Se houvesse uma escolha disponível quando eles descobriam sua orientação sexual, eles teriam escolhido a heterossexualidade. Para algumas pessoas, muitos anos foram gastos procurando por uma técnica, uma conexão com Deus, alguma revelação que pudesse mudar sua orientação – todos em vão. As seguintes citações das pessoas que eu entrevistei ofereceram um vislumbre dentro de suas experiências de autodescoberta e desejo de ser heterossexual.

“Com muito pouca idade, eu comecei a orar ardentemente para que Deus não permitisse que eu fosse gay. Eu não queria ser gay. Quem em seu são juízo escolheria ignorar totalmente o que é considerado uma atração normal, as normas da sociedade? Quem iria querer encarar as consequências de tal decisão de ser ridicularizado, de ser discriminado, de ser chamado de molestatador de crianças, doente, esquisito? De ser alvo de piadas, de viver com medo por sua segurança pessoal, por sua vida. Quem escolhe se colocar em tais horríveis circunstâncias? Bom, eu não. Eu desejaria poder ter uma namorada, ser bom nos esportes, e ser um dos caras”. (Todd)

“Uma coisa que eu sabia desde cedo – eu era gay. Eu lutei contra isso com todas as minhas forças. Eu orei a Deus diariamente e muitas, muitas, muitas vezes implorei a Deus que afastasse esse cálice de mim. Eu não queria ser gay e queria ter uma esposa e família assim como a maioria das pessoas que eu conhecia. Eu experimentei uma quantia considerável de frustração quando Deus não tirou de mim a atração pelo mesmo sexo”. (Gregory)

“Se eu pudesse simplesmente tomar uma pílula para mudar isso, eu faria isso em um segundo”. (Mitch)

Orientação Sexual Não Pode Ser Explicada Por Uma Relação Pobre Com Os Pais

Literatura de pesquisas antigas em famílias nas quais algum dos filhos era gay indicava que a homossexualidade era resultado de uma relação insatisfatória com os pais.¹⁰ Por exemplo, para a psicologia a homossexualidade era culpa de um pai ou uma mãe dominante, uma relação insegura com o pai ou a mãe, ou abuso infantil.

Em contraste, os gays e lésbicas Adventistas que eu entrevistei, de forma geral, reportaram experiências de infância típicas e relações próximas com seus pais. Fica claro por meio de discussões sobre vida familiar com gays e lésbicas adventistas que sua homossexualidade não é causada por relações familiares pobres ou qualquer configuração particular de interação com os pais. Longe disso, a maioria dos gays e lésbicas Adventistas que eu entrevistei descreveu as relações com seus pais como acolhedoras e amorosas.

Uma citação que eu publiquei em outro lugar ilustra isso melhor.¹¹

“Eu vim de uma família muito amorosa e carinhosa. Nós somos muito próximos hoje. Eu ligo para eles todo o tempo e lhes asseguro que eu os amo. Eles fazem o mesmo.” (Donald)

Nem todas as pessoas que eu entrevistei falaram de uma vida familiar perfeita. Elwin disse “Meu pai era um alcoólatra e minha mãe era dependente. Como resultado, eu frequentava todas as reuniões anônimas. Eu nunca tive modelos realmente positivos”.

Crescendo Gay e Adventista

Para gays e lésbicas adventistas, crescer em uma família Adventista aparentemente não foi diferente de crescer em uma família Adventista sendo heterossexual. Famílias Adventistas onde gays e lésbicas foram criados tem valores e tradições similares a aquelas famílias que só tem filhos heterossexuais. Gays e lésbicas adventistas vão à Escola Sabatina e à igreja; frequentaram escolas da igreja, colégios e faculdades adventistas; aderem à dieta vegetariana; evitam álcool e tabaco; e se sentem culpados quando vão ao cinema. Uma ilustração de quão “Adventistas” muitas dessas pessoas são, foi citado em outro trabalho publicado.¹²

“Para responder à pergunta de como eu me tornei adventista, eu tenho que dizer que eu não sei o que mais eu poderia ser. Eu nasci em um hospital Adventista (em um Sábado, nada menos que isso), para pais adventistas que se formaram em escolas Adventistas, enviados para lá por pais Adventistas. Eu fui somente a igrejas Adventistas e meus pais se sociabilizavam quase exclusivamente com adventistas. Meus tios e tias eram adventistas. Alguns eram

médicos missionários, outro tio era professor de Bíblia na faculdade. O pai de minha mãe foi missionário no Japão”. (Marvin)

Os gays e lésbicas adventistas que dividiram as histórias de suas vidas comigo vêm de famílias iguais a qualquer outra família Adventista que cresceu nos Estados Unidos nesse tempo. Suas histórias refletem jornadas semelhantes por meio de experiências comuns da cultura Adventista. Mas suas histórias variam grandemente com o começo da puberdade e o sofrimento de entender suas vidas como uma minoria sexual em um contexto onde tal opção não é permitida.

Se Assumindo Em Um Mundo Adventista

O que acontece no mundo Adventista quando alguém dos seus se declara homossexual? Se assumir envolve o entendimento privado e público e a declaração de ser uma pessoa homossexual. Um dos primeiros obstáculos que gays e lésbicas Adventistas enfrentam é se assumir. Se assumir é um atalho para sair do armário, ou não ocultar mais a orientação homossexual. Quando alguém conta aos amigos e membros da família que ele ou ela é gay ou lésbica, isso é equivalente a se assumir. Essa seção oferece informação sobre as experiências de gays e lésbicas Adventistas de se assumir. Ela analisa se assumir para si mesmo, reações dos pais, e se assumir para amigos e cônjuges. Porque muitas das pessoas com quem eu falei trabalharam para instituições Adventistas, se assumir no trabalho é discutido aqui também.

Se Assumir Para Si Mesmo

O primeiro passo para se assumir para os outros é se assumir para si mesmo, para reconhecer a própria homossexualidade. Se assumir, mesmo para si mesmo, é com frequência um processo difícil e às vezes prolongado para gays e lésbicas adventistas. As seguintes citações de entrevistas revelam a confusão emocional de se assumir para si mesmo

“Quando eu comecei a reconhecer minhas tendências homossexuais, eu era capaz de lidar somente com migalhas e pedaços de cada vez. Meses, talvez anos se passaram enquanto eu ignorava esse assunto novamente”. (Joanne)

*“Eu me assumi para mim mesmo no verão de 1980. Eu tinha vinte anos e era um estudante de verão na universidade vivendo em São Francisco. Eu sabia que era gay e estava apavorado... apavorado de mim mesmo e fragilizado por minhas paixões”.
(George)*

“Aceitar-me foi uma longa e árdua jornada”. (Leon)

Depois de se assumirem para si mesmos, lésbicas e gays adventistas se assumem para outros ou voluntariamente ou por serem descobertos. A informação que segue dá um vislumbre das experiências de gays e lésbicas se assumindo para pais, cônjuges e amigos.

Reação Dos Pais

A reação dos pais varia grandemente quando os pais ouvem que seus filhos são gays ou lésbicas. Alguns pais recebem a notícia com estupefato silêncio, outros com um temeroso interrogatório ou com explosão de fúria, e alguns com uma mistura de confusão e amor. Uma das histórias mais comoventes de se assumir que eu ouvi foi do filho de um pastor Adventista que foi publicada no capítulo de um livro sobre religião e homossexualidade.¹³ Nathan ligou na noite em que ele se assumiu para seus pais: “Meu pai teve dificuldade para aceitar. Em um momento ele foi ao meu quarto e disse, “se sua mãe e eu soubéssemos disso [sua homossexualidade], ela teria feito um aborto”. As palavras de seu pai ainda estavam gravadas na mente de Nathan no momento da entrevista.

Além das palavras cruéis, alguns gays e lésbicas adventistas são forçados a sair de casa quando eles se assumem para seus pais.

“Uma noite eu estava fora tarde da noite e voltei para casa. Meus pais começaram a me questionar. Eles disseram, “Nós dois achamos que você é homossexual, nos diga a verdade, você é?” “Sim”, eu disse. Minha mãe imediatamente começou a chorar, “O que nós fizemos de errado? O que fez com que você fosse assim?” Meu pai, por outro lado, saiu da sala e bateu a porta. Ele voltou cerca de trinta minutos depois e disse, “Eu não vou tolerar mais você em minha casa. “Faça as malas e vá embora.” E foi o que eu fiz. Eu deixei minha casa aos dezoito anos.” (Joel)

Nem todos os gays e lésbicas adventistas são tratados cruelmente por seus pais quando eles se assumem. As seguintes citações ilustram uma reação mais moderada dos pais.

“Eu queria contar a minha mãe, então eu a levei para fazer compras no shopping e depois a um bom restaurante. Eu imaginei que seria a melhor hora para contar a ela. Eu tinha vinte e dois ou vinte e três anos na época. Quando o prato principal estava chegando eu disse, “Eu acho que sou bissexual ou gay”. Ela ficou paralisada. As primeiras palavras que saíram de sua boca foram “Isso dói?” Eu respondi, “Eu não sei, talvez eu descubra e te conte”. Depois ela

perguntou. “Você tem alguma coisa para me contar sobre doenças ou outra coisa? Você tem alguma notícia ruim para me contar?” Ela também disse “Eu te amo.” (Elwin)

Alguns dos pais de lésbicas e gays Adventistas dão suporte a seus filhos quando eles revelam sua homossexualidade. As citações que seguem são de indivíduos que tiveram uma experiência positiva se assumindo para seus pais.

“Uma das primeiras pessoas com quem eu tive “a conversa” foi com a minha madrasta. Ela é muito importante para mim, minha melhor amiga de uma forma materna. Eu tive uma ótima experiência. Ela havia imaginado antes que eu contasse. Ela estava preocupada somente com o fato de eu estar bem e agindo de forma responsável e segura. Ela também está perfeitamente bem com a ideia de que eventualmente eu a visite com meu parceiro – quando eu finalmente arrume um. Foi muito confortante e encorajador ter alguém que eu respeito e amo tanto me dando tanto apoio”. (Robert)

“A princípio, depois de eu me assumir, meus pais não disseram nada, eles se levantaram e me abraçaram e me disseram que me amavam. Minha mãe disse, “Nós não entendemos, mas não existe nada que você possa ser ou fazer que nos faça parar de te amar!” Meu pai me disse basicamente a mesma coisa e que ele estava feliz de que eu tivesse a coragem de contar a eles. Os dois me disseram que não entendiam, mas eu disse a eles que eu mesmo havia demorado um tempo para entender e que talvez nós pudéssemos como família chegar ao entendimento! Nós nos sentamos no sofá por um longo tempo com os braços em volta uns dos outros.” (Charlie)

Cônjuges

Gays e lésbicas adventistas que tem um casamento heterossexual geralmente evitam contar aos cônjuges até que alguma confrontação direta requer que eles se assumam

Finalmente, como a AIDS estava nos noticiários mais e mais, minha esposa me perguntou diretamente se eu havia feito sexo com algum homem. Embora eu vivesse uma mentira por anos, eu certamente não era capaz de mentir na sua cara, então eu lhe disse que havia. Essa foi uma das experiências mais dolorosas da minha vida. “Nós continuamos nosso casamento até que ela decidiu me pedir para que eu me mudasse.” (Adam)

*“Eu me assumi para minha esposa depois que ela encontrou algumas fotos que eu havia baixado da internet. Quando ela me confrontou sobre minha sexualidade, eu decidi contar a ela a verdade”.
(Brandon)*

Em alguns casos, negar seria inútil mesmo se a pessoa quisesse continuar escondendo sua homossexualidade de seu cônjuge. A seguinte citação é de um ex-pastor Adventista que foi preso por solicitar os serviços de um policial disfarçado de garoto de programa.

*“Minha esposa poderia dizer havia alguma coisa errada. Depois que as crianças foram para a cama, eu disse, “Eu fui preso.” Ela chorou e disse “Nós vamos resolver isso.” Minha esposa sabia que eu era gay porque havia tido um resultado de um exame médico e nós dois precisamos de tratamento. Eu disse a ela o que havia acontecido e nós dois achamos que isso era uma fase. Então, em outro momento, ela disse, “Alguma coisa está errada.” Eu disse, “Sim, eu sou gay.”
(Leon)*

Amigos

Algumas vezes amigos próximos de gays e lésbicas adventistas são os que recebem a confiança de guardar o segredo de sua homossexualidade. Meg explicou, “A única pessoa com quem eu discuti minha atração pelo mesmo gênero foi minha melhor amiga. Eu tinha tanto medo de ser descoberta e temia tanto as ramificações se outros descobrissem que eu fiquei muito escondida.” Correndo o risco de perder a amizade, gays e lésbicas adventistas dividem sua orientação homossexual com os amigos frequentemente com medo. Uma pessoa que eu entrevistei se assumiu para seu melhor amigo logo depois dele convidá-lo para ser seu padrinho de casamento. Mitch contou a seu amigo que ele era gay e disse, “Você ainda quer uma bicha para ser seu padrinho?” Seu amigo respondeu, “Mitch, você não é isso; eu quero meu melhor amigo para ser meu padrinho. Eu quero você no meu casamento.”

Além de contar para seus amigos diretamente sobre sua orientação homossexual, as pessoas podem escrever cartas se assumindo para amigos e familiares.

“Além da dificuldade envolvendo o fato de me assumir, eu procedi com o fortalecimento de minha recém descoberta auto aceitação me recusando a continuar fingindo. Eu enviei uma carta me assumindo para todos os meus familiares e amigos próximos.” (Joanne)

A reação dos amigos varia grandemente. Uma pessoa resumiu sua experiência, “A maioria das pessoas para quem eu me assumi me deram apoio, mas a verdade é que alguns foram brutais. Fazem você desejar voltar correndo para dentro do armário e até desejar que houvesse uma porta lá dentro para Narnia... infelizmente, uma vez que você se assumiu para alguém, não tem como voltar atrás. ”
(Robert)

Se Assumindo No Trabalho

Muitas lésbicas e gays Adventistas foram demitidos do trabalho da igreja por causa de sua homossexualidade. Os seguintes extratos de entrevistas ilustram o sofrimento e as dificuldades associados com empregos denominacionais entre homossexuais Adventistas.

“Naquela manhã quando eu fui trabalhar eu recebi uma ligação do vice-presidente financeiro do escritório querendo que eu fosse a sua sala para uma reunião. Quando eu cheguei meu diretor estava lá também. Parecia que “pessoas anônimas” haviam informado duas coisas a eles: Primeiro, que eu havia sido visto no aeroporto local beijando um homem na boca; segundo, que alguém havia visto fotos de mim nu na web. Eu fui suspenso com pagamento por duas semanas. Eu tinha que entregar minhas chaves e senhas. Duas semanas depois, quando a investigação terminou, eu tinha a opção de rescindir o contrato com benefícios a serem negociados ou ser demitido com todas essas coisas na minha ficha”. (Harold)

“A noite fatídica veio em 1990 quando a diretora da escola onde eu ensinava ligou para minha sala. Ela havia ouvido sobre minha “simpatia gay” e não queria ouvir nada mais. Eu poderia declarar publicamente minha heterossexualidade e me casar ou eu poderia sair silenciosamente no final do ano acadêmico. Eu não contei isso a ninguém, e se eu fosse discreto, a diretora prometeu endossar minha partida com uma carta de recomendação. Em 1º de julho de 1991, eu silenciosamente saí”. (George)

Para que seu status de empregado esteja seguro, lésbicas e gays adventistas escolhem o trabalho autônomo ou trabalhar para organizações não eclesiásticas. Eu falei com uma pessoa que trabalhou para uma organização que usava o nome Adventista, embora não fosse um emprego denominacional, e ele relatou uma experiência positiva.

“Eu me assumi para minha chefe e ela disse, “Eu não vejo isso [sua homossexualidade] como um problema”. Depois ela falou com o presidente da companhia e o presidente disse a mesma coisa”. (Brandon)

Embora essa reação represente a exceção e não a regra, é notável que nem todas as organizações adventistas demitam empregados gays e lésbicas exclusivamente baseados em sua orientação sexual. Entretanto, muitos trabalhadores gays e lésbicas permanecem encobertos até que eles encontrem outro trabalho, como é ilustrado pela citação seguinte.

“Eu não podia me assumir. Eu sabia que arriscaria perder meu emprego e meu lugar como membro de igreja. Eu finalmente decidi me demitir e procurar emprego no setor privado. Eu simplesmente me afastei de tudo. Essa foi uma das mais difíceis, embora uma das melhores decisões que eu tomei para mudar minha vida”. (Cindy)

Experiências Em Escolas Adventistas

Estudantes gays e lésbicas em escolas Adventistas experimentam uma grande variedade de interações e reações com professores, administradores, e colegas estudantes em termos de aceitação gay. Algumas das circunstâncias mais difíceis acontecem quando estudantes expõem a orientação sexual de outros estudantes.

“Eu era um estudante do segundo ano na Universidade Adventista. Eu estava confuso com os sentimentos que eu estava experimentando. Eu sabia que alguma coisa estava diferente, mas eu tinha tanto medo porque eu achava que era a única pessoa que experimentava esses sentimentos. Eu me sentia atraído por alguém do dormitório. Uma noite, nós estávamos no telefone e ele disse que queria que nosso relacionamento desse um passo a mais naquela noite. Seus colegas de quarto iriam sair por algumas horas naquela noite e ele queria que eu descesse para seu quarto. Eu estava tão animado. Na minha mente eu estava indo para um primeiro encontro. Eu estava nervoso. Eu descii para seu quarto às vinte horas naquela noite. Eu entrei em seu quarto. Ele tinha arrumado o quarto de um jeito romântico com luzes negras e tudo mais. Nós falamos por algum tempo e então eu coloquei minha mão em sua coxa. Nesse momento ele se levantou e disse, “o que é isso? ” Ele acendeu o restante das luzes e os poucos amigos que eu tinha e seus colegas de quarto pularam do armário ou de baixo da cama. Meu mundo veio abaixo.

Eu estava tão perturbado e naquele momento eu estava pronto para me matar”. (Tom)

Administradores também são conhecidos por descobrir e expulsar estudantes gays.

“Quando eu era um assessor residente no dormitório, eu era empurrado para uma “caça às bruxas” e o administrador queria que eu contasse de meus amigos e confirmasse que eles eram gays. O propósito era afastar os alunos porque eles eram má influência. Com cerca de trinta a quarenta pessoas que eu sabia do campus que estavam em vários estágios de se assumir/ se aceitar, contar de um ou dois não iria mudar a cena. “Eu não cumpro com nenhuma das requisições dele e de alguma forma eu sobrevivi a ele”. (Hector)

Em contraste, alguns membros de faculdades de Instituições Adventistas ajudaram estudantes gays e lésbicas a lidarem com suas lutas. O primeiro relato toma nota da ajuda de um professor Adventista, o segundo administrador de uma universidade Adventista.

Foi uma professora Adventista que me ajudou a aceitar quem eu era. Essa professora veio e passou uma tarde comigo lendo as escrituras e me ajudando a entender o que as escrituras realmente diziam e o que elas não diziam. O ponto de virada para mim foi quando essa pessoa me perguntou, “você pediu a Deus para mudá-lo? Eu disse sim, muitas vezes. Ela disse, “Você acha que Deus é grande e poderoso o suficiente para responder essas orações”? Eu, novamente, respondi afirmativamente. Ela então me disse algumas palavras muito profundas, “Já lhe ocorreu que Deus não quer que você mude, ou Ele teria respondido a sua oração? Talvez você esteja fazendo o pedido errado. Talvez, Deus quer que você seja o melhor homem gay que você pode ser sob a direção de um Deus onipotente”. Essas palavras ficaram comigo e pela primeira vez em minha vida a guerra dentro de mim parou, essa guerra que eu carreguei por anos, décadas agora tinha acabado!!! Que paz eu senti. (Gregory)

“Eu fui vê-lo [o administrador] e disse a ele, “Isso é o que eu sou [lésbica], ” e eu perguntei a ele “O que isso significa espiritualmente? ” Ele tirou livros que explicavam os textos bíblicos com o real significado em hebraico. Eu os peguei. Foi como se o redemoinho de vento dentro de mim parasse e eu era capaz de mesclar minha identidade espiritual e sexual”. (Irene)

Experiências Em Outras Instituições Adventistas Que Dão Apoio

Uma notória experiência triste da Igreja Adventista do Sétimo Dia em abordar a homossexualidade foi o desenvolvimento e suporte de um centro de tratamento residencial chamado “*Quest Learning Center*”. O fundador e diretor do centro Quest era Colin Cook, um membro da igreja Adventista que declarava ser um ex-homossexual. Colin era casado e desenvolveu um programa que ele disse que libertaria indivíduos da homossexualidade. Os parágrafos seguintes oferecem a visão de dois indivíduos e de como eles encontraram o “*Quest Learning Center*”.

“Minha primeira experiência em conseguir ajuda [para mudar minha orientação sexual] foi com o Ministério de Suporte da Igreja Adventista do Sétimo dia na Pensilvânia, dirigido por Colin Cook. Eu fui para lá buscando ajuda e eu confiei na igreja e em sua crença no sistema de que a ideia de “mudança” era boa em termos religiosos e psicológicos. Ao invés disso, o que eu encontrei em sua maioria foi afirmações não comprovadas sendo empurradas por pessoas sem treinamento que perpetraram uma desonestidade intelectual na igreja e no público. Enquanto estava no centro Quest, Cook se aproximou de mim e me pediu que tirasse minhas roupas e pegou em minhas partes íntimas para oferecer orações por isso e por minha habilidade de ter ereção, etc. Durante minha estadia no mundo do “ministério de mudança”, eu não vi ninguém que tenha mudado. Eu vi muitas pessoas fazendo grandes declarações, como vendedores de “remédio para tudo”, mas ninguém passou da homossexualidade para a heterossexualidade. Na longa jornada, fazer as pessoas passar por isso parece fazer os problemas piores do que melhores, e isso para fazer com que os pais ou a igreja se sintam melhor. (Gregory)

“Minha experiência com o ministério de mudança começou quando eu era um estudante missionário. Um dos meus colegas, estudante missionário, recebeu a revista Ministry e a deixou na área comum da missão. Eu a encontrei e fiquei fascinado de ler a história autobiográfica sobre um ministro Adventista que era um ex-homossexual e agora dirigia um centro de tratamento em Reading, Pensilvânia. O artigo deu um forte senso de que a igreja dava forte apoio, era muito aberta ao assunto da mudança e muito afirmativa desses esforços. Eu ganhei um grande senso de paz e coragem. O artigo parecia quase revolucionário para mim. Eu escrevi [ao diretor] e ele escreveu de volta me encorajando, dizendo que eu também poderia experimentar a libertação da homossexualidade e abrir a possibilidade de ter uma família e uma esposa. O diretor sugeriu que eu considerasse passar algum tempo fora, de preferência um ano, e

me trasladasse para o centro de tratamento para lidar com esse assunto e depois prosseguir com o resto da minha vida. Eu comprei as fitas que ele tinha a venda, Homossexualidade e o poder da mudança, uma série de dez fitas. Eu estava diligente em querer começar a fazer o que ele havia sugerido. Eu transcrevi as fitas e eu ia escrever sobre isso em meu diário. Eu fiz isso pelos seis meses seguintes como ele indicou. Eu comecei a acreditar que eu estava vendo o mundo através da fé e de uma visão heterossexual.

Eu voltei para a America do Norte, aluguei um carro, dirigi até a Pensilvânia, e tive meu primeiro encontro com Colin Cook. Foi libertador. Eu me senti pela primeira vez, mais conectado com outro ser humano do que em qualquer outro momento porque eu estava partilhando minha história, sofrimento, e medos, e ele era também franco e aberto sobre sua história. Sua esposa não estava no centro no primeiro fim de semana que eu cheguei, então nós tivemos um ou dois dias sozinhos. Nós conversamos e conversamos, o que era uma experiência extremamente positiva para mim. Eu saí me sentindo feliz e esperançoso. Foi assim que me senti apesar de uma experiência nesse primeiro fim de semana que outros poderiam sentir-se apavorados.

A única forma que eu tenho agora de explicar porque eu permiti isso, porque eu não questioneei isso, ou contei a ninguém sobre isso foi por causa da minha ingenuidade, minha vulnerabilidade e minha necessidade. Naquele fim de semana, à medida que ele se tornou um tipo de substituto, um protetor de mim, eu me tornei vítima de abuso sexual. Sem que nada fosse dito explicitamente, eu entrei no mundo secreto de Colin completamente. Eu sabia naquele fim de semana que Colin não estava sendo verdadeiro no que dizia, com sua mulher ou com o público; eu sabia que ele era um homossexual ativo e isso foi demonstrado comigo. Colin foi capaz de fazer uma manobra me colocando em uma situação na qual eu estava nu, me ensinando a me afirmar fisicamente. O tratamento parecia positivo, excitante, novo, com elementos sigilosos que Colin explicou como necessários. “Nós sabemos o que estamos fazendo, mas outros podem não entender”. Eu peguei tudo, a isca, a linha e o anzol.

Eu era o tipo de pessoa que não buscava aconselhamento de um não adventista. Quando eu cresci, a frase “pessoa peculiar” ficou gravada. Tudo o que aconteceu, eu permiti porque eu acreditei que era benéfico para mim porque era uma coisa Adventista.

Eu me mudei para Pensilvânia pretendendo passar um ano lá, mas eu fiquei só cinco meses, eu sentia um sofrimento, que não passava, sobre quem eu era e o que eu não estava me tornando. Eu também ouvi sobre o que Colin havia feito com outros internos – a barreira de violações entre conselheiro e aconselhado era incrível. Eu

experimentei um tipo de imposição dele sobre mim em diferentes níveis e graus, desde ele querendo um abraço meu e eu realmente não querendo abraçá-lo, até encontros sexuais. Eu fiquei confuso e sai". (John)

Esses indivíduos sofreram fraude nas mãos dessa instituição de suporte Adventista do Sétimo Dia. Não houve e não há cura para a homossexualidade – embora os líderes da igreja queiram acreditar que possa existir. A única “cura” é uma vida de abstinência sexual, o que para a maioria das pessoas é uma disposição para promiscuidade esporádica. A recuperação do desapontamento e do abuso sofridos no centro prova uma longa e difícil jornada para os participantes. A experiência deixou cicatrizes emocionais significativas nas vítimas sobreviventes que eles depois tiveram que deixar.

Sobrevivendo como um gay adventista

O que acontece depois da calma que vem depois do furacão de se assumir e as pessoas perceberem que a orientação sexual deles não vai mudar? Como os indivíduos lidam com as partes gays/lésbicas e Adventistas dentro deles? Eu publiquei múltiplas estratégias específicas de integração de identidade em outro lugar.¹⁵ Essa seção oferece vislumbres que se dirigem à intrincada complexidade de entretecer juntas essas duas identidades aparentemente opostas.

Os três processos primários que acontecem quando uma pessoa deseja reter as duas identidades deve começar com um novo entendimento das escrituras em referência a atividades do mesmo sexo, para encontrar pessoas que deem suporte que tenham integrado suas duas identidades, e se conectar com uma congregação de igreja que ofereça aceitação.

Novo entendimento das escrituras

Para permanecer gay ou lésbica e Adventista, a pessoa precisa reconciliar as doutrinas tradicionais da igreja sobre a homossexualidade com seu conhecimento sobre orientação sexual. Isso normalmente envolve descobrir entendimentos alternativos para os textos bíblicos que discutem atividade sexual de mesmo sexo. Três exemplos que tipificam essas explicações alternativas são oferecidos abaixo.

“Eu comecei uma campanha de oração e estudo realmente sincera, desejando saber somente a verdade com respeito à homossexualidade e as escrituras. Eu estava disposta a aceitar qualquer direção que Deus me levasse. Tendo passado minha vida

inteira no lado da crença de que o comportamento homossexual era pecado, eu estava ainda mais confortável com essa ideia. Eu passei semanas, e meses, em oração e estudo. E durante esse tempo, minha imagem desses poucos textos que são usados para condenar a homossexualidade começou a mudar. Eu tenho um amigo que me levou a MCC [Igreja da Comunidade Metropolitana] e eu comecei a ouvir um estudo, o título era “homossexualidade e a Bíblia”, e isso me fez olhar para os textos bíblicos de forma diferente, especialmente aqueles textos em particular [que se referem a comportamento sexual com mesmo sexo]. Eu percebi que eu podia ser gay e cristã”. (Joanne)

“A aranha podia tecer uma teia enganosa antes do pecado ou o leão era capaz de digerir carne? Provavelmente não, mas nós podemos somente admirar a perspicácia, adaptabilidade e, sim, “beleza” em algumas dessas mudanças. Se nós aceitarmos que a homossexualidade pode ter vindo como resultado do pecado, isso significa que não podemos ver beleza nisso, ou mesmo aceitar que isso exista dentro do quadro do plano de Deus? Se outras mudanças ocorreram depois da queda, as quais nós rapidamente aceitamos, deveria a homossexualidade ser diferente”? (Peter)

“Levítico 18:22 fala sobre o homem não se deitar com outro homem como se fosse uma mulher porque não é natural e é uma abominação. Eu não me deito com um homem como se fosse uma mulher, eu sou gay, eu nunca me deitei com uma mulher – isso seria uma coisa não natural para mim. Esse verso deve ser tomado dentro de um contexto do que é natural para um indivíduo. Também, o termo usado aqui é o mesmo que utilizado como referência para os rituais pagãos de prostituição [homens heterossexuais praticando sexo gay] e as práticas de idolatrias pagãs. Esse verso está no mesmo conjunto das leis cerimoniais que incluem a proibição de vestir roupas tecidas com dois tipos diferentes de tecido, e muitas outras proibições. É sempre interessante como as pessoas esquecem as que eles querem, mas se lembram daquelas que eles acham que eles podem usar”. (Todd)

Organizações de Apoio

Além de entender os textos Bíblicos de forma diferente da interpretação tradicional Adventista, muitos gays e lésbicas Adventistas confiam em grupos de apoio tais como *SDA Kinship Internacional*, *KinNet*, ou *IMRU* para ajudar a integrar as identidades deles. A *SDA Kinship Internacional* é uma organização que começou nos anos 1970 e oferece uma rede de contatos e suporte para lésbicas, gays, bissexuais, e transgêneros adventistas. *KinNet* é um grupo da internet iniciado por membros do Kinship que facilitam o diálogo entre gays,

lésbicas, transgêneros, e pessoas bissexuais que tem ou tiveram ligação com o Adventismo. *IMRU* é uma lista de atuais ou ex-adventistas gays e lésbicas que tem menos trinta anos e tem necessidade de suporte, conexão e amizade. As seguintes citações ilustram a importância do *Kinship* e do *KinNet* nas vidas de lésbicas e gays adventistas.

“Agora o Kinship se tornou minha família Adventista. Desde que me juntei a eles eu me senti confortável como uma pessoa gay”. (Stan)

“Logo depois que nós tivemos nosso computador e nos conectamos a internet, eu comecei a navegar e encontrei o KinNet. Eu não podia acreditar nisso! Eu gritei para minha parceira, “Oh, meu Deus! Existem gays Adventistas”. Eu entrei em contato com eles imediatamente e eles tem sido como uma família para mim”. (Tammy)

Respostas das Igrejas Locais

A terceira área importante para integralização da identidade é a aceitação da igreja local de lésbicas e gays, membros da igreja, depois que eles se assumem. Existe muita variação entre gays e lésbicas adventistas em como suas igrejas e pastores lidam com a homossexualidade. Alguns membros de igreja mostram amor e suporte, embora outros se tornem hostis e rejeitadores. Algumas igrejas retiram o nome da pessoa da lista de membros da igreja, enquanto outras dão boas-vindas aos seus gays e lésbicas. A seguinte citação ilustra uma experiência individual em tentar se transferir de igreja depois de se assumir como lésbica.

“Quando eu solicitei minha transferência de igreja para aqui, a comissão da igreja no outro estado votou não para a transferência. Ao invés disso, eles decidiram que eu não era mais “uma pessoa em estado bom e regular”, e meu nome foi removido do livro da igreja”. (Nan)

Em contraste, quando um pastor casado confessou sua orientação sexual como homem gay, os membros de sua igreja lhe deram suporte. Sua história é relatada a seguir.

“A Maioria dos membros deixaram claro que não fazia a mais absoluta diferença para eles quem/o que eu era, e que eles imaginavam que essa era uma questão extremamente difícil para nossa família. Eu tive muitos convites para jantar na casa dos membros de igreja – eu tive que agendar refeições no dia de ações de graças, e acabei indo a três delas! Um bom número de pessoas me disse que se eu precisasse de um lugar para ficar, eu era sempre

bem-vindo na casa deles, e que eu deveria mantê-los informados de como eu estava indo”. (Peter)

Além de receber suporte dos membros de igreja, alguns gays e lésbicas Adventistas encontram em seus pastores encorajamento e boas-vindas. Quando gays e lésbicas são aceitos por seus pastores, eles frequentemente sentem gratidão e respondem por meio de participação e frequência. A citação abaixo revela a decisão de Carol de permanecer ligada à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

“Meu envolvimento com a igreja tem sido menor do que a média nos últimos seis anos. Não é que eu não acredite – eu acredito – mas eu estava limitada pela forma como a igreja poderia me perceber. Mas ultimamente eu encontrei refúgio em minha igreja. Quando eu vou aos encontros de oração, minha parceira vai comigo. O pastor disse que se a confraternização com os gays na sua igreja crescesse, ele estaria mais do que feliz. As pessoas em sua igreja são calorosas e aceitadoras, ou pelo menos não são más. Então, eu comecei a voltar mais a igreja e tento ensinar mais minha parceira, que não é mais Adventista”. (Carol)

A experiência de muitos gays e lésbicas adventistas se situa entre os opostos polares da rejeição completa ao Apoio amoroso. Embora eu arrisque imagens estereotipadas, minha observação é de que os gays e lésbicas Adventistas que eu conheço são extremamente talentosos e usam seus talentos livremente na igreja, quando é permitido. Uma forma que a igreja tem respondido aos gays e lésbicas membros de igreja é excluí-los dos serviços e atividades da igreja. A ignorância abunda, e alguns membros da igreja Adventista ainda temem que membros gays possam guiar alguém ao “extravio” ou tornar as crianças vulneráveis. Eu me dirijo a esses mitos em recomendações no final desse capítulo. A citação abaixo é um exemplo da experiência de gays e lésbicas Adventistas que foram excluídos das atividades da igreja.

“A igreja que eu frequento é pequena, com cerca de 40 membros. É a igreja de minha infância. Muitos membros sabem que sou gay. Os membros da igreja ficaram surpresos, para dizer o mínimo, quando eu me assumi para eles. Eu tenho sido bem silencioso sobre o assunto já que eu percebi que minha orientação não mudaria. Alguns membros sabem que eu estou em um relacionamento – a maioria me entende, se não me apoia, mas na última sexta meu pastor veio me visitar. Nós conversamos muitas vezes sobre ser gay e todos os assuntos relacionados a isso. Essa visita, eu presumi, que não sairia do usual. Alguém da igreja se aproximou dele na semana passada e perguntou se ele sabia que eu era um “homossexual praticante”. Até aquele momento ele nunca havia perguntado e eu escolhi não contar

voluntariamente [que eu tinha um parceiro]. Então ele me perguntou. Eu não neguei. O resultado é que eu não posso mais ensinar na escolinha sabatina das crianças ou falar durante o culto. Os próximos meses vão ser estranhos, estressantes, embaraçosos, dolorosos e imprevisíveis. Sinto-me traído e minha experiência negada”. (John)

Conclusões e Recomendações

Orientação sexual é um fenômeno multifacetado que é complexo e não pode ser explicado simplificarmente. A ciência parece oferecer mais perguntas do que respostas concretas como a etiologia da orientação sexual ou sua estabilidade. É importante para os acadêmicos Adventistas das ciências sociais e biológicas se educarem e informarem sobre os aspectos científicos da orientação sexual. Pesquisas contínuas entre gays e lésbicas adventistas são especialmente necessárias.

Gays e lésbicas adventistas são confrontados com uma situação quase impossível à medida que eles se esforçam para entender a eles mesmos como homossexuais e adventistas. Desde o nascimento, adventistas são ensinados que a Bíblia contém as respostas sobre o que é certo e o que é errado, e são ensinados que o comportamento homossexual é pecaminoso. O enigma é que lésbicas e gays Adventistas tem desejos e fantasias homossexuais e nenhum montante de orações ou de força parecem mudar esse fato.

A dor de crescer em um sistema que rejeita gays e lésbicas é claro e parte do coração. É dever dos pais, amigos, professores e de todo Adventista que entra em contato com gays e lésbicas adventistas apoiar seus esforços para entender a eles mesmos e viver suas vidas da melhor forma possível. Eu ofereço as seguintes recomendações para lidar com gays e lésbicas adventistas e lidar com os fatos da homossexualidade na igreja Adventista.

1. Conheça pessoas gays e lésbicas – tanto adventistas como não adventistas. Que as escrituras mandem, “Ame o seu vizinho como a você mesmo”, é razão suficiente para fazê-lo. Se você não conhece seu vizinho, como você pode amá-lo? É importante se familiarizar e incluir homossexuais no seu círculo de amigos. Determine-se a chegar a tal ponto em sua vida que você saia do seu caminho para ministrar (mostrar amizade e companheirismo) para com alguém que é gay ou lésbica.

2. Esteja consciente dos recursos para gays e lésbicas adventistas e suas famílias. *DAS Kinship International* é um excelente recurso para gays e lésbicas adventistas para que eles encontrem suporte e entendimento. Sua web site é [www.sdakinship.org]. Outro recurso importante para familiares e amigos de gays e lésbicas Adventistas é “*someone to talk to*”, *someone to talk to* é uma web site criada por Carrol Grady que procura especificamente ajudar amigos e familiares de pessoas gays e lésbicas Adventistas. O endereço web é: [www.someoneto-talk-to.net].

3. Aprenda sobre orientação sexual. Seja capaz de distinguir entre fatos e mitos concernentes a formação da orientação sexual. Por exemplo, não existe informação baseada em pesquisa indicando que a orientação sexual seja uma escolha.

4. **Nunca** sugira a um gay ou uma lésbica para entrar em um programa de mudança de orientação sexual tais como Exodus ou terapia de mudança. Não existe evidência científica de que tais programas funcionem e muita evidencia de que eles causam grande mal emocional aos participantes. Ministérios de mudança criam esperanças que estão mal formuladas e são altamente inapropriadas para a maioria dos Adventistas do sétimo dia gays, lésbicas e bissexuais. Além disso, ministérios de mudança podem expor os participantes a possíveis abusos sexuais por parte dos líderes e/ou outros participantes. Dados os prováveis resultados, indicar esse tipo de programa é antiético e imoral.

5. **Nunca** sugira que um casamento heterossexual pode curar a homossexualidade. Não pode. A seguinte citação se refere ao erro de concepção de que o casamento “cura” a homossexualidade.

“Mesmo se eu descobrisse que devia ser celibatário, isso seria melhor do que viver dessa maneira [casado]. A posição da igreja é de que mesmo que você seja gay, você pode encontrar libertação com uma mulher heterossexual e isso é terrivelmente errado. Isso não me ajudou e ela merece mais do que isso. Eu não posso apreciá-la pela pessoa sexual que ela é”. (Mitch)

6. Reconheça e bloqueie qualquer comunicação que você ouça que represente difamações sobre indivíduos gays e lésbicas. Nunca é apropriado tolerar caracterizações negativas dos filhos de Deus.

7. Não tenha medo de expor seus filhos a pessoas gays e lésbicas. Um mito comum é de que homens gays em particular, são agressores sexuais. A verdade é que 90% de todas as agressões sexuais acontecem nas mãos de homens heterossexuais. Um segundo mito relatado é de que a homossexualidade é contagiosa de alguma forma, de que gays e lésbicas tem o poder de “recrutar” jovens heterossexuais para “o outro lado”. Por causa das raízes biológicas da orientação sexual, não existe perigo em que crianças sejam expostas a homossexuais. Isso não pode ser “pego”; também não pode ser “ensinado”.

Questões para discussão em grupo

1. Quais são os componentes primários da orientação sexual?
2. Quais questões específicas não explicam a orientação sexual?
3. O que você pensa de programas que propõe curar a homossexualidade?
4. Como gays e lésbicas adventistas são capazes de sobreviver?

5. Quais são algumas recomendações para adventistas lidando com questões gays e lésbicas?

Notas e Referências

1. LEVAY, Simon. A difference in hypothalamic structure between heterosexual and homosexual men. **Science**, v. 253, n. 5023, p. 1034-1037, 1991.

ALLEN, Laura S.; GORSKI, Roger A. Sexual orientation and the size of the anterior commissure in the human brain. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 89, n. 15, p. 7199-7202, 1992.

SWAAB, Dick F. et al. Sexual differentiation of the human hypothalamus: Differences according to sex, sexual orientation, and transsexuality. **Sexual orientation: Toward biological understanding**, p. 129-150, 1997.

SWAAB, Dick F. et al. Sex differences in the hypothalamus in the different stages of human life. **Neurobiology of aging**, v. 24, p. S1-S16, 2003.

2. BAILEY, J. Michael; ZUCKER, Kenneth J. Childhood sex-typed behavior and sexual orientation: A conceptual analysis and quantitative review. **Developmental psychology**, v. 31, n. 1, p. 43, 1995.

3. BEM, Daryl J. Exotic becomes erotic: A developmental theory of sexual orientation. **Psychological review**, v. 103, n. 2, p. 320, 1996.

4. PATTISON, E. Mansell; PATTISON, Myrna L. " Ex-Gays": Religiously mediated change in homosexuals. **The American journal of psychiatry**, 1980.

5. FRIEDMAN, Richard.; DOWNEY, Jennifer. Homosexuality. **New England Journal of Medicine**. V. 331. N. 14. 1994.

6. DIAMOND, Lisa M.; SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. Explaining Diversity in the Development of Same-Sex Sexuality Among Young Women. **Journal of Social Issues**, v. 56, n. 2, p. 297-313, 2000

KITZINGER, Celia; WILKINSON, Sue. Transitions from heterosexuality to lesbianism: The discursive production of lesbian identities. **Developmental Psychology**, v. 31, n. 1, p. 95, 1995

KEYS, David Patrick. Instrumental sexual scripting: An examination of gender-role fluidity in the correctional institution. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, v. 18, n. 3, p. 258-278, 2002

BAUMEISTER, Roy F. Gender differences in erotic plasticity: The female sex drive as socially flexible and responsive. **Psychological bulletin**, v. 126, n. 3, p. 347, 2000.

7. HUMPHREYS, Laud. **Tearoom Trade: Imprsonal Sex in Public Places**. New York: Aldine. 258p. 1970.

DESROCHES, Frederick J. Tearoom trade: A research update. **Qualitative Sociology**, v. 13, n. 1, p. 39-61, 1990.

8. DOLL, Lynda S. et al. Homosexually and nonhomosexually identified men who have sex with men: A behavioral comparison. **Journal of Sex Research**, v. 29, n. 1, p. 1-14, 1992.

9. DRUMM, In Rene D. Gay and Lesbian Seventh-day Adventists: Strategies and Outcomes of Resisting Homosexuality. **Social Work and Christianity: Journal of the National Association of Christians in Social Work**, v. 28, p. 124-40. 2001.
10. PATTISON, E. Mansell; PATTISON, Myrna L. " Ex-Gays": Religiously mediated change in homosexuals. **The American journal of psychiatry**, 1980. BIEBER, Irving et al. **Homosexuality: A psychoanalytic study**. 1962.
11. DRUMM, In Rene D. Gay and Lesbian Seventh-day Adventists: Strategies and Outcomes of Resisting Homosexuality. **Social Work and Christianity: Journal of the National Association of Christians in Social Work**, v. 28, p. 124-40.
- Idem. No longer an oxymoron: Integrating gay and lesbian Seventh-Day Adventist identities. **Gay religion**, p. 47-66, 2005.
12. idem referência 11.
13. DRUMM, Rene. No longer an oxymoron: Integrating gay and lesbian Seventh-Day Adventist identities. **Gay religion**, p. 47-66, 2005.
14. idem referência 13.
15. GREENFELD, Lawrence A. **Sex offenses and offenders: An analysis of data on rape and sexual assault**. US Department of Justice, Office of Justice Programs, 1997.

Parte 3 – Capítulo 2

A Igreja Receptiva e Afetuosa? A Igreja Adventista do Sétimo Dia e Seus Membros Homossexuais.

Por Ronald Lawson

Em 1983, Charles Bradford, o Presidente da Igreja Adventista do Sétimo-Dia na América do Norte, inventou um novo slogan, que foi amplamente disseminado, os Adventistas se auto intitularam “*The caring church*”¹ [A igreja afetuosa / cuidadora]. Uns vinte anos depois, o novamente eleito presidente da Igreja Adventista mundial, Jan Paulsen, pregando no último sábado da Conferência Geral da Igreja Adventista em 2005, estabeleceu sua visão de uma “igreja receptiva”. Ao longo de seu sermão, Paulsen frequentemente se referia à necessidade de abrir as portas da igreja. Ele “encorajou a ampla diversidade da igreja a dar as boas-vindas a todos na igreja, não deixá-los de fora por causa de suas diferenças”. “Deus deixou a nossa frente uma porta aberta”, ele disse, “não é nosso privilégio fechar essa porta e deixar outros de fora... eu tenho uma palavra de advertência para qualquer um que esteja procurando pelo joio dentro da igreja: Só Deus pode classificar as pessoas. Deus ama a todas as pessoas do mundo... Eu quero que a família Adventista seja conhecida ao redor do mundo como a igreja compassiva”.²

Este capítulo testa a verdade dos dois slogans e visões, explorando a evolução das relações entre a igreja Adventista e seus membros homossexuais. Ele pergunta sobre a extensão da receptividade e da gentileza da igreja com um grupo de membros que são estigmatizados pela sociedade.

As descobertas reportadas aqui são aproveitadas de parte da minha pesquisa de um estudo massivo sobre o Adventismo internacional, que vai aparecer em um livro intitulado *Apocalypse Postponed* [Apocalipse Adiado]. A pesquisa usa quatro métodos de pesquisa: pesquisa histórica, entrevistas de profundidade, análise, e observação participativa.³ O último inclui os 18 anos em que eu, como ligação entre a igreja e o Seventh-day Adventist Kinship Internacional, Inc. tinha o papel de tentar me comunicar com líderes de igreja, instituições, e membros em nome dos gays e lésbicas adventistas.

Contexto Religioso e Civil

A condenação da homossexualidade por igrejas cristãs tem fomentado largamente a discriminação contra homossexuais em muitos países. Isso se reflete também na lei, onde penas criminais eram frequentemente duras, se

estendendo a punições capitais em alguns lugares; e se reflete também na opinião pública, onde isso é invocado para justificar ridicularizações, violência física, expulsão de casa, e perda de emprego. Entretanto, o crescente respeito à justiça e aos direitos civis nos Estados Unidos durante os anos 1960, começando com a discriminação contra negros e mulheres, foi estendido a homossexuais. A nova corrente impulsionou a emergência dos movimentos de liberação gay em 1969. Isso rapidamente ganhou o suporte de organizações chave tais como a Associação Americana de Bares, a Associação Americana de Psiquiatria, e a Associação Americana de Psicologia. A Associação Americana de Bares fez um chamado em favor da descriminalização do comportamento homossexual consensual entre adultos em 1973, e a Associação Americana de Psiquiatria votou em remover a homossexualidade da sua lista oficial de desordens mentais no mesmo ano. As igrejas protestantes mais liberais também responderam: A *Igreja Unida de Cristo* e a *Igreja Universalista Unitária* votaram em ordenar pastores gays e lésbicas assumidos, e outras igrejas moderadas começaram a debater esse assunto; Algumas congregações declararam que elas aceitariam membros gays.

Grupos religiosos conservadores, entretanto, rapidamente montaram um contra-ataque: em seu continuo zelo em fazer retroceder o progresso por meio de leis e atitudes liberais, eles montaram muitas cruzadas políticas que jogaram profundas reservas de ódio e preconceito dentro da sociedade. Por exemplo, quando, em 1977, Anita Bryant teve sucesso liderando a campanha para reverter o decreto dos direitos civis que ajudava a proteger homossexuais em Dade County, Florida, contra a discriminação trabalhista e domiciliar, sua campanha espalhou adesivos que incitavam a “matar um gay por Cristo”.

Nas décadas seguintes a Suprema Corte dos Estados Unidos tem declarado como inconstitucionais as leis estaduais de sodomia, muitas cidades e estados têm escolhido reconhecer e proteger relações de mesmo sexo, e a suprema corte de Massachusetts reconheceu o casamento de pessoas do mesmo sexo. A igreja Episcopal tem ordenado sacerdotes assumidamente gays e lésbicas e consagrou seu primeiro bispo assumidamente gay. Enquanto isso, o direito religioso conservador, integrado por fundamentalistas, mórmons, e muitos católicos e evangélicos, tem espalhado calúnias contra pessoas com AIDS, tem ganhado influência política, e está procurando votos estaduais e uma emenda à constituição que defina o casamento como sendo limitado a casais heterossexuais.

Onde a Igreja Adventista se encaixa nesse panorama evolutivo?

Surgimento de Questões Gays

A Igreja Adventista do Sétimo Dia ignorou o assunto da homossexualidade até o começo dos anos 1970. A profetiza Adventista, Ellen White, nunca se referiu ao assunto diretamente em seu vasto trabalho publicado ou em suas correspondências.⁴ A igreja nunca viu razão para encomendar um estudo sobre

o assunto. O comentário Bíblico Adventista do Sétimo-dia, publicado durante o meio dos anos 1950, meramente repetiu as interpretações tradicionais das passagens que foram usadas por cristãos conservadores para condenar a homossexualidade; outras publicações da igreja raramente mencionam o tópico.

Líderes de igreja geralmente presumiam que não havia homossexuais entre seus membros; as categorias, adventista e homossexual eram tidas como mutuamente excludentes. Essa suposição estava errada. Entretanto a maioria dos membros homossexuais era profundamente reprimida, vivendo vidas solitárias.

O desconforto deles levou muitos a deixar a igreja, e aqueles que eram descobertos com frequência enfrentavam rejeição de seus familiares e da igreja, eram expulsos da escola da igreja se fossem estudantes, perdiam seus empregos se eles fossem empregados da igreja, e eram expostos a culpa, vergonha e humilhação. Por exemplo, Vernon Hendershot, que era presidente do Seminário Adventista quando ele era localizado no prédio da Conferência Geral em Washington, D.C., desapareceu de repente depois de ser preso durante uma batida policial em um local de encontro gay em 1952.⁵ Tais experiências foram repetidas por toda a Igreja Adventista Global. Um estudante do colégio Avondale na Austrália em 1970, que confessou ser homossexual entre seus exames finais e sua formatura, não recebeu permissão para se formar e nunca recebeu seu diploma.⁶ Entidades da Igreja estavam preocupadas primariamente em proteger sua pureza e sua reputação ao invés de dar suporte a tais membros. Embora a maioria dos “pecados” cometidos por empregados da igreja pudesse ser perdoada, isso não era verdade para pecados sexuais. Desses pecados, a homossexualidade era considerada o pior deles. Em 1983, quando Grady Smoot, o presidente da Universidade Andrews, o atual local do Seminário Adventista, foi preso sob a acusação de ter tentado contratar os serviços de um oficial disfarçado, me disseram que muitos líderes de igreja desanimados exclamaram, “se pelo menos fosse uma mulher!”⁷ Embora o número de membros de igreja que tenham sua homossexualidade descoberta dessa maneira seja relativamente pequeno, a proporção de membros gays e lésbicas que cresceram na igreja foi sem dúvida dentro da média, e muitos outros se juntaram depois de adultos.⁸

Muitos pastores Adventistas, evangelistas, e publicações se prenderam ao surgimento do movimento de libertação gay em 1969 como um sinal de fim do mundo e do retorno iminente de Cristo.⁹ O fluxo de comentários semelhantes – em artigos, panfletos, pronunciamentos públicos, e dois livros que falam sobre sexo – continuaram por todos os anos 1970, intensificando-se especialmente depois da metade da década. Alguns ativistas gays condenados que pediam aceitação ao invés de querer mudar seu comportamento, e o Concílio anual da Conferência Geral alteraram as regras para o divórcio, votando que o comportamento homossexual pelo cônjuge era uma causa bíblica para o divórcio.¹⁰ Em uma antologia dos escritos de Ellen White com relação à saúde mental, publicada em 1977, os editores inseriram um capítulo que identifica a homossexualidade como o pecado específico de Sodoma.¹¹

Embora a maioria dos artigos e pronunciamentos incite a que aqueles com ímpetos antinaturais procurem libertação por meio de Deus, os dois livros sobre sexo reconheciam que a mudança na orientação sexual é improvável e declaravam que a força divina estaria disponível para resistir à tentação.¹² A maioria dessas publicações presumia que o assunto a que eles se dirigiam era exterior à igreja; entretanto, eles enviaram cartas para editores que sugeriam a presença de muitos homossexuais entre os membros.

Em 1977 alguns gays Adventistas do sul da Califórnia, encorajados pelo movimento gay a procurar suporte mutuo, formaram uma organização que eles ambiciosamente chamaram de *Seventh-day Adventist Kinship Internacional*. Seguindo redes e colocando anúncios em publicações gays e lésbicas, o Kinship começou a se expandir em toda a América do Norte e a alcançar outros mares.

À medida que o tempo passou, começou a se criar uma pressão sobre os líderes da igreja para responder de alguma forma às necessidades dos gays Adventistas. Uma série de artigos publicada no periódico jovem da igreja, *Insight*, em 1976 proclamava que a vitória sobre a homossexualidade por meio da fé era possível.¹³ O autor dos artigos era Colin Cook, o ex-pastor que, depois de ter sido demitido do ministério em Nova York depois da descoberta de seu comportamento homossexual, havia procurado cura espiritual de sua não desejada conduta e finalmente havia se casado.

Quando esses artigos arrancaram uma avalanche de cartas de pessoas que desejavam ajuda, Cook começou a aconselhar aqueles que tivessem condições, a ir a Reading, Pensilvânia. Em 1978, ele preparou dez horas de fitas, que eram amplamente distribuídas sob o título de *Homossexualidade e o Poder para Mudar*. Em outra contribuição para *Insight* em 1980, ele fez uma estimativa de que havia entre dez e vinte mil homossexuais na Igreja Adventista só nos Estados Unidos, e repreendia a igreja por falhar em promover ministérios para ajudar esses membros.¹⁴

Em 1979, James Londis, pastor da igreja de Sligo no subúrbio de Washington, D.C., falou a grupos de clérigos no sul da Califórnia e nos arredores de Washington, D.C., sobre a difícil situação dos gays Adventistas. Sua sensibilidade para com o assunto foi criada pelo trauma experimentado por um irmão gay. Estimando que devesse haver dezenas de milhares de gays Adventistas na América do Norte, ele questionou as duas soluções usualmente oferecidas aos homossexuais na igreja quando ele sugeriu que não era possível para a maioria das pessoas viver uma vida de abstinência sexual e declarou que ele duvidava que a cura fosse possível para todos. Revisando o estudo bíblico moderno, que disputa as interpretações tradicionais sobre as principais passagens bíblicas, ele encorajou os estudantes a estudar o assunto completamente e que a igreja se preparasse para ministrar aos seus filhos gays.¹⁵

O Primeiro Acampamento do Kinship

Os líderes da igreja foram forçados a enfrentar a questão dos gays Adventistas no começo dos anos 1980, quando o Kinship convidou três professores do seminário e dois pastores a participar em seu primeiro encontro nacional. Procurando por nutrição espiritual e ajuda para responder a suas mais agonizantes perguntas, os líderes do Kinship recorreram a figuras proeminentes. Entretanto, quando três deles responderam positivamente percebendo que eles eram todos do Seminário Teológico da Universidade Adventista Andrews, eles concluíram que não poderiam ir sem primeiro pedir permissão. Neal Wilson, presidente da Conferência Geral da Igreja, respondeu favoravelmente, talvez porque dois membros de sua família eram gays. Quando ele encontrou oposição ao requerimento por parte do Conselho Consultivo da Presidência da Conferência Geral (PREXAD), ele evitou tomar um voto e levar a responsabilidade da decisão.¹⁶

Durante as negociações finais, Duncan Eva, que representava Wilson disse, “você vieram a nós, é responsabilidade da igreja ir até vocês”. Entretanto, ele insistiu em duas condições: o Kinship não poderia usar a participação dos clérigos como oportunidade para declarar na imprensa que a Conferência Geral havia aceitado a homossexualidade; e Colin Cook, cujas declarações de ser capaz de ajudar homossexuais a mudarem sua orientação sexual atraíam atenção favorável entre os líderes da igreja, deveria ser adicionado aos cinco convidados.¹⁷

A experiência mais emocionante do encontro foi contar e ouvir as narrativas pessoais, que foram apelidadas de “as histórias de horror”. Uma pessoa após a outra contou do isolamento que cada um sentiu porque quase todas as pessoas estavam convencidas de que ele ou ela era a única pessoa gay Adventista no mundo; de anos de lutas inúteis e orações por um milagre que os tornaria heterossexuais, sem resposta; de devastadora culpa e auto rejeição; de consequente dificuldade em estabelecer relacionamentos; de padrões promíscuos e mais culpa; de rejeição por seus familiares e alienação de suas congregações. Já que haviam dito a eles que era impossível ser cristão e gay, mas eles haviam se descoberto gays, eles haviam se desesperado porque eles presumiam que eles estavam eternamente perdidos. Alguns contaram como a depressão profunda os havia levado a tentativas de suicídio. Quase ninguém havia encontrado alguém na igreja a quem pudesse pedir ajuda; aqueles que pediram aconselhamento encontraram respostas superficiais como, “É só uma fase. Case-se e tudo vai ficar bem”. Mas as histórias daqueles que haviam se casado eram especialmente pungentes, com culpa e derrota dentro de seus relacionamentos conjugais e tristeza pelo afastamento final de seus filhos.

Pediram aos professores do seminário para ajudar a resolver a questão de se era possível ou não para gays e lésbicas serem cristãos, então eles pesquisaram o que a Bíblia tinha a dizer sobre o assunto desde um ponto de vista Adventista, pela primeira vez. Eles concluíram, como resultado de seu estudo durante o acampamento, que a Bíblia não falava sobre pessoas com orientação

homossexual e que as poucas coisas que falava sobre o assunto eram dirigidas a heterossexuais. Eles argumentaram que homossexuais, como heterossexuais, eram chamados à fidelidade dentro de um relacionamento de compromisso e à castidade fora de tal relacionamento. A prescrição Bíblica era também a mesma para homossexuais e heterossexuais: exploração sexual, promiscuidade, estupro e prostituição idólatra. Wilson provavelmente não antecipou uma resposta tão aceitadora. Os clérigos estavam profundamente comovidos pelas histórias que haviam ouvido no acampamento, sobre o trauma de crescer como um gay Adventista.¹⁸

Os professores também elaboraram recomendações para levar aos líderes da igreja, a maioria das quais, o PREDAX inicialmente aceitou. Entretanto, elas logo submergiram atrás de uma série de “enfurecimentos” não vinculados a controvérsias teológicas ou fiscais, que aumentaram a sensibilidade dos líderes às críticas de membros conservadores.¹⁹ Consequentemente, os líderes da igreja se desanimaram frente a uma campanha, orquestrada por uma publicação independente de direita, interrogando se a participação de clérigos da Conferência Geral em “Acampamento homossexual” indicava que a denominação havia “aceitado a homossexualidade”. O comitê da Divisão Norte Americana (NAD) então votou que a igreja não poderia aceitar práticas homossexuais, que não negociaria com grupos organizados que se auto denominassem gays e lésbicas Adventistas, ou mesmo manteria “relações diplomáticas” com eles, já que membros da igreja poderiam interpretar isso como “reconhecimento ou endosso de uma filosofia e estilo de vida depravada”. De fato, votaram procurar aconselhamento legal “para saber qual ação apropriada poderia ser tomada para prevenir que tais grupos usassem o nome da igreja”.²⁰

A Conferência Geral atuou em somente uma advertência aos clérigos do Acampamento: que uma lista dos conselheiros simpatizantes havia sido feita. Uma carta procurando sugestões para tal lista revelou as pressões conflitantes que os líderes da igreja sentiam e em qual direção eles se inclinavam. Ela mencionava o desejo de reorientação para homossexuais, reclamava de gays que sustentavam a ideia de que reorientação era impossível, e pedia que os líderes da igreja que trabalhavam em um “plano de cura” fossem tratados discretamente porque membros com uma “disposição para a crítica” não favoreceriam essa preocupação e os líderes de igreja desejavam evitar dar a impressão aos membros de que enfrentavam “alguma nova grande ameaça” ou que a “corrupção” existia “de forma alarmante na igreja”.²¹

Distanciamento

A série de cartas que o Kinship mandou para administradores de colégios, professores, estudantes, e pastores causaram indisposição entre muitos Adventistas. A Revista Adventista explicou que o Kinship não era associado à igreja no editorial intitulado “A igreja e o homossexual”. Embora o editorial reiterasse as frases usuais de que a prática homossexual é imoral e que o

celibato é a única alternativa ao casamento moralmente aceita, e de que membros errantes “deveriam procurar o poder divino para superar o problema”, também reconhecia que os testemunhos “sobre o ostracismo que os homossexuais encontravam na Igreja Adventista e a quase total falta de pessoas – ministros e membros – que fossem capazes de tratar os homossexuais com compaixão... [indicavam] que a igreja havia falhado em sua missão”.²²

Líderes de igreja, sentindo a necessidade de tomar uma decisão sobre o tema da homossexualidade, solicitaram documentos de estudo ao Instituto de Pesquisa Bíblica (BRI). David Larson, um professor de ética da Universidade de Loma Linda, cuja consciência havia sido despertada pela sombria experiência de seu irmão gay, escreveu o primeiro. Nele, ele impulsionava a igreja a nutrir os relacionamentos gays como a melhor opção disponível; entretanto, essa sugestão gerou considerável hostilidade e o documento caiu no esquecimento.²³ A BRI então encomendou um segundo documento, dessa vez de Ronald Springett, um professor de Novo Testamento do Colégio Adventista Southern. Sabendo disso, eu telefonei para ele o convidando a participar do Kampmeeting do Kinship em 1984, assim ele poderia ter a oportunidade de descobrir sobre os problemas que os homossexuais Adventistas enfrentam, em primeira mão. Ele inicialmente ficou ansioso em aceitar a oferta, mas depois refletindo concluiu que isso iria comprometer o seu trabalho já que dois de seus colegas haviam recentemente sido demitidos por razões teológicas. Ele explicou mais adiante que a posição a qual um professor de Bíblia chegaria ao encarar a homossexualidade face-a-face era provável que dependesse de sua vista geral das escrituras, e que se ele mostrasse sua visão a esse respeito ele realmente seria demitido. Conseqüentemente, ele seria forçado a adotar uma visão conservadora das escrituras em seu documento, e conseqüentemente sobre a homossexualidade. Quando ele apresentou um projeto de seu documento para a BRI em 1985, foi recebido como uma importante contribuição e depois publicado como um livro.²⁴

Os administradores da igreja também decidiram adicionar uma declaração sobre a homossexualidade no manual da igreja. A nova declaração, que foi votada na Conferência Geral de 1985, rotulou pela primeira vez essas “práticas” como inaceitáveis e como base para disciplina.

Em um último esforço para distanciar a igreja do Kinship, os líderes da igreja exigiram depois, naquele ano, que todos os vestígios do nome da igreja fossem excluídos do nome oficial do Kinship: “o problema é o nome de “Adventista do Sétimo-Dia” e “SDA” em conjunção com “Kinship Internacional”. Os líderes da igreja criam firmemente que a combinação implicava endosso ao Kinship Internacional, e aqueles líderes objetavam fortemente a essa implicação”, escreveu o conselheiro da igreja Robert Nixon em uma carta ao autor em 1985. A carta explicava que o Kinship havia arrastado o nome da igreja na lama participando de paradas gays com banners que levavam o nome completo do Kinship.

Mas foi esse nome que tirou homossexuais Adventistas que estavam assistindo à parada, da calçada para a rua para perguntar com excitação por informação sobre como entrar em contato com o Kinship. A raiz e identidade Adventista são a razão central de sua existência e ministério. A resposta do Kinship a demanda foi de que essa decisão só poderia ser feita no Kampmeeting, o qual estava marcado para agosto de 1986.

Em maio de 1986 o Kinship enviou material para todos os estudantes do dormitório da Universidade Andrews. Isso incluía um convite para ligar ao novo 0800 do kinship para obter informações. Desanimada, a Conferência Geral discutiu preparar contra materiais para distribuir e tomar outras providências para processar o Kinship por usar o nome Adventista do Sétimo-dia. Em junho foram solicitadas cópias dos documentos de incorporação do Kinship pelo escritório da secretaria de estado na Califórnia. Em agosto Eva enviou uma carta para o departamento pessoal das escolas Adventistas: “talvez não haja maior desafio à nossa fé e nossa pregação do evangelho da graça da Deus, do que o desafio que a homossexualidade e aqueles que ensinam que isso é uma alternativa de estilo de vida cristão aceitável, apresentam para nossa igreja hoje. O evangelho que nós proclamamos tem o poder para mudar ou não?”²⁵

Centro de Busca de Aprendizado

Líderes de igreja estavam muito mais confortáveis com a abordagem de Colin Cook, que se autodescrevia como um “homossexual recuperado” que fundou o Centro de busca de aprendizado [Centro Quest] no final dos anos 1980. Seu programa, que proclamava “libertação da homossexualidade”, anunciava que trazia homossexuais juntos em Reading, Pensilvânia, para um ano ou mais de aconselhamento e envolvimento em um grupo de suporte chamado homossexuais anônimos (HA). Dentro de poucos meses, a Conferência Geral optou por financiar o Centro Quest e prover mais da metade de seu orçamento. A igreja Adventista então se tornou a primeira denominação religiosa a financiar um “ministério de cura” para homossexuais.

Os periódicos da igreja proveram o programa (HA) do Centro Quest com extensa publicidade dentro do Adventismo, apresentando isso como a resposta à homossexualidade. Pastores Adventistas e conselheiros de escolas começaram a recomendar que qualquer um que viesse a eles com questões homossexuais contatasse o Centro Quest. A revista *Ministry*, publicação da igreja para ministros, ampliou o número de pessoas que conheciam o programa de Cook recomendando o Centro Quest apresentando uma longa entrevista com Cook em uma edição distribuída gratuitamente para 300.000 clérigos de outras denominações.²⁶ À medida que o Centro Quest crescia, ele atraiu uma grande atenção da imprensa da TV e de Talk Shows de Rádios e recebeu aprovação de clérigos conservadores de outras denominações, que ficavam aliviados de serem capazes de recomendar uma solução quando condenavam a homossexualidade. Os líderes Adventistas desfrutavam da publicidade

favorável: por exemplo, eles colocaram uma igreja com capacidade para 800 pessoas disponível para lidar com perguntas que resultaram da entrevista que Cook deu ao *Phil Donahue Show* em 1986.²⁷ Homossexuais Anônimos, se espalhou rapidamente, atingindo sessenta sucursais em toda a América do Norte naquele ano.

A Igreja Adventista nunca conduziu um estudo sobre o impacto do programa nos aconselhados, não fez nem requereu um relatório escrito antes de estender seu financiamento. Ignoraram as questões informadas pelo Kinship e ouviram somente os relatórios animados do diretor Cook e os testemunhos orquestrados de aconselhados que estavam ainda no começo de seu período no Centro Quest. Eles falharam em entender que os relatórios ouvidos foram declarados mais por fé do que por experiências realizadas. Líderes de igreja avidamente estenderam o financiamento quando Cook e sua esposa apareceram de mãos dadas antes do concílio anual de líderes de igreja: Cook se tornou sua representação do “ex-gay”.²⁸

O papel denominacional de financiar e fazer publicidade do programa do Centro Quest ajudou os membros de igreja a se tornarem mais conscientes dos homossexuais Adventistas. Três artigos publicados pela revista *Spectrum*, um jornal Adventista independente, na primavera de 1982 tiveram um efeito similar. Eles reportavam em detalhes o Kampmeeting de 1980, recontando dez das histórias pessoais compartilhadas lá, e a fim de proporcionar uma cobertura “equilibrada”, proveu a oportunidade à Cook de descrever o programa do Centro Quest.²⁹ A prisão do presidente da Universidade Andrews durante o Concílio Anual de 1983 e de um pastor associado da congregação onde muitos oficiais da Conferência Geral assistiram nos anos seguintes, ambos casos, trouxeram mais percepção. O senso dos líderes de que eles estavam sob escrutínio os fez mais animados em proclamar o sucesso de seu programa em mudar a orientação sexual; e mais cuidadosos em evitar aparentar que eles estavam aceitando a homossexualidade.

Como parte de meu estudo sociológico do Adventismo Internacional, eu conduzi uma série de entrevistas com catorze participantes do Centro Quest, completando-as no outono de 1986. Isso revelou que os Adventistas que saíram de suas raízes para se mudar para Reading para participar no programa Quest eram normalmente frágeis, membros de igreja muito conservadores com alto grau de sentimento de culpa e auto rejeição por causa de suas inclinações homossexuais. Mesmo que eles tivessem ouvido falar do Kinship, eles estavam tão imóveis em sua culpa que eles não conseguiriam fazer contato com eles. Quest, o programa endossado pela igreja para “curar”, era a única esperança deles.

Mas o Centro Quest se tornou um pesadelo para eles – que eles não descreveram em seus testemunhos frente aos líderes da igreja. De repente, eles descobriram que não eram mais os únicos homossexuais Adventistas no mundo: o isolamento foi substituído por senso de comunidade, uma comunidade sob o estresse, porque seus membros estavam tentando mudar sua orientação, e

ainda assim se sentiam frequentemente atraídos uns pelos outros. O resultado imediato foi confusão, tumulto, e considerável contato sexual. A confusão deles foi aumentada quando Cook, o diretor do programa, fez repetidas investidas sexuais neles.³⁰ Nenhum dos entrevistados reportou que havia mudado sua orientação sexual, nem nenhum deles conheceu alguém que tenha mudado. Na verdade, onze dos quatorze vieram a aceitar sua homossexualidade.³¹

Eu havia pensado que as declarações e testemunhos do Centro Quest de “cura da homossexualidade” eram difíceis de acreditar, então eu não fiquei surpreso em descobrir que aqueles que haviam feito as declarações, as fizeram “pela fé” de que a transformação havia ocorrido, quando de fato nenhum entrevistado de minha mostra havia realmente “mudado”. Entretanto, eu fui pego de surpresa pela evidência de que Cook havia usado sexualmente e abusado de quase todos os aconselhados. Percebendo que eu tinha a obrigação moral de reportar tal abuso, eu escrevi para o Presidente da Conferência Geral, Neal Wilson, em outubro de 1986, contando a ele o que eu havia descoberto inesperadamente sobre o Centro Quest.³² Para tratar de ter certeza de que Wilson não iria ignorar minha carta, eu enviei cópias para vinte e nove outros líderes de igreja e acadêmicos. Cook admitiu que minhas descobertas estavam corretas e foi removido em uma semana. Os líderes de igreja decidiram pouco depois fechar o programa de aconselhamento Quest, mas continuar a apoiar o programa, Homossexuais Anônimos.

A imprensa Adventista inicialmente ignorou o fechamento do Centro Quest e a remoção de seu diretor, então a imagem difundida do programa como **A** solução para o problema da homossexualidade permaneceu incorretamente.

Finalmente, eu perguntei para o editor da Revista Adventista sobre sua omissão, e ele respondeu com o “boletim informativo” anunciando meramente que o Centro Quest havia sido fechado por causa da renúncia de Colin Cook como diretor.³³ Em setembro de 1987, onze meses depois que a situação havia se encerrado, a revista *Ministry* publicou outra longa entrevista com Cook na qual, embora indicasse que haviam ocorrido coisas inapropriadas, endossava fortemente os métodos de Cook como a resposta para a homossexualidade e anunciava (em uma foto aparentemente captada por engano) que ele iria “em breve reiniciar seus seminários para cura da homossexualidade”.³⁴

Em dezembro, Cook havia recuperado suficiente confiança para anunciar, em um comunicado enviado a Wilson com cópias para outros quarenta, que ele havia lançado o Quest II e que estava trabalhando com seus dois primeiros aconselhados.³⁵

Em 1989 um artigo sobre Cook apareceu na publicação evangélica, *Christianity Today* proclamando como ele havia “encontrado libertação” da homossexualidade. Cook havia começado a encontrar novas fontes de recursos entre evangélicos e finalmente nos Direitos Religiosos, o qual por causa dos frequentes ataques aos homossexuais precisava muito de uma solução para exibir.³⁶ Em 1993 Cook se mudou para Denver, onde ele fundou um novo ministério, *Faith Quest*. Ele cresceu e se tornou proeminente graças ao

fechamento de alianças com organizações como a de James Dobson, *Foco na Família*, que o indicavam como referência para potenciais aconselhados, e *Colorado pelos Valores Familiares*, as quais lhe deram publicidade colocando-o como palestrante em seus seminários anti-gay “Tempo de resistir”, cujo objetivo era usar um referendun para voltar atrás a legislação promulgada em algumas cidades que dava certos direitos civis aos gays. Cook também reapareceu novamente na TV aberta no *Phil Donohue Show*. Ele falou com frequência em igrejas Adventistas em Denver e começou a receber convites para falar em colégios Adventistas, como a capela do colégio da União do Pacífico na Califórnia em dezembro de 1993.³⁷ Essas oportunidades surgiram no meio Adventista por causa da falha na imprensa da igreja, que antes publicitou o programa de Cook, e não informou os Adventistas de sua falha.

Conseqüentemente, jovens Adventistas preocupados por seus desejos homossexuais continuaram a contatá-lo para pedir ajuda.

Meu interesse em Cook e seu ministério foi reacendido quando dois de seus novos aconselhados trouxeram suas novas histórias dolorosas à minha atenção.

Eles haviam descoberto que o pretense curador continuava sendo um predador sexual, e haviam ouvido falar sobre meu papel em desmascará-lo antes, pelos boatos Adventistas. Conseqüentemente, eu comecei a pesquisar as atividades de Cook em Denver. Desde que um dos aconselhados estava disponível para partilhar comigo as fitas que ele havia feito de muitas de suas sessões de aconselhamento e um diário detalhando muitos dias de intenso “aconselhamento” enquanto vivia na casa de Cook em Denver, os relatos eram completos e convincentes. Em um esforço para prevenir mais abusos, eu forneci os resultados de minha pesquisa à repórter de religião do *Denver Post*, quem depois fez uma investigação completa por conta própria. Sua reportagem, publicada na primeira página, foi o começo de uma onda de publicidade que causou a retirada dos Direitos Religiosos.³⁸ *Faith Quest e Cook* desapareceram completamente de vista enquanto o furor subsistia. A igreja Adventista anunciou que não tinha conexão com os seminários e atividades de aconselhamento de Cook.³⁹ Enquanto isso, Cook estava em grandes dificuldades porque sua esposa, que havia se separado dele antes, agora se divorciara dele.⁴⁰ Pouco depois, ele pediu a uma pesquisadora, que ele não percebeu que era amiga minha, para que o ajudasse a encontrar uma substituta já que ele precisava de uma esposa para dar legitimidade a seu programa.

Conferência Geral vs. Kinship

Em dezembro de 1987 a Conferência Geral apresentou um processo contra o Kinship Internacional Adventista do Sétimo Dia, Inc., na corte distrital do Distrito Central da Califórnia por “violação de marca”.⁴¹ Porque o processo tinha que ser configurado como direito comercial, não foi nem mencionado que os membros do Kinship são homossexuais e adventistas: o caso teve que ser configurado nos

termos de competição comercial injusta. O resumo conseqüentemente fazia a absurda declaração de que usando o nome de Adventista do Sétimo Dia ou sua sigla bem como parte de seu nome, a competição do jornal do Kinship estava minando o império de publicações da igreja, e que os Adventistas estavam contribuindo pesadamente com o Kinship, confundindo o dizimo oficial da igreja. Entretanto, o comunicado da imprensa que acompanhava o fato, intitulado “Igreja move ação contra grupo de apoio a homossexuais”, deixou claro que a Conferência Geral estava rejeitando os homossexuais Adventistas e o ministério do Kinship.⁴² Além disso, procurando compelir o Kinship a mudar seu nome, a ação também exigia indenização monetária “exemplar, punitiva e triplicada”.

Essa ação de Golias – versus – Davi foi mal cronometrada pelo ponto de vista da igreja, por que ela coincidiu com a tardia descoberta da mídia sobre o escândalo do Centro Quest e a apresentação de uma ação contra a igreja feita por aconselhados que sofreram abuso. Embora essa última ação não tivesse nada a ver com o Kinship, a imprensa colocou todas essas questões juntas, o que resultou em uma considerável publicidade negativa para a igreja.⁴³

Na apresentação dessa ação contra uma organização com menos de mil membros, os líderes da igreja esperavam um fácil jogo de criança. A Conferência Geral contratou duas firmas de advogados para representar esse caso, por um custo admitido de mais de duzentos mil dólares.⁴⁴ Entretanto, eles falharam em levar em conta a força do movimento gay: o caso foi aceito pelos advogados da organização nacional dos direitos gays, que arranjaram para que a *Fullbright and Jaworski*, uma grande empresa de advogados, defendesse o Kinship de graça. Declarações foram tomadas no outono de 1990, e o caso foi pleiteado na corte federal em Los Angeles em fevereiro de 1991. Os procedimentos legais foram traumáticos para os membros do Kinship. Entretanto, em seu veredicto, que foi anunciado em outubro, a corte rejeitou a ação, permitindo que o Kinship Internacional Adventista do Sétimo Dia Inc., mantivesse seu nome completo.

Na opinião da Juíza Mariana Pfaelzer, ela apontou que o termo Adventista do Sétimo Dia tem um duplo significado, sendo aplicado à igreja, mas também aderente à religião. Ela achou que a religião ASD preexistia à igreja ASD, que o uso incontestável do nome por grupos cismáticos tais como Movimento Adventista da Reforma indicavam que o nome é mais do que sugerir que se é membro da igreja mãe, e que, assim como usado no Kinship, o nome meramente descreve a organização em termos do que ela é, uma organização internacional de Adventistas do Sétimo Dia. Conseqüentemente, ela achou que “assim como usado pelo SDA Kinship, o termo Adventista do Sétimo Dia, assim como sua sigla SDA [ASD em português] são genéricos, e não designados para a proteção de marcas.⁴⁵ Depois sem boas razões para apelar da decisão, e com medo de uma perda mais devastadora na corte de apelação, a Conferência Geral decidiu não apelar do resultado.

O fato de que gays e lésbicas pudessem continuar a se identificar como Adventistas do Sétimo dia, e de que nada pudesse ser feito a esse respeito, continuou a irritar os líderes da igreja. A igreja desprezou as proposições do

Kinship depois do veredicto, as quais sugeriam que a inimizade fosse esquecida e que a comunicação começasse concernente a problemas comuns como a AIDS.⁴⁶ A imprensa da igreja também persistiu em se referir ao “Kinship internacional” ao invés do “Kinship Internacional Adventista do Sétimo Dia”.

Declarações da Igreja e Envolvimento Político

A Conferência Geral seguiu na mudança do manual da igreja de 1985 publicando cada vez mais declarações frequentes focadas em questões relacionadas a gays começando em 1994. Naquele ano um membro do departamento legal se sentiu eticamente obrigado, por razões relacionadas com a ação anterior contra o Kinship, de informar o Presidente da Conferência Geral Robert Folkenberg de que ele havia sido convidado a falar no Kampmeeting.

Subsequentemente, o presidente anunciou que o Comitê Administrativo da Conferência Geral havia passado a seguinte resolução:

REUNIÕES HOMOSSEXUAIS – PRONUNCIAMENTO

CONVITES. Em vista do fato de que o comportamento homossexual é claramente contrário aos ensinamentos bíblicos, crenças da igreja... e para evitar a aparência de estar dando sanção da igreja a tal comportamento, foi:

VOTADO, requerer a todo o pessoal da Conferência Geral a declinar convites para falar em reuniões de homossexuais.⁴⁷

Apesar de tudo, Folkenberg não interveio para parar a pessoa que havia criado a questão de participar no Kampmeeting.

Em 1996, o Comitê Administrativo da Conferência Geral votou “uma afirmação ao casamento”. Isso lembrava aos homossexuais Adventistas que a única opção aceitável para eles era o celibato: “entretanto, o estado do casamento não é o único plano de Deus para as necessidades de relacionamento humano ou para conhecer a experiência da família. Ser solteiro e a amizade entre solteiros está dentro do plano divino também... A escritura, entretanto, faz uma sólida demarcação social e sexual entre tais relações de amizade e o casamento”.⁴⁸

Em 1999, à medida que as questões gays cresciam cada vez mais no debate político e em casos nas cortes, o Concílio anual votou uma nova “declaração de posição Adventista do Sétimo Dia sobre a homossexualidade”.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia... acredita que pela Graça de Deus e por meio do encorajamento da comunidade da fé, um indivíduo pode viver em harmonia com os princípios da palavra de Deus... Intimidade Sexual pertence somente ao relacionamento marital de um homem e uma mulher... A Bíblia não faz acomodações para a atividade homossexual ou relacionamentos. Atos sexuais

fora do círculo do casamento heterossexual são proibidos... por essa razão, adventistas se opõem as práticas e aos relacionamentos homossexuais.⁴⁹

Essa declaração foi mais arrasadora e negativa do que a adicionada no manual da igreja em 1985.

Com o amanhecer do novo milênio, o Adventismo se tornou diretamente envolvido nos furiosos debates políticos. Em fevereiro de 2000, quando o estado do Havaí parecia estar à beira de reconhecer o casamento homossexual, Thomas Mostert, presidente da Conferência da União do Pacífico, e Alan Reinach, chefe do departamento de assuntos públicos e Liberdade Religiosa (PARL), publicaram artigos na *Pacific Union Recorder* chamando os Adventistas da Califórnia a apoiar a emenda *Knight*, também conhecida como Proposição 22, que visava acrescentar a cláusula “somente o casamento entre um homem e uma mulher é válido ou reconhecido na Califórnia” à constituição do estado. Reinach explicou que “a iniciativa de proteção do casamento no estado da Califórnia, a proposição 22, foi feita para se certificar de que a Califórnia precisa não reconhecer o casamento gay quando e se ele se tornar legal em outros estados”. Ele adicionou, “Nós precisamos não ficar de lado nessa questão, afirmando a nós mesmos de que os Adventistas evitam assuntos políticos... Nós podemos ajudar nos esforços de educar nossos vizinhos, e passar a palavra, assim como encorajar nossos próprios membros a votar”.⁵⁰

Em maio de 2000, à medida que Vermont estava em processo de adoção da legislação que reconhece a união civil entre pessoas do mesmo sexo, oficiais da União do Atlântico e do Norte da Nova Inglaterra levantaram suas vozes em oposição a isso. Em contraste, a administração da União da Holanda permaneceu fora do debate quando aquele país aceitou o casamento de pessoas do mesmo sexo em 2001. Entretanto, quando as cortes da Columbia Britânica e de Ontário lançaram o processo que resultou no reconhecimento desses casamentos no Canadá, o diretor do PARL descreveu isso como “uma agressão ao casamento”, e declarou que “Adventistas tem a responsabilidade de fazer suas vozes serem ouvidas sobre esse assunto”.⁵¹

Em abril de 2003 Reinach se opôs a legislação na Califórnia que iria requerer de qualquer organização, que suprisse benefícios e serviços para o estado, que provesse os mesmos benefícios a parceiros domésticos do que a casais casados; como não estava incluída uma cláusula consciente excluindo organizações cristãs, ele fez uma petição contra o projeto de lei e impulsionou os membros de igreja a assinarem, argumentando que a legislação iria forçar centenas de escolas relacionadas a igrejas, instituições de saúde, e creches a obedecer à lei ou fechar, e em última instância isso aumentaria os impostos. À medida que o projeto de lei progredia no processo legislativo, Reinach requereu que igrejas fizessem anúncios pedindo que os membros assinassem a petição, e mais tarde, depois que a legislatura aprovou a medida, ele lançou uma petição exigindo que o Governador Gray Davis vetasse isso. Adventistas estavam aliados aos Mórmons, protestantes fundamentalistas, muitos pentecostais, católicos conservadores, e outros elementos dos Direitos Religiosos na mesma

posição. A oposição deles falhou. Depois relendo as notícias dos anúncios de Reinach em 2006, eu escrevi a ele perguntando quantas das instituições que ele predisse que iriam fechar com a lei, haviam realmente fechado. Ele respondeu que não sabia; uma resposta que sugere que ele “tinha feito muito barulho por nada”.⁵³

Enquanto isso a Suprema Corte dos Estados Unidos chocou os oficiais Adventistas quando, em *Lawrence - versus - Texas*, eles derrubaram o decreto de sodomia do Texas, nos termos de que ele não tratava homossexuais e heterossexuais de forma igualitária. Quando o governo britânico anunciou os planos de introduzir a união civil com o intuito de eliminar uma fonte de discriminação contra homossexuais, a União Britânica anunciou sua oposição à medida.⁵⁴ Quando o Canadá expandiu a lei de crimes de ódio para adicionar o menosprezo à “orientação sexual” à lista de crimes nos quais o autor poderia ser acusado com o equivalente a um crime grave nos Estados Unidos, a rede de notícias Adventista comunicou que os pastores de lá estavam com medo de que suas pregações contra a homossexualidade poderiam resultar em descumprimento da lei.⁵⁵

Depois de uma decisão na Suprema Corte Judicial de Massachusetts legalizando casamentos de mesmo sexo lá, Reinach atacou o governador em um e-mail e sugeriu que os Adventistas apoiassem o ato de defesa do casamento (DOMA) do Presidente George W. Bush, que havia sido projetado para anular essa decisão. O Comitê Adventista que há muito tempo defende a separação entre igreja e estado então respirou fundo, se perguntando se a Conferência Geral deveria abraçar o DOMA, e então estabelecer um novo precedente onde a Igreja Adventista desse apoio oficial a legislação que o grupo de Direitos Religiosos criou e apoiou.

Nessa época um grande número de cidades havia começado a realizar casamentos de mesmo sexo, atraindo muita atenção da mídia. Isso se desenvolveu, junto com um grande número de nações considerando a legalização das uniões de mesmo sexo, deixando o Comitê Administrativo da Conferência Geral em março de 2004 com a questão de fazer uma “Reafirmação do casamento cristão – Resposta da Igreja Adventista do Sétimo Dia às Uniões de Mesmo Sexo”. Que acabou sendo bastante leve: Embora reafirmasse a estreita posição da igreja sobre a homossexualidade, não dizia nada sobre a sabedoria da legalização de uniões civis ou parcerias domésticas nem alienou a igreja com a tentativa de modificar a Constituição Americana.⁵⁶

A posição oficial anunciada pelos líderes da igreja se tornou mais estreita e mais polarizada com o passar do tempo. Embora as declarações com frequência afirmem que todas as pessoas, incluindo homossexuais, são filhos de Deus e que abuso, e desprezo, e escárnio contra eles são inaceitáveis, o tom dominante dessas declarações é a insistência de que gays e lésbicas Adventistas vivam vidas de celibato. Quando questões focadas na homossexualidade foram feitas nas sessões de bate papo na televisão com o então presidente da Conferência Geral, Jan Paulsen, e jovens Adventistas, suas respostas foram conservadoras

ao ponto de serem retrogradadas. Por exemplo, quando um jovem gay que se sentia chamado por Deus para ser pastor pediu conselhos, ele respondeu, “A expectativa Bíblica é de que aqueles que acreditam que tem uma orientação homossexual vivam uma vida de celibato ou limitem a atividade sexual a uma situação de casamento entre homem e mulher”.⁵⁷ Sugerindo que uma pessoa gay entre em um casamento heterossexual, Paulsen estava repetindo mais conselhos que os conselheiros Adventistas com frequência davam no passado.

A tentativa de alguns oficiais da igreja de envolverem o Adventismo em debates políticos no lado dos valores tradicionais heterossexuais criou a possibilidade de mudar a igreja Adventista de sua posição tradicional em oposição à promulgação da lei-moral base. Se os Adventistas tomaram esse passo no passado, talvez eles estejam sendo levados a apoiar aqueles que lhes deram os maiores problemas no passado em questões como a liberdade de observar o sábado. Em 1880 os bem-intencionados protestantes, com a intenção de salvar a família, tentaram legislar sobre a moralidade por meio de leis que declaravam o domingo um dia santo – legislação que teria causado grande dano aos Adventistas comprometendo sua liberdade religiosa. Entretanto, 120 anos depois alguns porta-vozes Adventistas agora tentam legislar a moralidade fazendo o casamento gay impossível. Embora os Adventistas continuem a perceber a importância de tomar uma posição contrarregas majoritárias em matéria de liberdade religiosa e de raça, as tentativas de imprensa de uma legislação majoritária que declararia ilegal os casamentos de mesmo sexo parecem minar o comprometimento tradicional da igreja de separação entre estado e igreja.

Ministérios Adventistas para Homossexuais

Em 1995 a Pacific Press publicou *My Son, Beloved Stranger*, [Meu filho, Amado Estranho] que conta a história da angustia de uma mãe ao perceber que seu filho era gay e os eventos que se seguiram.⁵⁸ A mãe, Carrol Grady, era bem conhecida na igreja, por que ela era casada com um pastor e os dois trabalharam na Conferência Geral por anos. Embora ela tenha publicado o livro sob um pseudônimo, o livro resultou em convites para ela falar em encontros Adventistas e para publicar artigos em revistas relacionadas com a igreja. A experiência dela com seu filho a fez capaz de perceber que pais Adventistas de filhos gays e lésbicas não têm um lugar ao qual recorrer para receber suporte. Ela começou um jornal, *Someone to Talk To...*, [alguém com quem conversar], em 1996 e um grupo de apoio com o mesmo nome para familiares e amigos de Adventistas gays e lésbicas em 1999, e ela lançou um site em 2000.

Uma variedade de ministérios direcionados aos gays Adventistas surgiu no final do milênio. Redeemed! [Redimido] localizado em San José, Califórnia, pretendia ser um “ministério ex-gay” oferecendo apoio cristão para aqueles que queriam “liberdade da homossexualidade”. Ele foi fundado por uma mãe de um filho gay cuja rejeição à orientação dele, alienou totalmente o filho dela. Em suas tentativas de encontrar uma forma de “salvar” seu filho, ela formou uma conexão

com a Associação Nacional para Pesquisa e Terapia da Homossexualidade (NARTH). A vida desse ministério, entretanto, foi curta.

God's Love – Our Witness (GLOW) [O amor de Deus – Nossa Testemunha] foi fundada em 1997 por Inge Anderson, membro de diretório do SDANet, uma lista internacional de discussão, onde alguns membros conservadores se engajaram em uma série de ataques contra outros que haviam admitido serem gays ou lésbicas. GLOW se tornou uma lista de discussão na web e um grupo de apoio que tentava guiar um “curso médio”: por um lado, ele aceitava a realidade da orientação homossexual e, portanto rejeitava a probabilidade de que a mudança de orientação seja possível para a maioria; por outro lado ele foi “criado para dar suporte àqueles que desejam colocar suas vidas em sintonia com uma interpretação bem literal das escrituras, que reserva o sexo para aqueles conveniados no santo convênio do casamento (heterossexual)”.

Dada a estreita semelhança entre a posição do GLOW e as declarações que a Conferência Geral publicou desde que o Centro Quest provou ser uma embaraçosa falha, os líderes do GLOW esperavam ganhar a benção oficial da igreja e crescer rapidamente. Entretanto, GLOW experimentou uma considerável falta de membros, e apesar de certo crescimento, permaneceu bem pequeno, com cerca de um décimo do tamanho do SDA Kinship. Seus líderes o subdividiram em dois grupos sobrepostos: Gays e lésbicas Adventistas (GLADVENTISTS) e restrito aos adventistas, enquanto GLOW tem uma composição mais ampla, na qual cerca de um terço são adventistas.⁵⁹

Enquanto isso um ministério foi lançado na Igreja Adventista Central de São Francisco por um velho casal gay que, depois de muitos anos de ausência do Adventismo (durante esse tempo eles foram donos e operaram um bar gay), voltaram para a igreja e se comprometeram ao celibato em seu relacionamento. Esse programa teve uma exibição durante uma feira gay patrocinada na Rua Castro como parte de uma tentativa de alcançar a comunidade gay. Em sua web site, a congregação declarava que “a orientação homossexual não é uma escolha”, entretanto os atos homossexuais foram proibidos por Deus, que criou a sexualidade humana para ser expressa dentro do casamento heterossexual. Entretanto, “nós reconhecemos que não temos o direito nem a responsabilidade de espionar dentro da vida privada das pessoas, sejam eles homossexuais ou heterossexuais”. Duke Holtz, a pessoa principal por trás desse ministério, depois criou um segundo ministério relacionado, *God's Rainbow* [arco-íris de Deus], que pretendia ser um “guarda-chuva” para todos os programas reconhecidos pela igreja para gays e lésbicas. Ele ganhou algum reconhecimento da Conferência Central da Califórnia por sua iniciativa. Duke era agressivo em pressionar a aceitação de homossexuais celibatários dentro da igreja, apresentando-os como morais, enquanto gays praticantes eram imorais. Os dois programas de Holtz tiveram seu colapso em 2004, quando ele se mudou da área depois da morte de seu parceiro.

Um pequeno ministério semelhante, *Rainbow of Promise* [arco-íris da Promessa], tomou a forma de um jornal. Ele era operado por um ex-pastor, Bem

Anderson, que havia perdido seu emprego, sua casa, sua família, e igreja cerca de vinte e cinco anos antes, quando ele descobriu que era gay. Depois de viver na comunidade gay pela maior parte do tempo no íterim, ele deu as costas a isso, voltou para a igreja Adventista, e estabeleceu seu ministério, que defendia celibato como forma de desenvolver um relacionamento mais próximo com Deus.

Surpreendentemente, foi durante esse período, quando ministérios com diferentes filosofias surgiram para competir entre elas, que o SDA Kinship cresceu mais rapidamente nos Estados Unidos e Canadá e Internacionalmente. O Kinship apoia relacionamentos de compromisso entre os membros, e seus encontros e atividades provêm oportunidades para gays e lésbicas adventistas se conhecerem e buscar tais relacionamentos. Ele também nutre, sem julgamentos, todos os gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros, e pessoas intersexuais que se aproximam. A maioria dos membros são adventistas ou tem um passado Adventista, e a maioria de seus membros não adventistas são parceiros de Adventistas. A mensagem espiritual do Kinship que tem com frequência trazido encorajamento e cura a homossexuais que se sentem malquistos por Deus e rejeitados por suas igrejas, é que Deus os ama e os aceita da forma que eles são.

A Imprensa Adventista

A imprensa da igreja foi durante muito tempo silenciosa sobre a homossexualidade até os anos 1990, além dos artigos anteriores de Colin Cook publicitados e depois tentando reabilitá-lo, e os reflexos críticos. Entretanto, veio um desejo muito maior de publicar artigos que se direcionem a homossexualidade e assuntos relacionados. Em 1992, a revista jovem *Insight* publicou um grande artigo, “Redimindo Nossa Triste Situação Gay: Uma Resposta Cristã Para a Questão da Homossexualidade”, escrita pelo editor, Christopher Blake.⁶⁰ Blake admitiu que a igreja deveria ter feito uma apologia pública ao colapso do Centro Quest de Aprendizado e que ela não avançou com nenhum outro enfoque para ajudar membros da igreja gays e lésbicas. Em muitos aspectos, o artigo representou um avanço real em entendimento, especialmente nas seções intituladas “Ninguém escolhe ser homossexual”, “muitos medos em relação à homossexualidade são irracionais”, “Homossexuais não são por natureza necessariamente promíscuos ou molestadores de crianças”, “Mudar a orientação sexual de um homossexual é difícil e raro”, e “Homossexuais podem ser genuinamente, cristãos modelos”. Entretanto, o artigo definiu tais modelos cristãos como aqueles que “lutam contra sua orientação durante toda a vida” porque “a atividade homossexual é pecaminosa” e não pode ser perdoada.⁶¹

Em novembro de 1996 a revista *Ministry*, que é direcionada a pastores, publicou uma edição direcionada à questão “o que homossexuais precisam de um pastor”? Todos os artigos ficaram dentro das recomendações comportamentais oficiais para os homossexuais. No artigo principal, escrito por John Cress,

capelão do campus do colégio Walla Walla, ele declarou que o ponto inicial para lidar com homossexuais era reconhecer a diferença entre orientação e comportamento; ele instou os pastores e igrejas a “serem profeticamente esclarecidos e genuinamente compassivos”, e com aprovação citou um aluno que retornou à igreja quando estava com AIDS avançada e que falou a uma audiência de estudantes pouco antes de morrer que o “evangelho imperativo” para sua vida era “nada de sexo com outras pessoas e nada de sexo comigo mesmo”.⁶²

A revista *Insight* publicou dez artigos falando de homossexualidade desde 1992. De forma geral, eles não têm ido contra a posição oficial da igreja. Um, escrito por uma estudante de um colégio não adventista cujo ex-namorado da escola depois contou que era gay, contou do trauma para os dois causado por compartilhar essa notícia.⁶³ Um anúncio feito por um Adventista recomendava ministérios de mudança e apoio, para homossexuais, suas famílias, e amigos. O autor havia incluído o SDA Kinship em sua lista original de organizações recomendadas, mas o editor o omitiu.

Outro artigo escrito por uma mãe de um filho gay, escrito sob um pseudônimo, apareceu na revista *Women of Spirit* em 2000.⁶⁴ Ela contou que viajou para conhecer o parceiro de seu filho pela primeira vez e se encontrou comendo com três rapazes gays e uma lésbica, que inesperadamente perguntou sobre sua fé e sua igreja. Entusiasmado com suas respostas, um deles comentou que ele sabia pouco sobre cristianismo, mas gostaria de saber mais. Então ele perguntou, “eu poderia ir a sua igreja? Eles são como você”? Ela respondeu: “Não, Jed, minha igreja não está pronta para você ainda”.

A revista *Ministry* publicou um artigo de Carrol Grady em 2003, agora escrito sob seu nome real e mais corajosa e independente em seu tom, perguntando aos pastores como eles tratam as pessoas gays.⁶⁵

À medida que a questão do casamento de pessoas do mesmo sexo se tornou politicamente proeminente nos Estados Unidos, o tom de alguns artigos em publicações da igreja tornou-se muito mais estridente. Em outubro de 2003, por exemplo, Roy Adams, editor associado da Revista Adventista, publicou um editorial, “Casamento em estado de sítio”, que exibia uma foto de Bishop Gene Robinson, o primeiro bispo abertamente gay eleito pela igreja Episcopal. Adams se referiu a “a ação acertada para empurrar a completa aceitação, feita por um lobby homossexual bem financiado, com todos os meios de comunicações em cima para empurrar o programa”. Ele listou a derrubada da lei do Texas anti-sodomia e a aceitação do casamento homossexual na Holanda e na Bélgica, e seu avanço nas cortes do Canadá e de Massachussets, e colocou a questão, “qual será a nossa postura como igreja”? Declarando que “a crise espiritual dos últimos dias” está aqui, que nós estamos vendo “um ataque coordenado, descarado e deliberado aos três pilares fundamentais do livro de Gênesis: Criação, Sábado e...casamento”, ele defendeu que a despeito da adoção histórica da defesa de separação entre igreja e estado pelos Adventistas “o silêncio não é uma opção. Os riscos são altos demais. E considerações normais

de tolerância e política correta não podem ser aplicadas – de fato, seriam irresponsáveis. Esse é o tempo para que comunidades de fé falem”.⁶⁶

O editor William Johnsson escreveu uma declaração editorial de apoio, declarando que a observância do sábado havia por muito tempo deixado os Adventistas aparte, mas agora os outros dois fundamentos das crenças enraizadas nos dois primeiros capítulos de Gênesis, criação e casamento “também parecem destinadas a nos marcar como distantes”.⁶⁷

Em 2004 um exemplar da revista *Liberty* teve o mesmo tom. Foi surpreendente, dado o propósito histórico da publicação que promove a liberdade religiosa, nos Estados Unidos, e a separação entre igreja e estado. Em um editorial, Lincoln Steed proclamou que “aqueles que não veem ameaça à religião nos recentes movimentos para a legalização do casamento homossexual não entendem as intenções dos movimentos articulados há muito tempo para dismantelar os valores religiosos”. “Nós deixamos muito de fora”, ele insistia, “permitindo que o programa dos homossexuais seja enquadrado no argumento dos direitos civis”.⁶⁸ Elaborando em seu medo em “porque o silêncio não é uma opção”, Barry Bussey declarou “Comunidades religiosas que veem os relacionamentos sexuais fora do casamento tradicional de um homem e uma mulher como imorais e pecaminosos deveriam se preparar para o grande assalto à liberdade religiosa na memória recente” – externamente por parte do estado e internamente por membros da igreja dissidentes.⁶⁹ O artigo principal, “Direitos Civis e Diretos dos Homossexuais: uma analogia defeituosa”, tenta argumentar que não existe paralelo entre direitos civis de Afro-Americanos e direitos civis dos homossexuais.⁷⁰

A imprensa independente ultraconservadora da igreja, muitas vezes à direita da imprensa oficial, tem dito pouco sobre a homossexualidade, e o que tem aparecido difere pouco do tom e do conteúdo da maioria dos artigos publicados pelas publicações oficiais. O principal ultraconservador a escrever, Samuel Koranteng-Pipim, um ganes que mora nos Estados Unidos, sugeriu que atitudes contra os gays e lésbicas dentro da igreja estão mudando. Ele desafiou as interpretações dos estudiosos bíblicos que concluíram que os textos utilizados para condenar os relacionamentos homossexuais são mal-usados.⁷¹

Em contraste, as publicações da imprensa liberal independente concernente à homossexualidade são com frequência, bem diferentes das publicações oficiais, refletindo uma crescente polarização sobre o assunto. Em 1995 a revista *Adventist Today*, publicou “Kampmeeting Apoia Gays Adventistas”, no qual era descrito o programa, os participantes, e interação no retiro do verão anterior do Kinship e resumia a história e objetivos do Kinship.⁷² A reunião foi retratada como um evento regular, bem-sucedido de interesse para todos os Adventistas. Em 1999, a revista *Adventist Today*, publicou um grupo de seis artigos, incluindo os relatos pessoais de pessoas que se descobriram gays ou descobriram que um filho é gay e o impacto que isso causou neles, no casamento, na família, e duas interpretações contrastantes de passagens bíblicas utilizadas com frequência

para condenar a homossexualidade. Na introdução do editorial, John McLarty avisou dos perigos e da injustiça de líderes heterossexuais da igreja exigirem que homossexuais vivam uma vida de celibato.⁷³

No inverno de 2000 em uma publicação da revista *Spectrum*, Aubyn Fulton comparou duas “declarações oficiais” aprovadas pelo concílio anual em 1999. Ele concluiu que a declaração sobre controle de natalidade “que com grande sucesso consegue criar um contexto moral dentro do qual, os casais podem tomar decisões responsáveis sobre reprodução”.⁷⁴ Em contraste com a “declaração da posição oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre homossexualidade” estava mais preocupada com as relações públicas do que com a função pastoral:

Ausente... é um tom de respeito para o completo alcance das perspectivas cristãs, ou o reconhecimento das complexidades e sutilezas associadas. O documento é escasso em evidências de um fundamento redentor e incumbência pastoral... é difícil ver como um simples “nós somos contra isso” pode ser de muita ajuda se é ignorada a evidência da complexidade bíblica à medida que crescem os dados científicos com relação a grande base biológica da orientação sexual e a resistência à mudança da orientação.⁷⁵

A edição do verão de 2002 da revista *Spectrum* continha um conjunto de cinco artigos sobre sexualidade, incluindo pesquisas na vida de gays e lésbicas adventistas, uma narrativa autobiográfica, e uma resenha de um livro que examinava uma diversidade de opiniões cristãs sobre a homossexualidade. Na edição do inverno de 2004, Gary Chartier discutiu que mesmo aqueles que condenam a atividade homossexual deveriam apoiar a legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo com a finalidade de promover a estabilidade social.⁷⁶

Muitos artigos na edição de março/abril de 2004 da revista *Adventist Today*, exploraram a posição Adventista sobre o casamento gay. Dois foram reeditados: uma carta de Thomas Mostert, presidente da União do Pacífico, para líderes legislativos da Califórnia, anunciando a oposição da igreja a um projeto de lei que poderia reconhecer o casamento gay; e um artigo de Alan Reinach incentivando os Adventistas a “falar” sobre o “debate do casamento”.⁷⁷ Como uma visão de oposição, eu argumentei que “apoiar a emenda do casamento” [casamento só entre homem e mulher] iria colocar a igreja Adventista em oposição aos direitos civis – não religiosos – a recente decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, da Corte Canadense, e da Suprema Corte Judicial de Massachusetts não tem nada a ver com liberdade religiosa ou ritos religiosos.⁷⁸

Escolas e Colégios Adventistas

Pelo meio dos anos 1990, colégios Adventistas mudaram a política de caçada as bruxas, focada em estudantes supostamente gays para a política de “não

pergunte, não conte”. Em parte, isso é por causa deles estarem mais acostumados com a presença de alguns estudantes abertamente gays, mas outro ingrediente é que eles não podem mais perder matrículas. Entretanto, estudantes encontrados em situações comprometedoras ainda enfrentam expulsão ou talvez alguma forma mais leve de disciplina. Atitudes variam de um colégio para outro. Por exemplo, em 1997 a Universidade La Sierra, no sul da Califórnia, pediu a um casal lésbico, que estava se beijando e acariciando, para serem mais discretas. Essa foi uma mudança dramática da expulsão automática que acontecia antes. No ano seguinte eles aceitaram no curso de religião uma ex-Adventista, que se identificava como lésbica, que planejava conseguir a ordenação na Igreja da Comunidade Metropolitana.⁷⁹

Alguns colégios têm grupos de apoio aos gays entre os estudantes. Isso depende da presença de apoio entre a faculdade e uma administração segura, mas especialmente da presença de estudantes com a coragem de agir. A visibilidade de cada grupo cresce e diminui à medida que estudantes ativos se formam e os que acabaram de chegar se envolvem. O primeiro desses grupos se formou por meio de dois estudantes hispânicos do Colégio da União do no final dos anos 1980; o grupo esmoreceu depois que os dois líderes fundadores se formaram. No ano 1996, havia mais grupos substanciais e ativos no Colégio *WallaWalla* no estado de Washington e no *Columbia Colégio da União de Columbia* em Maryland, Perto do distrito de Columbia. Outros se formaram na Universidade La Seirra em 1998 e na Southern Adventist University mais recentemente.⁸⁰

Embora pesquisas públicas sugiram que pessoas mais novas geralmente aceitam mais as pessoas gays e lésbicas do que as gerações mais velhas, estudantes dos Campus Adventistas são mais conservadores do que a média, então estudantes gays enfrentam diferentes reações quando eles “se assumem”. Em 2000, o Movimento Estudantil da Universidade Andrews divulgou os resultados de uma pesquisa com 111 estudantes que perguntava como a Igreja Adventista deveria tratar os homossexuais: 55, quase que exatamente 50 por cento, escolheram a opção, “expulsá-los”.⁸¹ Um estudante gay que não era assumido antes disso, escreveu uma carta ao editor na qual ele “se assumia” e comentava que ele havia concluído “que não existe um canal possível onde se possa falar sobre homossexualidade no campus”.⁸²

Na Universidade *Loma Linda*, o site da Escola Adventista de Medicina e outros programas relacionados, durante muito tempo têm tido a fama de serem pouco hospitaleiros com estudantes gays e lésbicas. Em setembro de 2000, seu presidente, Lyn Behrens, declarou em uma entrevista com um jornal local que os professores seriam demitidos e os estudantes expulsos se fossem pegos ou se fossem suspeitos de quebrar as regras da universidade de banimento da conduta homossexual. Os registros dos estudantes foram marcados como se a expulsão fosse por imoralidade, e eles não davam carta de recomendação ou os ajudavam a encontrar outra escola. Quando isso chamou a atenção da União Americana pela Liberdade Civil [ACLU], eles alertaram a administração da LLU que tal política poderia violar a nova lei anti-discriminação que havia entrado em vigor

em janeiro de 2001.⁸³ Quando essa carta de alerta foi ignorada, a ACLU decidiu focar sua atenção na universidade. Ela colocou um artigo de acompanhamento no jornal em fevereiro de 2001.⁸⁴ Isso causou um furor no campus porque isso coincidiu com o processo de reconhecimento da universidade. A administração se sentiu vulnerável nesse momento porque a universidade havia experimentado antes problemas de reconhecimento. Quando Ben Kemena, um ex-membro da faculdade que foi expulso por causa de sua orientação sexual, mostrou aos membros da administração da universidade uma nota no Web site da ACLU que convidava as pessoas que haviam sofrido discriminação e importunação na Universidade *Loma Linda* a procurá-los, e informou a eles que mais de vinte já haviam ido e estavam querendo registrar denuncia e testemunhar, a liderança da universidade concordou em proteger professores e estudantes homossexuais que não praticassem a homossexualidade, e ajudar outros, quando descobertos, a encontrar outra escola.⁸⁵

Ainda assim, em um artigo em agosto de 2002 da Revista Adventista, o vice-presidente pela diversidade da Universidade *Loma Linda* declarou ter sido interrogado sobre a posição da universidade sobre orientação sexual depois de fazer uma apresentação sobre cuidados da saúde e diversidade em uma conferência internacional. Sua resposta foi “Loma Linda tem uma única aplicação para pessoas heterossexuais ou homossexuais: celibato antes do casamento; monogamia dentro do casamento”. Em resposta a outra pergunta, ele adicionou que Loma Linda não contrata homossexuais assumidos ou estende benefícios aos seus parceiros, mas não há caçada às bruxas.⁸⁶ A Universidade *Loma Linda* ainda não se tornou um meio ambiente amigável para gays e lésbicas adventistas.

A despeito das indicações de mudança nas instituições educacionais Adventistas revistas aqui, professores universitários, e em especial professores de religião têm permanecido com medo de que suas carreiras sejam danificadas se eles publicam suas conclusões positivas sobre a homossexualidade. O Kinship tem convidado muitos de tais professores a discutir o que a Bíblia diz sobre sexualidade nos Kampmeetings desde 1980. Esse era um tópico novo para a maioria deles, mas as apresentações deles têm mostrado um notável grau de concordância de que as Escrituras não se referem à orientação homossexual e de que os homossexuais Adventistas têm sido chamados às mesmas normas que os heterossexuais – fidelidade dentro de seus relacionamentos. Seria de muita ajuda para o debate dentro da igreja que esses professores publicassem suas conclusões. Entretanto, até recentemente, o único a fazer tal publicação, o fez sob um pseudônimo no periódico do Kinship [*Kinship Connection*], o que significa que seu artigo não teve a oportunidade de fazer um impacto mais amplo dentro dos círculos Adventistas.⁸⁷ Este volume é um grande avanço.

Congregação e Pastores

Dada a negatividade das declarações oficiais da Igreja Adventista, a diversidade de vozes dentro dela, e o amargo debate dentro da sociedade sobre os direitos civis dos homossexuais, em que medida as congregações e os pastores nos Estados Unidos e Canadá se tornaram mais cuidadosos e acolhedores em relação aos homossexuais? Em 1992, um artigo publicado na revista *Insight* concluiu que “homossexuais, desde que não sejam homossexuais praticantes, podem ser membros em posição boa e regular em qualquer Igreja Adventista do Sétimo-dia. Eles podem ter cargos na igreja”. De acordo com o artigo, “se um alcoólatra que nunca bebeu álcool pode ter qualquer cargo na igreja, um homossexual que nunca praticou a homossexualidade pode ter qualquer cargo na igreja”.⁸⁸

Mas, de fato, existe uma considerável diferença de uma congregação para outra. Isso foi bem ilustrado por duas entrevistas que eu completei em Los Angeles. Uma das perguntas do questionário para pastores era, “quantos membros gays você tem em sua igreja”? Quando eu perguntei isso para um pastor de uma grande igreja hispânica, sua primeira resposta foi “nenhum”, o que ele rapidamente mudou para “talvez um”. Ele depois me contou de um membro que havia sido afastado por causa de sua homossexualidade, e que depois foi rebatizado porque declarou que havia sido “curado”. Mas como os membros não acreditavam na declaração dele, eles o evitavam quando ele ia à igreja. O pastor também não falava com ele porque, isso iria ofender os líderes da congregação. Terminando essa entrevista, eu me dirigi a uma igreja predominantemente branca somente a algumas milhas dali. Quando eu fiz as mesmas perguntas ao pastor, ele me disse que seu líder jovem, que era grandemente admirado, era gay e todos sabiam, e que ele e seu parceiro com frequência cantavam duetos nos cultos.⁸⁹

A maioria das igrejas Adventistas segue uma versão instável, e não escrita de “não pergunte, não conte”. Isso significa que é aceitável um membro gay que seja solteiro e discreto, e especialmente se ele ou ela tem uma boa posição profissional, onde um compromisso de celibato é frequentemente presumido. É frequentemente aceitável que um casal frequente a igreja junto como “amigos”, e casais lésbicos com frequência são capazes de viver juntas, e mesmo seguirem uma a outra de uma cidade a outra por causa da mudança de trabalho, sem criar muita suspeita. Entretanto, se um membro gay é aberto sobre um relacionamento com alguém do mesmo sexo, muitos problemas começam a surgir. Nesse ponto, apenas um pequeno punhado da congregação aceita os membros que se sabe que são gays ou lésbicas. Porque eles são tão poucos, e a hierarquia da igreja tem adotado uma posição antagônica e rígida, os pastores dessas igrejas têm que ser cuidadosos. Infelizmente, essas situações de aceitação são também frágeis e incertas, porque um pastor amoroso pode ser substituído por um caçador, novos membros antagônicos podem se fixar para “limpar” a igreja, ou a Conferência Geral pode de repente intervir, e em cada um dos casos a comunidade anteriormente amorosa pode depois se tornar venenosa.

Um exemplo de tal dramática mudança ocorreu na igreja central de São Francisco, onde muitos membros gays haviam encontrado um lar espiritual e também apoio em um ministério para alcançar membros da grande comunidade gay. Como foi mencionado antes esse ministério foi encerrado em 2004 quando seu líder se mudou depois que seu parceiro faleceu. Isso permitiu que dois ultraconservadores recém-chegados à igreja mudassem a dinâmica de aceitação, acabassem com o programa de grande alcance, e intimidassem os gays e lésbicas remanescentes na congregação. Outro exemplo ocorreu em Ontário na Igreja do Norte de Oshawa, Canadá, que avia apoiado e integrado um casal gay. Depois, entretanto, a Conferência Geral interveio, e um novo pastor foi nomeado e novos líderes foram eleitos. O casal gay e os ex-líderes foram levados a se sentirem tão desconfortáveis que eles começaram uma nova congregação independente. A ironia final foi que esses eventos ofenderam tanto a congregação da Igreja Unida de Cristo, de quem a congregação Adventista alugava suas dependências, que eles se recusaram a continuar com o acordo do aluguel, deixando a congregação da Igreja Adventista reestruturada sem local de culto.⁹⁰

Um gay ou uma lésbica Adventista pode também ser deixado sem um lar espiritual se ele ou ela precisa se mudar para outra área. No final dos anos 1980, um membro do Kinship foi nominado para ser líder dos anciãos em sua igreja no subúrbio da Filadélfia. Surpreendido por esse acontecimento, ele sentiu que era necessário informar seu pastor que ele era gay. Ele assegurou que sua orientação sexual não o desqualificava, e quando ele adicionou que seu colega de apartamento era seu parceiro, o pastor permaneceu firme. Depois, o ancião gay comprou uma casa no lado oposto da área metropolitana, e começou a frequentar uma igreja perto. Entretanto, quando ele deu ao pastor de lá as mesmas informações, ele foi afastado da igreja. Ele se sentiu tão ferido pela experiência que ele deixou a Igreja Adventista.⁹¹

Muitos pastores Adventistas não sabem como ministrar aos membros gays. Eu tenho ouvido muitas queixas sobre declarações sarcásticas sobre homossexuais desde o púlpito, e inclusive piadas as suas custas, de pastores aparentemente alheios ao fato de que pode haver gays e lésbicas não assumidos sentados nos bancos da igreja. Alguns pastores têm também traído aqueles que têm se confidenciado com eles.⁹²

A evidência sugere que as congregações Adventistas e os pastores têm normalmente oferecido amor condicional, ao invés de amor incondicional. Por causa disso, o melhor caminho para membros gays e lésbicas sobreviverem é permanecer sem se assumir – mas isso impede fortes laços de desenvolvimento porque esses membros devem tentar esconder quem eles realmente são. Isso os força a se voltarem para a comunidade gay para obter uma amizade genuína e afetuosa. O armário é um espaço desconfortável para ficar confinado. Dadas as situações negativas que eles com frequência têm que suportar, é incrível quantos gays Adventistas permanecem comprometidos com suas congregações.

Homossexuais Adventistas ao Redor do Mundo

O Adventismo tem crescido rapidamente nos últimos anos, especialmente no mundo em desenvolvimento, resultando em um relativo declínio da membresia localizada nos Estados Unidos e Canadá, que agora permanece em apenas 7 por cento do total. A membresia em muitas outras partes do mundo desenvolvido – Europa, Austrália, Nova Zelândia, e Japão – é bem pequena. No entanto, a Igreja Adventista tem se tornado uma igreja global, com membros em quase todos os países, e é especialmente forte na África, América Latina e Caribe, e partes da Ásia e Ilhas do Sul do Pacífico.

O SDA Kinship tem crescido rapidamente desde 2001. Em julho daquele ano, se notou que embora estivessem acumulados 3000 nomes em seu banco de dados, havia se perdido o contato com todos menos 288. Entretanto, nos quatro anos depois disso, foram adicionados 1400 novos membros, e eles têm sido contatados amplamente porque Adventistas em muitos países tem encontrado o Kinship depois de procurar na internet. Em 2005, seus membros se encontravam em 51 países e 16 por cento de seu total viviam fora dos Estados Unidos. Países com grupos ativos de membros incluem Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Alemanha, Inglaterra, os Países Baixos, Brasil, México, Colômbia, Filipinas, África do Sul e Uganda. A Europa tem tido seu próprio Kampmeeting por muitos anos, e Austrália e Nova Zelândia estão planejando seus primeiros. Mas muitos membros estão ainda isolados: vinte e seis países têm apenas um membro em cada país. A internet, entretanto, proporciona um grande aumento da comunicação entre os membros.⁹³

A situação dos gays e lésbicas adventistas em muitas partes do mundo desenvolvido é sombria. Há sem dúvida centenas que vivem em total isolamento por que eles nunca ouviram falar do Kinship ou não têm meios de fazer contato com ele. Muitos dos que têm contatado o Kinship ainda não conheceram outro gay Adventista face a face. Além disso, eles tipicamente enfrentam uma igreja mais rejeitadora para os homossexuais do que na América do Norte, e eles frequentemente vivem em culturas que são hostis.⁹⁴

Enquanto viajava o mundo fazendo pesquisas sobre o Adventismo Internacional, eu não só perguntei a pastores e administradores aonde eu ia quantos membros homossexuais eles tinham, eu também tentava encontrar oportunidades de encontrar e entrevistar membros gays pessoalmente. Um em Lima, Peru, explicou que ele deixou a igreja quando era adolescente porque ele percebeu que não havia lugar para homossexuais. De fato, ele sabia de muitos homossexuais que haviam sido adventistas – todos deixaram a igreja, ou porque eles foram afastados ou porque eles perceberam que não havia lugar para eles. Um casal gay de Buenos Aires, Argentina, cresceu em uma das maiores congregações de lá, mas eles foram afastados depois que descobriram que eles eram homossexuais. Ainda sendo Adventistas de coração e desejando seguir a Deus em um ambiente Adventista, eles começaram a frequentar a igreja central

como visitantes, e não membros. Entretanto, em pouco tempo disseram explicitamente a eles que eles não eram bem-vindos nos cultos.⁹⁵

Quando eu conduzi algumas entrevistas na África, quase sempre me disseram que não havia homossexuais lá. Entretanto, o Kinship tem hoje cem membros somente em Uganda. Cerca de vinte deles eram adventistas e o resto veio de outras denominações, incluindo cerca de dez que eram muçulmanos: eles compartilhavam a experiência de ser expulsos de seus grupos religiosos. Muitos que estavam em idade escolar foram expulsos de suas escolas e casas quando sua orientação sexual foi descoberta. Quando eu perguntei a um ex-pastor gay sobre o impacto de crescer como gay e lésbica Adventista em Uganda, ele respondeu, “é a coisa mais difícil que você possa imaginar – eles te dizem que você já está condenado, indo para o inferno. Ninguém te diz que Deus te ama”.⁹⁶ Todos eles também enfrentam a situação de que a homossexualidade é ilegal e pode resultar em uma longa sentença de prisão. Ou seja, eles enfrentam perturbação e ostracismo dos dois, igreja e estado. Outro ex-pastor Adventista, o qual eu vou chamar de Pastor José, juntou os membros dos Kinship em uma comunidade de adoração não sectária. José, que foi também afastado depois que foi descoberta sua homossexualidade cinco anos atrás, falou com excitação sobre encontrar o Kinship na internet. Uma jovem é assistente dele, conduzindo as lésbicas em atividades separadas. O Pastor José acredita que Deus o chamou a ministrar para os homossexuais, especialmente homossexuais Adventistas, em Uganda. Ele disse que muitos gays Adventistas permanecem escondidos na igreja, vivendo vidas escondidas e miseráveis. Entretanto, quando descobertos, ou mesmo suspeitos, homossexuais são afastados – com frequência secretamente. Ele mencionou que alguns gays Adventistas têm cometido suicídio depois de serem descobertos.⁹⁷

AIDS

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi diagnosticada pela primeira vez em 1981, e era inicialmente conhecida como Desordem Imunodeficiente Relacionada aos Gays (GRID) porque foi descoberta inicialmente entre homens gays na América. Na primeira conferência Adventista focada na doença, patrocinada em 1990 pela *Revista Adventista* e pela Igreja de Sligo no subúrbio de Washington D.C., Fritz Guy desafiou os Adventistas: “Pareceria que responder à AIDS seria natural para o Adventismo, porque nós declaramos que cuidar e curar são parte de nossa missão, e porque doenças sexualmente transmissíveis são imediatamente relevantes para nosso entendimento da totalidade do homem”.⁹⁸

Entretanto, de fato, os líderes da igreja foram lentos em reconhecer que a AIDS impactava os Adventistas. Já que era uma doença de gays, eles viram isso como um julgamento de Deus sobre pecadores deliberados e um sinal de que o fim do mundo era iminente. Por isso eles rejeitaram, e ficaram parados na falta de ação, por causa da própria homofobia deles. Enquanto a doença se enfurecia e gays

Adventistas morriam, a Conferência Geral ampliou a definição Adventista de adultério para incluir o comportamento homossexual como um fundamento legítimo para o divórcio, e processaram o SDA Kinship em uma tentativa de forçar a remoção da parte de seu nome que identificava o Kinship com o Adventismo. Quando *Message*, a revista missionária dirigida aos Afro-Americanos, publicou uma série de artigos que falavam da AIDS, foi omitida qualquer referência à homossexualidade e abuso de drogas, temendo que isso pudesse ser interpretado como aprovação desses estilos de vida.⁹⁹

Nenhum dos hospitais no grande sistema de hospitais Adventistas nos Estados Unidos saiu de seu caminho para tratar pessoas com AIDS (PWAs). De fato, o principal hospital, o Centro Médico da Universidade de Loma Linda, se tornou objeto de crítica especial depois das reportagens sobre o abandono e o comportamento humilhante em relação às PWAs. As razões dadas para explicar essa norma incluíam medo de serem infectados, repugnância moral em relação aos pacientes, e o risco de problemas financeiros consequentes em providenciar cuidados a pacientes que com frequência carecem de plano de saúde, e ainda com frequência precisam de grandes estadias em hospitais.¹⁰⁰

Essas razões criaram um impactante contraste com o papel que os hospitais Adventistas tiveram durante a epidemia de poliomielite nos anos 1950, quando eles estiveram na frente de combate.

De fato, eles trabalharam entre crianças que contraíram a doença, de forma tão impressionante que uma proeminente família de Ohio doou um hospital de quatrocentos leitos, o Hospital Memorial Charles F. Kettering no subúrbio de Dayton, para a igreja.

Embora a igreja sempre estime as crianças como inocentes, ela via aquelas infectadas com a AIDS de forma diferente.

Os líderes Adventistas responderam à epidemia da AIDS como uma forma de reafirmar sua posição contra a “imoralidade sexual”. A epidemia nunca foi o foco durante toda a exageração sobre “a igreja afetuosa”. Não havia educação sistemática para clérigos ou membros de igreja na América do Norte, e pouca cobertura sobre o assunto nas escolas Adventistas, a despeito dos estudos que mostravam que estudantes estavam engajados em comportamentos de risco.¹⁰¹

Nem a igreja levantou sua voz para lutar em nome dos PWAs. A maioria dos PWAs Adventistas fugia de suas congregações sem colocá-las em teste, e suas famílias se envergonhavam em silêncio. Eu entrevistei muitas mães de PWAs durante os anos 1980, e nenhuma delas contou a seu pastor, a seus colegas de escola sabatina, ou seus amigos da igreja sobre a nuvem que parou sobre sua família.¹⁰²

Alguns membros de igreja se tornaram proeminentes ativistas da AIDS. Uma delas foi Eunice Diaz, que se tornou ativa em 1981, tão logo a doença foi identificada, enquanto trabalhava no Departamento de Saúde do Condado de Los Angeles. Depois, enquanto estava empregada no Centro Médico Adventista Memorial White, que fica localizado no maior bairro de Los Angeles, ela tentou

unir as pessoas em torno da AIDS. Entretanto, a administração do hospital exigiu que ela deixasse o assunto porque a visibilidade que ela trazia para o hospital criava uma “imagem negativa”. Como resultado, ela renunciou a seu cargo em 1988 e se tornou consultora de saúde para o governo e agências privadas. Poucos meses depois que ela havia saído do hospital Adventista, o Presidente George H. W. Bush a designou para a Comissão Nacional sobre a AIDS, que era comissionada para aconselhar e avisar o Presidente e o Congresso em qualquer assunto pertinente ao HIV e a AIDS. ¹⁰³

Quando os periódicos da igreja anunciaram essa notícia, Diaz respondeu tristemente: “Com a resposta mínima da igreja, eu não vou agitar uma bandeira dizendo eu sou Adventista do Sétimo Dia”. Ela explicou, “A igreja deu as costas à questão da AIDS porque não pode enfrentar o assunto da homossexualidade. A liderança da igreja tem medo de se tornar identificada com alguma coisa que acha embaraçosa”. ¹⁰⁴

Outro proeminente ativista Adventista é Harvey Elder, um médico especialista em doenças infecciosas no Hospital dos Veteranos em Loma Linda, Califórnia. Quando ele viu seu primeiro paciente em janeiro de 1983, ele percebeu que tinha forte preconceito contra homossexuais e usuários de drogas. Entretanto, à medida que ele foi interagindo com seus pacientes e ouviu suas histórias, ele percebeu que se Jesus estivesse em seu lugar ele iria alcançar esses pacientes; Elder aceitou isso como seu chamado. Em meados dos anos 1980, ele pode ver que uma aterrorizante epidemia estava se espalhando, e, depois de se encontrar com Eunice Diaz, eles dois decidiram incentivar a Igreja Adventista a se envolver. Os dois receberam um cargo no Comitê da AIDS da Conferência Geral quando foi criado em 1987, e eles trabalharam nisso por uma década. Entretanto, eles ficaram frustrados quando as reuniões não resultaram em ações. Elder respondeu iniciando uma cruzada solitária tendo como meta persuadir os Adventistas a abraçar a doença e os PWAs. ¹⁰⁵

O comitê da AIDS falhou em sua tentativa de persuadir os líderes da igreja a colocar a AIDS no programa da Sessão da Conferência Geral em 1995. Entretanto, seus membros tiveram vinte minutos para falar no Concílio Anual de Líderes da Igreja em 1996. Como muitos pastores que se interessavam na doença achavam que se falassem sobre isso deixariam que as pessoas suspeitassem que ou eles ou seus filhos fossem gays, um resultado que acabou silenciando a outros, os palestrantes do comitê Impulsionaram a Conferência Geral a aceitar que a AIDS era uma crise maior.

Eles também pediram que a igreja advertisse os casais em áreas com alto índice de infecção a fazerem testes antes do casamento e a usarem preservativos se um deles descobrisse que era HIV- positivo. Eles também advertiram que os seminários Adventistas ensinassem sobre a AIDS, nem que fosse somente porque os estudantes precisavam estar preparados para pregar sermões adequados no funeral de PWAs. Apesar de considerável oposição ao uso de preservativos sob qualquer circunstância, os líderes votaram a favor de todos os

itens. Entretanto, houve pouco esforço para implementar as medidas, o que desapontou profundamente os membros do comitê.¹⁰⁶

Ainda é verdade que a igreja da América do Norte nunca se preocupou realmente com a AIDS. De acordo com o comitê, “Nós não temos nem ideia da prevalência do HIV/AIDS na igreja na América do Norte.¹⁰⁷ Ainda existe tanta vergonha e estigma que os membros da família não falam e os que estão em risco não vão à igreja”. Embora os hospitais Adventistas agora tratem PWAs – assim como aqueles com qualquer outra doença – Elder “não sabe de nenhum hospital Adventista que tenha feito da AIDS uma prioridade”.¹⁰⁸

Quando o departamento de saúde da Conferência Geral patrocinou uma conferência sobre a AIDS na Universidade Andrews logo antes da Sessão da Conferência Geral em junho de 2005, somente dois dos cem presentes eram Norte Americanos. Uma pesquisa das igrejas locais, que tentava descobrir os níveis de interesse no assunto, descobriu que AIDS não era visto como um problema maior quando comparado com outros problemas. Apenas cerca de 20 por cento dos entrevistados expressaram algum interesse, a maioria em congregações negras.¹⁰⁹

Uma epidemia de AIDS invadiu a África pouco depois de a doença ser identificada nos Estados Unidos. O contato sexual também a transmitia, mas dessa vez a transmissão era primariamente heterossexual. Em 1990, eu entrevistei Bekele Heye, presidente da Divisão da África Oriental da igreja, onde a AIDS estava desenfreada, e naquele tempo ele declarou que “AIDS não é um problema Adventista”! Isso foi porque ele associava isso com promiscuidade sexual, e já que a igreja proibia isso, ele não estava interessado na doença. A falta de interesse na doença sem dúvida contribuiu para o fato que eu presenciei, de que o hospital Adventista de sua divisão desdenhava o risco de propagar a contaminação por meio do uso de sangue para transfusão sem teste e a reutilização de agulhas quando eu os visitei entre 1988-89.

Heye também ignorou o fato de que choviam centenas de novos membros lá, e que ele não podia falar saber dos hábitos sexuais deles antes do batismo. De fato, eu também tropecei em consideráveis evidências de promiscuidade sexual entre membros da igreja e pastores durante minhas três visitas para pesquisa na África. A atitude de Heye era, portanto, totalmente irrealista.

Somente em 1996, em um artigo intitulado “AIDS e a igreja na África”, Saleem Farag, que foi durante muito tempo diretor do departamento de saúde da Divisão do Leste da África, e Joel Musvosvi, secretário ministerial da divisão, não fizeram menção ao fato de que Adventistas tinham AIDS ou que a doença havia afetado a igreja. Também não havia o reconhecimento de que os Adventistas Africanos eram com frequência, altamente promíscuos. Ao invés disso, os autores se referiam aos dados Americanos e recomendavam ênfase na moralidade e oportunidades de evangelismo entre PWAs.¹¹¹

O comitê sobre a AIDS da Conferência Geral escolheu focar seus esforços em educar e prevenir que a doença não se espalhasse no mundo em

desenvolvimento, e depois em promover o “comportamento moral” lá. Esse enfoque permitiu que líderes de igreja novamente evitassem lidar com homossexuais, já que a AIDS nessas regiões era primariamente entre heterossexuais. Entretanto, com a evidência de que a epidemia estava galopando pela África, começou a ficar claro para os líderes da igreja que a AIDS era simplesmente outra doença ao invés do julgamento de Deus sobre a homossexualidade. Ainda assim, a igreja levou muito tempo para perceber que o nível de infecção entre os Adventistas na África era alto. De fato, o presidente da Conferência Geral Robert Folkenberg não percebeu que a igreja estava infectada até que Elder o alertou de que um significativo número de pastores havia sido infectado e Folkenberg viu em primeira mão durante sua subsequente visita à África que pastores e administradores de igreja estavam morrendo.¹¹² Alan Handysides, líder do departamento de saúde da Conferência Geral, ganhou a atenção dos administradores quando ele apontou que o custo do cuidado médico de um empregado da igreja com AIDS era igual ao salário de quatro ou cinco pastores.¹¹³ Só recentemente os líderes da igreja na África reconheceram que múltiplos parceiros sexuais, incesto e estupro são grandes problemas dentro da igreja de lá.¹¹⁴ Estudos independentes mostram que o grande número de parceiros sexuais que os africanos Adventistas têm é somente ligeiramente inferior ao das pessoas da população em geral. Desencorajar o uso de preservativos, primariamente por causa da visão de Farag enquanto era diretor de saúde na Divisão do Leste Africano e o apoio que ele recebeu da Conferência Geral, fez a situação ainda mais perigosa. Os africanos costumam ver as coisas em preto e branco, e ultraconservadores entre eles criaram slogans tais como “conduta, e não camisinha”. Somente agora essa visão está começando a mudar. A Agência de Desenvolvimento de Recursos Assistenciais (ADRA) tem ajudado, em parte por introduzir um novo slogan, “Proteção para pessoas com um coração não transformado”.¹¹⁵ O Presidente Jan Paulsen recentemente endossou o uso de preservativos em uma conferência sobre a AIDS na África.¹¹⁶

Quando eu visitei a África do Sul e o Zimbábue em 1999, eu encontrei igrejas na Suazilândia em que os membros eram somente mulheres e crianças porque seus maridos estavam fora trabalhando nas minas. O pastor me contou que os homens retornavam uma vez ao ano para ver suas mulheres e “transmitir-lhes a AIDS”, a qual muitos contraíram como resultado de uma vida de atividade sexual enquanto estavam fora.¹¹⁷ No Zimbábue, eu vi o resultado de uma pesquisa confidencial entre membros não casados na maior congregação de Bulawayo, onde mais de 80 por cento dos homens e 75 por cento das mulheres admitiram ter atividade sexual. Eu fiquei consternado em saber que a promessa de confidencialidade foi quebrada para os entrevistados que admitiram ter tido uma experiência homossexual.¹¹⁸

Handysides tornou-se líder do Departamento de Saúde da Conferência Geral em 1998. No ano seguinte, ele percebeu que a AIDS era um enorme problema para a igreja por causa do enorme número de membros na África, onde a epidemia era pior. Ele pressionou para que houvesse um escritório para a AIDS estabelecido na África e um posto de comando em Johannesburgo. Desde então, o escritório tem trabalhado para persuadir as Universidades Adventistas na

África a lecionar cursos sobre a AIDS em seus programas de treinamento ministerial como advertência e como um chamado a ministrar para as PWAs, para fazer cada igreja Adventista um centro de apoio a AIDS onde PWAs podem costurar e cozinhar coisas para vender, e para ajudar a reduzir a transmissão da AIDS de mães para filhos por meio de testes e tratamento. Entretanto, o reduzido orçamento do diretor dificulta muito, seus esforços.¹¹⁹

A cruzada de Elder o tem levado à África muitas vezes desde 1989, e ele tem se esforçado para criar a consciência na igreja de lá sobre a epidemia. Em 1991, ele criou um curso sobre a AIDS que atualmente é ministrado em quatro das Universidades Adventistas Africanas, porque ele sentia que muito pouco havia sido dito aos jovens da igreja. “Eu espero fervorosamente que [o curso] mude a atitude sobre a infecção, e ajude os estudantes a perceber o que são comportamentos perigosos”, ele me disse. “Quando se fala em proteção, ser um Adventista não funciona nem de perto tão bem quanto um preservativo!”¹²⁰ Handysides concorda: ele explicou que o HIV/AIDS desafia algumas crenças que os adventistas têm sobre sua pureza, tais como a presunção de que eles não serão infectados por essa epidemia.¹²¹

Uma conferência Adventista sobre a AIDS em Harare em 2003 representou um ponto de virada, ao menos em admitir que o Adventismo foi lento em responder à epidemia, que muitos Adventistas foram infectados, e que aqueles que contraíram a doença frequentemente enfrentam estigma em suas igrejas.¹²² Pardon Mwansa, presidente da divisão, bravamente admitiu que um membro de sua família estava infectado com AIDS. Ele insistiu que os Adventistas reconhecessem que a doença é um problema deles. Elder pediu que a Conferência agendasse um encontro separado com presidentes de uniões e educadores da área da saúde, e que fosse com PWAs Adventistas. Como resultado do pedido de Elder, presidentes que compareceram ao encontro confessaram aos PWAs que eles haviam pecado contra eles mentindo a eles sobre Deus, e sobre eles aos seus membros.¹²³

A igreja Adventista está aprendendo a responder aos Africanos heterossexuais que foram contaminados com a AIDS por meio de múltiplos parceiros à medida que foram percebendo que os Adventistas estavam sendo infectados. Entretanto, eles continuam a fazer quase nada sobre a doença nos Estados Unidos porque lá começou como uma doença gay – e eles continuam a rejeitar tanto os gays Adventistas que se puseram em risco de contrair a AIDS, quanto aqueles que vivem relacionamentos de compromisso, como igualmente promíscuos.

Conclusão

Esse capítulo estabelece um teste para ver o ajuste do slogan “A igreja afetuosa”, para o Adventismo e se estende a medir se a esperança do presidente Jan Paulsen de que ela seja a “igreja acolhedora” tem se realizado em tratamento aos membros homossexuais. Como foi medido aqui, a Igreja Adventista falhou

no teste porque provou que é mais preocupada com suas regras e sua imagem do que com as necessidades de suas pessoas.

A despeito da falha do programa de “mudança” que ela apoiava e da exploração sexual de jovens frágeis aconselhados, por seu diretor, os líderes da igreja o ajudaram a voltar a um lugar onde ele pudesse retomar suas atividades, e continuou a insistir que somente homossexuais que lutem para mudar sua orientação podem ser aceitos. O preconceito desses líderes os levou a processar o SDA Kinship com a finalidade de se distanciarem dos gays Adventistas, e os impediu de ver a relevância da epidemia da AIDS para os Adventistas, especialmente em lugares que inicialmente consideravam isso como uma “doença de gays”. Existe atualmente uma crescente consciência na igreja sobre homossexualidade assim como sobre gays e lésbicas adventistas, mas um profundo distanciamento e medo deles também existem, e isso tem proporcionado uma crescente polarização sobre o assunto.

Não é uma surpresa que o contexto influencia fortemente e modela as igrejas, assim como qualquer outra coletividade humana. É desapontador, entretanto, que a Igreja Adventista tenha sucumbido tão grandemente ao exemplo dos “Direitos Religiosos Americanos”. Os Adventistas têm tomado fortes posições contra as regras majoritárias em questões religiosas desde que sua mãe fundadora profetizou que eles enfrentariam perseguição, especialmente nos Estados Unidos, e as tentativas da legislação em 1880 que teriam feito do domingo, sagrado por lei parecia indicar que o cumprimento dessa predição estava certo. A lógica dessa posição por tanto tempo sustentada deveria com certeza ser de que o governo não pode se recusar a dar status de igualdade e proteção a qualquer grupo. Entretanto, embora os Adventistas tenham apoiado direitos civis igualitários em áreas como raça e gênero, eles geralmente continuam a retirar o apoio a tais direitos em relação à orientação sexual. Aliás, eles têm procurado os “Direitos Religiosos” na tentativa de retirar os ganhos recentes.

Houve algumas mudanças positivas, entretanto, num nível local, quando casos individuais são mais frequentemente dirigidos. Essas mudanças parecem isoladas e aumentadas crescentemente por causa de diversas situações. Ainda assim, nos anos depois do primeiro Kampmeeting do Kinship, uma notável mudança ocorreu no tom das histórias que novos membros contam sobre crescer na igreja Adventista. Nos primeiros anos do Kinship, as histórias eram conhecidas como “histórias de terror”. Tal designação é raramente apropriada hoje na América do Norte ou na maioria do resto do mundo desenvolvido hoje, embora as histórias com frequência ainda reflitam sofrimento, confusão, isolamento e rejeição. Um número de fatores fez um notável impacto: a notável existência do SDA Kinship; o fato de que gays Adventistas o encontram mais facilmente e quando são mais jovens; a disponibilidade de informação na internet; as mudanças de atitude na sociedade e na igreja, especialmente entre os pais Adventistas. Esse ainda não é o caso no mundo em desenvolvimento, onde tanto igreja quanto sociedade, ainda tipicamente rejeitam gays e lésbicas e onde as “histórias de terror” ainda abundam.

O Kinship continua a fazer uma contribuição extraordinária em nome da igreja, às vezes para desgosto dela. O Kinship está alcançando, com aumento de eficácia, a jovens Adventistas que têm questionamentos sobre sua sexualidade; não tem mais a necessidade de enviar correspondência para campus Adventistas porque a maioria dos jovens homossexuais os acha facilmente na internet. Ele nutre gays Adventistas espiritualmente, os encoraja a pensar por meio da ética de serem gays cristãos, e a buscar estabelecer relacionamentos entre eles. Seus membros têm-se provado, mesmo durante o longo calvário do processo que a Conferência Geral fez contra o Kinship, surpreendentemente tenazes, com sua herança Adventista.

A principal mensagem do Adventismo para seus membros gays e lésbicas, ainda é – um slogan que aparece de alguma forma em quase todas as declarações que albergam a homossexualidade, e é repetida de novo, e de novo em publicações e sermões – que os adventistas “amam o pecador, mas odeiam o pecado”. Essa atitude, de fato, julga a fé e a vida das pessoas cujo pecado é “odiado”, e pode ser mais bem traduzida como “nós vamos amá-los realmente somente quando e se você cumprir nossas normas”. Isso também oferece amor condicional ao invés de incondicional. Isso não é nem ser acolhedor nem ser afetuoso.

Questões para discussão

1. Em sua opinião, como seria ser um adventista comprometido que finalmente chega à conclusão de que sua orientação é gay / lésbica? Como você reagiria se seu filho/filha dissesse que ele/ela é gay/lésbica?
2. Olhando para a história da igreja adventista e seus membros gays, quais foram as melhores coisas feitas pela igreja? Quais foram as piores?
3. Que ações a igreja deveria fazer agora para tornar suas igrejas e instituições ambientes de aceitação e nutrição para membros gays? O que nossa igreja local deveria fazer?
4. Se você fosse um(a) gay ou lésbica em um relacionamento de compromisso com uma pessoa do mesmo sexo e a igreja dissesse que você tem que se separar do(a) seu/sua parceiro(a) para se tornar ou continuar a ser membro, que decisão você tomaria? Porque um membro gay ou lésbica deveria ficar profundamente angustiado sobre uma sugestão de que ele/ela deve sair da igreja?
5. Onde o envolvimento adventista com “ministérios de reversão” deu errado? Onde os “ministérios de reversão” deram errado?
6. No passado, jovens adventistas que se aproximaram de seus pastores ou conselheiros escolares por ajuda quando estavam angustiadados por sua atração homossexual eles foram frequentemente aconselhados a orar, namorar uma mulher e se casar. Esse é o conselho mais amoroso nessa situação?

Notas e Referências

1. TROY, Owen A. Caring-Church seminar Held. **Adventist Review**. Feb. 24, 1983.
- Ibid. First Union-Wide Caring Church Seminar Conducted. **Adventist Review**. 17 de nov. de 1983.
2. Paulsen, Jan. relato de sermão na Sessão da Conferência Geral, **Adventist News Network**. 9 de jul. de 2005.
3. Eu completei trezentas e cinquenta entrevistas em cinquenta e seis países. Já que prometi à maioria dos entrevistados confidencialidade, eu identifiquei essas fontes simplesmente como “entrevistas”.
4. Por exemplo, sua extensa discussão sobre Sodoma e Gomorra vinculou sua destruição a uma variedade de pecados, mas não mencionou a homossexualidade. Veja White, Ellen G. **Patriarcas e Profetas**. (2007) e Michael Pearson, **Millennial Dreams and Moral Dilemmas: Seventh-day Adventism and Contemporary Ethics**. Cambridge. Ed. Cambridge University Press, 1990.
5. Entrevistas; e Ata do Comitê da Conferência Geral, 1951-52, disponível em: <www.adventistarchives.org>.
6. Entrevistas.
7. Ibid.
8. Essa declaração é baseada em histórias pessoais contadas em Kampmeetings da SDA Kinship.
9. WOOD, Kenneth. Power to Counter All Deviation. **Adventist Review**. 15 de jul. de 1971.
- DAY, Dan. What about homosexuality? Insight. 14 de dez. de 1971.
10. WOOD, Miriam. Anita Bryant and Homosexuality. **Adventist Review**. 6 de out. de 1977; PIERSON, Robert. press statement, 24 de jul. de 1977; citado em pessoa, Millennial Dreams, 248; e “Concílio Anual Aprova Ação em Conciliação, Divórcio e Novo Casamento” **Adventist Review**. v. 18. 17 de fev. de 1977.
11. White. Ellen G. **Mente, Caráter e Personalidade**. São Paulo: Editora Casa Publicadora Brasileira, 2014. Quando ele descobriu isso, Larry Hallock, um membro da Kinship, conduziu uma longa correspondência com o Centro Ellen G. White, que eventualmente concordou que as citações usadas sob esta legenda foram tiradas de contexto. Eles prometeram mudar a legenda se houvesse outra edição (Hallock para o Centro White). Entretanto, quando o Centro publicou Testimonies on Sexual Behavior, Adultery, and Divorce em 1989, ele incluiu o título “Homossexualidade” com passagens fora de contexto onde White fazia referência a Sodoma.
12. WITTSCHIEBE. C. E. **God Invented Sex**. Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1974. Pág 187. E KUBO, S. Theology and Ethics of Sex. Nashville, Tenn.: Southern Publishing Association, 1980. Pág. 83
13. COOK, Colin. God’s Grace to the Homosexual. Partes 1, 2, e 3, **Insight**. Dez. 1976.

14. COOK, Colin. The Church's Responsibility to Homosexuals. **Insight**. 16 de dez. de 1980. Pág. 9–11.
15. Entrevistas
16. WILSON, Neal. Entrevista, Walla Walla College Alumni Review, inverno 1981. E idem, conversa pessoal com o autor, maio de 1981.
17. LAWSON, Ronald. Notas de encontro com um participante no Aeroporto La Guardia. Maio, 1980. Em posse do autor. Aqueles presentes no encontro, que aconteceu no aeroporto La Guardia, na cidade de Nova York, foram Eva, o Professor James Cox e o autor (representando o Kinship).
18. Anônimo. Growing Up Gay Adventist. **Spectrum**. maio 1982. Pág. 38–48. Um dos cinco clérigos convidados pela Kinship (Londis) sabia naquela época que seu irmão era gay. Dois outros descobriram depois que tinham um(a) irmã(o) gay e um filho gay, e então agradeceram à Kinship pela preparação que a experiência do Kampmeeting proveu ajuda ao se relacionarem com esse membro da família. Eu fui um dos que compilaram a seleção de histórias pessoais que apareceram na revista Spectrum: o editor insistiu que aparecesse sem atribuições.
19. A demissão do teólogo Desmond Ford, cujo julgamento ocorreu imediatamente após o Kampmeeting; que ficou conhecido como Davenport Affair, onde os líderes da igreja investiram os fundos de entidades da igreja em um esquema de pirâmide operado pelo Dr. Davenport que faliu; e a pesquisa de Walter Era, um pastor Adventista, que sugeriu que Ellen White teria plagiado outras fontes enquanto preparava seus escritos “inspirados”.
20. Comitê da Divisão Norte Americana. Ata de 4 de abril de 1981. e Relatório do conselho da Primavera. **Adventist Review**. 21 de mai. de 1981. Pág. 14–15.
21. Duncan Eva para Josephine Benton, 13 de jan. de 1981. Em posse do autor.
22. The Church and the Homosexual. **Adventist Review**. 26 de abr. de 1984.
23. Entrevistas
24. SPRINGETT, Ronald. M. **Homosexuality in History and the Scriptures**. Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1988.
25. Duncan Eva para educadores adventistas. 16 de ago. de 1986. Em posse do autor.
26. SPANGLER, Robert. Homosexual Healing. **Ministry**. set. 1981. Pág. 4-13.
27. Atlantic Union Gleaner, 25 de mar. de 1986.
28. Entrevistas.
29. BENTON, Elvin. Adventists Facs Homosexuality. **Spectrum**. Maio – 1982. pp. 32-38.
- Anônimo. Growing Up Gay Adventist; e COOK, Colin. Church Funds Program for Homosexuals. **Spectrum**. 12.3. maio – 1982. pp 46-48.
30. Essa tem sido a experiência de treze de quatorze entrevistados, e de acordo com eles, de muitos de seus colegas conselheiros ao longo da história da Quest. A única exceção era um homem mais velho, em torno de seus cinquenta.

31. LAWSON, Ronald. The Quest Learning Center/Homosexuals Anonymous: Trouble in na Ex-Gay Ministry. Artigo apresentando na reunião da American Sociological Association. Chicago. Agosto de 1987.
32. Ronald Lawson para Neal Wilson, Oct. 23, 1986, em posse do autor.
33. Newsbreak. **Adventist Review**. 21 de maio de 1987. Ironicamente, o mesmo problema incluiu um anúncio de página inteira insistindo que os Adventistas se subscrevessem na revista Adventist Review com o cabeçalho “É minha igreja. Eu quero uma imagem honesta do que está acontecendo”.
34. SPANGLER, Robert. Homosexual Recovery – Six Years Later. **Ministry**. Setembro. 1987. pp. 4-9.
35. Colin Cook para Neal Wilson, 14 de dez. de 1987. Em posse do autor.
36. COOK, Colin. I Found Freedom: One Christian’s Struggle with Homosexuality and How He Found Healing through God’s Grace. **Christianity Today**. 18 de ago. de 1989. pp. 22-24.
37. Entrevistas.
38. CULVER, Virginia. Sessions with Gays Criticized. **Denver Post**. Outubro, 27 – 1995. 1, 8A, and 9A.
39. NAD Leaders Comment on Colorado News Stories. **Adventist Review**. Dezembro, 14. 1995. p. 6.
40. Entrevistas.
41. A Conferência Geral tomou medidas para registrar o nome denominacional na primavera de 1980 e fez o mesmo em novembro de 1981. O caso foi arquivado em sua jurisdição porque a Kinship foi criada na Califórnia.
42. Igreja Adventista do Sétimo Dia move ação contra grupo de apoio a homossexuais. **Adventist Review**. Fev. 4, 1988.
43. JAPENGA. A. It’s Called Change Counseling: Troubled Pioneer Maintains His Faith in Program. **Los Angeles Times**. 6 de dez. de 1987.
- Desperate Queste: Cook’s “Cure” Much Worse than “Disease”. **Reading Eagle**. 16 de fev. de 1988. p.4.
44. PINER, Kenneth Edward. “‘Seventh-day Adventist’ not Always a Trademark,” **Spectrum**. 22.1; Pág. 63–64. Mar. 1992.
45. Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia vs. SDA Kinship Internacional. USDC, CDCA, 1991, Caso nº CV 87-8113 MRP.
46. Michael McLoughlin para Robert Folkenburg. Out. de 1991. e Bob Earl Jacobs para Michael McLoughlin, 15 de jan. de 1992. Ambos em posse do autor e nos arquivos da SDA Kinship.
47. Comitê Administrativo da Conferência Geral. 17 de maio de 1994. Disponível nos arquivos da Conferência Geral.
48. Comitê Administrativo da Conferência Geral. Afirmação Adventista do Sétimo-Dia sobre o casamento. **Messenger**. 21 de jun. de 1996. Também disponível no site da Igreja Adventista do Sétimo-Dia:
<www.adventist.org/beliefs/statements/main_stat53.html>
49. Disponível no site da Igreja Adventista do Sétimo-Dia:
<www.adventist.org/beliefs/statements/main_stat46.html>.
50. Reafirmação Adventista sobre o casamento tradicional; chamada para apoio a legislação. 19 de jan. de 2000.

51. Adventists Respond to Court Decisions on Same-Sex Marriage in Canada. **ANN Bulletin**. 20 de out. de 2002.
52. Boletins distribuídos pela Igreja Adventista do Sétimo-Dia no Concílio Estadual, abril a outubro de 2003.
53. Ronald Lawson para Alan Reinach, 3 de jan. de 2006; e Reinach para Lawson, 20 de jan. de 2006, ambos em posse do autor.
54. "British Opposition to Government Plan to Introduce Civil Unions". **ANN Bulletin**, 8 de jul. de 2003.
55. "SDA Fears about Canada's Expansion of Its Hates Crimes Law". **ANN Bulletin**, jul. de 2004.
56. "Seventh-day Adventist Response to Same-Sex Unions—A Reaffirmation of Christian Marriage". **ANN Bulletin**. 6 jun. de 2004. "A homossexualidade é uma manifestação da desordem e do rompimento nas inclinações e relações humanas. ...É muito claro que a Palavra de Deus não aceita um estilo de vida homossexual. ...Os adventistas do sétimo dia acreditam que o ensino bíblico ainda é válido hoje.
57. Os comentários de Paulsen, de um programa televisionado em que ele respondeu a perguntas de jovens adventistas, podem ser encontrados em: <letstalk.adventist.org> em perguntas e respostas – Cultura Pop e Sociedade.
58. MCLOUGHLIN, Kate. **My Son, Beloved Stranger**. Nampa, Idaho: Pacific Press, 1995.
59. Inge Anderson para Ronald Lawson, 26 de dec. de 2005, em posse do autor.
60. BLAKE, Christopher. Redeeming Our Sad Gay Situation: A Christian Response to the Question of Homosexuality. **Insight**. 5 de dez. de 1992. Pág. 4–16
61. Ibid., 10–11.
62. CRESS, John C. Compassion—An Alternative Lifestyle. **Ministry**. nov. 1996. Carrol Grady, a mãe de um filho gay, escreveu um dos artigos nessa edição; Kate McLoughlin. A Homosexual in My Congregation? **Ministry**. nov. 1996. Escrevendo primeiro com pseudônimo e, mais recentemente, com seu próprio nome, Grady publicou uma série de artigos na imprensa da igreja que ela discute em seu capítulo deste livro.
63. WILLIAMS, Sheyanne. A Match Made in Heaven. **Insight**. Dezembro, 12. 1998. pp. 8-13.
64. WILLOW, Tessa. Still Our Son. Women of Spirit. Maio/Junho, 2000.
65. GRADY, Carrol. Listen and Love: How Do You Treat Gay People? **Ministry**. Agosto, 2003. pp.25-26, 29.
66. ADAMS, Roy. Marriage under Siege. **Adventist Review**. Outubro [2]. 2003. pp. 34-36.
67. JOHNSSON, Willian. Biblical Marriage. **Adventist Review**. Outubro [2]. 2003. pp. 6
68. STEED, Lincoln. Behing Closed Doors. **Liberty**. Setembro/Outubro. 2004. p. 30.
69. BUSSEY, Barry. Why Silence Is Not na Option. **Liberty**. Setembro/Outubro, 2004. pp. 16-19.

70. SORUM, Jonathan. Civil Rights and Homosexual Rights: A Flawed Analogy. Setembro/Outubro, 2004. pp. 8-13.
71. KORANTENG-PIPIM, Samuel. Born a Gay or Born Again? Adventism Changes Attitudes towards Homosexuality. **Journal of the Adventist Theological Society**. 10 primavera-outono de 1999. pp. 141–83; e Homosexuality in the Church: Should this “Born a Bay” Gospel Be Baptized? *Adventists Affirm*. 14. 2000. pp. 11–19, 47–58.
72. BOUCHARD, Robert. ELDER, Harvey. Kampmeeting Supports Gay Adventists. **Adventist Today**. Novembro/Dezembro. 1995. p. 16.
73. MCLARTY, John. Let’s Talk about Homosexuality. **Adventist Today**. Julho/agosto. 1999. p. 2.
74. FULTON, Aubyn. Making a Stand: Official Statements Bring out the Best and Worst in the Church. **Spectrum**. Inverno, 2000. pp. 69–72.
75. *Ibid.*, 71–72.
76. CHARTIER, Gary. Marriage in 2004. **Spectrum**. V. 32. inverno/ 2004. Pág. 4–6.
77. Thomas Mostert para os membros da Assembleia da Califórnia Mark Leno e Ellen Corbett, citado por Robert M. Johnston, Pacific Union Conference Oppose Gay Marriage Bill. **Adventist Today**. mar./ abr. 2004; e Alan Reinach, Should Adventists Speak Up on Marriage? *Adventist Today*. mar./abr. 2004
78. LAWSON, Ronald. Adventists and the Proposed ‘Marriage Amendment: The Constitution and Same-Sex Relationships. **Adventist Today**. Mar./Abr. 2004. Pág. 14–17
79. Entrevistas.
80. *Ibid.*
81. HOLLAND, Chris. **Unacceptable**. Student Movement. 16 de jan. de 2000.
82. SCARONE, Daniel. **The Real Issue**. Student Movement. 2 de fev. de 2000.
83. Entrevistas.
84. OBSATZ, Sharyn. **Gays Urge Policy Shift: Loma Linda University Calls Its Sexual Standards a Way to Promote Chastity, Homosexuals Call It Bias**. Riverside Press-Enterprise. A1. 11 de fev. de 2001,
85. Entrevistas.
86. POLLARD, Leslie N. Upstream. **Adventist Review**. v. 45. 1 de ago. de 2002.
87. EASTON, Derek. **The Old Testament and Homosexuality**. SDA Kinship Newsletter. Jan. - Mar. - Mai. 1982.
88. *Idem* 60.
89. Entrevistas
90. *Ibid.*
91. *Ibid.*
92. *Ibid.*
93. Fred Casey para Ronald Lawson, 2005. Em posse do autor.
94. *Ibid.*; e entrevistas.
95. Entrevistas.
96. *Ibid.*
97. *Ibid.*

98. A Conferência sobre a AIDS aconteceu na igreja de Sligo durante três dias, 5 a 7 de abril de 1990. Guy foi uma das duas pessoas que compartilharam o sermão na manhã de sábado de 7 de abril. A Adventist Review relatou na conferência em uma "Edição Extraordinária" e uma barra lateral intituladas "AIDS Conference Challenges Adventists" e "Adventists with AIDS," respectivamente. **Adventist Review**. 26 de abr. de 1990.
99. BAKER, Delbert W. discurso à Conferência sobre AIDS, Igreja Adventista do Sétimo Dia de Sligo. 5 – 7 de abril de 1990.
100. HEGSTAD, Douglas R. - A Call for the Wisdom of Solomon, the Grace of Christ. **Spectrum**. 18.1. out. 1987. Pág. 15–18; e entrevistas.
101. HOPP, Joyce. A Study of Adventist Academy Students in California Concerning AIDS At-Risk Behaviors. Estudo não publicado; e HOPKINS, Gary, L. e HOPP, Joyce. AIDS and Adventist Youth. **Ministry**. jul. de 1996. Pág. 25–27.
102. Entrevistas.
103. Ibid.
104. RICHARD, Kevin G. "AIDS, Adventists, and America (Uma entrevista com Eunice Diaz). Kinship Connection. Jun. de 1992. Pág. 6–12.
105. Entrevista de Harvey Elder pelo autor, 2005 e 2006. Em posse do autor.
106. Entrevistas
107. Entrevista de Harvey Elder pelo autor, 2005 e 2006, em posse do autor.
108. Ibid.
109. Entrevista de Alan Handysides pelo autor, set. de 2006. Em posse de autor.
110. Entrevista de Bekele Heye pelo autor, ago. de 1990. Em posse do autor.
111. FARAG, Saleem. e MUSVOSVI, Joel. "AIDS and the Church in Africa," **Ministry**. Jul. de 1996. Pág. 10–13.
112. Entrevista de Harvey Elder pelo autor, 2006. Em posse do autor.
113. Entrevista de Alan Handysides pelo autor, set. de 2006. Em posse do autor.
114. Entrevista de Harvey Elder pelo autor, 2005. Em posse do autor.
115. Entrevista de Alan Handysides pelo autor, set. de 2006. Em posse do autor.
116. Entrevista de Lester Wright pelo autor, out. de 2006. Em posse do autor.
117. Entrevistas.
118. Ibid.
119. Entrevistas.
120. Entrevista de Harvey Elder pelo autor, 2005. Em posse do autor.
121. Entrevista de Alan Handysides pelo autor, set. de 2006. Em posse do autor.
122. Zimbabwe: Church Leaders Stress Urgent, Practical Involvement in AIDS Crisis. **ANN Bulletin**. 11 de mar. de 2003.
123. Entrevista de Harvey Elder pelo autor, 2006. Em posse do autor. De acordo com Elder, "Quando uma pessoa humilha qualquer cristão por causa de comportamento ou doença, ela toma o nome de Deus em vão. Eles estão dizendo que Deus odeia essa pessoa - uma mentira descarada".

Parte 3 – Capítulo 3

Resposta: Experiências Sociais Na “Igreja Acolhedora”

Por Catherine Taylor

Os Adventistas do Sétimo Dia são um povo de contexto. Desde nosso começo nós temos apontado para nossa conexão com as lições ensinadas no Éden. Nós nos demos esse nome pela esperança do segundo advento de Cristo na terra para nos levar ao céu. Nós fizemos intermináveis gráficos para clarificar nossa posição na linha da história. Nós desenvolvemos programas para nos colocarmos na mesma arena do Bom Samaritano. Ellen White chamou nossos pequenos grupos de oração a se focarem na importância de nos conectarmos horizontal e verticalmente. Dada essa herança, é particularmente valioso que René Drumm e Ronald Lawson se foquem no contexto: O meio ambiente no qual gays e lésbicas Adventistas do Sétimo Dia começam a integrar sua orientação e sua espiritualidade (com sigio mesmos, com pais, cônjuges, amigos, trabalho, escola e congregação) e a estrutura religiosa da organização na qual Adventistas do Sétimo Dia tentam viver suas vidas espirituais. À medida que lemos seus capítulos, nós deveríamos ter em mente os componentes que fazem o meio ambiente viável para a existência humana e o crescimento. Nesse contexto cristão, nós precisamos comparar o contexto descrito nos capítulos de Drumm e Lawson com o comportamento e sistema de valores celestiais.

Lawson introduz seu capítulo compartilhando os ideais de uma “igreja receptiva” e de uma “igreja acolhedora” que Charles Bradford e Jan Paulsen estabeleceram como objetivos para os Adventistas do Sétimo-Dia. Esses atributos se encaixam nas lições celestiais mencionadas nas primeiras páginas da Bíblia. Gênesis descreve o começo cheio de presentes e mandamentos.

Dois são particularmente pertinentes à discussão partilhada por Lawson e Drumm. O primeiro é o presente do relacionamento: Comunicação face a face com Deus assim como a oportunidade de construir intimidade emocional com família, comunidade, e outros cidadãos da terra/galáxia/ universo/ céu. Embora os relacionamentos no Éden tivessem intenções originais, as mudanças que o tempo trouxe não são sempre condenadas.

O segundo presente e responsabilidade delegado por Deus para nós foi o domínio sobre a terra. Assim como o legado relacional, o domínio era uma lição da forma como o céu respondia a criação. O Domínio era a oportunidade de usar o poder para beneficiar a outros; para ser um servidor da criação: para utilizar a força para proteger, manter, e nutrir aqueles que viviam sob o domínio humano. Esse mandato nunca mudou ou foi derogado. O mandamento do Sábado em Êxodo 20 nos lembra que o ideal refletido nessa cápsula de tempo semanal celestial é de que membros vulneráveis da comunidade (mulheres, crianças,

estrangeiros e animais) todos devem ser cuidados. Isaías 58, um texto que Ellen White instruiu os Adventistas do Sétimo dia a memorizar e seguir, declara que nosso trabalho é “soltar as correntes da injustiça”. Os pastores mencionados em Ezequiel 34 são amaldiçoados porque “meus pastores não procuram meu rebanho”, mas com frequência o devoram. Em João 10, Jesus descreve o verdadeiro pastor como “o que as ovelhas seguem [para dentro da segurança do aprisco] porque elas conhecem sua voz”. Em nenhuma ilustração bíblica o pastor empurra uma ovelha para fora da segurança do aprisco. Aqueles na liderança da igreja hoje, são pastores a quem se lhes confia a fome, a vulnerabilidade, e a dispersão do rebanho. Eu acredito que a forma como os pastores espirituais modernos utilizam seu domínio é de intenso interesse de Deus e do céu. É a esses pastores que Lawson se dirige em seu capítulo.

Drumm descreve algumas das mudanças que ocorreram nos seres humanos nos últimos vários milênios. Ao invés de “macho” e “fêmea”, nós agora temos um continuum da biologia afetado pela troca fisiológica de cromossomos, e de hormônios. Ao invés de uma orientação, ela descreve um continuum que inclui relações homossexuais, assim como as heterossexuais. As histórias bíblicas também descrevem mudanças, não condenáveis. No primeiro capítulo de Gênesis, parece que não havia outra opção que procriar com irmãos ou primos muito próximos. O costume ainda estava em prática quando Abraão se casou com sua meia-irmã. Na época de Levíticos, casamentos entre irmãos eram proibidos. Na época da carta da igreja aos coríntios, casamentos com parentes próximos eram chocantes. A ideia original era desenhada como monogamia entre duas pessoas. Abraão foi repreendido por seu relacionamento com Hagar porque mostrava sua falta de fé na promessa de Deus de um filho para ele e Sarah. Entretanto, não houve reprimenda na época de sua morte por seus relacionamentos com suas concubinas e seus filhos, assim como com sua segunda esposa, Keturah. O foco principal parece ser a insistência de que a linhagem do Messias fosse claramente cheia de pactos de nascimento, ao invés de ser uma insistência em monogâmias. A permanência de Ester em um harém da Pérsia era essencial para a habilidade dela de ter acesso ao rei daquele império e salvar centenas e centenas de judeus. Ao invés de ser condenada por fazer parte de um arranjo poligâmico, ela é elogiada e lembrada por sua coragem e seu presente de vida a seu povo. Vínculos com Moabitas são condenados depois do desastre com Balaão e Balaque conduzindo à idolatria nas margens do rio Jordão em Canaã. A despeito disso, Ruth se tornou uma das progenitoras do amado rei Davi e, por meio dele, do Messias. Talvez mais poderosamente, ela é um objeto de lição de alguém que deixou um lar seguro, onde ela era amada, para ir a uma terra estrangeira, onde ela era sujeita a pena de morte. Ela tinha um entendimento da disposição de viver um pacto de amor. Ruth, uma mulher amaldiçoada, é uma mostra do Salvador.

Essas pessoas têm muitas coisas em comum. Elas eram comprometidas em ter um relacionamento com Deus. Elas exibiam uma disposição de seguir a Deus a qualquer lugar que Ele fosse. O bem-estar das pessoas de Deus era importante para eles; é uma coisa pela qual eles poderiam até arriscar suas próprias vidas. Eles estavam dispostos a usar seus dons, talentos, e recursos na causa de

Deus. Deus não se recusou a usar Abraão, Ester, e Ruth por que eles eram diferentes ou não se encaixavam facilmente na crença prevalecente de suas épocas. Na verdade Deus usou suas diferenças para Sua glória. Essas pessoas estavam dispostas a aprender a lição de serem pessoas autênticas, honestas na causa de Deus e nos relacionamentos em que Deus os colocou. Foi quando eles foram mais autênticos e honestos sobre suas vidas, que essas pessoas foram mais poderosas, mais capazes de usar dons dados por Deus, mais capazes de ajudar ao seu povo, e mais capazes de serem exemplos de Seu amor. Honrados religiosos conservadores teriam condenado essas pessoas com base nos ensinamentos “bíblicos”. Ser um religioso conservador não é necessariamente a mesma coisa do que ser um observador bíblico.

O capítulo de René Drumm dá uma clara e convincente descrição dos detalhes e causas da diversidade de gênero e orientação. Eu estou ferida pela dificuldade que nós Adventistas do Sétimo Dia temos com a variedade entre as pessoas que são crentes modernos. Muitas das pessoas gays e lésbicas que ela descreve têm o mesmo comprometimento em seguir a direção de Deus que os heróis bíblicos. Eu estou perplexa de que nós insistimos em condenar aqueles que são criação de Deus, redenção, e sincero amor, por causa do que nós percebemos como a decisão de Deus de condenar qualquer coisa que não permaneça a mesma do Éden. Se essa percepção fosse correta, ninguém poderia comer salada. Folhas eram designadas para ser comida das “bestas da terra e todos os pássaros e todas as criaturas que se movem no solo” (Gen. 1:30). Os humanos deveriam comer somente “sementes de plantas e toda árvore que tivesse frutas com sementes nela” (Gen. 1:30). Nós deveríamos ser mais gentis com seres humanos do que com a dieta.

Deus não designou que nós deveríamos ficar sozinhos. Autenticidade, honestidade, e segurança são componentes essenciais de relações íntimas poderosas. Deus criou um meio ambiente seguro para os primeiros seres humanos, onde as outras qualidades poderiam ser desenvolvidas e florescerem. No Éden, Deus nos deu relações conjugais para que pudéssemos ter uma mínima mostra da intimidade entre os membros da trindade. Essa intimidade emocional era tão poderosa que conversar com esse Pai durante as horas da madrugada rejuvenescia a Jesus, quando a maioria de nós precisaria dormir. Essa intimidade emocional era tão poderosa que quando Jesus sentiu que o pecado o havia separado de seu Pai, seu coração se rompeu. Essa intimidade emocional era tão poderosa que quando Deus chamou Jesus do sepulcro, o poder do amor íntimo sacudiu a terra e destruiu a teia da morte. Nenhum ser humano poderia ter dado a Jesus essa ligação íntima particular porque nós não somos como Ele. Deus nos criou para estar com seres que possam corresponder a nossas necessidades de relacionamento. Nós fomos feitos para estar com pessoas como nós.

As histórias de Drumm apontam as longitudes nas quais pessoas gays e lésbicas vão, em suas tentativas de ter relacionamentos honestos de intimidade conjugal/de parceria. Eles intencionalmente descrevem a cultura Adventista do Sétimo-Dia que desencoraja a autenticidade, a segurança, e a comunicação

honestas. Pessoas as quais foram confiadas informações sobre gays e lésbicas Adventistas do Sétimo-Dia foram descritas como “brutais”. Empregados esforçados foram demitidos quando foram mais honestos e autênticos sobre sua orientação. Estudantes foram humilhados e denegridos. A destruição da honestidade e da intimidade emocional é o alcance dos maus. Apocalipse 21:6 declara, “todos os mentirosos têm seus lugares no lago de fogo e enxofre, a segunda morte”. Eu não acredito que a igreja focada na segunda vinda de Cristo deveria criar um meio ambiente onde a mentira é encorajada para se manter como membro da igreja, para manter a segurança na escola, no emprego, ou a amizade.

Lawson cita Jan Paulsen, em seu papel como Presidente da Conferência Geral, dizendo “a expectativa bíblica é de que aqueles que acreditam que têm uma orientação homossexual vivam uma vida de celibato ou limitem a atividade sexual para dentro da situação do casamento entre homem e mulher”. Quando os líderes da igreja insistem em um requerimento de celibato para lésbicas e gays crentes, a liderança se opõe diretamente ao plano de Deus de que “Adão” não deviria estar só. Seres humanos, assim como os membros da Deidade, precisam estar unidos a alguém que seja como eles, que possa entendê-los. Crentes gays e lésbicas não são capazes de ter intimidade com parceiros do sexo oposto. Em meu trabalho como terapeuta familiar, eu li muitas pesquisas que indicam que seres humanos vivem mais quando são capazes de viver um relacionamento de compromisso de longo prazo. Seguindo essas pesquisas a conclusão lógica indica que pessoas vivendo uma vida de celibato morrem antes. O que isso diz sobre a “igreja acolhedora” que encoraja ou força um estilo de vida, a seus membros, que os faz morrer antes?

Em uma religião que se foca no desenvolvimento espiritual, René Drumm e Ronald Lawson descrevem uma igreja que tenta negar o poder experimentado por Abraão, Ester, e Ruth a seus membros gays e lésbicas. A igreja faz isso criando uma cultura onde uma substancial porcentagem de seus membros entende que precisa viver escondida ou viver de fachada para poder participar nos projetos Adventistas do Sétimo-Dia ou ter maior alcance. Nós não seremos capazes de nos conglomerarmos como disse Ellen White, ou de “levamos as cargas uns dos outros” se estamos colocando fachadas em nossa própria verdade. Crentes modernos, como os bíblicos, têm o presente único de encontrar suas experiências únicas, seus relacionamentos, e missão. Quando nós, como um corpo de crentes, amputamos alguns de nossos membros únicos e suas influências, nós estamos indo contra os mandamentos do Gênesis, as advertências proféticas, e os conselhos de Paulo à igreja antiga.

Quando existe um ambiente de culpa secreto, a comunicação é impossível. Como nós iremos aprender a orar honestamente a nosso Deus se nós passamos o resto de nossa vida precisando manter segredos aos irmãos mortais? Eu ouvi histórias de muitos casais que incluíam um membro gay que se casou porque a pessoa gay acreditava que ele(a) tinha um mandamento para permanecer no celibato ou entrar em um casamento heterossexual.

As histórias de solidão dos dois cônjuges que vem desses casamentos são de partir o coração. A ira contra Deus, assim como a ira contra a igreja, é frequentemente tangível e impregna a comunidade. A parte notável da apresentação de René Drumm é a longitude a qual, gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e intersexuais, membros do corpo de crentes vão para serem capazes de viver vidas honestas e autênticas. Essas são pessoas que tentam genuinamente viver com qualidades que encorajam a intimidade que reflete o amor e a ligação da Trindade. Cristãos Adventistas do Sétimo Dia precisam olhar para a variedade de membros cuja ligação é o compromisso deles de construir um relacionamento com Deus, uma disposição de ir aonde Deus mandar, que se preocupam em trabalhar para construir a comunidade de Deus e usar seus presentes e talentos para esse trabalho. Essas são prioridades bíblicas, e a igreja seria mais rica se nós as seguíssimos com nossos membros gays e lésbicas.

Primeira Coríntios 12, Romanos 12, e Efésios 4 discutem os dons do Espírito de Deus. Gálatas 5:22 discute os frutos desse Espírito. Esses textos são claros em que tanto os dons como os frutos do Espírito dados às ovelhas do aprisco vêm de Deus. Se alguém exhibe essas qualidades ou talentos, Deus o abençoou. Esses dons não foram dados somente aos judeus ou aos homens ou escravos ou fariseus. Eles eram e são dados para a construção do corpo e da comunidade de Deus. Deus não instruiu os líderes da igreja a avaliar o merecimento dos membros para receber esses dons. A composição da igreja não recebeu aportes para dizer se esses dons deveriam ser utilizados. Os dons eram e são dados por Deus para fazer o trabalho de Deus. Quando os pastores e os líderes da igreja começam a decidir que eles vão controlar se os dons do Espírito Santo de Deus vão ser utilizados, eles se colocam no lugar de Deus – mesmo se as pessoas que exibem qualquer desses dons e frutos são lésbicas ou gays. De acordo com Isaías 14:12, se colocar no lugar de Deus é muito perigoso.

Ronald Lawson descreve a história da Igreja Adventista do Sétimo-Dia em relação a nossos membros gays e lésbicas. Isso inclui processos e decisões de enviar seres humanos vulneráveis e frágeis a um “centro de tratamento”, onde eles eram expostos a investidas sexuais indesejadas e inesperadas de alguém no poderoso papel de conselheiro e pastor. A história inclui abuso da integridade espiritual por parte da imprensa Adventista e a decisão de um centro de saúde denominacional de ignorar uma das pandemias de nossa geração. Pastores devem usar seu domínio para proteger as ovelhas, para prover abrigo a pobres peregrinos. Lésbicas e gays crescendo na cultura homofóbica da Igreja Adventista do Sétimo-Dia podem experimentar baixa autoestima, ter uma imagem ruim de seus corpos, e enfrentar dificuldades em proteger seus próprios limites. Essas situações podem levar à ansiedade, depressão, e à vulnerabilidade ao abuso.

Como terapeuta que trabalhou com abuso sexual na Igreja Adventista do Sétimo-Dia por mais de quinze anos, eu fui impactada pelas histórias clínicas que eu ouvi que descrevem o abuso sexual e o comportamento predador demonstrado por Colin Cook e outros líderes dos “ministérios de mudança”.

Muitos gays e lésbicas jovens têm deixado esses programas se sentindo com menos esperança, menos espiritualidade, e com mais ódio próprio do que quando chegaram. Além disso, eles têm a necessidade de direcionar as sequelas do abuso sexual que podiam nem existir antes deles irem ao centro Quest ou outros programas semelhantes. Eu ouvi muitas histórias sobre rapazes jovens submetidos ao “*bullying*” e a humilhações quando seus colegas estudantes de Escolas Adventistas do Sétimo-Dia achavam que nenhuma proteção seria dada aos membros vulneráveis vistos como “bichas”. Eu ouvi sobre um administrador de escola que disse “bom, garotos são garotos”, e não fez nada para proteger um membro da criação de Deus de ser atormentado ou fisicamente maltratado por membros em boa posição do “povo remanescente de Deus”. Quando nós pressionamos seres humanos vulneráveis a ir a locais perigosos ou situações com um histórico de abuso, nós nos tornamos parte desse abuso.

Pastores têm deveres com as comunidades congregacionais. Eles têm uma grande influência na forma como as variedades de pessoas são aceitas. Eles são com frequência, como João 10 descreve, os mordomos, assim como aqueles que procuram pelo perdido. Pastores são os habilitadores que nutrem e encorajam os dons que o Santo Espírito outorga a cada membro.

Eles facilitam encontros de igreja e encontros de negócios. Eles encorajam ou desencorajam a disciplina da igreja. Eles são os guardiões das prioridades. Ellen White escreveu que os dois piores pecados na igreja são a calúnia e a autossuficiência. Em um capítulo intitulado “não julgue que não será julgado”, em seu livro, *O Sermão da Montanha*, ela escreve que nós não devemos corrigir ou confrontar a ninguém, a não ser, que nesse momento, nós estejamos dispostos a dar nossa vida por eles. A não ser que os líderes de igreja façam dessas duas crenças suas prioridades, nós anulamos nosso papel como pastores do rebanho. Nós não seguimos mais as determinações do Gênesis de domínio ou a descrição de Isaías dos verdadeiros crentes.

Essas histórias e o capítulo de Lawson pintam bem o quadro de como os pastores chamados por Deus têm utilizado seu poder e o domínio que Deus confiou a eles. Olhando para essa história, é importante entender que os pastores dos dias modernos da Igreja Adventista do Sétimo-Dia foram comissionados a convidar a ovelha a entrar no aprisco e a buscar as ovelhas perdidas (Ezequiel 34). É essencial entender que a esses pastores foi dado o mandamento de Isaías 58 de “aliviar o jugo pesado... soltar as correntes da injustiça... livrar o oprimido... evitar apontar o dedo e as conversas maliciosas”.

Comparando as ações da hierarquia Adventista do Sétimo-Dia descrita por Drumm e sua história contada por Lawson com o conselho bíblico, eu estou preocupada de que nossos pastores estão se expondo ao julgamento de Deus.

Ronald Lawson, com a clareza de um profeta moderno, apontou como a liderança da Igreja Adventista do Sétimo-Dia tem abdicado de sua responsabilidade dada por Deus. Ele deu indicações claras e específicas, das formas como a hierarquia da igreja tem negado os objetivos procurados por

Bradford e Paulsen de ser uma igreja acolhedora e receptiva. Na lista de recomendações encontrada no final de seu capítulo, René Drumm aponta para um modelo edênico que se foca na honestidade, compaixão, comunidade, intimidade, e a espiritualidade modelada no céu. Nós faríamos bem em ouvir.

Questões para discussão

1. Como Cristãos Adventistas do Sétimo Dia lidam com a questão de membros gays e lésbicas, quais você acredita que sejam os princípios bíblicos que nós deveríamos estar seguindo? Por que método ou com que processos você pensa que nós deveríamos avaliar as políticas da igreja sobre essa questão?
2. Como a igreja Adventista do Sétimo Dia escolheu quais edições bíblicas seguir e quais deixar de lado? Como respondemos a essas edições como indivíduos?
3. Quais podem ser algumas formas que pessoas homossexuais e adventistas poderiam beneficiar nossa denominação e nossa congregação?
4. Como você diferencia entre pecados individuais e as mudanças que o pecado causou em nosso mundo que não são condenáveis?
5. Já que Jesus agiu de modo contrário a aceitar os ensinamentos de seus dias, qual foi a base em que ele estabeleceu suas prioridades? Como seu sistema de avaliação se aplica a essa discussão?

Parte 4
Perspectivas Bíblica e Teológica

Parte 4 – Capítulo 1

“Em Cristo Não Há Nem...”: Com Relação à Unidade do Corpo de Cristo

Por John R. Jones

Para os Adventistas do Sétimo Dia, considerações humanas importam.¹ Mas tais considerações não bastam. Como “o povo da Bíblia”, nós instintivamente nos voltamos para as escrituras como guia. Nós queremos ajuda, e nós queremos isso de uma autoridade que transcenda apelos irônicos e o “senso comum”. Da mesma forma é com nossas perguntas sobre nossos relacionamentos sexuais. No começo de cada discussão de como nós deveríamos expressar sexualmente nosso amor de um para com o outro, a questão do “o que a Bíblia diz” surge entre nós. Nós vivenciamos isso como algo fundamental, a princípio.

Eu escrevo sob a perspectiva de um homem heterossexual caucasiano que por meio de estudo e prática chegou a certo discernimento sobre a interpretação das escrituras. Minha localização sociocultural inevitavelmente afeta minha perspectiva, mesmo se eu procuro ouvir sinceramente as vozes (das escrituras e as contemporâneas) engajadas nessa conversa. Como um estudante das escrituras, eu estudo os textos com as ferramentas de estudo da análise histórica tradicional e com abordagens literárias mais recentes. Esses dois pontos – sociocultural e acadêmico – eu os tomo como motivos para humildade e uma mente aberta continuamente, para proferir o que se segue.

Nós cortaremos muito caminho se nós mantivermos as questões construídas da forma correta. Perguntando: *que implicações bíblicas nós podemos encontrar para a ética e os limites da expressão sexual, no contexto de relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo?* Nós podemos imediatamente deixar de lado as horríveis histórias de gênesis 19 e juízes 19 como irrelevantes. Essas considerações podem ter muito a dizer sobre códigos de hospitalidade patriarcais, controles masculinos sobre a sexualidade feminina, e identidade ética/tribal no antigo Israel; mas nós só podemos considerar os aspectos dos relacionamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo servindo no máximo para enfatizar o senso de violação das fronteiras.² Sodoma e Gomorra subsequentemente funcionam na escritura de Hebreus como base para uma variedade de maldades desde o orgulho até a opressão, mas sem referência a homossexualidade.³

O código Sagrado

Levítico 17 a 26 codifica o marco legal da sociedade israelita da forma que foi atribuída a Moisés.⁴ Esse marco estrutura a ética de um ritual de purificação, um código de tabus sacros, por meio dos quais, Israel manteria um estado de santidade frente a Deus. Sempre frágil e sujeito a ameaças, esse estado é constantemente reforçado não só por meio de cerimônias rituais, mas também por meio de meticulosa observação na esfera do dia a dia. Incluídos nesse código estão os dois casos de proibição categóricos de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, encontrados na Bíblia: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação”. (18:22); e “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles”. (20:13)⁵

Em todo o código sagrado, somente os homens adultos da comunidade, os “filhos de Israel”, são citados; O que uma mulher faz sexualmente com outra mulher não está no panorama. Na proibição no capítulo 18, junto com sua sanção no capítulo 20, o erro reside no tratamento feminizado de um homem por outro: “como se fosse mulher”. Esse padrão de preocupação com a confusão da distinção da ordem convencional é evidente em muitas leis cerimoniais estipuladas.⁶

Essas estipulações proíbem a mistura de dois tipos de semente no cultivo de um campo, vestir roupas compostas por mais de um tipo de tecido, ou a cruza de animais de diferentes espécies (Lev.19:19)⁷ alguns tem e ver com práticas de alimentação (17: 10-16), outros com graus de consanguinidade nas relações sexuais (18:6-18), alguns com o corte do cabelo e da barba (19:27), e muitos outros. Em todos, a intenção expressa é de evitar a contaminação pela associação com qualquer prática que caracterize outros povos. “Ser-me-eis santos, porque eu, o SENHOR, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus”. (20:26) essa santidade, então, é marcada não só pela separação deles em relação as nações vizinhas, mas também pela observância de outras separações que os Israelitas entendiam como expressões da ordem canônica do Universo.

Além disso, a condenação contra o sexo entre homens é entendida como aplicável somente ao sexo com penetração, só por causa do antigo tabu contra a violação da mistura de tipos. Com respeito à distinção entre sexos, tal prática causava que o homem fosse usado como mulher – como receptor passivo da “semente” masculina. Em relação à identidade ritual de Israel, isso contaminava a pureza cerimonial trazendo atividades identificadas com os cananeus. Nos dois casos, a preocupação não era sobre a orientação sexual do indivíduo ou a expressão por si só; A homossexualidade como nós a entendemos hoje do ponto de vista de cada um, era simplesmente ausente do pensamento por trás desse requerimento.⁸ Ao invés disso, a preocupação era inteiramente corporativa: era

para proteger as marcas simbólicas entre Israel e seus vizinhos. Nessa perspectiva, a conduta sexual do indivíduo não era meramente uma questão pessoal; ela foi carregada com diferentes tons de identidade cultural e nacional. E foram esses tons que determinaram as atitudes e sanções em relação ao comportamento sexual.

Tudo isso, é claro, nos serve como pano de fundo. Isso participa daquela grande discussão entre judaísmo e cristianismo que começa no tempo do Novo Testamento. E se coloca novamente para nós, assim como para os antigos pensadores cristãos, a questão: *como a fidelidade se relaciona com a herança religiosa que adquire suas normas sexuais precisamente nas distinções que são superadas em Cristo?*

Esse capítulo se volta a essa questão. No novo testamento, a questão traz para a conversa três mundos culturais e religiosos – o antigo Israel, A Roma Helenista, e os primeiros cristãos. Embora os primeiros cristãos interagissem com sua herança hebraica e com o pensamento mundial da sociedade gentia, eles estavam, no entanto, formando uma nova ordem moral. E nessa ordem, eles se viam empurrados para além de suas duas raízes. Isso começou com Jesus: Foi entendido que Ele demonstrou e autorizou o processo. Nele, questões de papel de gênero e relacionamentos, o código sagrado, a interação entre judeus e gentios e muitas outras coisas são deixadas abertas para novas perspectivas.

Para considerações explícitas sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, entretanto, nós devemos esperar que Paulo abra a discussão; aqui o evangelho canônico não oferece nenhuma informação vinda de Jesus.⁹

O Evangelho Segundo Paulo

Para Paulo, o fato de que o centro do evangelho é a iniciativa divina em relação à humanidade, centraliza-se na morte de Jesus e na ressurreição e provê o imã de onde ele constantemente tira seu comportamento ético e teológico. Sua construção da teologia cristã envolta da cruz de Cristo provê a norma decisiva para a vida cristã; Não deve ser permitido nada que afete a liberdade do crente, comprada por alto preço.¹⁰ É por causa da liberdade que Cristo nos tornou livres. Esse não é um assunto trivial; Nós somos convocados a permanecer firmes nessa liberdade, nos recusando a comprometer a eficácia da cruz de Cristo reintroduzindo superstições de origem pagã ou judaica em nossa caminhada pela fé.

Ao mesmo tempo, isso não é uma licença para um comportamento irresponsável ou libertino. “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis então da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor. (Gal. 5:13 compare v.16). Para Paulo, carne e espírito representam dois princípios que trabalham na vida humana. Mesmo com todo o seu instinto

holístico, ele justapõe os trabalhos de um e os frutos do outro estabelecendo os termos para que alcancemos a plenitude e a liberdade em Cristo.¹¹

As implicações são muitas e estão longe de serem alcançadas. Mas quando é colocado como devemos viver como cristãos nesse mundo, Paulo não é em nenhum lugar mais pontual do que em sua famosa soma no final de Gálatas 3: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa”. Essa simples declaração visionária demonstra o que a cruz de Cristo significa para Paulo. Ela provê uma lente focal pela qual se veem todos os seus pronunciamentos sobre os relacionamentos humanos, e aponta a trajetória para nosso próprio curso hermenêutico a medida que nós assumimos a tarefa de nos apropriarmos de seus princípios para nosso próprio tempo.

À luz da primeira análise acima, nossa primeira questão, quais implicações bíblicas nós podemos achar, para a ética e os limites da expressão sexual no contexto de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo? Nos leva diretamente a segunda pergunta, como a fidelidade se relaciona com a herança religiosa que adquire suas normas sexuais precisamente nas distinções que são superadas em Cristo?

Nós temos observado a convicção de Levítico de que sexo entre homens israelitas infringia a identidade ética do povo hebreu, que os definia como escolhidos e cerimonialmente puros em termos de sua descendência de Abraão. Agora quando esses limites culturais e nacionais são transcendidos em Cristo, o espaço é cortado de baixo da proscricção em Levítico 18 e 20. Quando Paulo afirma a igualdade para judeus e gentios perante Deus, desmantelando o quadro onde essas proscricções se mantinham.

Para ter certeza, a distinção permanece entre o povo de Deus (“santos”, como Paulo normalmente se dirige a eles) e um mundo não santificado. Mas se a distinção é agora para ser marcada em linhas não tribais, então nenhuma das tradições marcadas deve agora ser mostrada para continuar nas tradições dos outros, ou ir pelo caminho daquele símbolo central da identidade tribal, circuncisão. O princípio de Paulo se torna mais interessante à medida que ele vai adiante: Até que ponto essa supressão da diferença, em Cristo, se estende?

Claramente ela vai suficientemente longe para que, quando Paulo quer diferenciar entre a vida espiritual e a vida de indulgência carnal, ele pode facilmente ir além da tradição judaica e das normas gentílicas por apoio. Seu frequente uso de catálogos de vícios (assim como de virtudes) parece ser moldado não tanto pela correspondência com comportamentos específicos em dada situação, como por uma lista convencional da literatura Greco-Romana da época.¹² Ao invés de se apropriar diretamente do senso comum de moralização em um mundo mais amplo ou mediado por meio da tradição helenística judaica,

essas concatenações provêm Paulo com marcadores prontos para os limites de conduta para aqueles que pertencem ao Reino.¹³

Referências sexuais fazem limitadas aparições nessa lista. Não surpreendentemente, o termo geral *pornos*, designando fornicação, adultério, ou de outra forma uma pessoa sexualmente imoral, é o termo sexual mais comum nesses catálogos do Novo Testamento aparecendo em I Coríntios 3:9,10 e 11; 6:9; I Timoteo 1:10; e Apocalipse 21:8 e 22:15.¹⁴

Considerações sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, no entanto, aparecem em dois pontos, em I Coríntios 6:9 e I Timóteo 1:10, com os termos *arsenokoites* e *malakos*.

A Lista de Pecados de Paulo

Em I Coríntios 6, Paulo está trabalhando contra a presteza de alguns cristãos de se manifestarem contra seus irmãos crentes sobre seus erros. Reprovando-os, ele listou o tipo de pessoas no mundo a quem eles estavam procurando por justiça: “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os aventos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus”. (I Cor. 6:9-10). Onde na versão *Revised Standard* de 1952 tem “homossexuais”, a edição de 1972 tem “pervertidos sexuais”. Nos dois casos (assim como na Nova Versão Internacional “ofensores homossexuais” [nem homossexuais passivos ou ativos, em português]) essas expressões combinam um par de termos no texto grego, *malakoí* e *arsenokoitaí*. Esses dois termos estão por trás da expressão homens prostitutas e sodomitas na NRSV.

Paulo está progressivamente construindo um diálogo sobre os tipos de pessoas que carregavam algum tipo de estigma na sociedade comum, para mostrar seu ponto de vista sobre a distinção cristã. Para os quatro exemplos em I Coríntios 5:10, ele adiciona mais dois no verso 11 e mais quatro em 6:9-10:¹⁵

1 Coríntios 5:10

Imorais

Avarentos

Ladrões

Idolatrás

1 Coríntios 5:11

Imorais

Avarentos

Ladrões

Idolatrás

Afeminados

Bêbados

1 Coríntios 5:11

Imorais

Avarentos

Ladrões

Idolatrás

Afeminados

Bêbados

Adúlteros

Malakoí

Arsenokoitaí

Trapaceiros

Isso pode ser evidência de que Paulo está aqui dependendo de condições de catálogos pré-estabelecidos, sem focar em nenhum item em particular. Essa lista se alonga para efeito de retórica.¹⁶ Quanto a *malakoí* e *arsenokoitaí*, os dois termos não são gramaticalmente semelhantes - assim como os “gananciosos” e os “ladrões” da primeira lista. Em vez disso, eles são separados pelo mesmo “ou” que os outros termos. Assim, nós os consideraremos separadamente.

Malakos. Usado como adjetivo, esse termo carrega a qualidade básica de “suavidade”. No novo testamento, ele aparece três vezes com esse uso (duas em Mateus 11:8; e em paralelo, em Lucas 7:25), modificando o substantivo *vestimenta*. Jesus contrasta a rudeza de qualquer pessoa que vive no deserto com aqueles que vivem vidas luxuosas em palácios, e seus ouvintes camponeses devem ter apreciado a brincadeira. Mas o fato de que essa fala esteja preservada nos evangelhos implica que isso também ressoou depois com os cristãos no grande mundo romano que se achava baixo as duras regras daqueles dias. Essa vida tranquila, suave, era marca dos opressores, então, em contraste os oprimidos eram limitados a se ver como opostos, no outro extremo do polo. Essa atitude poderia fazer mais rígida a resistência à perseguição, fortalecendo-os por meio de certo estilo cortante.

Essa tendência era tão natural que poderia descer em uma rotunda bravata. Novamente são Mateus e Lucas quem nos dão a imagem de um Pedro “machão” na última ceia, reconhecendo sua firmeza e chamando seus colegas discípulos a se juntarem e ele (Mateus 26:33 – 35 = Lucas 22:33-34). O incidente, logicamente, é recordado como uma palavra de admoestação aos crentes de

hoje, de como a perseguição deve ser vista: não com soberba, mas com a firmeza da fé.¹⁷ Evidentemente a preocupação era necessária.

Essa conotação prove um quadro interpretativo importante para a primeira vez o termo *malakos* aparece como um substantivo no Novo Testamento. Em sua forma plural, *Malakoí* é incluída na lista de tipos indignos em 1 Coríntios 6. Policarpo (d. 155 c.e.) ele mesmo um mártir voluntário, similarmente usa o termo em sua lista daqueles que não herdarão o Reino.¹⁸ Em contraste, quando Policarpo entra na arena de sua morte, ele ouve uma voz do céu: “Seja forte, Policarpo, e interprete o homem [andrizou].¹⁹

Para uma comunidade sob tal pressão, não é surpreendente que certa polaridade semântica possa se desenvolver entre a força de caráter que endurece e o tipo de fraqueza que envolve. E dada a concepção dualística do mundo Greco-Romano, era igualmente previsível que o primeiro seria investido com matizes de uma virtude viril, enquanto o segundo seria projetado como afeminado.²⁰

Tal construção, sob condições de vida e morte, vai muito além de meramente deixar a covardia como afeição pessoal. Esse era um assunto sério. O chamado do evangelho, mesmo em seu chamado à liberdade, era também uma convocatória a certo comportamento distintivo de severidade e austeridade. As metáforas militares de Paulo aproveitaram o que era sem dúvida um ponto de vista convencional, nos primeiros círculos cristãos, sobre a situação deles. Eles se viram participando de uma luta vital (Ef. 6:12) contra forças espirituais e psicológicas (Rom. 8:38-39). Eles eram chamados a se tornar “mais do que vencedores” (8:37) sobre a dificuldade, a aflição, as perseguições, a fome, a nudez, o perigo e a espada, se confrontando com um estranho mundo. Tais condições inevitavelmente formam os códigos sociais de qualquer grupo tão posicionado. Claramente, os cristãos do princípio se encontravam trilhando o caminho entre os dois extremos da extrema adversidade e a rendição.

Mesmo aquém do martírio voluntário, poderia haver pouco espaço para “suavidade”. Esse *malakoí*, então, aparecer entre uma lista convencional daqueles que não eram desejados em tais círculos é pouco surpreendente. Em tal mundo, tanto como na Palestina Judaica, ajustado a um contexto gentio cristão, Jesus fazia comentários sarcásticos de pessoas voluptuosas que vestiam roupas suaves, que serviam como caricatura de quem seus opressores eram – e de quem seus seguidores não eram. Com ou sem intimação de qualquer conduta sexual particular, o termo teria com certeza sido dirigido a uma questão mais ampla, tendo a ver com a integridade da comunidade: Todos eles seriam fieis sob coação? Eles fariam todas as coisas certas?

Visto pelas lentes sociológicas, certos rasgos de dureza na cultura pareceriam ser naturais nas baixas classes sociais que formavam uma grande parte da comunidade em Coríntios (1 Cor. 1:26-28). Antes de sua conversão, isso serviria como uma marca de classe social, e agora como cristãos eles poderiam facilmente levar adiante o mesmo código que os marcava como mais distantes

ainda do outro mundo de elites sociais privilegiadas que, além disso, haviam se tornado seus opressores. Dentro da fé, Paulo poderia jogar com certas atitudes, contrastando os “super-apóstolos” (2 Cor. 11:5; 12:11), que sempre escaparam com dificuldades, com seu próprio sofrimento por Cristo (11:23-29). Ainda mais, então, eles poderiam apelar a esse código como forma de distanciar os crentes dos de fora a quem eles estavam se voltando para corrigir os problemas entre si. Como eles poderiam ter recursos individuais para esse *malakoí*, o sedoso magistrado de um sistema legal que era o instrumento da opressão deles como grupo?

Nada disso, é claro, nega a possibilidade de que o termo *malakos* incluísse o comportamento homossexual masculino. Ele simplesmente localiza o opróbrio aonde ele pertence: como parte de uma estrutura maior de autoindulgência, e da vida de luxúria que era precisamente o oposto dos valores que os cristãos, de classes baixas, ameaçados, abraçavam.²¹ Baixo a pressão dos desafios mundanos e a brevidade da hora, mesmo o casamento heterossexual poderia ser meramente acomodado de má vontade, como uma alternativa para não “abrasar-se” (I Cor. 7: 6-7). Dada à presunção universal da época de que relacionamentos homossexuais eram motivados simplesmente pela paixão carnal, tanto a conduta quanto a autoindulgência eram vistas como coisas que não tinham lugar na atribulada vida da comunidade.

Arsenokoites. Esse substantivo, composto como ele é por duas palavras gregas *arsen* (homem) e *koite* (cama, eufemismo usado para intercurso sexual), convida a uma honesta interpretação de homem que se relaciona sexualmente com outros homens. Mas se nós tomamos as precauções necessárias para não nos voltarmos mecanicamente a etimologias verdadeiras ou supostas – para definir a semântica dominante do termo, nós devemos ir mais a fundo.²² Dado o fato de que o significado é determinado pelo contexto, o significado do termo é mais bem traçado por meio da observação de sua função no maior número de contextos possível – especialmente aqueles mais próximos do tempo e do objeto.

Quando se trata do substantivo *arsenokoites* ou o verbo *arsenokoitein*, entretanto, nós temos poucos desses recursos. O termo parece ser uma cunhagem na comunidade judaica dos tempos de Paulo; os primeiros exemplos de qualquer forma são duas aparições em cartas do novo testamento (*arsenokoitai*, I Cor. 6:9; *arsenokoitais*, I Tim. 1:10). As duas metades da palavra aparecem como palavras separadas na Septuaginta, a tradução grega das escrituras em hebraico, nas duas proibições de Levítico consideradas antes.²³ O termo composto, então, pode bem ter sido o uso comum nos círculos helenísticos Judeus, derivados desses textos de levítico.

Essencialmente, nós dependemos das aparições desse termo na lista de vícios das escrituras cristãs gregas. Ainda assim, certos pontos claros residem aí, provendo um importante guia. Primeiro, os pecados no catálogo convencional dos comportamentos indesejados podem ser vistos como um grupo de categorias gerais, tais como abuso sexual, violência, injustiça e outros. Segundo,

nas duas ocorrências do termo no Novo Testamento, ele aparece precisamente entre os pecados sexuais e outros pecados – especialmente cobiça, egoísmo e exploração. Terceiro, a mesma ordem aparece em uma lista semelhante em um tratado cristão do segundo século feita por *Theophilus* de Antioquia, a *Autolychus*. Esse padrão sugere que a sequência pode ter sido convencional e o termo pode muito bem ter incorporado os dois elementos – de tipo sexual, exploração e comportamento egoísta. Essa implicação da ordem recebe algum reforço da ocorrência de termos iguais em uma fonte do segundo século, *Apologia* de *Aristides*, que está conectado com a ideia de ser “um obsessivo corruptor de meninos”.²⁴

De fato, se nos perguntamos qual dos dois aspectos é o principal, a ênfase pode muito bem ser a da coerção econômica ou da coerção por meio da violência. Em uma etapa anterior no trabalho de *Theophilus* há uma lista semelhante, na qual *arsenokoites* é separado dos pecados de imoralidade sexual, para aparecer entre aqueles de injustiça econômica.²⁵ O caso é reforçado por outros exemplos extra canônicos, extraídos do *Oráculo Sibyllene* (2:70-77) e do escrito do segundo século *Atos de João* (2:279-82), mostrando que *arsenokoites* ocorre nessas listas de pecados, “não onde nós esperaríamos encontrar referência a intercurso homossexual – isto é, junto com adultério (*moicheia*) e prostituição ou sexo ilícito (*porneia*) - mas entre os vícios relacionados a injustiça econômica e exploração”.²⁶ A forma plural *koitai* (como em Rom. 13:13) evidentemente aponta para condutas repetitivas, comportamento excessivamente sexual, como obsessão ou prostituição. É bem possível “que o autor adicione ao componente um significado como de “prostituição masculina”.²⁷

Então nós quase que com certeza temos que ver a atividade homoerótica como um tipo de exploração. Isso é o mais longe que as referências críticas na lista de pecados pode nos levar.

O Significado de Romanos 1

Romanos 1:24-27 contém a única consideração Bíblica substancial sobre conduta homossexual. As duas sentenças nos versos 26 e 27 são a essência interpretativa dos debates em relação aos ensinamentos das escrituras sobre relacionamentos de mesmo sexo. Ainda assim, mesmo aqui esse assunto é subsidiado pelo propósito maior e central de Paulo em escrever à comunidade Cristã em Roma: conseguir aceitação para ele mesmo e para seu entendimento do evangelho. E ele está tentando fazer isso entre pessoas que ele não conhece e que tem crentes tanto Judeus quanto Gentios – entre os quais havia fortes tensões. Então ele tinha que pensar em seu enfoque com muito cuidado.

Trabalhando em cima de sua convicção de que em Cristo não há nem Judeus nem Gentios, ele quer unir os dois grupos de crentes ao pé da cruz. Ele está encabeçado pelo ponto (no capítulo 3) onde ele pode falar do centro da revelação de Deus: Porque todos pecaram, e todos, tenham ou não a lei Judaica

em seu passado, são igualmente justificados pela fé (3:21-26). Então em Romanos 1:16-17, Paulo audazmente transmite as boas novas de Deus: “O justo viverá pela fé”.

Para apresentar as implicações para judeus e não judeus, igualmente, Paulo então faz o movimento básico do evangelismo cristão. Ele volta a uma revelação anterior que não é novidade – certamente não para os cristãos judeus, a quem ele se dirige diretamente aqui: a ira de Deus é revelada do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça (1:18). Esse caso é desenvolvido por quatro parágrafos no capítulo 1, começando com os versos 18, 24, 26, e 28, respectivamente.²⁸ O primeiro parágrafo (1:18-23) deixa claro que toda essa seção (1:18-32) é uma denúncia aos não judeus habitantes do mundo greco-romano. A idolatria deles é a fonte do problema nos versos seguintes, por que eles deram as costas à revelação divina que eles receberam pelo mundo observado, trocando a glória do Criador por imagens de criaturas – humanas e subumanas:¹⁸

Porque a ira de Deus é revelada do céu contra toda a maldade e perversidade daqueles que por sua perversidade suprimem a verdade.¹⁹ Porque o que se pode conhecer sobre Deus para eles é simples, porque Deus mostrou a eles.²⁰ Desde a criação do mundo, seu eterno poder e natureza divina, embora seja invisível, foi entendida e vista por meio das coisas que Ele fez. Então eles não têm desculpa;²¹ Porque eles conheciam a Deus, eles não O honraram como Deus ou Lhe deram graças, mas eles se tornaram fúteis e seus pensamentos e suas insensatas mentes se obscureceram.²² Clamando por sabedoria, eles se tornaram tolos;²³ e eles trocaram a glória do Deus imortal por imagens semelhantes a seres humanos mortais ou aves ou animais quadrúpedes ou répteis.

Os três parágrafos seguintes progridem na contínua retirada de Deus em consequência dessa idolatria. Essa progressiva renúncia divina pode ser traçada por meio de dois níveis de depravação, uma que tem a ver com impureza (*akatharsia*, falta de limpeza), e outra com perversão moral (*adikia*, *poneria*, malícia, maldade). A distinção é marcada no segundo nível, nos dois parágrafos que tratam da desonra de seus corpos em impureza (1:24), Paulo menospreza a conduta deles por meio de propagandas judaicas helenistas contra os gentios, que ao mesmo tempo se voltavam para certos pensadores Greco-Romanos.²⁹ O quarto parágrafo (1:28-32) retorna à “impiedade e à maldade” (*asebeia*, *adikia*, v.18) do primeiro nível e do primeiro parágrafo:

Nível 1	Parágrafo 1	Parágrafo 4
Maldade Moral	18-23	28-32

Nível 2	Parágrafo 2	Parágrafo 3
Impureza Cerimonial	24-25	26-27

Existe certo *crescendo* em tudo isso, que pode ser discernido inclusive no nível 2. No estilo de retórica, Paulo termina a série do segundo parágrafo com um ritual de invocação do nome de Deus:²⁴

Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si;²⁵ Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém.

É obvio que o “Amém” assinala o coro de assentimento de seus ouvintes Judeus.

Essa interrupção, entretanto, requer que ele repita seu refrão no começo de seu terceiro parágrafo:²⁶

Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza.²⁷ E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

Então a técnica de Paulo de efeito ascendente se torna mais marcante a medida que ele muda de nível. Novamente o refrão, “Deus os abandonou”, no começo de seu quarto parágrafo:²⁸

E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm;²⁹ Estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade;³⁰ Sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães;³¹ Néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia;³² Os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.

Essa extensa lista de pecados aprofunda o desacordo do que é vergonhoso (literalmente “descarado”, “desonroso”) e o que é antinatural para o que é puramente mau. Essa linguagem moral é antecipada no primeiro parágrafo, mas está ausente nos dois parágrafos do meio, que falam de relacionamentos do mesmo sexo. Ao mesmo tempo, a questão das relações entre pessoas do mesmo sexo está ausente no catálogo de maldades no final do parágrafo.³⁰

Mesmo quando a cadência acelera, a declamação de Paulo se aprofunda em sua acusação.

Em tudo isso, nós vemos a dinâmica de um novo movimento de conversação com os religiosos e os precedentes religiosos. Esse processo só é colocado em ação no primeiro século cristão.

Face a face com o pensamento Greco-Romano, três assuntos principais emergem: Atitudes contra o prazer, atitudes contra a procriação, e o entendimento da ordem natural. As duas primeiras considerações interagem em certa medida. Já com Platão, qualquer ato sexual que se dedicasse a procurar o prazer acima do dever de cidadão de produzir descendência para o estado é uma derrota na batalha pessoal contra a autoindulgência.³¹ Os Estoicos teriam coincido grandemente, principalmente por motivos da lei natural.³²

A admoestação de Paulo para não ter nenhuma disposição de gratificar os desejos da carne (Gal. 5:16) a princípio parece ser uma peça com a estrita voz do autogoverno (autarcheia) como um ideal Greco-Romano. Ainda assim, mesmo que sua atitude em relação ao casamento seja concessiva, sua lembrança aos casais para atender aos desejos sexuais um do outro (I Cor. 7:1-7) garante a legitimidade do prazer na vida cristã.³³ E com o passar do tempo neste mundo (7:29), Paulo dificilmente teria subordinado a realização sexual a um imperativo para a procriação. Nessas duas considerações, então, ele está contra uma importante corrente de pensamento do seu tempo. Em Romanos 1, entretanto, sua oposição está em outro lugar.

Com a expressão “não natural” (*para phusin*, “contrário ao que é natural”) Paulo move a conversação com a perspectiva judaica e gentílica. No lado Grego, Platão já havia utilizado a expressão para caracterizar o sexo masculino homogenital.³⁴ Exemplos adicionais do mundo antigo do mediterrâneo, usando a mesma expressão como uma referência comum, podem facilmente ser citadas.³⁵

Em que sentidos o sexo homo genital é contrário à natureza no pensamento do mundo gentílico? Sua característica não procriativa é parte do quadro, junto com a noção popular de que os animais, como exemplo da ordem natural, se engajam somente em acasalamentos com o sexo oposto.³⁶ Os escritores Greco-Romanos não parecem personalizar o assunto, como se as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo fosse uma contravenção da heterossexualidade natural do indivíduo.³⁷ É possível, mas menos provável, que *para phusin* possa ser traduzido nessas referências como “além da paixão natural”, dada a noção popular da época associada à pederastia com excesso de concupiscência.³⁸ Essencialmente, isso significa o que não é padrão, fora da norma. Enquanto a expressão no uso gentílico poderia se referir a um número de práticas sexuais, ela certamente incluía o intercurso entre pessoas do mesmo sexo, como em Romanos 1.³⁹

A questão, é claro, é em que medida essa forma comum de se referir ao sexo homo genital envolvia um julgamento moral na sociedade romana helenista. É verdade que “o conceito de ‘lei natural’ não era completamente desenvolvido até mais de um milênio depois da morte de Paulo, e é anacrônico ler sobre isso dentro de suas palavras”.⁴⁰ Mesmo assim, quatro noções populares parecem ter entrado nas ideias convencionais sobre sexo homo genital em relação com o que era entendido como natural.⁴¹ Primeiro, enquanto a heterossexualidade e a homossexualidade como construção de si mesmas, junto com qualquer consideração fundamental sobre biologia, psicologia ou sociologia, estavam longe de qualquer horizonte conceitual daquela época, a presunção básica era de que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo era exceder deliberadamente o desejo “natural” universal pelo sexo oposto. Era, resumindo, considerado uma escolha. Segundo, essa escolha era presumida como motivada por um apetite sexual excessivo e altamente permissivo. Terceiro, as práticas da época, além de envolverem pederastia, prostituição masculina, ou intercurso entre dono e escravo, eram informalmente entendidos por envolver relações para estabelecer dominação e subordinação – além de humilhar um homem fazendo-o assumir um papel que era presumido como “naturalmente” feminino. A ordem natural ostensiva era desse modo confundida. Quarto, temia-se que a prática homoerótica poderia levar a infertilidade – com potencial para a extinção da raça humana. Isso era predito com base na presunção de que, só a atração heterossexual era a norma natural e universal, então a atração pelo mesmo sexo era uma tentação para qualquer pessoa.

Duas observações chave seguem imediatamente. Primeiro, o que era transmitido como “natural” no mundo Greco-Romano era de fato “o que era culturalmente prevacente e socialmente aceito”.⁴² Segundo, sexo homo genital, pelo menos entre homens, estava começando a ser denegrado como uma conduta indecente. Embora houvesse muitas reservas sobre a prática, eles convergiram na apelação do que a natureza, embora interpretada, parecia sugerir. Isso não era condenado em nível moral; mas na época de Paulo, mesmo no mundo gentio estava começando a soar desaprovador.⁴³

Paulo trabalha nisso; fazendo isso, ele tinha numerosos precedentes de fontes judaicas, que ao mesmo tempo encontraram grande munção nas reservas que surgiam no mundo Romano. Então o filósofo judeu Philo escreveu de Alexandria por volta da mesma época, denegrindo as práticas de mesmo sexo como um vício gentio. Para ele, a epítome do problema era a vergonhosa alteração da natureza. “De fato, a transformação da natureza masculina para uma feminina é praticada por eles como uma arte e não lhes causa vergonha”.⁴⁴

Assim como Paulo compartilha a comum pressuposição entre gregos e judeus de que relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo são contrárias à natureza, ele também compartilha o conceito comumente aceito sobre o que é natural. Primeiro, ele usa consistentemente o termo *phusis* para se referir não a um princípio geral, mas a casos concretos de “a natureza de” algumas pessoas ou coisas em particular.⁴⁵ Segundo, das 11 ocorrências de “natureza” (*phusis*)

ou “natural” (*phusikôs*) nos escritos de Paulo, essa passagem em Romanos 1 é a única na qual se poderia ler um princípio moral.⁴⁶ Terceiro, Paulo tem tanto débito com as normas de sua cultura contemporânea, por suas alusões ao “natural”, como com seus colegas gentios.⁴⁷ É o elemento dessa cultura que conta para o reflexo que o “não natural” (*para phusin*) faz em “vergonhoso” (*aschamosune*) em Romanos 1:27, um julgamento comum de pederastia na época de Paulo. Essas considerações, tomadas juntas, localizam as referências de Paulo em relação à natureza dentro dos motivos convencionais nos quais as críticas helenistas romanas estavam sendo expressas.

A perspectiva judaica, entretanto, impõe uma nova sentença nos atos homoeróticos, além das reservas gentias. A associação básica judaica do sexo homoerótico com a idolatria pagã para adicionar uma sobreposição de julgamento moral, o que aparece por meio do primeiro parágrafo (ou seja, nível 1) de sua passagem. A conexão mais óbvia é com os templos de prostituição, Embora Paulo, como seus amigos judeus, visse toda a questão em um sentido mais amplo. Aqui em Romanos 1, as práticas sexuais homo genitais simbolizam todo o problema do distanciamento de Deus que vem da falsa religião.

Isso, é claro, é uma escolha retórica da parte de Paulo. Do ponto de vista Cristão todas as falsas divindades não são nada.⁴⁸ Mas aqui em Romanos 1, Paulo escolhe outra posição, envolvendo uma dupla mudança de perspectiva. Primeiro, os praticantes aqui são vistos fora de qualquer referência ao cristianismo; é a devoção pagã deles à criatura ao invés do Criador que, ironicamente, os leva a praticar atos contra a natureza que eles declaram venerar. Segundo, Paulo está falando aqui na voz dos judeus pré-cristãos fazendo eco de suas denúncias do que eles consideravam especialmente um pecado gentio.

Enquanto Paulo está de fato conduzindo a uma comunidade unida de cristãos gentios e judeus ao pé da cruz, a única forma de chegar lá, ele entende, é trazer a cada grupo a absoluta dependência do perdão de Deus. É para que não haja distinção: todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus; Todos agora são justificados somente pela graça de Deus (Rom. 3:22-24). Qualquer vestígio de superioridade pré-cristã de um sobre o outro iria impedir a aceitação deles do que Cristo fez por todos. Daí o turno duplo: Com a finalidade de conseguir chegar ao problema de qualquer desses vestígios, Paulo claramente volta às condições do pré-cristianismo e das atitudes dos dois grupos.

O alvo primário de Paulo são seus companheiros judeus. O ponto, finalmente, é menos sobre o que os gentios fizeram, do que sobre as atitudes dos judeus em relação a eles.⁴⁹ Sua estratégia, conseqüentemente, é trazer à superfície aqueles velhos julgamentos assim como lidar com eles de um ponto de vista cristão. Se alinhando com as perspectivas dos pré-cristãos judeus em Romanos 1, Paulo posiciona a ele mesmo colocando um espelho na frente dos olhos deles no capítulo 2.

Para ter certeza, quando ele chegue lá ele vai cortar o julgamento judeu, não defendendo o comportamento dos gentios, mas estendendo a culpa a seus críticos judeus. “Portanto, és inescusável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu, que julgas, fazes o mesmo” (Rom. 2:1). Mesmo assim, seu ponto de partida em Romanos 1 é um julgamento que tem suas raízes nativas em convicções hebraicas antigas – então não deve nada às reservas que começavam a surgir no mundo gentio que os rodeava.⁵⁰ Paulo tem que comprometer seus compatriotas com seus próprios termos. Fazendo isso, ele cai de novo na fala que ele usava nos anos em que estava proclamando o evangelho nas sinagogas judaicas.⁵¹

Isso nos ajuda a entender porque Paulo como cristão se baseia em fontes judaicas pré-cristãs para sua fala. Não tem quase nenhuma palavra em Romanos 1:24-27 que não faça eco à propaganda helenista judaica contra os gentios.⁵² O reconhecimento de Paulo traz com isso a linguagem de impureza (*akatharsia*), desonra (*atimazesthai*, *atimias*), e vergonha (*aschemosunen*).⁵³

Nada disso implica que Paulo despreze a conduta desses versos; ele claramente não faz isso. Mas alinhando a si mesmo com o julgamento judeu tradicional ele reverte isso dentro do mundo antigo de condenação. Aqui os tabus de cultos antigos ainda funcionam. Aqui o desacerto novamente expressa os marcadores tribais. O nível 2 (parágrafos 2 e 3) dessas passagens suaviza precisamente esses elementos do separatismo judeu que Paulo quer evocar.

Se seus compatriotas judeus consideravam relações homogenitais como a epitome da diferença entre os pagãos e eles, Paulo se desloca para mudar o terreno do debate. Ele pode de fato falar de ateísmo (*asebeia*), impiedade (*adikia*), maldade, e malícia (*poneria*, *kakia*). Essa linguagem profundamente moralizadora no nível 1 (parágrafos 1 e 4) deixa claro que, para Paulo, o primeiro e mais profundo resultado da idolatria é sem dúvida a pecaminosidade, como catalogado na maior e mais explícita lista de pecados de seus escritos.⁵⁴ Nesse Nível 1, falta qualquer referência a abusos sexuais, Paulo vai finalmente virar a mesa sobre seus compatriotas, acusando-os também de burlar a vontade Divina abertamente. Então, tendo sido cheios com tanta maldade, os gentios também experimentaram a impuridade a qual Deus os abandona.⁵⁵ Esse é o segundo, e secundário, resultado segador da idolatria, a qual Paulo cuidadosamente restringe ao Nível 2 da passagem, e para a qual ele usa uma linguagem bem diferente.

Aqui em Romanos 1 a conversa real entre cristianismo e judaísmo ainda não começou. Vai começar com a culpabilidade dos judeus no capítulo 2 e vai emergir de forma mais completa com o remédio divino em Romanos 3:21. Mas em nossa passagem presente, Paulo se posiciona em que nenhuma luz se abre entre o judaísmo de seus dias e sua posição retórica. É um erro, então, olhar aqui em busca da palavra definitiva sobre relacionamentos entre pessoas do

mesmo sexo ou qualquer outra coisa além do desenvolvimento de um ponto de vista cristão.

O Que o Texto Significa Para Nós Hoje

Nossa questão principal, “*Que implicações bíblicas nós podemos achar para os limites e a ética da expressão sexual no contexto de relacionamentos de amor entre pessoas do mesmo sexo*”? Gira em torno da questão secundária, “*como a fidelidade se relaciona com a herança religiosa que adquire suas normas sexuais precisamente nas distinções que são superadas em Cristo*”? Então vamos considerá-los na ordem reversa, com uma referência particular a Romanos 1.

A discussão hoje sobre Romanos 1 se centraliza primariamente na questão do status moral sobre a conduta dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo que Paulo sustenta aqui. Não há dúvidas sobre sua percepção fortemente negativa; a questão é, “Qual é a base para essa negatividade”? Muitas questões alimentam as diversas tentativas de responder a essa pergunta. Uma resposta pode ser amplamente prognosticada a partir de qual dessas questões aparece aos olhos do interprete.

Pecado ou impureza? Para alguns que pegam seu indício da expressão de Paulo “não natural” (*para phusin*), a consideração determinante continua sendo a lei natural.⁵⁶ Para esses, esse princípio passa ao plano principal como uma ordem da criação divina, a despeito do caráter culturalmente condicionado da pré-suposição de gêneros refletida no Novo Testamento e do mundo Greco-Romano. Essa abordagem regularmente acompanha uma leitura dos tabus em levítico como absolutos e definitivos mandamentos bíblicos para todos os tempos e circunstâncias. Privilegiando essa questão da lei natural, esses intérpretes procuram apresentar o Código Sagrado como ainda sendo moralmente obrigatório em Cristo. A linguagem de Paulo em Romanos 1:26, embora reconhecidamente expressa em termos de impureza, é então considerada como uma reafirmação de regulamentos irrepreensíveis refletindo uma ordem universal.

Mas as dificuldades permanecem: O antigo Código Sagrado de fato procede de uma suposta ordem da criação, mas isso é no máximo uma questão aberta se tal ordem pode ser traçada como um princípio teológico em Romanos 1. Se pode, tem que ser tomada como uso singular de um argumento da natureza como um princípio cósmico da moralidade por parte de Paulo. Se é assim, devemos explicar o marco diferencial entre os níveis 1 e 2 nessa passagem, onde Paulo tão consistentemente se refere ao sexo homo genital em termos culturais ao invés dos morais.

Antes de qualquer coisa, nós somos deixados com a redução da moralidade a casos de consciência. O foco dos atos homossexuais pode se tornar um dispositivo para trabalhar em volta de discernimentos contemporâneos sobre a

orientação sexual: pode se tratar a orientação sexual homossexual como um fenômeno moralmente neutro, enquanto se condena sua expressão como um mal moral.⁵⁷ Mas tal abordagem comportamental, quando se espelha nos códigos levíticos, fica aquém de uma perspectiva cristã adequada.⁵⁸ Se a prática homossexual está para ser discutida em um contexto cristão como culpável em todos os casos, deveria ser articulado como pecado e não como impureza – porque o novo testamento deslegitimou a última categoria.⁵⁹ Relacionando impureza com pecado, corremos o risco de colapsar as duas categorias que, mesmo antes de Cristo, são distinguidas nas escrituras.

Alternativamente, interpretes que reconhecem a forte natureza cultural da linguagem do 2º nível na passagem de Romanos I não tentam estendê-lo além do mundo simbólico da pureza ritual. A partir deste ponto de vista, é suficiente declarar:

Quando Paulo descreveu tais atos como sendo impuros, desonráveis, impróprios e, “contra a natureza”, ele não aplica a linguagem de pecado a eles de forma alguma. Ao invés disso, ele trata o comportamento homossexual como um ser integral do aspecto ingratamente sujo da cultura gentia. Isso não era pecaminoso em si, mas caiu sobre os gentios como recompensa por seus pecados, sobretudo o pecado da idolatria, mas também sobre os de ruptura social.⁶⁰

Tal leitura tem a vantagem de permitir aos textos funcionar no modo em que eles realmente falam. Respeitando a distinção que Paulo mesmo observa, se evita a falácia de argumentar que de algum modo em Cristo os dois níveis colapsam em um.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm sido particularmente sensíveis à distinção entre a lei moral e a lei cerimonial, tendo o Sétimo dia (Sábado) incluído no decálogo precisamente como o critério de sua resistência na era cristã.⁶¹ A lei cerimonial, em contraste, desvanece-se em face da nova realidade que Cristo trouxe.⁶² A questão agora se torna um fato a nossa disponibilidade para aceitar a nova realidade em Cristo.

Cristãos ou Pré-Cristãos? Todas essas interpretações tomam alguma nota de passagem na estratégia de retórica de Paulo no capítulo de abertura de Romanos. Seu intento, como é universalmente entendido, é comparável à de uma parábola em que o ouvinte é colocado dentro de uma perspectiva particular, então é pego de surpresa quando essa perspectiva é aplicada para o ouvinte em uma forma imprevista. Então o judeu aqui, tendo seus julgamentos contra os gentios trazidos à superfície, deve ser indicado de sua própria necessidade da graça divina. Mas tão correta como esta observação é, a estratégia da fala de Paulo requer que seja vista por nossa parte com uma estratégia mais considerada de leitura. A maioria das interpretações procede de uma aparente examinadora suposição de que a voz de Paulo em Romanos é a de um teólogo cristão, fazendo pronunciamentos definitivos sobre homo erotismo. Essa simplificação do texto simplesmente não consegue captar a voz em que Paulo fala.

A partir de Romanos 1:18-32 não é completamente a voz cristã de Paulo. De fato, mesmo em Romanos 2, onde ele vira a mesa sobre seus compatriotas, ele ainda se dirige a eles simplesmente como judeus, não ainda como convertidos a Cristo. Isso não é para fazer de sua apresentação um pretexto; ele é absolutamente sério sobre o que está dizendo. Mas ele está dizendo isso de uma maneira que leva para trás a experiência de Cristo dos judeus cristãos. Fazendo isso, tanto seus termos como seu tom, se aprofundam na repulsa dos judeus contra os gentios, começando com a maneira que eles têm tradicionalmente considerado os gentios. Logo isso vai jogar algumas lições explícitas sobre como eles devem considerar-se, e então sobre como eles devem considerar seus irmãos gentios desde a nova perspectiva do Reino. Mas tudo isso vem depois. Aqui em seu capítulo de abertura, é suficiente para Paulo colocar a si mesmo, aos judeus, e até mesmo aos seus ouvintes judeus cristãos em suas formas convencionais de pensamento judaico sobre essas coisas.

Se torna importante então cortar a questão de nossa passagem em Romanos 1, em duas partes: o inquérito padrão tradicional como “pecado ou impureza”? Precisa ser complementado com a outra questão, “Cristão ou Pré-Cristão”? Útil como é para configurar o tema da necessidade universal de salvação, a abordagem de Paulo não se destina a esboçar a vida cristã. A única forma em que as perguntas sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo poderiam ser pressionadas a tal cronograma, além de simplesmente sinalizar os limites que Paulo pretende quebrar, é mostrar quando e como o intercurso homo genital passou a ser aprofundado como pecado. E aqui Paulo não nos obriga. Suas duas sentenças em Romanos 1, por toda a sua veemência, serviram para seu propósito retórico; Ele não leva o assunto para seu próprio interesse.

Nossa leitura então, vai respeitar os propósitos de Paulo e permitir que ele fale com eles de sua própria maneira. Nós não fazemos justiça a Paulo quando nos agarramos a um ponto secundário e fazemos sua função maior do que a intenção dele. O que devemos a ele é uma séria atenção a causa real dele: as consequências trágicas da pecaminosidade humana, especialmente as que derivam de várias formas de idolatria, e as rachaduras que podem resultar no Corpo de Cristo quando a arrogância em qualquer lado, conduta indecente, maldade, e elitismo religioso-cultural são arraigados. Esses eram os problemas que ocupavam o corpo de sua carta; as questões de rituais ressurgem na superfície só depois, no capítulo 14. Os contornos de nossa leitura, então, encontram os das escrituras de Paulo.

O mundo de Paulo e o nosso. Nós temos notado em sua carta alguma coisa sobre as interações entre o próprio horizonte conceitual de Paulo e o horizonte de suas várias audiências. Isso é importante para a forma como vamos lê-lo. Mas se nós vamos lê-lo sem arrebatá-lo seu pensamento, nós devemos, além disso, considerar a relação entre o quadro de referências de Paulo e o nosso.

Parte da falta de conexão entre o interesse de Paulo e o nosso derivam da diferença entre nossa categoria de pensamentos e a dele. A primeira diferença

nasce com o próprio termo inglês homossexual. Dado que tanto o rótulo quanto o conceito por trás disso são de origem comparativamente moderna, nós também podemos rapidamente assimilar seu quadro de referências dentro do nosso. Mas o que nós queremos dizer com o termo “homossexualidade” no final do século vinte é na maior parte bem diferente do que os textos bíblicos estão discutindo.⁶³ Esse não é um problema trivial. De fato, a fim de evitar ler nosso entendimento moderno da homossexualidade anacronicamente dentro dos textos bíblicos, “nós deveríamos parar de falar sobre o que a Bíblia tem a dizer com relação à “homossexualidade”.⁶⁴

E ainda assim as escrituras importam. Importam na medida em que podemos estabelecer superposições legítimas no campo do significado entre os conceitos bíblicos e o nosso. Colocando juntas certas pessoas e certas passagens bíblicas – todos os indivíduos que se envolvem em atividade sexual homo genital de qualquer tipo e contexto com todos os textos que mencionam essa atividade de qualquer tipo e contexto – nós podemos legitimamente obter uma sobreposição parcial. As condenações nas escrituras aos vários comportamentos sexuais de exploração e concupiscentes (com o mesmo sexo ou com o sexo oposto) no tempo de Paulo são corretamente aplicáveis para esses comportamentos (de mesmo sexo ou de sexo oposto) hoje. Mas notemos que os dois horizontes – textual e temporal – estão agora convergindo em torno das questões relacionais e de características ao invés de serem em torno da questão da orientação sexual como tal.

Claramente em Romanos 1 nós temos que ver uma incongruência pelo menos parcial entre os horizontes conceituais, entre “a caixa” dentro da qual Paulo escreveu, e “nossa caixa” dentro da qual queremos colocá-lo. Em nossa procura por respostas em relação a “homossexualidade” como condição (mesmo se nós consideramos isso uma condição mutável) nós estamos pedindo a Paulo para se dirigir a uma categoria de seres que eram essencialmente incompreendidos em seu mundo. Se os gregos presumiam que todos eram pelo menos potencialmente, bissexuais, os judeus presumiam que todos eram naturalmente heterossexuais.⁶⁵ Os modelos básicos da época para o erotismo entre pessoas do mesmo sexo eram todos de exploração em um grau ou outro, e entendido como mais ou menos transitório – como envolvendo pederastia, prostituição ritual, ou relações de mestre/escravo. Além disso, para Paulo e todos os outros escritores anteriores, cristãos ou não, o horizonte de possibilidades dificilmente proporcionava uma noção desenvolvida de homossexualidade inerente ou, concomitante, de amor, com laços perduráveis de compromisso, consensual e exclusivo.⁶⁶

Aqui nós devemos reconhecer que nossa formulação do que é essencial na homossexualidade pode nos levar a limitar inapropriadamente nossa seleção dos textos quando procuramos por guia nas escrituras hoje. Nós ilegitimamente tentamos forçar uma sobreposição quando nós nos esforçamos para expandir os modelos antigos para cobrir todo o espectro contemporâneo. Isso nos leva a erros de categoria. Se nós queremos ouvir as escrituras completamente, nós

devemos permitir que elas nos direcionem a linhas adicionais legítimas de pensamento que podem ampliar nossa seleção de textos – além disso, permitiremos que a Bíblia construa sua própria ponte entre esse mundo e o nosso. Fazendo isso, nós descobrimos que há de fato eixos pertinentes de conexão que proveem alguns guias reais sem forçar o texto.

Quais são os critérios dessa legitimidade? Para os propósitos presentes, são dois. Primeiro, uma interpretação cristã deve ser levada a cabo dentro de um marco cristão. Isso não exclui passagens das escrituras pré-cristãs para a reflexão cristã, mas as comunidades cristãs antigas, a través de muitos desafios, apontaram o caminho: eles entenderam que suas interpretações das escrituras, assim como a interpretação do significado de Jesus mesmo, devem ser levadas a cabo dentro das novas perspectivas que Jesus trouxe para a situação humana. As implicações e resultados desse processo nem sempre eram evidentes para aqueles pioneiros da fé; esse não era um assunto simples. Quando nós traçamos a dinâmica de seus esforços, nós vemos o quanto eles estavam surpresos com as intenções de Deus que gradualmente surgiam para eles. E nós estamos definitivamente atônitos com a audácia deles, à medida que eles tentavam seguir aonde o Espírito os guiava.

Mesmo assim, seus avanços eram parciais – o que traz nosso segundo critério: não é requerido que tudo seja completamente entendido nas escrituras. É requerido que as escrituras genuinamente apontem o caminho para qualquer valor e verdades que abraçamos. Isso é porque a Bíblia permanece uma autoridade para nós. Como modelo para nós, os discípulos dos primeiros seguidores de Cristo, a Bíblia coloca nossos pés no caminho de nossa própria peregrinação. Uma trajetória legítima entre o entendimento das escrituras e o nosso próprio entendimento é necessário; mas é só isso: uma trajetória.

Nossa tarefa é estender esse potencial para nossa própria vida, e fazer isso segundo alinhamentos coerentes com as perspectivas cristãs que a própria escritura nos provê.

Esses princípios de leitura nos levam a pagar com os princípios da nossa vida. Como nós devemos viver então?

Expressão Sexual em Relacionamentos Amorosos Com Pessoas do Mesmo Sexo

Nós voltamos à primeira questão com a qual nós abrimos esse capítulo: *“Que implicações bíblicas nós podemos achar para os limites e a ética da expressão sexual no contexto de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo?”* Como isso pode ser visto, à medida que procuramos fidelidade bíblica hoje? Três grandes traços se seguem, como ilustração de traços característicos.

O primeiro traço tem a ver com a ética de nossas interpretações.⁶⁷ Discussões sobre questões ligadas a homossexualidade (assim como muitas outras) com muita frequência tem lugar em apenas um dos dois níveis, sem permitir sequer intersectar o outro. Para alguns, o forte senso interior de evidências de certo e errado os leva a se afastarem das escrituras porque não a consideram útil. Outros, não querendo abandonar a Bíblia como autoridade para a fé e a prática, se recusam a depor à parte. O último, entretanto, toma a exegese como um processo de extrair uma única mensagem particular como o único significado potencial do texto. Essa forma de pensar pode falhar em ver que todos os escritos refletem a perspectiva que ele leva para o texto, incluindo os de estudiosos que tentam ser tão objetivos quanto possível. Ou seja, o resultado, surge no encontro entre o texto e o leitor.⁶⁸

Sob essa luz, nosso próprio ato de ler assume uma dimensão ética. Nós devemos assumir responsabilidade pelo impacto que nossa interpretação exerce na vida de outros. Longe de apresentar nossas descobertas com um “aceite ou deixe” indiferente que nos absolve da prestação de contas àqueles que são impactados por nossa ostensiva análise objetiva, nós devemos reconhecer o potencial para novas ideias quando a Bíblia é lida por outros crentes. Vista por outros olhos, a Bíblia provê outras conexões por meio de outros textos que com muita frequência escapam à nossa visão limitada.⁶⁹

A ética de ler e interpretar requer que aqueles que têm mais a perder no resultado, participem como iguais na conversa sobre a interpretação. Nós devemos complementar nossa leitura com nossa escuta, dessa forma os níveis de nossa responsabilidade ao texto e nossa prestação de contas aos outros podem ser colocadas em interação. Só assim nós podemos continuar algo da dinâmica de “dê e receba” que caracteriza o processo de envolver a revelação entre as comunidades cristãs antigas de crentes. Por definição, esse processo não vai ser unidirecional, e não sempre vai ir em uma direção “libertadora”. Entretanto, isso inclui um aspecto vital de nossa dívida de um para com o outro, na unidade cristã para a qual Paulo nos chama.

Em certas denominações hoje, os debates têm se tornado profundamente rancorosos. Isso pode ser, em parte, porque eles não tiveram conversações reais – intercâmbios em que todas as vozes tenham expressão igual e sejam igualmente ouvidas. Um dos tons mais eloquentes do enfoque de Paulo para as relações entre judeus/gentios nos dois capítulos de abertura de Romanos é o reconhecimento de alguma arrogância por parte dos dois grupos, contra a qual ele teve que alertar os dois grupos no corpo de sua carta. O problema não era que havia alguma tensão. O problema era colocar freios na energia dessa tensão, baixo o reino de Cristo, como parte de um processo de falar e ouvir mutuamente, no qual nós realmente ouvimos uns aos outros, prestando contas uns aos outros, e confiando uns nos outros. Isso aconteceu nos períodos mais formativos da história cristã; e baixo a guia do Espírito pode certamente acontecer novamente.⁷⁰

Esse dinamismo na vida teológica e no pensamento dos primeiros cristãos engloba somente o começo da conversa a qual a igreja é chamada em todos os tempos. Mesmo à medida que pontos teológicos continuam a ser estabelecidos ao longo do tempo, esses não são motivos para estase.

Interpretação por meio de conversação. Expressão sexual no contexto de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo em Cristo, responderão melhor e serão mais bem construídos, sobre os parâmetros de interpretação estabelecidos por meio de perspectivas compartilhadas, expressadas em conversas, do que por meio de estruturas dominantes de autoridades – eclesiásticas, acadêmicas ou outras.

A segunda pincelada é dupla, abordando as fontes de nossa vida moral. Com relação à moralidade sexual, a primeira e mais importante verdade é a mais visível na guia de Paulo aos Coríntios; A vida deles agora deve ser diferente, simplesmente porque agora eles estão em Cristo. A famosa libertinagem da cidade deles, da qual alguns deles haviam participado antes (1 Cor. 6:11), não tinha mais lugar em suas vidas.⁷¹ Cristo elevou os templos pagãos a um novo respeito pelos outros e por seus próprios corpos como templos do Espírito (6:19). Isso é precisamente o resultado da nova descoberta da liberdade em Cristo; Eles são libertos da antiga escravidão. Os princípios fundamentais do amor ágape, como Paulo expõe (1 Cor. 13), significam que não existe lugar para qualquer tipo de imoralidade sexual, exploração, ou idolatria na vida cristã.

Qualidade moral. A expressão sexual no contexto de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo em Cristo não é válida para além da soberania divina. Ao invés disso, assim como em toda vida cristã holística, isso vem dentro do marco governamental da moralidade cristã – com tudo o que isso implica para o compromisso, a fidelidade, discipulado do corpo, e crescimento espiritual.

O segundo aspecto dessa pincelada tem a ver com nossa libertação não só das amarras do pecado e da idolatria, mas também das estruturas rituais. Paulo explicitamente faz um paralelo sobre os dois tipos de escravidão em Gálatas 4:1-11, advertindo contra a substituição de um por outro. Em Cristo, fidelidade em nossa sexualidade, assim como em todas as coisas, vai além dos códigos de pureza cerimonial para níveis mais profundos de responsabilidade. Quando Paulo em Romanos 14 retorna para essas questões culturais de dentro de sua própria postura explicitamente cristã, ele mostra o caminho. Aí nós vemos que ele está menos interessado nos detalhes das práticas alimentares e na observância do calendário de celebrações do que na solidariedade e na reciprocidade da congregação. Em outras palavras, sua preocupação no nível cultural, assim como no nível moral, é a mesma: que todos os seguidores de Cristo vivam de forma a expressar a unidade do corpo de Cristo. A única diferença é que ele chega a isso por meio de princípios morais da teologia da salvação quando lida com nossa pecaminosidade moral, enquanto que no nível de observâncias culturais ele é bem indiferente quanto ao modo como seus ouvintes negociam sua harmonia.

Para a maioria de nós, baixo a bandeira da nova ordem de Cristo, os antigos tabus rituais são vazios; Ainda assim nós ainda sentimos algo do choque que deve ter sido para os leitores de Paulo quando ouviram seu pronunciamento, “Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma impura” (Rom. 14:14). Ele está falando sobre questões que aos olhos de alguns dos seus seguidores crentes eram tão sensíveis quanto a prática homossexual. Ainda assim, em Cristo, Paulo pode relativizar todo o esquema da pureza cerimonial reconhecendo que a contaminação ritual existe nos olhos de quem observa. “A não ser para aquele que a tem por impura; para esse é impura”.

Como alguns crentes de Coríntios (1 Cor. 8:7), nem todos em Roma sabiam disso. Então Paulo procura levar seus ouvintes com ele a um maior conhecimento – do pré-cristianismo a uma postura cristã. Ele obviamente entende o persistente desgosto por parte de alguns de seus companheiros crentes judeus; ele poderia muito bem partilhar disso. Quanto à preocupação com relacionamentos de mesmo sexo, não há dúvidas de que ele pensava que esse comportamento era indigno, mesmo desse lado da cruz. Mas dado o entendimento popular da época, isso pode ter sido diferenciado somente em grau de suas reservas em relação ao casamento heterossexual, o qual ele via primariamente como uma saída para as paixões sexuais.

Então se Paulo retém alguma coisa da aversão judaica a relacionamentos de mesmo sexo, ele também retém o encargo da questão do nível de observância cerimonial. Esse encargo aponta a direção. Sua compreensão clara das implicações do Calvário, e sua devoção aos princípios dessas implicações como centro do evangelho, levam Paulo a tratar as questões cerimoniais como nada mais do que ocasiões para tolerância mútua em Cristo. As questões de dieta e outras observâncias emergem em Romanos 14 como paralelos claros das questões sexuais em Romanos 1. Nós poderíamos desejar que Paulo houvesse retornado a uma mostra explícita de como isso funciona na vida sexual cristã, mas ele fica satisfeito em permitir que a questão permaneça. Em sua analogia à comida e festivais ele providenciou suficiente sinalização para o dia em que a igreja estivesse pronta para seguir a verdade.⁷²

Esse dia será marcado por apagar não só a diferença entre judeus e gregos, mas também a diferença entre “fraqueza” e “força”. Seja qual for a preferência de Paulo, quando vem a questão da observância ritual ele sistematicamente se posiciona com a “força”. Enquanto impulsiona aqueles como ele a respeitarem a sensibilidade dos “fracos”. Até o feliz dia da maturidade espiritual coletiva, assim como a preocupação com a observância ritual em Romanos 14, cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente. (14:5) e, como implicação, dê a todos os outros crentes o mesmo direito.⁷³ Essa conclusão é obviamente um grande salto, e Paulo insistiu nisso o suficiente para seu tempo. Isso nos lembra, em nosso tempo, de considerar novamente se o Espírito está nos conduzindo a continuar nesse processo.

Além da observação dos ritos. A expressão sexual no contexto de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo em Cristo, será validada no fundamento de uma moralidade mais profunda que vai além da observação de rituais, no contexto de uma comunidade de fé que se vê como crescente no entendimento cristão voltado para a unidade que transcende “fraqueza” e “força”.

A terceira pincelada tem a ver com nossa seleção de temas das escrituras e passagens que emergem como relevantes. Nosso discipulado em Cristo significa ser fiel aos princípios cristãos que as escrituras proveem para governar nossas relações sexuais. Ao mesmo tempo, essa mesma lealdade aumenta a definição e assim multiplica as linhas de nossa responsabilidade em Cristo com os mandatos escriturais. Agora que as questões se definem como questões de responsabilidade relacional e integridade, moralidade genuína, e amor ágape, novos potenciais emergem como pontes entre os textos antigos e nossas vidas hoje.

Limitar nossa busca por guia naqueles textos que lidam explicitamente com relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, especialmente dado o foco deles em atos particulares vistos desde as perspectivas de impureza cerimonial, se prova inadequadamente preciso porque tal limitação deriva de um erro de categoria de nossa parte. De um ponto de vista cristão, é justo perguntar se nossas questões hoje sobre homossexualidade são mais naturalmente direcionadas somente nessas passagens que apontam para os novos níveis de responsabilidade que Cristo traz a todos os nossos relacionamentos, especialmente os relacionamentos domésticos.

Uma vez que a revolucionária mensagem de mutualidade entre parceiros domésticos é recebida, se essa mensagem é estabelecida no centro dos valores de Cristo de modelo e salvação, seu levantamento deve se estender por todas as relações. Se baixo a liderança de Cristo, marido e mulher são levados para além das normas da convenção cultural para um novo nível de mutualidade e consideração de um com o outro (1 Cor. 7), não deveriam os mesmos princípios governar os relacionamentos de todos os casais em Cristo?

Novas perspectivas; outras escrituras. A expressão sexual no contexto de relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo em Cristo manifesta as qualidades da mutualidade, igualdade, respeito e consideração que derivam das passagens das escrituras que se dirigem aos casais heterossexuais em Cristo.

Apesar de não serem exaustivas, essas três pinceladas sugerem alguns traços característicos da fidelidade das escrituras em relação a essas questões hoje. Juntos eles ilustram o mesmo espírito de responsabilidade com os companheiros crentes, amor ágape, profunda e genuína moralidade, e libertação da lei cerimonial que orienta toda a vida cristã.

Conclusão

“Não há mais judeus ou gregos”. A luta entre os antigos cristãos sobre a etnia em todas as suas implicações não era menos ferrenha do que aquela com que nós estamos nos deparando hoje sobre a homossexualidade. De fato, dado que essas questões do homo erotismo eram percebidas a princípio como tendo a ver com a distinção entre judeus e gentios, a supressão da barreira entre eles, em Cristo, carrega implicações para como nós deveríamos considerar os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo hoje.

Enquanto seguimos o pensamento de Paulo nós vemos que essa não é meramente uma questão de justaposição de um conceito “moderno” sobre orientação sexual sobre um conceito antigo, como se nós simplesmente “soubéssemos melhor” agora. Ao invés disso, isso implica aceitar desenvolvimentos teológicos que já emergiam na reflexão cristã antiga. Precisamente porque em Cristo não há nem judeus nem gregos os símbolos étnicos que definiam a santidade perderam sua essência.

“Não há nem escravo nem livre”. Em parte, a rejeição cristã pela escravidão acompanhada do abuso sexual (ultrapassando as linhas de gênero ou não) pode ter contribuído para a evolução do instinto cristão de que essa polaridade deve ser derrubada em Cristo.

“Não há mais homem ou mulher”. Com esse pronunciamento, a visão de Paulo continua a desafiar a igreja. Dado que muito da objeção contemporânea ou antiga aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo é o estabelecimento da alegada confusão sobre essa distinção, as implicações do reino de Cristo com respeito a isso ainda nos convocam a irmos além de nossas hipóteses convencionais. As associações bíblicas entre sexismo e patriarcalismo nos deveriam alertar para nosso trabalho não terminado aqui.

Não há dúvidas de que o chamado do Espírito Santo, do êxtase confortável para o desestabilizador repensar alinhado com as regras de Cristo, continuará a afrontar a muitos. E eu percebo quão facilmente a perspectiva apresentada nesse capítulo pode ser desprezada com um rótulo desprezível de “ética situacional”. Mas esse rótulo não quer dizer que “pode tudo”. Para todos nós, o verdadeiro discipulado só pode significar que todos os aspectos de nossas vidas, devem ser colocados baixo o critério que nós identificamos antes: total aceitação do que Cristo fez no calvário, moralidade genuína, honesto compromisso com as escrituras, dívida de uns para com os outros, abertura para uma nova luz, sincero respeito pela consciência dos outros e pela unidade do corpo de Cristo. Se nós cidadãos do reino vamos continuar nossa jornada em direção a uma vivência cada vez mais plena dos valores desse reino neste mundo, nós só podemos procurar crescer além do nível da obediência mecânica às ordenanças que Paulo chama “escravidão” e no jubiloso discipulado que ele chama “liberdade” (Gal. 5:1).

Como vamos ir além da aceitação helenista (ainda que cada vez mais reservada) inclusive da exploração sexual sobre pessoas do mesmo sexo, e da condenação sem reservas do judaísmo sobre qualquer expressão homoerótica (não importando o contexto do relacionamento) ao nível de separação étnica e cerimonial? Nós devemos seguir o direcionamento de Paulo; nós devemos fazer o que ele não explica plenamente, mas nos aponta. Se Paulo não nos deixa lá, ele sem dúvida nos abre o caminho para ir até lá de acordo com seus princípios.

O evangelho de João, o último dos livros canônicos sobre a vida de Jesus, ainda aponta a seus leitores a continua revelação do Espírito Santo na vida da igreja. Entre suas palavras finais a seus seguidores, Jesus disse “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir”. Se o Evangelho de João, no qual o vinho novo é melhor (2:10), ainda nos fala hoje de novas formas, podemos agora suportar ouvir? Jesus, que é o mesmo ontem, hoje e sempre (Heb. 13:8), ainda se reserva o direito de nos surpreender.

Questões para discussão

1. Quais são as implicações para essa discussão, sobre o fato de que os Adventistas do Sétimo Dia têm consistentemente defendido a observância do sétimo dia do Sábado com base em sua presença na Lei Moral ao invés da lei cerimonial?
2. Quais são as ameaças à nova liberdade encontrada dos Gálatas em Cristo, contra o qual Paulo deve adverti-los em sua carta?
3. O que significa, falar em estender as trajetórias do pensamento cristão primitivo (como podemos traçar no Novo Testamento) em nossas vidas hoje? Como os diferentes entendimentos de nossa sexualidade, entre o tempo deles e o nosso, se afiguram nesse processo?
4. No primeiro capítulo de sua carta aos romanos, Paulo fala de duas revelações divinas: a da graça de Deus (1:16 – 17) e a da ira de Deus (1:18). Qual dessas duas revelações vem antes da outra, no pensamento de Paulo? Com qual dessas duas revelações ele está lidando, no resto de seu primeiro capítulo? De que perspectiva ou ponto de vista ele escreve a segunda metade de seu capítulo?
5. Quem é dono do processo de interpretação das escrituras? Quem deveria participar nele, e da conversação que flui desse processo? E se esse processo trouxe tensões subjacentes e discordância a superfície?

Notas e Referências

1. Nós podemos estar um pouco nervosos sobre a sentença de Jesus sobre a relação entre a humanidade e o sábado em Marcos 2:27, mas nós aceitamos isso.

2. Entre aqueles que negam que essas histórias têm qualquer coisa a ver com intensões entre pessoas do mesmo sexo está D. Sherwin Bailey, **Homosexuality and the Western Christian Tradition**. New York: Longmans, 1955. Pág. 1-28, como discutido detalhadamente em John J. McNeill, **The Church and the Homosexual**. 4 ed. Boston: Beacon, 1993. Pág. 42–50. Eu não concordo. É, no entanto, uma marca da tendência comum de essencializar a "homossexualidade" que leva essas histórias a serem consideradas como um comportamento homoerótico. É o aspecto de estupro coletivo que simboliza o mal e nega a aplicabilidade aos nossos propósitos aqui.

3. Amos 4:11; Isa. 1:9–10; 13:19; Jer. 49:18; Lam. 4:6; Ezeq. 16:46, 48–49, 53, 55–56; Zeph. 2:9; Deut. 29:22; 32:32. A expressão, "coisas abomináveis" em Ezeq. 16:50 é muito ampla para depender de conexões com Lev. 18:22 e 20:13. Então também no Novo Testamento: Mat. 10:15, 11:23-24; Luc. 10:12, 17:29; 2 Ped. 2:6; Ap. 11:8. Jud. 6-7, baseando-se no primeiro livro apócrifo de Enoque, cita antigas violações das barreiras entre humanos e anjos como um aviso contra os falsos mestres da igreja primitiva, que podem estar alegando que suas experiências místicas os colocaram em contato sexual com os "gloriosos" (v.8), uma ordem de seres angélicos. Se iniciado do lado dos anjos (gen. 6) ou do lado dos homens (gen. 19) tal mistura de tipos é etiquetada como uma profunda blasfêmia (v.8). O paralelo explícito entre os dois exemplos de Genesis deixa claro que o erro nos dois casos é "ir atrás de carne estranha" (sarkos heteras), como os gregos do v. 7 coloca explicitamente - uma expressão cujo significado é perdido por representações como a "luxúria não natural" da NRSV (New Revised Standard Version). A suposição subjacente parece comparável à de Paulo 1 cor. 15:39-41, onde ele argumenta com base nessas distinções entre a nossa existência corporal atual e a do nosso estado físico glorificado na ressurreição: Deus faz vários tipos de carne. Veja Countryman, L. William. *Dirt, Greed and Sex: Sexual Ethics in the New Testament and Their Implications for Today*. Philadelphia: Fortress, 1988. Pág. 133–34.

4. Embora Karl Heinrich Graf em 1866 tenha identificado pela primeira vez a integridade literária desses capítulos como formando um corpo separado do material dentro de Levítico, com seu próprio estilo e teologia; foi August Klostermann quem em 1877 o nomeou pela primeira vez como "Código sagrado" (Heiligkeitsetzete), à luz de sua invocação regular das fórmulas sagradas. Essas ideias foram confirmadas pela investigação acadêmica contínua de um círculo ou "escola" particular de pensadores israelitas, distinguida da tradição "sacerdotal".

5. O termo abominação (Heb to'evah) denota qualquer coisa que é culturalmente ou ritualmente proibido na lei judaica. A septuaginta traduz isso como "impureza" (akatharsia) em vários lugares, por exemplo Prov. 3:22; 6:16; 16:5. Em Lev. 18:22; 20:13 a septuaginta utiliza bdelugma, uma ofensa ritual.

6. Esse insight permitiu que Mary Douglas desvendasse as estruturas subjacentes ao código levítico de distinção entre animais limpos e imundos. Por exemplo, aqueles que parecem desviar-se de alguma maneira de uma ordem percebida na qual os modos característicos de locomoção pertencem a domínios particulares (terra, ar, água) são impuros - portanto poluentes e perigosos. Veja DOUGLAS, Mary. **The Abominations of Leviticus, em Purity and Danger**. New York: Routledge and Kegan Paul, 2002. pág. 51–71. Esta é uma ilustração reveladora da maneira pela qual a "grade" cultural de um universo ordenado, na qual a santidade é definida como conformidade com categorias ordenadas por Deus, também se estende às classificações da humanidade. Assim, uma violação das distinções de gênero entre as pessoas que são convocadas para a santidade implica uma violação das distinções étnicas e rituais entre elas e os egípcios ou cananeus – como a abertura dos versos de Lev. 18 deixam claro. Compare Lev. 11:44.

7. O termo kil'ayim, utilizado em todas essas três proibições, significam um tipo separado ou distinto. Injunções semelhantes em Dt. 22:9-11 também proíbem a junção de um boi e um jumento para arar.

8. Como construção do eu, os conceitos de homossexualidade e heterossexualidade parecem surgir apenas no final do século XIX. Veja Seward Hiltner, "**Homosexuality: Psychological and Theological Perspectives**", Bulletin of the Christian Association for Psychological Studies. (1977). "Pelo menos em suas referências a homossexualidade, portanto, a Bíblia não fala de maneira alguma à principal maneira pela qual a homossexualidade deve ser entendida hoje". O termo sodomita é desconhecido tanto nas escrituras hebraicas quanto nas gregas, mesmo para se referir a cidadãos de Sodoma. É uma invenção inglesa imposta a certas traduções.

9. Jesus falando sobre os eunucos em Mat. 19:12 prevê três categorias. É possível que a primeira classe, "eunucos que são assim desde o nascimento", possa ser entendida como homens que apresentavam uma deformidade física e / ou cuja orientação sexual era voltada a homens. Portanto, é possível que o oficial etíope que Filipe batizou (Atos 8: 26–40) possa ter sido um indivíduo a quem hoje chamaríamos de homossexual. Também é possível que o servo do centurião, que era precioso para ele e a quem Jesus curou (Mat. 8: 5–13 = Lucas 7: 1–10), possa ter sido entendido como servindo a seu mestre tanto sexual quanto de outras maneiras. A República IX, de Platão, 574b-c, fala do amor erótico de um homem por um jovem menino (pais, o termo usado em João 4:51) que se tornou "querido" (entimos) para ele - o mesmo termo usado na conta de Lucan.

10. Com relação a importância da cruz: Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. (1 Cor. 2:2) Com relação a liberdade: Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão. (Gál. 5:1) Todas as citações das escrituras neste capítulo são da Nova Versão Revisada (1989), exceto a alusão a Gal. 3:28 no título, que usa a redação familiar da King James Version (1611). *Na tradução foi utilizada a versão NVI.

11. Veja a justaposição de vícios e virtudes em Gal. 5:16-24.

12. Sobre vícios: Gal. 5:19-21; 1 Cor. 5:10, 11, 6:9, 10; 2 Cor. 12:20; Rom. 1:19-31, 13:13; compare com 1 Tim. 1:9, 10; 2 Tim. 3:2-5. A respeito de virtudes: Gal. 5:22,23; 2 Cor. 6:6; Fil. 4:8; compare com 1 Tim. 6:11. Para exemplos de listagens populares, veja Robin Scroggs, *The New Testament and Homosexuality*. Philadelphia: Fortress, 1983. Cita Maximus de Tiro XVIII. 84b. XIX 90a; Oráculos de Sybillene III. 36-39; e Epicteto II. 16.45, com a observação, "encontramos esses catálogos em todos os lugares".

13. JUDAEUS, Philo. **Sacrifices of Abel and Cain 32**. vem com uma lista de 147 vícios.

14. ARNDT, William F. e GINGRICH, Wilbur. **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Chicago: University of Chicago Press, 1957. q.v. pornos. Além de vice-listas, o termo pornos também é usado em Ef. 5:5 e Heb. 12:16, 13:14, bem como duas vezes na Septuaginta (Eclesiástico 23:17). O substantivo abstrato porneia aparece vinte e cinco vezes no Novo Testamento, incluindo três referências à decisão do Conselho de Jerusalém (Atos 15:20, 29; 21:25).

15. Nesse arranjo, estou seguindo SCROGGS. *New Testament and Homosexuality*, 103. **The Apostolic Fathers**, trans. Kirsopp Lake. 1:289, 291. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1912, 1959.

16. *Ibid.*, 104–1055.

17. O fenômeno do martírio voluntário, que logo se tornou um problema em algumas congregações, foi uma expressão extrema, mas não incomum, da tendência assertiva. A negação eclesiástica de tais iniciativas espontâneas (Martírio de Policarpo IV.1) atesta a prática entre alguns que podem ter sido motivados pelo desejo de aprovação entre seus companheiros. A resistência dos cristãos à tortura e à morte pode parecer firme para alguns, mas a referência passageira de Marco Aurélio à sua teimosia como distinta da morte por princípios (Meditações II.5) parece refletir uma impressão igualmente popular de que eram simplesmente pessoas obstinadas. A atitude e conduta de alguns cristãos podem ter alimentado essa impressão.

18. Policarpo, para os Filipenses 5:3: "Da mesma forma, os homens mais jovens sejam irrepreensíveis em todas as coisas; cuidando acima de tudo pela pureza

e abstendo-se de todo o mal; pois é bom ser separado da concupiscência das coisas no mundo, porque toda concupiscência briga contra o Espírito, e nem os fornicadores (pornoí) nem os efeminados (malakoi) nem os sodomitas (arsenokoítai) herdarão o Reino de Deus, nem aqueles que fazem coisas iníquas”. LAKE, Kirsopp. **The Apostolic Fathers**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1912, 1959. 1:289, 291.

19. The Martyrdom of Polycarp IX.1; Apostolic Fathers, 2:323.

20. O Cognato feminino malakia é usado regularmente para expressar doenças, fraquezas ou desânimo. Veja Arndt e Gingrich, **GreekEnglish Lexicon**, viz. malakia

21. MARTIN, Dale B. Arsenokoitçs and Malakos: Meanings and Consequences. em **Biblical Ethics and Homosexuality: Listening to Scripture**. ed. Robert L. Brawley. Louisville, Ky.: Westminster John Knox, 1996.

Pág. 125-126, conclui que, na cultura greco-romana, “de fato, os malakos se referem com mais frequência a homens que se embelezam para promover suas façanhas heterossexuais” (grifo original). Compare 127: “A palavra malakos se refere a todo o complexo antigo da desvalorização do feminino. Assim, as pessoas poderiam usar os malakos como um insulto dirigido contra homens que amam demais as mulheres”.

22. Veja por exemplo BARR, James. **The Semantics of Biblical Language**. London: Oxford University Press, 1961.

23. Com homem (arsenos) não te deitarás (koimçthçsei), como se fosse mulher (koitçn); abominação é; Lev. 18:22 similar a 20:13.

24. Para esta observação, eu dependo de McNeill, **The Church and the Homosexual**. Pág. 52–53

25. GRANT, Robert M. Ad Autolycum. Oxford: Clarendon, 1970. Citado em Martin. **Arsenokoitçs and Malakos**. 122: Arsenokoitçs é separado dos pecados sexuais por três termos que se referem à injustiça econômica. Seria esse o caso se fosse entendido como uma condenação da simples relação homossexual masculina? Além disso, como Grant observa, Theophilus toma esses termos, com exceção dos phtheoneros e hyperoptçs, das vice-listas do corpo paulino. Portanto, é notável que Theophilus coloca os arsenokoitçs em uma posição diferente. Agrupá-lo com os pecados econômicos, como eu sugiro, reflete sua compreensão do papel social a que se refere e seu objetivo retórico de agrupar os vícios por categoria.

26. MARTIN. **Arsenokoitçs and Malakos**. 120.

27. MCNEILL. **The Church and the Homosexual**. 53.

28. Na versão NRSV. O texto original em grego não tem divisão de capítulo ou versos, muito menos os parágrafos modernos.

29. Como apontado por SCROGGS. **New Testament and Homosexuality**. Pág. 109–110; SIKER, Jeffrey S. Gentile Wheat and Homosexual Christians: New Testament Directions for the Heterosexual Church. em **Biblical Ethics and Homosexuality**. Pág. 142–143.

30. De fato, não há referências sexuais nesse nível em nenhum dos parágrafos. O termo ponçria (mal) é mais bem atestado nos manuscritos antigos do v. 30 do que o porneia de leitura alternativa, que seria uma referência geral à imoralidade sexual.

31. PLATÃO. **Leis**. 772d-e, 773b, 840c

32. Isso apesar das preferências a relações entre pessoas do mesmo sexo, conhecidas de Sêneca e outras figuras estoicas.

33. O capítulo “Amor entre pessoas do mesmo sexo” deste livro explora o significado teológico de dar e receber prazer na vida cristã.

34. PLATÃO. Fedro. 250e.

35. PLUTARCO. **ErMtikos**. 751c, por exemplo, faz Daphnaeus referir-se à pederastia como uma “união contrária à natureza”, em contraste com o sexo heterogenital. Athenaeus, **Deipnosophists XIII**, 565c (Egito, c. 200 EC), cita um convidado do jantar como advertindo os filósofos contra se entregar à paixão que é contrária à natureza.

36. Essa opinião é expressa como uma suposição comum em várias fontes gregas e romanas, incluindo Platão, **Leis** 836c. 840d-e; Plutarco, **Whether Beasts are Rational** 990d-f.

37. BOSWELL, John. **Christianity, Social Tolerance and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century**. Chicago: University of Chicago Press, 1980. Pág. 58.

“Os termos para essas categorias [homossexuais e heterossexuais] parecem extremamente raros na literatura antiga, que, no entanto, contém descrições e relatos abundantes de atividades homossexuais e heterossexuais. É evidente que a maioria dos residentes do mundo antigo não tinha consciência de nenhuma dessas categorias.

38. Usada com o caso acusativo (como aqui), a preposição "para" tem o significado espacial básico de "ao lado". Usado metaforicamente, normalmente significa "contra", "contrário a" ou, mais suavemente, "em oposição a". Tão usado, às vezes carrega a ideia comparativa de "mais que".

BLASS, F. e DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Christian Literature**. 9ª ed. trans. Robert W. Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961. §236;

HELMINIAK, Daniel. **O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade**. São Paulo: Edições GLS. 1998.

39. Pelo menos com referência aos homens, em Rom. 1:27. Quanto às mulheres (v. 26), apesar da opinião contrária das interpretações de Santo Agostinho a Daniel Helminiak, o que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade. Os homoiMs entre vv. 26 e 27 estabelece um paralelo entre os dois sexos, o que certamente deve incluir o envolvimento em atividades sexuais entre pessoas do mesmo sexo, já que é isso que está em vista aqui.

40. BOSWELL. **Christianity, Social Tolerance and Homosexuality**, 110.

41. FURNISH, Victor Paul. The Bible and Homosexuality: Reading the Texts in Context. em **Homosexuality in the Church: Both Sides of the Debate**. ed. Jeffrey S. Siker. Louisville, Ky.: Westminster John Knox, 1994. Pág. 26–27.

Siker recapitula então em: New Testament Directions for the Heterosexual Church. em **Biblical Ethics and Homosexuality**. Pág. 142–143.

42. HELMINIAK. **O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade**. 1998.

43. BOSWELL. Christianity, Social Tolerance and Homosexuality. Pág 74-75.

44. Philo Judaeus, Special Laws III. V. 37. SCROGGS, **New Testament and Homosexuality**. Pág. 74–75. Compare PLATÃO, **Leis**. 636c. SCROGGS, **New Testament and Homosexuality**. Pág. 74–75.

“Quando o macho se une à fêmea para procriação, o prazer da experiência é considerado devida à natureza (kata phusin), mas contrária à natureza (para phusin) quando o homem se junta com o homem ou a mulher com a mulher.

45. Por exemplo: “Antigamente, quando você não conhecia a Deus, você era escravizado por seres que por natureza [isto é, por sua natureza] não são deuses” (Gálatas 4: 8).

46. As ocorrências estão em Rom. 1:26; 2:14, 27; 11:21, 24; 1 Cor. 11:14; Gal. 2:15; 4:8; Ef. 2:3. Deus, de fato trabalha “contrário a natureza” (para phusin) em enxertar os gentios no tronco da herança hebraica (Rom. 11:24). De acordo com Furnish, Bíblia e homossexualidade, o consenso acadêmico é que “não existe uma 'teologia da criação' como a alegada em Rom. 1:26–27 é evidente em qualquer outra referência de Paulo ao que é “natural” ou “não natural”. Ao contrário, GAGNON, Robert A. J. **The Bible and Homosexual Practice: Texts and Hermeneutics**. Nashville, Tenn.: Abingdon, 2001. Pág. 246–270. Vê na

concepção de natureza de Paulo o princípio da ordem divinamente criada estabelecida em Gênesis 1, como implicações teológicas para a conduta moral.

47. Por exemplo: "Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o homem ter cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso. (1 Cor. 11: 14,15).

48. Então Paulo pode falar em concordância com o slogan de alguns em Corinto que "nenhum ídolo no mundo realmente existe". (1 Cor. 8:4)

49. Nisso, a abordagem de Paulo é comparável à que ele adota em Rom. 14, onde ele está menos interessado na correção ou injustiça de uma ou outra posição em relação à dieta ou cumprimento de dias santos do que em acalmar o espírito de julgamento mútuo que está destruindo a unidade do corpo de Cristo. As questões aqui, de fato, parecem estar alinhadas com as polaridades judeu / gentia que Paulo está abordando nos primeiros capítulos de sua carta.

50. O tratamento de Paulo, em comum com o pensamento judaico de seus dias, é totalmente desinteressado em distinguir entre qualquer uma das várias formas de interações entre pessoas do mesmo sexo que moldam as discussões do ponto de vista helenístico. Para o mundo greco-romano, havia relações homem-homem entre professores e alunos, entre prostitutas do templo e seus clientes, entre senhores e escravos. O caráter dessas interações certamente variava de um contexto para outro. O próprio vocabulário grego conta a história: pode-se falar, por exemplo, de um *paiderastês* ("amante de meninos"), um *kinaidos* ou *erômenos* (um ente querido), ou mesmo um *paidofórros* (um sedutor ou sequestrador de meninos). Portanto, qualquer discussão gentia em particular tende a ser sobre uma ou outra dessas interações definidas, e não sobre um tópico abrangente das relações entre pessoas do mesmo sexo. Quando Paulo, por outro lado, trata com indiferença a questão em termos do ato em si, seu pensamento segue linhas da casuística rabínica clássica - julgamentos éticos de ações específicas em si mesmas. Esse modelo essencializa toda atividade entre pessoas do mesmo sexo de maneiras que refletem as perspectivas judaicas do tempo de Paulo mais do que as de seu mundo maior.

51. Este não é o último lugar em Romanos onde Paulo se alia provisoriamente aos preconceitos de seus ouvintes cristãos judeus, a fim de mantê-los com ele. Ele emprega estratégias semelhantes para lidar com as demandas impacientes deles. O fim da diferença entre os mundos judeu e gentio não é alcançado pela assimilação de um ao outro, como se os gentios, mesmo em Cristo, tivessem se tornado judeus. Os primeiros crentes cristãos lutaram com essa noção antes de despertarem para o alcance pleno de sua nova realidade: que ambas as categorias anteriores agora são transcendidas e, portanto, discutidas em Cristo. No entanto, mesmo Paulo, o proclamador mais perspicaz dessa nova visão, sabe em sua carta aos cristãos em Roma que seus companheiros cristãos judeus se oporão. "Então, qual é nossa vantagem?" "O que, afinal, nosso pai humano Abraão ganhou?" "Deus rejeitou seu povo?" Em sua carta, ele antecipa as perguntas deles - perguntas há muito gritadas a ele por audiências judaicas não-

crístãs e que continuaram a atormentar as relações entre judeus e gentios em Cristo. Ao lidar com isso, ele aplaude seus companheiros judeus crístãos da mesma maneira que ele tem feito com seus ouvintes judeus não-crístãos: Eles são confiados com os oráculos de Deus (3:2). A eles pertencem a adoção, a glória, os convênios, a entrega da lei, a adoração e as promessas. Os patriarcas, até o messias, surgem deles (9:4). No entanto, estes acabam sendo troféus de um passado que se esvai. "Somos judeus melhores?" Por fim, Paulo deve dizer "Não, na verdade não" (3:9). Com isso, a máscara sai e o evangelho pode se manifestar em toda a sua verdade. Tudo isso representa estratégias retóricas desenvolvidas durante seus anos de debates nas sinagogas. A Doxologia no final de 1:25, como a do final de 9:5,  um vestígio óbvio dessa experiência verbal.

52. FURNISH. **Bible and Homosexuality**, 28, nota: " evidente, tanto pelas palavras como pelo contudo da observação de Paulo em Romanos, que ele compartilhou a visão helenística-judaica comum da homossexualidade. Não há nada distintamente paulino, ou mesmo crísto, sobre esse comentário. O próprio Filon de Alexandria poderia ter escrito isso - assim como qualquer número de moralistas pagãos, com apenas algumas mudanças".

53. COUNTRYMAN. **Dirt, Greed and Sex**, 115 –116, assinala que o "erro" (plan) no final de Rom. 1:27  melhor entendida como a idolatria dos gentios. O resultado, então, de acordo com o restante da passagem, são as paixões e práticas impuras dos gentios.

54. De acordo com o princípio gramatical que o pronome demonstrativo "tais coisas" (toiauta) no v. 32 deve tomar como antecedente o referente mais próximo possível, são os vícios de 1: 28–31 que merecem a morte, e não os atos homogenitais de volta nos vv. 26-27.

55. HELMINIAK. **O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade**. 1998. e COUNTRYMAN. **Dirt, Greed and Sex**, 116. Ambos captam corretamente a implicação do participo perfeito $\rho\epsilon\pi\lambda\epsilon\tau\omicron\mu\epsilon\upsilon\sigma$ no v. 29. Paralelamente ao v. 28, Deus entregou os gentios a suas práticas homoeróticas, em sua profunda pecaminosidade.

56. Por exemplo, GAGNON. **Bible and Homosexual Practice**. 255–256. Onde a lei natural  uma expressão não tanto de papéis de gênero culturalmente definidos como da pura complementaridade física dos sexos: Para Paulo era uma simples questão de observação do senso comum da anatomia humana e funções procriativas que até os pagãos, de outra maneira alheios às revelações diretas de Deus na Bíblia, não tinha desculpa para não saber.

57. JONES, Stanton L. e YARHOUSE Mark A. **Homosexuality: The Use of Scientific Research in the Church's Moral Debate**. Downer's Grove, IL: InterVarsity, 2000. (1) o comportamento homossexual viola a vontade revelada de Deus, (2) o comportamento homossexual  contrário aos propósitos criacionais de Deus para a intimidade sexual, (3) o estado de ter desejos

homossexuais é de status moral incerto, mas certamente deve ser visto como um desvio da intenção do criador para esses indivíduos e deve ser vista como representando uma ocasião para o pecado (assim como a luxúria heterossexual). Similarmente, GAGNON. **Bible and Homosexual Practice**. E também HAYS. *Moral Vision of the New Testament*.

58. Parte do problema é nossa tendência a destacar versículos individuais e absolutizá-los, lendo-os isoladamente de sua matriz religiosa-cultural. No caso dos materiais levíticos, isso esconde de nós as questões mais amplas da atitude geral expressas ao longo das proibições individuais. Como diz COMSTOCK, Gary David. **Gay Theology without Apology**. Cleveland, Ohio: Pilgrim, 1993. Pág. 63–64. Em vão se busca um exemplo de comunidade inclusiva, princípios igualitários ou uma teologia de alcance amoroso e justiça pluralista em Levítico.

59. VIA. Dan O. **The Bible, the Church, and Homosexuality**. Em VIA. Dan O. e GAGNON. Robert A. J. **Homosexuality and the Bible: Two Views**. Minneapolis: Fortress, 2003. Ibid., 27. Captura a questão hermenêutica mais ampla: “É precisamente o conceito de impuro que considera certos objetos, processos e ações como manifestando certo contágio que automaticamente contamina sem levar em consideração motivos ou intenções. A assimilação de Gagnon da prática homossexual pelo impuro o coloca em conflito com aqueles fios importantes em ambos os testamentos que mantêm a interação recíproca entre ações e disposições do coração. Ignorá-lo é ter uma visão reduzida da estrutura da existência humana. JONES e YARHOUSE, *Homosexuality*. 168–70, ilustram a maneira como essa postura de leitura nos leva de volta à reapropriação dos regulamentos civis e cerimoniais teocráticos em nossa vida em Cristo hoje.

60. COUNTRYMAN. **Dirt, Greed and Sex**. 117. Compare com HELMINIAK. **O que a Bíblia realmente diz sobre homossexualidade**. São Paulo: Edições GLS. 1998. “A terminologia de Paulo em Romanos 1 apresenta os atos homogenitais masculinos como socialmente inaceitáveis e impuros – mas não como eticamente errados”.

61. ANDREASEN. M. L. *The Sabbath*. Washington: D.C.: **Review and Herald**, 1942. É típico na linha de argumento clássico entre os Adventistas do Sétimo Dia: “Essas leis cerimoniais e do templo terminaram quando o serviço do templo deixou de ter valor na morte de Cristo. Todos os cristãos acreditam que foram abolidos e anulados no grande sacrifício no Calvário. Col. 2:14. Não é dessas leis que falamos, mas da Lei de Deus contida nos dez mandamentos. Acreditamos que esta lei tenha tanta força como sempre e seja vinculativa para os cristãos e para todos os homens em todas as épocas”.

62. “Estas coisas são sombras do que haveria de vir; a realidade, porém, encontra-se em Cristo”. (Col. 2:17).

63. Por exemplo, FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber** (Vol. 1). 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra. 2014. Traça a noção de

orientação sexual, analisando como a construção da orientação homossexual como “desordem” clínica ou psicológica surgiu pela primeira vez no século XIX.

64. Siker. **Gentile Wheat and Homosexual Christians**. 140.

65. O mito das origens humanas em Platão, Simpósio 189c-193d, sugerindo um terceiro sexo primordial orientado para seu próprio gênero, não refuta isso.

66. A questão não é quão relativamente comum ou incomum são esses exemplos. É suficiente que eles existam e que, como será indicado abaixo, as Escrituras têm palavras pertinentes para aplicar a tais questões.

67. Este ponto é motivado pelo desafio apresentado à Sociedade de Literatura Bíblica por Elizabeth Schüssler Fiorenza, em um discurso presidencial, “The Ethics of Interpretation: Decentering Biblical Scholarship”, *Journal of Biblical Literature* 107 (1988):3–17. As questões que ela levanta de responsabilidade para com as disciplinas acadêmicas de interpretação textual e prestação de contas a outros merece muito mais consideração em relação a este tópico atual.

68. Isso não reduz o texto a um espelho, meramente refletindo os próprios preconceitos do leitor. O texto exerce controles, por meio de suas estruturas subjacentes de potencial significativo. Esse potencial é realizado de várias maneiras, no entanto, por meio de atos variados de leitura. Mesmo assim, os significados resultantes têm o potencial de atravessar os preconceitos de um determinado leitor, despertando novas ideias.

69. Por exemplo, COMSTOCK. **Gay Theology**, Cap. 3, encontra paralelos perspicazes entre a situação e a resposta da rainha Vasti no livro de Ester e sua experiência como homem homossexual na sociedade de hoje.

70. DUDLEY. Carl S. e HILGERT, Earle E. **New Testament Tensions and the Contemporary Church**. Philadelphia: Fortress, 1987. Traçam a maneira pela qual profundas divergências não foram encobertas na igreja primitiva, mas foram usadas como ocasiões para um entendimento mais amplo e avanço teológico quando as tensões foram resolvidas com respeito mútuo.

71. Há alguma evidência de que já na época de Paulo um verbo “Corintianizar” (korinthiazesthai) havia sido cunhado para denotar a vida de maneira luxuosa e esbanjadora. Um século depois, Pausanius, *Description of Greece* II.3.2, cita um ditado comum entre os marinheiros da época: “Não é para todo homem a viagem a Corinto”.

72. Que Paulo e seus conversos viram paralelos diretos entre questões de pureza alimentar e sexual é claro em 1 Cor. 6:12–20, onde ele argumenta por analogia do primeiro ao segundo.

73. Compare Jesus: “E por que não julgais também por vós mesmos o que é justo”? (Luc. 12:57). Evidentemente, o sacerdócio de todo crente deve ser exercido sob o sumo sacerdócio de Cristo, que simpatiza com nossas limitações

(Heb. 4:15) de maneiras que nos dão coragem para crescer à medida que novas ideais se tornam disponíveis (5:11-14).

Parte 4 – Capítulo 2

Amor Entre Pessoas Do Mesmo Sexo: Considerações Teológicas

Por Fritz Guy

A melhor abordagem para pensar teologicamente sobre amor entre pessoas do mesmo sexo e sua intimidade física é considerar esse tipo de relacionamento no contexto mais amplo do amor romântico e da sexualidade em geral. Somente dessa forma pode se desenvolver uma compreensão teológica sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo.

As considerações teológicas aqui descritas consistem em uma série de afirmações:

1. O prazer físico e a intimidade sexual pertencem à bondade criada para a humanidade.
2. Intimidade sexual simboliza um relacionamento pessoal e moral profundo.
3. A qualidade moral da intimidade física não depende do sexo dos parceiros.
4. As escrituras não condenam todos os tipos de amor entre pessoas do mesmo sexo.
5. Amor entre pessoas do mesmo sexo não é “antinatural”.
6. O antagonismo em relação ao amor entre pessoas do mesmo sexo tem profundas raízes psicossociais.
7. Cristãos deveriam apoiar o amor de compromisso e carinho entre pessoas do mesmo sexo.

1. O prazer físico e a intimidade sexual pertencem à bondade criada para a humanidade.

Físico – junto com mentalidade, sociabilidade e espiritualidade – são características definidas da humanidade. Embora o físico não seja uma característica distintiva (já que todas as formas de vida no planeta terra são físicas), para ser humano é necessário o lado físico. Não ser um ser físico é não ser humano.

A bondade essencial do físico humano é confirmada por três considerações teológicas. Primeiro, a narrativa bíblica da criação da humanidade afirma sua personificação essencial: a humanidade não foi criada do nada (*creatio ex nihilo*); foi criada da mais mundana matéria disponível – do solo da terra (gên. 2:7). Mesmo o nome dado a esse novo tipo de realidade, “Adão” (*Heb. adam*), reflete sua formação da terra (*adamah*), e poderia ser traduzido como “groundling”¹. Um ser humano não é essencialmente uma realidade espiritual vivendo em um corpo material, mas uma realidade física animada e mantida pelo poder divino que sustenta todos os processos naturais e espirituais. Segundo, na pessoa de Jesus de Nazaré, Deus “se tornou carne” – ou seja, existiu fisicamente (João 1:14). Foi “em seu corpo” que Jesus sofreu e morreu (2 João 7), e qualquer outro que diga outra coisa deve ser considerado um enganador (1 Pedro 4:4; 3:18). E terceiro, o futuro final da humanidade é um bem físico, a ressurreição na presença de Deus. Jesus, cuja própria ressurreição era um protótipo da ressurreição escatológica, chamou explicitamente a atenção para a existência física de sua ressurreição (Lucas 26:39).

Prazer físico, o gozo do corpo além da manutenção da saúde física e ausência de dor, é uma das bênçãos da existência física e parte da bondade da criação da humanidade.¹ O prazer físico é intrinsecamente bom, para ser avaliado em e por si só. Se torna moralmente problemático somente quando é praticada ou experimentada em detrimento de outros valores essenciais ao próprio bem-estar geral ou ao bem-estar dos outros.

O pensamento Adventista tem dado ênfase à unidade multidimensional da pessoa. A ideia da inteireza da pessoa tem precedido da teologia para o cuidado médico, e para a inclusão da nutrição espiritual como parte do cuidado da saúde da “pessoa por completo”. Toda essa atenção para o físico da pessoa leva logicamente ao reconhecimento do prazer físico como uma função adequada dos órgãos e em si mesmo uma razão inteiramente apropriada para ser tão saudável quanto possível.² É certo cuidar bem do corpo – o nosso próprio e o dos outros – e é certo também aproveitá-lo. O Prazer físico como tal, é uma criação boa, não uma sedução do mal.

Sexualidade, o desejo e o ato de compartilhar a intimidade física e o prazer com um parceiro, envolvem todos os sentidos de uma forma ou de outra, e uma característica proeminente da intimidade física é o prazer do orgasmo. Lamentavelmente, entretanto, muito da tradição cristã tem tido uma visão negativa do corpo e especialmente do prazer físico, frequentemente considerando-o como a causa do pecado. Nos primeiros séculos, o ideal sexual certamente não era a celebração, ou mesmo a procriação, mas a renúncia.

Agostinho (354-430), a figura mais influente da teologia cristã depois de Paulo, acreditava que a intimidade sexual era um mal a ser evitado ao máximo, mesmo no casamento. Ele reconhecia que a intimidade física produzia “o maior de todos os prazeres corporais” – e esse era o problema. “Tão arrebatador é esse prazer de fato, que no momento em que é consumado, toda a atividade mental é

suspensa”.³ Agostinho acreditava também que a razão pela qual os seres humanos nasciam com tendência para o pecado era porque eles são concebidos por meio de um ato de paixão sexual.⁴ Jesus, é claro, era a única exceção miraculosa a essa depravação universal, e o fato de que Ele foi concebido sem um ato sexual explicava por que Ele, e somente Ele, era “sem pecado” Heb. 4:15. Teólogos posteriores seguiram Agostinho por esse caminho errado, e alguns foram ainda mais longe, advertindo os casais que o Espírito Santo deixava seus quartos quando eles mantinham relações sexuais.⁵

Mas a sexualidade, assim como o físico, e a sexualidade é um aspecto dele que inclui o prazer físico que ele gera, é intrinsecamente boa – embora, como tudo que é humano, na prática é as vezes distorcido e moralmente errado. A intimidade sexual e o prazer não precisam ser legitimados por uma intenção ou possibilidade de procriação, que é uma de suas funções. Se não fosse assim, relações sexuais entre pessoas incapazes (ou não mais capazes) de gerar filhos seriam moralmente erradas. E os benefícios intrínsecos da intimidade sexual não são uma descoberta recente; pelo menos no século dezessete, alguns protestantes perceberam que “o companheirismo amoroso, e não a procriação, é o significado central da sexualidade”.⁶

Existem razões tanto bíblicas quanto teológicas para considerar a sexualidade como um reflexo do relacionamento de Deus com a criação, especialmente com a humanidade, na criatividade e na vulnerabilidade. A atitude de Deus em relação a humanidade é com frequência expressada nas escrituras por meio de metáforas conjugais e sexuais.

“Porque, como o jovem se casa com a virgem, assim teus filhos se casarão contigo; e como o noivo se alegra da noiva, assim se alegrará de ti o teu Deus”. (Isa. 62:5).⁷ Não há, é claro, razão para supor que a deidade é, como a humanidade, intrinsecamente física, e boas razões para supor que não é.

2. Intimidade Sexual simboliza um profundo relacionamento pessoal e moral.

A intimidade sexual humana é um símbolo que aponta tanto para uma realidade além de si mesma e participa dessa realidade, quanto para abrir os níveis de realidade que os seres humanos não seriam capazes de experimentar de outra forma.⁸ A realidade para a qual a intimidade sexual aponta e em que participa é a preocupação com a relação de permanente preocupação e compromisso com o total bem-estar do parceiro sexual. A intimidade sexual expressa essa realidade e também a enriquece. Por outro lado, a experiência de intimidade sexual é reforçada pela consciência de seu significado simbólico da mesma forma que o prazer de uma refeição é reforçado pela presença e participação de um amigo querido. A comida não tem um sabor realmente melhor, mas a

experiência total com certeza é melhor. Como humanos, nós não somos somente *homo sapiens*, mas também *homo symbolicus*.

Por causa da humanidade, pela sua própria natureza multidimensional, a intimidade física é intrinsecamente relacional. Essa é a razão pela qual não existe intimidade “casual”, embora muitas pessoas queiram ser casuais em relação a isso. Mesmo que não seja a celebração de um relacionamento íntimo, toda ocasião de intimidade sexual “constitui algum tipo de ligação com o parceiro”.⁹ Além da dimensão expressiva como “símbolo natural” há também as dimensões biológica e psicológica, e ambos contribuem para uma ligação pessoal.¹⁰

Além disso, a intimidade carrega inevitavelmente consequências com frequência profundas por qualquer relacionamento existente, queira os parceiros pretendam ou não.¹¹ O que os dois parceiros precisam – e em algum nível realmente querem – é a intimidade de duas pessoas misturando o emocional e o espiritual. Quando isso ocorre, o resultado pode ser o êxtase, a experiência transcendental do amor na qual duas pessoas se deixam levar e concentram sua atenção em aumentar o prazer físico e a satisfação emocional do outro. Embora para muitos homens o intercurso sexual “não signifique no primeiro momento, intimidade amorosa, brincadeiras sensuais, bebês, ou o *Eros* que nos leva a comunhão com tudo” mas pode ser meramente “uma felicidade, um evento sexual envolvendo nossos órgãos genitais”, isso não é uma boa razão para supor que experiências sexuais significativas e profundas não estejam disponíveis para homens, incluindo homens em relacionamentos amorosos entre pessoas do mesmo sexo.¹²

Já que a realização e a prosperidade humanas implicam moralidade, a dimensão moral é essencial para a qualidade da sexualidade humana distintiva. A profundidade e a força do desejo sexual e o magnífico prazer da exploração da intimidade sexual fazem as considerações morais especialmente significantes – embora, como em outras atividades humanas, a intimidade sexual é muitas vezes moralmente ambígua.

À luz dos materiais bíblicos, tais como o sétimo mandamento (Ex. 20:14) e da Regra de Ouro (Mt. 7:12), critérios específicos de moral para a intimidade sexual ideal são imediatamente evidentes.

- Ele não compete com qualquer outro relacionamento ou não viola qualquer compromisso prévio.
- Ele não é coercitivo, explorador ou manipulador. Não é instrumento de estratégia, troca para algum outro bem – compensação financeira, promoção profissional, ou outros tratamentos favoráveis.
- É realmente mutuo e igualitário. O desejo de experimentar prazer não excede a longo prazo o desejo de dar prazer, ou a curto prazo de oprimi-lo.

- Ele respeita a vulnerabilidade que ele cria. Isso inclui preocupação com a segurança e o conforto um do outro, no sentido mais amplo e profundo.
- Ele pressupõe e expressa confiança, e evoca e mantém a confiança.

Tomado seriamente, esses critérios morais contêm implicações práticas importantes. Eles nos chamam a uma rigorosa autodisciplina e a uma “ética de afeto”¹³ eles excluem a sedução sexual. Eles também explicam porque um relacionamento amoroso genuíno que pretende ser permanente proporciona um contexto excepcionalmente valioso no qual a vulnerabilidade mútua e o conhecimento íntimo são facilitados, e o objetivo intrínseco de amor pode receber a sua expressão mais completa.

Esses critérios, além disso, são teologicamente significativos na medida em que a intimidade sexual no seu melhor simboliza o desejo da realidade Divina de dar prazer, e (em certo sentido, além de nossa compreensão) receber prazer da realidade humana. Além disso, a despeito de sua motivação desde um ponto de vista negativo do físico humano, a alegoria tradicional dos Cânticos de Salomão como metáfora para a relação entre Deus e a humanidade não é inteiramente equivocada. O erro é negar o óbvio significado do conteúdo sexual dos cânticos e em vez disso ver apenas o conteúdo do simbolismo do desejo de Deus de dar e receber prazer da humanidade.

3. A qualidade moral da intimidade física não depende do sexo dos parceiros.

Embora os critérios morais baseados na teologia para a intimidade sexual ideal especifiquem a qualidade da interação pessoal dos parceiros, tanto no âmbito interpessoal quanto na experiência real da intimidade sexual, esses critérios não envolvem o sexo dos parceiros.

Obviamente a grande maioria das pessoas escolhe ter experiências de intimidade sexual com parceiros do sexo oposto, e a maioria das pessoas que escolhe ter experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo tem uma inclinação enraizada e persistente para fazer isso. “Mas o que descreve a maioria dos casais não precisa ser prescrito para todos os casais”.¹⁴ A maioria das pessoas são destros, embora uma minoria de pessoas seja canhota e muito poucas são realmente ambidestras, nós não fazemos das características da maioria um requerimento para todos os indivíduos.

Nem a qualidade moral da intimidade física entre pessoas do mesmo sexo depende da orientação sexual. Embora a combinação genética, biológica, e fatores experimentais possam influenciar significativamente a escolha do parceiro sexual, a qualidade moral da intimidade física não é determinada nem pelo sexo do parceiro nem pelos fatores que envolvem a escolha, mas somente pela qualidade moral da intimidade mesma, como definido pelo tipo de critério

identificado acima. De fato, alguns casais de mesmo sexo claramente encontram os critérios morais para a intimidade sexual ideal melhor do que muitos casais de sexos opostos. Um psicoterapeuta Adventista de uma comunidade clínica de saúde mental relata sua experiência:

Por cerca de seis meses, eu tive dois casais interessantes agendados para o mesmo dia, um às 14h e outro às 15h. Eles me deram duas visões diferentes do casamento bíblico.

O casal das 14h, ambos os membros em boa posição na igreja Adventista local (onde um deles era o ancião chefe), era infeliz. Ele nunca havia agredido fisicamente sua esposa, mas havia se envolvido sexualmente com outras mulheres. Ele levou a sério sua interpretação da maldição do gênesis (ecoou, ele pensou, em Ef. 5:22-24), onde Deus condenou Eva (e, todas as suas filhas) a serem “governadas” por seus maridos. Ele governou como uma firma, embora (em sua cabeça) de forma justa. Sua esposa praticamente não tinha autonomia ou controle em sua vida, e se esperava que ela cumprisse as diretivas do marido. Ele insistia que ele cumpria fielmente a comissão de Paulo aos maridos de amar suas esposas como Cristo amou a igreja (Ef. 5:25). Suas diretivas para sua esposa era sempre o que ele via como o melhor interesse dela e eram projetadas para mantê-la limpa, radiante e irrepreensível (5:26-27). Se eles algumas vezes discordavam sobre o que era o melhor interesse dela, bom, ele via assim, as Escrituras eram bem claras sobre a visão de quem devia prevalecer. Quinze anos dentro desse casamento – depois de dar a luz três filhos e de ter cumprido com todos os seus deveres de esposa – a esposa do chefe dos anciãos decidiu parar de fazer sexo com seu marido. Como eu disse, eles eram infelizes.

Às 15h um casal que frequentava uma igreja cristã de outra denominação, onde um deles também era um ancião. Eles estavam juntos a cerca de quinze anos também. Eles estavam infelizes também, mas por outro motivo – um deles tinha câncer de mama e provavelmente morreria logo. Eles haviam passado uma década e meia compartilhando intimidade de verdade e companheirismo um com o outro, provendo um para o outro o que eles viam como um imperativo bíblico de “auxílio idôneo” (Gen. 2:18 NVI). Eles tomaram suas decisões juntos e resolveram seus conflitos procurando terrenos comuns, valores e objetivos.

Cada um deles fez sacrifícios – e aceitou os sacrifícios do outro. Eles criaram dois filhos juntos, e assistiram eles crescer juntos. Eles foram sexualmente fieis um ao outro em seu relacionamento, e continuaram a cumprir isso dessa forma, também. Eles estavam na terapia para conseguir apoio e ajuda para aprender a lidar com a raiva e a tristeza pela provável morte demasiadamente precoce de um e a perda de seu futuro comum. Ambos, é claro, eram mulheres.¹⁵

A diversidade de escolhas na intimidade física com pessoas do mesmo sexo ou com pessoas do mesmo sexo vai além das categorias usuais de “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual”. A complexa interação de diversos fatores genéticos, culturais e experiências, rendem uma grande variedade de dinâmicas na escolha de parceiros. Algumas pessoas não são atraídas por, e às vezes até

repelem, a possibilidade de intimidade sexual com uma pessoa de um sexo ou do outro. Outros, entretanto, são basicamente capazes de ter intimidade física com qualquer dos dois sexos, mas pode, pelas experiências com homens ou mulheres, ser inclinado em direção à intimidade com um ou com outro sexo. Outros ainda podem ser guiados não pelo sexo do parceiro em potencial, mas por fatores individuais de atração tais como interesse intelectual, compatibilidade emocional, e valores e preocupações pessoais. Além disso, o continuum de preferências sexuais e escolhas refletidas pela escala de Kinsey, uma complexa rede de fatores pessoais específicos pode também estar envolvidos.

Na cultura ocidental moderna, em contraste com outras culturas (incluindo aquelas que estavam no contexto da revelação bíblica), a intimidade sexual com uma pessoa do sexo oposto é muito menos ligada à procriação. A disponibilidade de medidas contraceptivas significa que tal intimidade está longe de ser uma condição suficiente para a procriação, e a possibilidade de inseminação artificial, significa que já não é uma condição necessária. Talvez coincidentemente, esse desenvolvimento tecnológico e científico foi acompanhado por uma crescente consciência do papel positivo da intimidade sexual nas relações conjugais e de saúde mental, e por uma crescente abertura para o amor entre pessoas do mesmo sexo. Para mais e mais pessoas, tanto religiosas como seculares, o amor entre pessoas do mesmo sexo é “difícilmente uma questão moral”.¹⁶

Não há razões teológica ou psicológica evidentes para condenar o amor entre pessoas do mesmo sexo. Não é nem um pecado nem uma doença. Não é uma aberração nem psicológica, nem moral, nem espiritual, muito menos uma “perversão”.

É um “problema” só por causa do profundo e vasto preconceito contra isso. Mas se definirmos a doença como uma incapacidade ou relutância em se adequar às normas da sociedade, então, muitos outros além daqueles que vivem um estilo de vida homossexual – incluindo muitos grupos religiosos tais como os cristãos nos primeiros séculos de nossa era [e os Adventistas da metade do século XIX] – poderiam estar baixo essa designação.¹⁷

No entanto, dois tipos de objeções ao amor entre pessoas do mesmo sexo nos chamam uma consideração séria – a saber, a declaração de que as escrituras condenam tal tipo de amor, e o argumento de que isso é “contrário a natureza”, não só porque não pode resultar em procriação, mas também porque isso desconsidera a complementação natural de fêmea e macho. Uma objeção que não merece consideração detalhada aqui, é que uma afirmação ao amor entre pessoas do mesmo sexo é uma mudança radical do pensamento histórico cristão e Adventista, e é uma capitulação à cultura moderna. Desde seu início, o cristianismo Adventista tem entendido que recebeu um chamado não só à uma crítica ao pensamento religioso tradicional, mas também à uma autocrítica teológica. A questão teológica nunca é se uma crença ou atitude é ortodoxa, mas sempre se é verdadeira.¹⁸

4. As Escrituras Não Condenam Todos os Tipos de Amor Entre Pessoas do Mesmo Sexo.

A crença generalizada de que a Bíblia condena todos os tipos de amor entre pessoas do mesmo sexo é o resultado de um equívoco grave e de mau uso das escrituras.

Subjacente a este mal-entendido pode muito bem-estar uma necessidade psicológica de racionalizar, absolutizar, e universalizar a própria atração sexual e as próprias aversões. Se for o caso, o que o entendimento feminista das escrituras tem feito para suplementar, enriquecer, e algumas vezes corrigir as interpretações tradicionais (“machistas”) pode afinal ser colocada em paralelo com o enriquecimento e a correção das interpretações tradicionais (“heterossexuais”) das escrituras como resultado de um entendimento gay e lésbico.¹⁹ Em qualquer caso, é um erro lógico banalizar tais novos entendimentos como “tendenciosos”. O entendimento tradicional carrega um risco muito maior de ser tendencioso, porque junto com a inevitável tendência do contexto cultural e da experiência individual, a tradição e a religiosidade tradicionais geram uma inevitável (embora normalmente não reconhecida) tendência.²⁰

Oito passagens das escrituras são frequentemente citadas como condenação para os relacionamentos eróticos entre pessoas do mesmo sexo, começando por duas narrativas – a tentativa de abuso dos convidados de Abraão em Sodoma (Gen. 19:4-11)²¹ e o abuso feito com a concubina do Levita (Jz. 19:22-25). Os textos das leis de Levítico incluindo a proibição de “se deitar com um homem como se fosse mulher” (18:22) e o mandato de pena de morte (20:13). No novo testamento, há três referências de Paulo – a designação de “paixões vergonhosas” da intimidade homossexual de mulheres e homens como consequência da idolatria (Rom. 1:26-27), a inclusão da intimidade homossexual entre as atividades que afastam uma pessoa da participação do programa de Deus no mundo (1 Cor. 6:9-10), e como contrário à “sã doutrina” (1 Tim. 1:10).²² Finalmente, a breve carta de Judas associa as cidades de Sodoma e Gomorra com “imoralidade sexual” e “desejo imoral” (verso 7).

Mas as implicações teológicas e morais dessas passagens não são tão claras como muitos leitores supõe. Embora seja evidente que nenhuma das referências aprova a intimidade física entre pessoas do mesmo sexo, é igualmente evidente que nenhuma delas se refere explicitamente ao tipo de sexualidade amorosa que satisfaz o critério moral para todos os relacionamentos sexuais e é o foco dessas considerações teológicas. As narrativas explicitamente envolvem violência e humilhação que não são toleráveis sob qualquer circunstância. Outras referências podem envolver cultos pagãos, prostituição dos templos, ou a intimidade sexual extramarital que era comum na sociedade Greco-Romana.

No entanto, o fato bíblico que permanece é que, como diz o gracejo popular, “Deus Fez Adão e Eva, e não Adão e Steve”. No meio cultural em que o Gênesis se originou, com a necessidade familiar e social de procriar, a prática majoritária

de intimidade física com uma pessoa do outro sexo tinha o valor prático do cumprimento do mandato de “ser fecundos, e se multiplicar” e “encher a terra” (Gên. 1:28). Mas esse fato funcional dificilmente se traduz diretamente em uma conclusão teológica de que intimidade física entre pessoas do mesmo sexo é moralmente errada. Os primeiros capítulos do Gênesis não proveem razões para supor que os primeiros humanos representassem todas as variações subsequentes de habilidades humanas e personalidades. Nós simplesmente não sabemos quando os humanos tiveram pela primeira vez a experiência do amor entre pessoas do mesmo sexo, mais do que sabemos quando eles se tornaram pela primeira vez, introvertidos ou extrovertidos.

Além disso, há significantes precedentes para tomar os princípios bíblicos como normas morais amplas ao invés de prescrições específicas. É a escritura como um todo que é propriamente a “regra de fé e prática”. A escravidão é explicitamente aprovada na Bíblia hebraica (Exo. 21:5-6; Num. 31:26-47) e aceita no Novo Testamento (Ef. 6:5-9; Phil. 16), e 150 anos atrás esses fatos das escrituras eram citados como justificativas para a posse de escravos por parte dos cristãos. A Bíblia Hebraica também contém outras numerosas instruções explícitas que não são consideradas como elementos normativos, e em alguns casos, tais como os ditos no sermão da montanha (Mat. 6:17-48; veja também Heb. 1:1-4), os ensinamentos de Jesus representam um desenvolvimento da consciência moral e religiosa que vão além da Bíblia Hebraica.²³

Algumas amizades entre pessoas do mesmo sexo descritas nas Escrituras podem realmente ter incluído intimidade física. Um exemplo possível é a profunda e intensa afeição entre Davi e Jônatas. Desde o começo de sua relação “A alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi; e Jônatas o amou, como à sua própria alma... E Jônatas e Davi fizeram aliança... Jônatas se despojou da capa que trazia sobre si, e a deu a Davi, como também as suas vestes, até a sua espada, e o seu arco, e o seu cinto”. (I Sam. 18: 1-4). O pai de Jônatas (Saul) estava ultrajado pelo relacionamento: “Filho da mulher perversa e rebelde; não sei eu que tens escolhido o filho de Jessé, para vergonha tua e para vergonha da nudez de tua mãe? Porque todos os dias que o filho de Jessé viver sobre a terra nem tu estarás seguro” (I Sam. 20:30-31). A linguagem de Saul implica uma suspeita de que o relacionamento entre Jônatas e Davi ia além do que de “melhores amigos”. Depois que Jônatas morreu em batalha, Davi expressou sua perda em termos românticos: “Angustiado estou por ti Jônatas; quão amabilíssimo me eras! Mais maravilhoso me era o teu amor do que o amor das mulheres”. (I Sam. 1:26).

Outro possível exemplo envolve o oficial romano que pediu a Jesus que curasse seu *pais* (garoto). Com base nesse relatório (Mat. 8:5-13), o *pais* poderia ter sido o filho, o escravo, ou (em uma cultura onde adolescentes eram frequentemente vendidos para casamento ou para relacionamentos homossexuais) um parceiro sexual. Mas o relatório paralelo do evangelho de Lucas (Lucas 7:1-10) se refere a um *doulos* (“escravo” ou “servente”) que era *entimos* (“valioso”, “precioso”); e já que no grego antigo *doulos* nunca se referia a uma criança, o *pais* era

evidentemente um escravo especialmente valioso que poderia muito bem ser o parceiro sexual do oficial.

Um terceiro exemplo possível é o Etíope oficial do governo que se encontrou com o evangelista cristão Filipe no caminho para Gaza (Atos 8: 26-40). Esse oficial é consistentemente descrito nas traduções em Inglês como “eunuco”, uma transliteração direta do termo grego *eunouchos*, regularmente usado para se referir a um homem castrado. Mas etimologicamente *eunouchos* significava “o encarregado da cama” – ou seja, um servente masculino da corte real que era supervisor do harém. Tendo sido castrado e portanto, considerado como tendo sido “privado de sua masculinidade, o eunuco era também privado de sua identidade como seus semelhantes. Isso, por sua vez, o fazia mais adequado como guarda do harém, e por causa de seu ostracismo, aumentava sua lealdade a seu mestre”.²⁵ Mas *eunouchos* também era usado metaforicamente, como refletido em uma frase de Jesus que emprega a palavra cinco vezes (três vezes no plural, e duas na forma verbal): “Porque há *eunouchoi* que assim nasceram do ventre da mãe; e há *eunouchoi* que foram “*eunuchized*” pelos homens; e há *eunouchoi* que se “*eunuchized*” a si mesmos, por causa do reino dos céus”. (Mat. 19:12). Desses três tipos de *eunouchoi*, o segundo quase com certeza envolve algum tipo de castração e o terceiro provavelmente envolve escolha própria do celibato.²⁵ O primeiro mais plausivelmente envolva uma aversão intrínseca à intimidade heterossexual (que poderia ser o resultado de uma preferência por intimidade com alguém do mesmo sexo) uma deformidade física, que era sem dúvida tão rara então como agora. Essa pode ter sido também a situação do oficial Etíope. A literatura antiga judaica e secular indica que “eunucos” eram algumas vezes descritos em termos notavelmente similares aos estereótipos modernos para homens homossexuais.²⁶

Esses possíveis exemplos são, é claro, altamente conjecturais, e muitos leitores heterossexuais podem considerá-los como impossíveis se não absolutamente impensáveis. Nenhuma dessas histórias contém um reconhecimento explícito, muito menos um endosso, para o amor entre pessoas do mesmo sexo. O que não é de forma alguma conjectural, entretanto, é o fato de que “Jesus scandalizou seus piedosos contemporâneos por sua vontade de aceitar pessoas altamente duvidosas”.²⁷ E já que os Cristãos acreditam que Jesus é a encarnação de Deus, isso significa que a aceitação de Jesus em relação as pessoas, era de fato a aceitação de Deus. Dado o que nós sabemos sobre a natureza humana e sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo, estatisticamente é altamente provável que *algumas* das figuras das narrativas das escrituras participassem de relacionamentos eróticos entre pessoas do mesmo sexo.

A seletividade com que os Cristãos citam as escrituras como fundamento de suas convicções morais é uma evidencia clara de que fatores históricos, culturais e sociais também estão trabalhando. Sempre é útil lembrar os princípios teológicos citados antes – de que, “não há desculpas para alguém que toma a posição de que não há mais verdades a serem reveladas, e que todas as nossas

exposições das Escrituras são sem erro”, que “ o tempo não causará erro na verdade” e que “a verdade pode se dar ao luxo de ser justa”.

5. Amor entre pessoas do mesmo sexo não é “antinatural”.

É verdade que as escrituras normalmente ligam a intimidade sexual à procriação, desde o começo da história humana: “Conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim” (Gên. 4:1). Mas há dois casos especialmente significativos nos quais as escrituras não fazem essa conexão. A apresentação da narrativa da origem (e, portanto, significado fundamental) da dualidade homem-mulher não menciona a procriação. Ao invés disso, todo o ponto da história é a necessidade e a bondade do companheirismo, e da preeminência da relação igualitária acima da ligação com a família de nascimento (Gên. 2:23-24).²⁸ Igualmente importante é o fato de que a poesia bíblica dedicada à celebração da (hetero) sexualidade no livro de Cânticos não faz menção a procriação também. Ele é totalmente dedicado ao desejo mútuo de intimidade sexual, êxtase e satisfação.

O aspecto não pró-criativo da sexualidade humana distingue de forma decisiva a atividade sexual das outras espécies biológicas e é um ingrediente importante no florescer da humanidade. Por isso, insistir na necessidade de conexão entre a intimidade sexual e a procriação como sua função “natural” é negar seu papel na convivência humana e ignorar o que dá à sexualidade humana sua moralidade única. Essa insistência pressupõe um entendimento essencialmente biológico - que tem sido chamado de “visão de curral” – da sexualidade e, portanto, compromete a função simbólica e teológica da intimidade sexual e da exigência moral de mutualidade sexual.²⁹

Considerações filosóficas sobre amor entre pessoas do mesmo sexo criam a questão da complementaridade sexual – ou seja, “a estranheza do outro sexo” e o fato de que “a excitação heterossexual é a excitação por algo completamente diferente de si mesmo, e do outro como carne. Mas o argumento baseado em parte na complementaridade dos genitais feminino e masculino, de que “os distintos gêneros desempenham um papel constitutivo no ato sexual” e de que o amor entre pessoas do mesmo sexo é então diferente, e de alguma forma inferior, ao amor entre pessoas de sexos opostos, é altamente especulativo e duvidoso em termos experimentais, e é devidamente reconhecida como “certamente longe de ser uma prova”.³⁰ Embora as diferenças entre mulher e homem envolvam muito mais do que anatomia e fisiologia, as diferenças pessoais mais significativas variam de forma muito mais ampla entre os próprios homens e entre as próprias mulheres do que entre homens e mulheres em geral. E de fato, os parceiros de mesmo sexo, em relacionamentos de cuidado e compromisso exibem um senso de complementaridade pessoal; porque cada interação profundamente humana com outra pessoa implica o reconhecimento, afirmação, e celebração da alteridade.

A conclusão mais plausível é de que o fator dominante na avaliação do amor entre pessoas do mesmo sexo como imoral é a profunda aversão ao que é “outro” e “diferente” e uma falta de inclinação a admitir até a diversidade moralmente qualificada na sensível área do comportamento sexual. “Não natural” descreve adequadamente práticas como a bestialidade e a necrofilia; “imoral” descreve adequadamente a pedofilia e o sadomasoquismo. Nenhum dos dois termos descreve adequadamente o amor entre pessoas do mesmo sexo como tal.

6. O antagonismo em relação ao amor entre pessoas do mesmo sexo tem profundas raízes psicossociais.

As pessoas tendem a tornar o que é usual em norma – parece tão “natural” – rejeitar e denegrir o incomum como “não natural” “contra a natureza” “perversão” e, portanto “contrário a vontade de Deus”. O que não é “normal” é julgado como “anormal”. Algumas vezes a “anormalidade” é relativamente inofensiva (como no caso dos canhotos) e geralmente ignorada. Algumas vezes a “anormalidade” evoca comentários levemente negativos ou meramente curiosos (como no caso da altura incomum ou da cor do cabelo). Mas para muitas pessoas na cultura ocidental contemporânea, o parceiro do mesmo sexo na intimidade sexual parece qualquer coisa menos inofensiva, e “anormalidade” nesta área, muitas vezes evoca profundo medo – o significado literal de “homofobia” – que leva ao desprezo social e à condenação moral.³¹ Qualquer escolha que não se possa imaginar-se fazendo e qualquer intimidade que não se possa imaginar-se vivenciando, são intensamente denunciadas.

Uma razão para essa denúncia intensa é o fato de que o amor entre pessoas do mesmo sexo é muitas vezes sentido (às vezes inconscientemente) tão profundamente ameaçador para a ordem social. A questão então é, que aspecto da ordem social é ameaçado? Uma resposta fácil é que tais relações comprometem os “valores familiares” em geral e o “casamento tradicional” em particular. Embora nunca tenha sido explicado precisamente como seria isso, o clamor parece dar uma legitimidade moral e motivação para a hostilidade. De fato, no entanto, uma conexão muito mais provável entre o casamento tradicional e os relacionamentos eróticos entre pessoas do mesmo sexo é a conveniente disponibilidade deste último como bode expiatório para os defeitos amplamente documentados na antiguidade.

O foco principal, embora não reconhecido, de vulnerabilidade é a tradição quase universal da masculinidade hegemônica – a noção de que os homens são naturalmente superiores às mulheres e, portanto, corretamente dominam a sociedade e a igreja. Essa dominação, às vezes etiquetada “chefia” ou “liderança” é considerada não só como um direito do sexo masculino, mas também como uma responsabilidade masculina. Assim, para um homem se relacionar com outro homem da forma que normalmente os homens se

relacionam com as mulheres é nada menos que subverter a ordem social – um tipo de traição sexual perpetrada. Uma dinâmica similar acontece quando uma mulher se relaciona com outra mulher da forma que uma mulher normalmente se relaciona com um homem, sugerindo que os homens podem não ser tão essenciais para a realização da feminilidade como muitos (geralmente homens) pensam.

Por isso, é pouco surpreendente que o aumento da igualdade de homens e mulheres na sociedade contemporânea (e na igreja), por si só uma indicação preocupante do declínio da dominação masculina, tem sido seguida da hostilidade cada vez maior em relação ao amor entre pessoas do mesmo sexo. “Os tempos estão mudando”, e para muitos essa parece uma má notícia de fato. A boa notícia para todos, entretanto, é que Deus está claramente mais confortável com a diversidade do que nós.³² Esse é um dos mais óbvios resultados da encarnação e da auto revelação de Deus em e como Jesus de Nazaré, que também foi condenado por supostamente subverter a ordem social.

7. Cristãos deveriam apoiar o amor de compromisso e carinho entre pessoas do mesmo sexo.

Se a lógica aqui exposta ressoar, é teologicamente e moralmente imperativo para os cristãos – Adventistas e outros – dar as boas-vindas, afirmar, celebrar, nutrir, e apoiar as escolhas individuais de relacionamentos de cuidado e compromisso entre pessoas do mesmo sexo. Essa conclusão cria muitas implicações práticas.

Os cristãos deveriam direcionar sua atenção moral e seu esforço educacional para a monumental tarefa de melhorar a moral e a qualidade espiritual da intimidade sexual de todos os cristãos. A linguagem comum das ruas reflete um elemento de violência e hostilidade (como em “vá se ferrar”), e que é muito comum na intimidade sexual dos cristãos mais conservadores, assim como de outras pessoas. Para muitas mulheres, a intimidade heterossexual é um símbolo de poder e submissão “que rege a natureza da relação” entre os parceiros, e “de certo ângulo, o sexo é sempre um estupro”.³³ Embora essa afirmação seja com certeza exagerada, isso apropriadamente chama a atenção para o fato de que qualquer elemento de coação físico ou psicológica é, no mínimo, desrespeitoso e pede uma crítica moral explícita e esforço educacional.

Os cristãos deveriam parar sua condenação moral à intimidade entre pessoas do mesmo sexo em relacionamentos de compromisso e cuidado. Jesus de opôs enfaticamente aos juízos morais equivocados: “tire a trave do seu próprio olho”, ele disse, “antes de tirar o argueiro do olho do teu irmão”. (mat. 7:5) “coais um mosquito e engolis um camelo” (23:24). “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela” (João 8:7) Em nenhum lugar

dos ensinamentos de Jesus nos evangelhos existe qualquer referência ao amor entre pessoas do sexo oposto versus o amor entre pessoas do mesmo sexo.³⁴

Os cristãos deveriam encorajar seus irmãos e irmãs na fé a viver relacionamentos de cuidado entre pessoas do mesmo sexo para comunicar não só suas experiências de rejeição e opressão (especialmente dentro da comunidade de fé), mas também sua leitura e compreensão das escrituras, especialmente quando essa leitura e esse entendimento diferem do entendimento da comunidade maior.

Os cristãos deveriam encorajar suas congregações a dar as boas-vindas, afirmar, e dar suporte as pessoas comprometidas em um relacionamento entre pessoas do mesmo sexo moralmente apropriado.³⁵ Como seu Mestre, esses cristãos deveriam falar claramente e agir corajosamente em ficar ao lado daqueles que são oprimidos e marginalizados pela maioria da sociedade – mesmo se, novamente como seu Mestre, eles evocarem a hostilidade social de pessoas de dentro e de fora de suas comunidades de fé.

Dessa e de outras formas cristãos sérios podem contribuir para a realização do desígnio de Deus para toda a humanidade e a efetivação da vontade amorosa de Deus “assim na Terra como nos Céus” (Mat. 6:10).³⁶

Questões para discussão

1. Se você tem amigos que são um casal do mesmo sexo, como o relacionamento deles se compara com os dos casais de sexos opostos?
2. Você consegue pensar em qualquer objeção ao amor entre pessoas do mesmo sexo além daqueles mencionados nesse capítulo?
3. O que casais heterossexuais podem aprender com casais homossexuais?
4. Baseado em seu entendimento dos valores e atitudes de Jesus, que conselho você pensa que Ele daria aos casais cristãos do mesmo sexo hoje?
5. Como você reage a sugestão de que alguns personagens bíblicos podem ter estado em relacionamentos amorosos com pessoas do mesmo sexo?
6. Para você parece plausível que as escrituras não se dirijam diretamente ao tipo de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo amorosos e de compromisso descritos nesse capítulo?

Notas e Referências

1. Os sentidos físicos - visão, audição, paladar, olfato, tato - estão naturalmente envolvidos em outros tipos de prazer mais intelectuais, como o que resulta da experiência da arte, da descoberta da verdade e do encontro com Deus. “Prazer físico” aqui indica o prazer corporal mais imediato e intenso. A existência física inclui as cores de um nascer do sol, a fragrância de um cravo, o som de uma sinfonia, o sabor e a sensação de uma casquinha de sorvete, o relaxamento de uma massagem ou um banho quente.

2. Por mais de 140 anos os Adventistas se preocuparam com dieta (e, recentemente, o resto do mundo começou a recuperar o atraso). Até agora, no entanto, esse interesse pela dieta se concentrou na nutrição; boa comida é importante porque facilita a boa saúde. Também é correto estar interessado no prazer real da comida, querer ter uma comida que tenha um bom sabor.

3. AGOSTINHO, St. **City of God**. 14.14. A passagem continua: “Que amigo da sabedoria e das alegrias santas, que está casado, mas sabe, como diz o apóstolo, 'como possuir seu vaso em santificação e honra, não na doença do desejo, como os gentios que não conhecem a Deus' [1 Tess. 4:4-4], não preferiria, se isso fosse possível, gerar filhos sem essa luxúria, de modo que, nessa função de gerar descendentes, os membros criados para esse fim não fossem estimulados pelo calor da luxúria, mas deveriam ser acionados por sua vontade, da mesma maneira que seus outros membros o servem para seus respectivos fins”?

4. AGOSTINHO, St. **On Marriage and Concupiscence**. 1.24 (27).

5. Yves of Chartres, citado por Letha Dawson Scanzoni, **Sexuality**. Philadelphia: Westminster. 1984. aconselhou os cristãos a se absterem de relações sexuais às quintas-feiras em lembrança da prisão de Cristo no Jardim do Getsêmani, às sextas-feiras em lembrança da crucificação, aos sábados em homenagem à Virgem Maria, aos domingos em comemoração à ressurreição de Cristo, e às segundas-feiras em respeito aos seus entes queridos que partiram. Além da longa tradição teológica cristã, a filosofia, até o Iluminismo e além, também sentiu o impacto de Agostinho. Immanuel Kant, por exemplo, considerava o amor sexual como pertencente à “degradação” da condição humana. Veja seu livro **Lições de Ética**. 1ª ed. São Paulo: UNESP. 2018. Kant nunca se casou.

6. NELSON, James B. **The Intimate Connection: Male Sexuality, Masculine Spirituality**. Philadelphia: Westminster, 1988. p. 132.

7. Considere também o poder literário da história de Oseias e as imagens de sexo explícitas de Ezequiel.

8. Sobre a função dos símbolos, veja TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal; 1ª Ed. 2005.

9. COUNTRYMANL, William. **Dirt, Greed and Sex: Sexual Ethics in the New Testament and Their Implications for Today**. Philadelphia: Fortress. 1988. p. 263.

10. DOUGLASS, See Mary. **Natural Symbols: Explorations in Cosmology**. 2^a ed. New York: Routledge. 2003.

11. Essa dinâmica inevitável é central para o enredo do filme atração fatal (Paramount, 1987). A principal deficiência moral do filme não é a violência gratuita, mas implicar que a insistência no significado relacional da intimidade sexual é o resultado de uma personalidade desordenada (feminina), enquanto uma pessoa saudável (masculina) é devidamente perdoada por sua infidelidade conjugal por um amoroso cônjuge que espera viver feliz para sempre. É verdade que a intimidade sexual tende a ser mais pessoal para as mulheres do que para os homens, mas isso é um sinal de realismo inteligente, não de doença mental.

12. NELSON. **Intimate Connection**. 34; itálico do autor.

13. RICOEUR, See Paul. **Wonder, Eroticism, and Enigma**. Cross Currents. 14.1. Primavera, 1964. p. 137.

14. FULTON, Aubyn. Genesis Marriage. **Spectrum Online**. Disponível em: <<http://www.spectrummagazine.org/onlinecommunity/sabbathschool/060116fulton.html>> acesso em 22 de jan. de 2006.

15. Ibid.

16. KELSEY, Morton. KELSEY, Barbara. **Sacrament of Sexuality: The Spirituality and Psychology of Sex** Rockport, Mass.: Element. 1986. pp. 200–201.

17. Ibid., 194

18. Veja, por exemplo, WHITE. Ellen G. Christ Our Hope. **Advent Review and Sabbath Herald**. 20 de Dec. de 1892. 785 pág. Reimpresso em **O Outro Poder – Conselhos para Escritores e Editores**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010. “Não há desculpa para alguém assumir a posição de que não há mais verdade a ser revelada e que todas as nossas exposições das Escrituras estão sem erro. O fato de certas doutrinas terem sido mantidas como verdade por muitos anos por nosso povo não é uma prova de que nossas ideias são infalíveis. O tempo não cometerá erros na verdade, e a verdade pode se dar ao luxo de ser justa. Nenhuma doutrina verdadeira perderá nada com uma investigação minuciosa”. Veja também, idem, "Os mistérios da Bíblia são uma prova de sua inspiração" **Testemunhos para a igreja**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2010. "Abra o coração à luz" **Advent Review and Sabbath Herald**, Mar. 25, 1890, 177; "Revisem as escrituras" **Advent Review and Sabbath Herald**, 26 de jul. de 1892, 465, reimpresso em **O Outro Poder – Conselhos para Escritores e Editores**. Selected Messages from the Writings

of Ellen G. White. Washington, D.C.: **Review and Herald**. 1958–80. 1:37 **A Grande Controvérsia Entre Cristo e Satanás**. 2ª ed. Editora: Vida Plena. 2003. 434 págs. Educação. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira. 2016. Quanto à alegada “capitulação à cultura moderna”, a mesma acusação foi feita em relação aos movimentos racial e de gênero no século passado. “Capitulação cultural”, descreve com mais precisão um endosso da condenação tradicional ao amor entre pessoas do mesmo sexo.

19. Veja, por exemplo: COMSTOCK, Gary David. **Gay Theology Without Apology**. Cleveland, Ohio: Pilgrim Press. 1993. pp. 61–90;

MINER, Jeff. CONNOLEY, John Tyler. **The Children Are Free: Reexamining the Biblical Evidence and Same-sex Relationships**. Indianapolis: Jesus Metropolitan Community Church. 2002.

WINK, Walter (ed). **Homosexuality and Christian Faith: Questions of Conscience for the Churches**. Minneapolis: Fortress. 1999. pp. 31–60;

ROGERS, Jack. **Jesus, the Bible, and Homosexuality: Explode the Myths, Heal the Church**. Philadelphia: Westminster John Knox. 2006.

20. Se esse viés gerado pela tradição é ou não um obstáculo à teologia sólida é discutido. Essa inclusão no “quadrilátero Wesleyano” das Escrituras, tradição, razão e experiência reflete uma avaliação positiva. Sendo mais crítico com a tradição, não o considero um recurso teológico ao lado das Escrituras, razão e experiência, mas o considero como parte da experiência cristã corporativa.

21. Veja também exame detalhado dos materiais bíblicos relevantes no capítulo de John R. Jones neste volume. Uma narrativa adicional sugerida envolve o filho de Noé, Ham (Gen. 9: 20-27), quem, alguns estudiosos argumentam, pode ter cometido um ato de estupro incestuoso homossexual com seu pai. Veja por exemplo, GAGNON, Robert A. J. **The Bible and Homosexual Practice: Texts and Hermeneutics** (Nashville, Tenn.: Abingdon, 2001), 63–71. Esse incidente pode, entretanto, ser um caso bem menos dramático de desrespeito filial.

22. Minha tradução de basileia tou theou como “o programa de Deus” ao invés do “Reino de Deus” é inusual, mas dificilmente idiossincrática. A tradução básica infelizmente encoraja o (des)entendimento do “reino” como um domínio escatológico em vez de um projeto funcional presente e futuro.

23. Outros exemplos de instruções que atualmente não são consideradas normativas incluem o status da mulher como propriedade familiar dos homens (Exod. 20:17) a imposição da punição capital por profanar o sábado (Exod. 31:15 Num. 15:32-36) ou amaldiçoar os pais (Exod. 21:17; Lev. 20:9) e a ordem divina de genocídio no massacre de amalequitas (Exod. 17:14-16; Deut. 25:19) e os residentes de Jericó (Jos. 6:17, 21).

24. HUMANA, Charles. **The Keeper of the Bed: The Story of the Eunuch.** London: Arlington Books, 1973. pág. 12.

25. O teólogo cristão Orígenes (ca. 185 - ca. 254), como relatado pelo historiador Eusébio (ca. 260 - ca. 340), tomou as palavras de Jesus literalmente e castrou-se.

26. MINER e CONNOLEY. **Children Are Free.** Pág. 40–42.

27. POLKINGHORNE, John. **Explorando a realidade: O entrelaçamento de ciência e religião.** São Paulo: Edições Loyola; 1ª Ed. (2008)

28. “Esta, sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”.

29. Essa visão pode ter sido encorajada por Platão, que foi altamente influenciado pelo pensamento cristão da época. Sua proposta de reprodução humana regulada aparece em seu livro República de Platão Volume 5, 457b-461e.

30. SCRUTON, Roger. **Sexual Desire: A Philosophical Investigation.** London: Weidenfeld and Nicolson, 1986. pp. 310–11.

31. COBB JR, John B. **Being Christian about Homosexuality.** In: WINK, Homosexuality and Christian Faith. pp. 90–91.

32. ROHR, Richard. **Where the Gospel Leads Us.** In: WINK. Homosexuality and Christian Faith. p. 86.

33. MAIRS, Nancy. **Plaintext.** Tucson: University of Arizona Press. 1986. p. 84.

34. ironicamente, a condenação vigorosa do amor por pessoas do mesmo sexo parece ser geralmente ineficaz ou até contraproducente. Veja Kelsey e Kelsey, **Sacrament of Sexuality**, 197: “Em sociedades onde há pouca tentativa de desencorajar a atividade homossexual, estudos culturais mostram que a maioria dos jovens do sexo masculino e feminino passa por uma fase homossexual para um ajuste heterossexual e que apenas cerca de um por cento permanece no estilo de vida homossexual. Nas sociedades com violento antagonismo à homossexualidade, algo entre seis e dez por cento permanecem em uma adaptação homossexual.

35. Essa visão conscientemente difere da de GRENZ, Stanley J. **Welcoming, but not Affirming: An Evangelical Response to Homosexuality.** Philadelphia: Westminster John Knox, 1998. Pág. 153–157.

36. Veja sugestões e recomendações em outras partes deste volume.

1. Um Groundling era uma pessoa que visitou o Red Lion, The Rose ou o Globe Theatre no início do século XVII. Eles eram pobres demais para pagar para poder se sentar em um dos três níveis do teatro. Se pagassem um centavo, poderiam ficar no "poço", também chamado "quintal", logo abaixo do palco, para assistir à peça.

Parte 4 – Capítulo 3

Amor Entre Pessoas do Mesmo Sexo no “Corpo de Cristo”?

Por Roy E. Gane

A questão sobre como os Cristãos devem estar relacionados com o amor entre pessoas do mesmo sexo não é uma questão fácil. Então é sábio submeter a energia de nossa tensão “baixo o reinado de Cristo como parte do processo mutuo de falar e ouvir” como John Jones aconselha. Eu concordo que enquanto nossa principal responsabilidade é para com Deus, nós também somos responsáveis uns pelos outros. Além das questões de exegese e teológicas, a questão da homossexualidade é altamente carregada de um nível emocional porque muitos de nós, incluindo a mim mesmo, temos parentes ou amigos homossexuais que anseiam por aceitação dentro de nossa comunidade de fé e desejam salvação eterna por meio de Jesus Cristo.

Quaisquer que nossas conclusões teológicas e bíblicas possam ser, compaixão por pessoas em situações devastadoramente difíceis devem ser uma importante parte da forma como devemos nos relacionar com eles.

A presente discussão é de âmbito limitado. Não é sobre estilos de vida promíscuos de gays com múltiplos parceiros sexuais, que estão claramente fora de harmonia com os princípios bíblicos. Também não estamos abordando a questão dos direitos civis de respeito e tratamento justo dos homossexuais no contexto da sociedade secular e os nossos (não teocráticos) governos civis, que os cristãos que aceitam a liberdade e a separação entre Igreja e Estado deveriam afirmar. Nem questionamos se qualquer pessoa com tendências homossexuais que refreia sua atividade sexual com pessoas do mesmo gênero pode ser salva se ela tem um relacionamento salvador com Cristo, e se pode desfrutar plenamente a membresia na Igreja Adventista do Sétimo Dia se ela aceita os ensinamentos Adventistas. Amizades íntimas entre pessoas do mesmo gênero não são um problema, desde que elas não incluam relacionamentos sexuais.

Fritz Guy e Jones argumentam que intimidade sexual entre pessoas do mesmo sexo é moralmente aceitável para Deus e para a Igreja, desde que só seja apreciado dentro do contexto do amor, mutualidade, compromisso, e relacionamento exclusivo análogo ao casamento monogâmico entre parceiros heterossexuais. Qualquer Adventista pode subscrever amplamente os valores de casamentos (heterossexuais) com altruísmo atencioso e leal, que incluem o gozo de relações físicas prazerosas, como descritas por Guy e Jones. Mas será que a presença desses valores em uma união do mesmo sexo legitima tal relação aos olhos de Deus para que não seja considerado pecado?

Respostas a Fritz Guy

A preocupação de Guy para aceitar a diversidade e cuidar carinhosamente dos homossexuais é louvável, e muitos vão acolher a sua conclusão, que ressoa com o caráter atual. Infelizmente, porém, a apresentação de Guy como exemplo de “pensamento teológico” está repleta de grandes falhas lógicas e exegéticas e sua conclusão na verdade, recebe um pouco mais do que suporte emocional:

1. Ele compila uma lista de critérios morais de intimidade sexual e os aplica como se estes fossem os únicos critérios bíblicamente pertinentes.
2. Ele não encontra passagens bíblicas que explicitamente condenem o tipo de união amorosa entre pessoas do mesmo sexo que ele desculpa. Mas ao fazer apressadamente o argumento do silêncio, ele ignora o motivo para a ausência: a Bíblia explicitamente condena todas as atividades homossexuais de forma cristalina, em uma linguagem não técnica (Lev. 18:22, 20:13; Rom. 1:26-27). Porque as escrituras deveriam condenar explicitamente um tipo de relacionamento homossexual ativo quanto todas essas práticas já são proibidas? Se Deus permitisse pelo menos um tipo de união homossexual, nós esperaríamos encontrá-lo mencionado (e provavelmente regulado) na Bíblia. Os “critérios morais” de Guy são simplesmente irrelevantes para a questão de saber se a Bíblia permite uniões homossexuais, porque há um critério/princípio bíblico mais profundo do que o que ele julgou: apenas a sexualidade humana masculina e feminina, que Deus estabeleceu no princípio (Gen. 1-2) é moralmente legítima.
3. Embora Guy corretamente aponte que não todas as leis da Bíblia Hebraica tenham aplicações modernas, ele não considera o critério para saber quais são aplicadas hoje e quais não. Falta espaço aqui para a análise dessa questão crucial, sobre a qual eu escrevi em outros lugares.¹ Basta dizer que (1) enquanto os dez mandamentos apresentam exemplos de princípios morais fundamentais há leis morais eternas em outras partes das chamadas leis mosaicas (por exemplo, Lev. 19:11), e (2) as leis proibindo relações homossexuais são leis morais eternas, junto com leis que proíbem outros comportamentos imorais, tais como adultério, incesto e bestialidade (Lev. 18:20; veja mais abaixo).
4. Guy falha em ver a relevância de 1 Cor. 5, onde Paulo comanda que um homem vivendo uma relação incestuosa com sua madrasta deveria ser desassociado da igreja, na esperança de salvar sua alma, mostrando-lhe a necessidade de arrependimento. Todas as razões que Guy usa para desculpar as uniões entre pessoas do mesmo sexo deveriam também

apoiar a continuidade do incesto de Coríntios, isto é, se ele e sua madrasta interagissem de uma forma leal e amorosa de acordo com o critério moral de Guy. Mas Paulo nem sequer pergunta sobre esses fatores. Essa união é errada porque esses dois indivíduos deveriam ser sexualmente inacessíveis um para o outro. É verdade que uniões incestuosas produzem descendentes geneticamente enfraquecidos. Mas isso não conta para a proibição bíblica, que não permite uma união incestuosa quando a reprodução não é um fator, como depois que uma mulher atinge a menopausa. Nem Paulo permitiu que o casal de Corintos mantivesse sua coabitação se eles simplesmente se abstivessem de ter filhos (por exemplo, praticando o coito interrompido). Além disso, nós podemos concluir que o advento dos métodos modernos de controle de natalidade não legitima o incesto. É errado porque Deus disse que é – em Levíticos 18, 20, precisamente onde ele disse que atividade homossexual é errada.

5. Guy não explica adequadamente porque o argumento do “natural” a respeito da genitália não carrega nenhuma validade. Como é verdade que há mais variedade entre as pessoas de um mesmo sexo do que entre as pessoas de sexos opostos? Não é biologicamente evidente que o pênis foi feito para a vagina, em vez de um orifício de eliminação?

Respostas para John R. Jones

John Jones apresenta muito mais cuidadoso estudo, com uma exegese detalhada, que envolve material de fundo instrutivo antropológico e linguístico iluminando os contextos culturais dirigidos por passagens bíblicas relevantes. Ao contrário de Guy, que anda em especulações periféricas (sobre Davi e Jônatas, e assim por diante), Jones concentra sua atenção sobre as passagens mais importantes, Levítico 18, 20 e alguns textos paulinos, embora ele também tenha esquecido Coríntios 5.

Como Guy, Jones imediatamente deixa de lado as narrativas de Genesis 19 e Juízes 19 como irrelevantes. É verdade que essas horríveis histórias envolvem uma dinâmica cultural e moral complexa, como falta de hospitalidade, estupro coletivo, e violação dos limites. Mas talvez o elemento mais perturbador dessas histórias (além do esquartejamento e envio das partes da concubina do levita; Jz. 19:29), está o fato de que mulheres eram oferecidas aos violadores em lugar dos homens. Em Juízes 19 pelo menos, isso não pode ser atribuído simplesmente ao imperativo de hospitalidade que envolve a proteção dos convidados a qualquer custo. Embora a concubina do levita fosse uma convidada, o ancião que os hospedava a ofereceu junto com sua filha virgem para prevenir o abuso (homossexual) do levita (22-24). É verdade que a concubina tinha um status menor na sociedade do que o levita, mas o servente do levita também (11-13). Porque não o oferecer também? Era a

homossexualidade considerada um mal tão grande que tinha que ser evitada a qualquer custo?² Essa questão e suas implicações deveriam pelo menos ser consideradas.

Em sua sessão do chamado código sagrado, Jones examina as duas proibições contra o intercuro sexual consensual entre homens, que é etiquetado como “abominação” e carrega a pena de morte (Lev. 18:22; 20:13). Jones argumenta que a limitação à homossexualidade masculina e ao sexo com penetração está aqui devido ao erro de “feminização de um homem por outro”, que envolve a violação de “distinções na ordem convencional” fazendo com que um homem seja usado como uma mulher para receber a “semente” masculina.³

Jones está certo sobre a distinção de ordem que era um elemento importante da parte do Levítico, que enfatiza a santidade e que a santidade de Israel incluía a separação de contaminação com as práticas de outros povos. Mas ele aparentemente não tem conhecimento de uma grande diferença, assim reconhecida por estudiosos do Levítico, entre o ritual remediável/impureza cerimonial regulamentado anteriormente em Levítico (Na chamada parte “sacerdotal” “P= priestly”, especialmente nos capítulos 12-15) e a moral irremediável “impurezas” graves, os pecados de profanação (incluindo a atividade homossexual) nos capítulos 17-27 (na chamada parte “sagrada” “H=Holiness”). Jacob Milgrom explica:

No uso metafórico de “H” em termos de culto de P é destacado por *âme*. Em P, é impureza ritual, em H impureza moral. Impureza ritual (P) é sanável pelo ritual de purificação, mas a impureza moral é irremediável. É um crime capital, punível com pena para o indivíduo por *kâret* e para a comunidade com o exílio...⁴

Então Jones está correto quando diz que a atividade homossexual “contaminava a pureza cerimonial trazendo uma atividade identificada com os cananeus”. Sim, havia uma preocupação coletiva, incluindo a proteção das “marcas simbólicas entre Israel e seus vizinhos”. Mas a impureza da prática homossexual não era cerimonial, era moral. Jones concentra a maior parte de seus esforços em referências à homossexualidade nos escritos de Paulo. Tendo decidido que “as convicções de Levítico de que o sexo entre homens Israelitas viola a identidade étnica do povo hebreu, que definiu o seu povo eleito e pureza cerimonial em termos de sua descendência de Abraão”, Jones deduz de Gálatas 3:28 que “Quando essas questões culturais e nacionais são transcendidas em Cristo, o terreno é cortado sob as proibições em Levítico 18 e 20. Quando Paulo afirma a igualdade entre Judeus e Gentios diante de Deus, ele está desmontando a estrutura na qual essas proscricções permanecem. Aplicando esta hermenêutica cristocêntrica a essa questão da homossexualidade Jones leva à conclusão de que a categórica proibição abrangente de Levítico 18:22, 20:13 não se aplicam ao contexto da igreja cristã, porque a sua aplicabilidade foi baseada em uma distinção étnica obsoleta.

A argumentação de Jones é fatalmente falha por duas razões principais:

1. Embora a legislação em Levítico 18 e 20 tinha certamente a intenção de evitar que os santos israelitas se tornassem como seus vizinhos não santificados, uma espécie de distintivo de função temporária não esgotando as razões desta instrução atemporal mais do que honrar temporariamente o sábado no culto israelita (Lev. 24:8; Num. 28:9) e a execução de descanso sabático sob a teocracia (Num. 15: 3236) anula a validade permanente da observância do sábado.⁵ As leis de Levítico 18 e 20 não são como circuncisão, o marcador étnico de aliança temporária. Isso é confirmado pelo fato de que em atos 15, que libera os cristãos gentios da circuncisão, as proibições do “código sagrado” contra a carne oferecida aos ídolos, a imoralidade sexual em geral (*porneia*; não só adultério), e carne a partir da qual o sangue tem que ser drenado no momento do abate, permanecem em vigor para os gentios.⁶
2. Jones aplicou erroneamente gálatas 3:28 por aumentar o seu âmbito. O ponto de Paulo é que todos os que pertencem a Cristo, não importando a sua etnia, gênero, e status social, são justificados da mesma forma por meio da fé no remédio de Cristo para o pecado. Nesse sentido os cristãos são realmente herdeiros de Abraão e recebedores da promessa de Deus a ele. Essa passagem não neutraliza a relevância da distinção de gênero no contexto social Cristão, incluindo aqueles regulados pela lei moral de Deus. A imoralidade sexual como definida por Levítico 18 e 20 ainda é imoralidade sexual na igreja cristã.

Com relação à condenação da homossexualidade na lista de Paulo de vícios (I Cor. 6:9; I Tim. 1:10), Jones baseia-se em fontes bíblicas e greco-romanas para efetivamente mostrar as associações de palavras gregas relevantes como “autoindulgência, lascívia” e “atividade homoerótica de um tipo de exploração”. Tais associações tendem a desviar a atenção da homossexualidade, em si. Mas Jones admite que a composição da palavra *arsenokoites* “homem homossexual” (de “homem” + “cama”) aparenta ser derivada da terminologia Septuaginta de Levítico 18:22 e 20:13, onde eu adicionaria, as outras associações não estão a vista. Quer *arsenokoites* tenha sido inventado com base em Levítico 18 e 20 quer não, esse termo utilizado por Paulo provê uma ligação intertextual com as passagens do “código sagrado” apoiando a sua aplicabilidade em curso. (Contra a conclusão geral de Jones).

Em sua fascinante e extensiva discussão sobre Romanos 1:24-27, que condena o lesbianismo junto com a homossexualidade masculina, Jones demonstra que Paulo ecoa a condenação pré-cristã dos judeus contra os gentios e seus vícios afim de trazer velhos julgamentos judeus com relação aos gentios à superfície e os direcionar a novas perspectivas cristãs. Aqui Jones continua a referência ao fundo greco-romano, que mostra que o sexo homogenital foi em certa medida, começando a ser considerado contrário à “natureza”, mesmo entre os gentios,

embora essa avaliação negativa não tenha sido baseada na moralidade da forma como nós pensamos.

Não há dúvidas de que Romanos 1:24-27 está inserido em um contexto de retórica que recorre a já existente atitude entre judeus e gentios em relação ao comportamento homossexual com a intenção de mostrar que gentios são trágicos pecadores que precisavam desesperadamente da misericórdia de Deus que é acessível somente por meio de Cristo. Mas Jones dá um salto lógico quando ele conclui que por causa da postura retórica de Paulo aqui identificada com o judaísmo de seus dias, é um erro “procurar aqui pela palavra definitiva sobre relacionamento entre pessoas do mesmo sexo ou qualquer outra coisa de um ponto de vista cristão desenvolvido. Deficiências dessa trajetória de pensamento incluem pelo menos os seguintes fatores:

1. O fato de que a demonstração de Paulo sobre o pecado dos gentios se baseia em condenação pré-cristã do comportamento homossexual, a fim de persuadir seu público a respeito de um ponto maior não anula o fato de que sua discussão geral é cristã. O cristianismo de Paulo claramente é compartilhado com as normas pré-cristãs, ou sua lógica falharia. Se os homossexuais não são mais culpados diante de Deus, por que eles precisariam agora da graça de Cristo?

A alusão de Paulo à condenação gentia do vício sexual como não natural implica um argumento por causa de uma razão mais forte: se mesmo os gentios sabiam que havia algo errado com seu comportamento, não deveriam aqueles que receberam a lei de Deus saber ainda mais? Compare a forma com a qual Paulo envergonha os cristãos de Corinto por continuar a garantir a membresia cristã a um homem que continuava a cometer imoralidade sexual “de um tipo que não é encontrado nem entre os pagãos” (I cor. 5:1 NRSV aqui e nas subseqüentes citações bíblicas).

Em outro lugar, Paulo não hesita em abordar o estresse da descontinuidade entre as normas pré-cristãs, atitudes e a nova liberdade cristã em Cristo. (Por exemplo, Rom. 4, 14; I cor. 8; e a epístola inteira de Gálatas). Então se as uniões homossexuais são agora permitidas na igreja Cristã, porque Paulo nem mencionaria isso?

3. Em Romanos 1, Paulo enumera os pecados gentios incluindo não só o comportamento homossexual, mas também a idolatria (vv. 23. 25) cobiça, maldade, inveja, homicídio, contenda, engano, e assim por diante (vv. 29-31). O fato de que esses erros morais gentios também fossem condenados pelos pré-cristãos judeus (e gentios) significa que eles (ou algumas formas limitadas deles) poderiam ser aceitáveis dentro da vida cristã? Dificilmente.

Em sua seção, “o que o texto significa hoje”, Jones interpreta a linguagem de “impureza” em Romanos 1:24-27 (veja v. 24) como cultural ao invés de moral. Ele comete um “erro de categoria” ao esquecer o fato de que Paulo se refere a “impureza” do “código sagrado”, que é impureza moral = pecado (veja acima).

Jones passa a apontar as diferenças entre o horizonte conceitual de Paulo e o nosso. Concedo que existem diferenças, e a ciência moderna tem analisado e dado nuances de várias formas e aspectos da sexualidade humana de várias maneiras. Mas nada disso muda o ensinamento bíblico inequívoco de que a atividade sexual entre parceiros do mesmo sexo é moralmente errada, e não há exceção para parceiros do mesmo sexo em relacionamentos consensuais, comprometidos, amorosos e exclusivos.

Conclusão

Guy e Jones têm ilustrado a futilidade de tentar harmonizar as Escrituras com a aceitação de alguma prática ativa de homossexualidade dentro da comunidade religiosa que aceita a Bíblia como guia de autoridade para fé e prática. Nem mesmo Jacob Milgrom teve sucesso através do casuísmo elegante (em relação à Lev. 18:22; e 20:13).⁷

A verdadeira compaixão para os homossexuais pede que paremos de perder tempo com este beco sem saída da tentativa de harmonização, o que prolonga a agonia, cria falsas esperanças e falsa segurança que pode resultar em perda eterna, e desvia nossa atenção e energia a partir da única abordagem verdadeiramente redentora: ajudar os homossexuais em sua luta brutal para superar seu desejo esmagador para ganhar a satisfação sexual com um parceiro do mesmo sexo.

Essa vitória pode ser vencida somente por meio de fé no poder transformador de Cristo e do Espírito Santo, contra a maré do politicamente correto e pós-modernismo, que conta a satisfação sexual da escolha entre adultos como um direito inalienável. Homossexuais, que normalmente são indivíduos altamente sensíveis, precisam desesperadamente de nosso apoio através da amizade, orações, lágrimas e infalível amor. Às vezes isso precisa ser um “amor duro” para afastar o perigo da falsa segurança, para que a pessoa possa ter a oportunidade de redenção para perceber a necessidade de se submeter a Deus, a fim de ser salvo. (Compare com 1 Cor. 5).⁸

Não há dúvidas de que o comportamento homossexual é um dos estilos de vida mais desafiadores de se superar, e comparado a outros problemas invariavelmente diminui a realidade de sua dificuldade. De fato, para a maioria pode ser impossível em termos humanos (como os psicólogos afirmam). Mas essa é uma oportunidade para destacar a importância do autêntico evangelho de milagres, pois nada é impossível para Deus (Lucas 1:37), e “posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fil. 4:13). Mesmo a “lista de vícios” de 1 Coríntios 6, onde Paulo diz que malfeitores, incluindo homossexuais (ativos), “não herdarão o reino de Deus”. (v. 9-10), é seguido pela esperança retumbante: “E é o que alguns têm sido; mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus” (v.11). Homossexuais, também, podem ouvir Cristo

dizer, “nem eu te condeno, vai e não peques mais” (João 8:11). Eles também podem ser redimidos, transformados, e experimentar paz completa com Deus. Eles também podem contribuir com seus talentos e testemunhos para a igreja.

Embora a igreja não tenha licença bíblica para punir a prática da homossexualidade, sob qualquer forma, as exigências de Cristo nos mandam que sejamos um paraíso de apoio para ajudar as pessoas preciosas – incluindo gays, lésbicas, e bissexuais – em suas jornadas frequentemente dolorosas e traumáticas de recuperação de todos os estilos de vida. Restaurar a igreja como o amigo de confiança, em vez de o inimigo dos pecadores exige uma grande mudança de atitude da nossa parte.⁹

Questões para discussão

1. Qual é a relação entre os ensinamentos bíblicos sobre sexualidade e atual “politicamente correto”?
2. Como as atitudes de nossa cultura moderna influenciam as interpretações de passagens bíblicas que tratam da homossexualidade?
3. O que a Bíblia ensina com relação ao perdão divino e/ou o empoderamento disponível a pessoas que escolhem seguir os princípios de estilo de vida de Deus a despeito da extrema dificuldade?
4. Como os cristãos Adventistas do Sétimo Dia podem prover melhor suporte emocional, espiritual e social a pessoas com tendências homossexuais?
5. Como podem ser mantidos de maneira consistente, construtiva e redentora os limites bíblicos estabelecidos para os membros da igreja?

Notas e Referências

1. GANE, Roy. **Leviticus, Numbers**. NIV Application Commentary. Grand Rapids, Mich.: Zondervan. 2004. pp. 305–10.
2. Compare a análise dessas passagens por Richard Davidson em **Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament**. Peabody, Mass.; Hendrickson, 2007. 145–49, 161–62. Em seu tratamento abrangente de "Heterossexualidade humana versus homossexualidade, travestismo e bestialidade" no Antigo Testamento, contra seu antigo contexto do Oriente Próximo.
3. Mas em relação à homossexualidade masculina e sexo com penetração, veja *ibid.*, 149-50.

4. MILGROM, Jacob. Leviticus 17-22. **Anchor Bible** 3A. New York: Doubleday. 200. 1,326. Veja também, por exemplo: K LAWANS, Jonathan. **Impurity and Sin in Ancient Judaism**. Oxford: Oxford University Press, 2000. Especialmente pp. 21-31.; SKLAR, Jay. **Sin, Impurity, Sacrifice, Atonement: The Priestly Conceptions**. Sheffield: Sheffield PhoenixPress, 2005. 139-53.

5. Compare GANE, Roy. **The Role of God's Moral Law, Including Sabbath, in the New Covenant**. 10–11; Disponível em:

<<http://www.adventistbiblicalresearch.org/documents/>> (selecionar“Gane Gods moral law.pdf”).

6. Em atos 15 as quatro categorias de proibições se impõem sobre os cristãos gentios são precisamente as mesmas quatro, na mesma ordem, à aquelas listadas em Lev. 17-18 que são aplicáveis aos estrangeiros, com a proibição final, porneia, resumindo as atividades sexuais ilícitas descritas em Lev. 18. Claramente a comunidade da aliança do Novo Testamento viu essa referência ao “estrangeiro” como uma indicação da natureza transtemporal e transcultural dessas leis, incluindo a lei que proíbe a atividade homossexual”. Davidson, **Flame of Yaweh**. 155.

7. MILGROM, Leviticus 17-22, 1,786–90. Minha resposta a pergunta, “As proibições bíblicas contra homossexualidade e incesto se aplicam aos cristãos hoje? Em GANE, **Levíticus, Numbers**. 325-330, incluem uma crítica da interpretação de Milgrom.

8. Sobre graça, redenção, acolhimento de homossexuais e humilde reconhecimento de nossa própria queda sexual, compare Davidson, **Flame of Yahweh**. 175–76.

9. GANE. **Levíticus, Numbers**. 330.

Parte 4 – Capítulo 4

A Igreja Está Pronta Para o Sexo Entre Pessoas do Mesmo Sexo?

Por Richard Rice

A questão que o amor entre pessoas do mesmo sexo apresenta para a Igreja Adventista do Sétimo Dia nasce de uma experiência que é comum a muitos de nós.¹ Nós conhecemos homens e mulheres que ocupam posições de responsabilidade na sociedade, que contribuem para a vida de outros de importantes formas, que são espiritualmente sensíveis e dedicadas a sua fé, e que encontram realização pessoal em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo.

Parece não haver diferença significativa entre eles e qualquer outra pessoa na igreja, exceto por problemas criados para eles por parte daqueles que olham de lado para suas escolhas de parceiros sexuais.

Como cristãos, nós também temos a Bíblia como nossa regra de fé e prática, e existem passagens bíblicas que condenam as relações entre pessoas do mesmo sexo em termos muito fortes. Então a questão é como unir a evidência da experiência e as declarações das Escrituras. Como os cristãos de hoje deveriam responder a aqueles que estão em um relacionamento comprometido com uma pessoa do mesmo sexo à luz da perspectiva bíblica sobre a sexualidade humana?

Em sua contribuição a esse livro, Fritz Guy e John R. Jones apresentam cuidadosas respostas desenvolvidas sobre esse assunto. Embora eles argumentem em linhas diferentes, eles começam e terminam quase da mesma forma. Eles compartilham a convicção de que relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo são naturais e satisfatórias, eles argumentam que a Bíblia não dá suporte a uma condenação geral dos mesmos, e eles concluem que a igreja deveria aceitar e afirmar os casais de pessoas do mesmo sexo como valiosos membros da comunidade.

Guy começa sua teologia da experiência sexual afirmando o valor do prazer físico de forma geral e do prazer sexual de forma particular. Ele observa que existe diversidade de preferências sexuais, e insiste em que a qualidade moral delas depende de características tais como mutualidade, confiança e cuidado – e não no sexo do parceiro. De fato, um certo número de figuras bíblicas, tais como David e Jonatas, podem ter se envolvido em relacionamentos homossexuais. Apesar da condenação de certas práticas entre pessoas do mesmo sexo, ele argumenta, a Bíblia como um todo não leva a “conclusão de

que a intimidade física entre pessoas do mesmo sexo é moralmente errada”. Os amplos princípios bíblicos, diferentemente de certas prescrições específicas, apoiam conclusões diferentes, assim como faz no caso da escravidão. Embora o amor entre pessoas do mesmo sexo não leve à procriação, isso não significa que seja inferior ao amor heterossexual, nem quer dizer que “não é natural”. Parceiros do mesmo sexo podem se “complementar” de significantes formas da mesma forma que os parceiros heterossexuais. Finalmente, a oposição de longa data contra o amor entre pessoas do mesmo sexo é atribuída a preconceitos profundamente arraigados e medos, do tipo que estão por trás da discriminação sexual, por exemplo. À luz dessas considerações, Guy conclui, “os cristãos deveriam encorajar suas congregações a dar as boas-vindas, afirmar, e dar suporte a pessoas comprometidas em relacionamentos moralmente apropriados entre pessoas do mesmo sexo”.

Embora ele chegue mais ou menos à mesma conclusão que Guy chega, o caminho de Jones o leva através de uma análise detalhada das declarações mais duras da Bíblia contra as atividades entre pessoas do mesmo sexo: a prescrição de relacionamentos sexuais entre homens no código sagrado de Levítico 17-26, e a condenação das relações entre pessoas do mesmo sexo em Romanos 1.

O código sagrado contém duas referências as relações sexuais entre homens. “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; abominação é” (18:22) “Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue será sobre eles” (20:13).

A passagem de Romanos se refere a homens e mulheres em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. “Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro” (1:26-27).

Para Jones, o código sagrado se refere à identidade especial e responsabilidade do povo Judeu. Consequentemente, isso não se aplica aos membros da igreja. A comunidade cristã é muito mais inclusiva e suas marcas de identidade são bem diferentes.

O tratamento de Jones às declarações de Romanos é mais complicado e extenso. Ele desenvolve três considerações que levam à conclusão de que não devemos interpretar essa passagem como uma condenação de todas as relações entre pessoas do mesmo sexo.

A primeira consideração é o fundo cultural que está por trás da passagem. O que nós temos aqui não é “totalmente a própria voz cristã de Paulo”, mas um resumo das atitudes amplamente utilizadas para pessoas em atividades com pessoas do

mesmo sexo no mundo mediterrâneo antigo. Para os greco-romanos, que consideravam a todos como essencialmente bissexuais, era uma forma dolosa de autoindulgência. Para os judeus, que consideravam a todos como essencialmente heterossexuais, era uma perversão, intimamente ligada a práticas idólatras. Paulo então apela para o ponto de vista amplamente aceito de sua época, ao invés de argumentar a favor, que aqueles que se entregavam a pessoas do mesmo sexo estavam violando a lei natural. A atividade entre pessoas do mesmo sexo era característica de um estilo de vida autoindulgente que não era aceitável nem para judeus, nem para os pagãos sérios.

A segunda consideração nasce de uma cuidadosa análise de Romanos 1:18-32. De acordo com Jones, essa passagem se refere a dois níveis de depravação, um envolvendo impureza cultural, o outro, maldade moral. Pecados sexuais, significativamente, estão localizados somente no primeiro nível, o que indica que Paulo via as relações entre pessoas do mesmo sexo como algo cultural ao invés dos termos morais. Isso é extremamente importante, porque mais tarde em Romanos, Paulo relativiza o esquema todo da pureza cerimonial quando ele declara a respeito dos alimentos, “nada é impuro em si mesmo (14:14). Com isso, o apóstolo reconhece “que a contaminação ritual existe no olho de quem vê”, e indica que as questões cerimoniais, incluindo as relações entre pessoas do mesmo sexo, representam “nada mais do que ocasiões de mútua tolerância em Cristo”. Como os leitores do apóstolo eram tão sensíveis a questões alimentares como somos nós a respeito das relações homossexuais, Jones sustenta que o tratamento de Paulo a eles, oferece um guia para a igreja no futuro.

Uma terceira consideração é a preocupação teológica geral de Paulo. A passagem de Romanos 1 serve a uma função retórica específica dentro da argumentação de Paulo no livro como um todo. Sua preocupação principal é mostrar que a cruz de Cristo cria uma nova realidade no mundo, uma realidade disponível para judeus e gentios. É uma realidade disponível porque todos são salvos sobre a mesma base, que pela graça é recebida mediante a fé, e porque todos têm a mesma necessidade de salvação: todos pecaram. O primeiro passo na fase inicial do argumento – para estabelecer que todos pecaram – é mostrar a merecida ira de Deus sobre o mundo pagão. Este é o ponto em que o seu público-alvo, helenista judeu-cristão que vive em Roma, sem dúvida concorda com ele. Uma vez que ele aproxima este grupo, ele pode passar para a segunda etapa desta fase inicial, e mostrar que eles também, são objeto da ira divina. Com o mundo todo então, estando baixo a condenação divina, ninguém tem vantagem sobre ninguém; todos dependem da graça de Deus para a salvação; e todos por isso, estão em pé de igualdade dentro da nova realidade social que a cruz de Cristo cria, ou seja, a igreja cristã.

Essas três considerações levam a três conclusões. Primeiro, o quadro de referência de Paulo não inclui a noção de uma orientação fundamentalmente homossexual, e muito menos a possibilidade de relacionamentos de amor e compromisso entre pessoas do mesmo sexo. De fato, não foi até muito depois

na história, até o século dezenove na verdade, que as pessoas começaram a entender a maneira sutil em que a sexualidade e a personalidade estão ligadas. Nós temos um entendimento diferente das relações entre pessoas do mesmo sexo hoje – desconhecida e indisponível no mundo mediterrâneo antigo.

Segundo, o contexto cultural da condenação de Paulo sobre os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo em Romanos 1 põe a questão sob uma luz completamente diferente. Paulo relega o sexo homogenital ao nível de observância cerimonial, e em outros lugares que trata de assuntos cerimoniais, os considera como ocasiões para a tolerância mútua em Cristo. Portanto, a preferência por relacionamentos heterossexuais ou homossexuais é o tipo de coisa que deveria ser deixado no nível de consciência individual, e cada membro de igreja deveria respeitar a decisão dos outros.

Terceiro, vendo os contextos literal e histórico, a condenação das relações entre pessoas do mesmo sexo em Romanos 1 se torna uma ilustração específica de um ponto preliminar no extenso argumento de Paulo, não necessariamente a enunciação de um princípio de ligação com seres humanos de todos os tempos. Além disso, o peso do argumento maior em Romanos, bem como nas cartas de Paulo, de forma geral, é quebrar as divisões no mundo antigo, que ameaçavam a unidade entre os cristãos, tais como as diferenças entre judeus e gentios, escravos e livres, e assim por diante.

Então, embora Paulo sem dúvida compartilhasse da visão que seus contemporâneos tinham da homossexualidade, a trajetória e os princípios que ele articula nos deixam uma perspectiva diferente em nosso tempo e lugar. A separação entre o que é limpo e o que não é, é aquela que nos interessa, e quando percebemos que esse é o pano de fundo dos comentários bíblicos sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, e de que um novo entendimento sobre os relacionamentos homossexuais está disponível hoje, isto é, relacionamentos de amor e compromisso, nós deveríamos ser capazes de seguir a lógica do argumento de Paulo e aceitar as pessoas em tais relacionamentos como irmãos membros do corpo de Cristo, trazendo a trajetória da teologia de Paulo para nossos dias, nós deveríamos ver a divisão entre as orientações heterossexual e homossexual como algo que deveria ser superado em Cristo.

Os ensaios de Guy e Jones contêm reflexões teológicas exemplares. Os dois estudiosos estão familiarizados com uma vasta gama de literatura pertinente, profundos em sua interpretação da Bíblia, sensíveis às complexidades da experiência humana, e comprometidos com o bem-estar da igreja.

O propósito desse volume, como eu o entendo, é estimular a discussão do tópico considerando várias perspectivas. Minha tarefa particular é responder às contribuições de Guy e de Jones com esse objetivo em mente. Uma série de outros estudiosos cristãos têm abordado a questão com as mesmas preocupações e compromissos evidentes nas discussões de Guy e Jones. Eles também, tem um forte senso de responsabilidade bíblica e profunda sensibilidade aos aspectos pessoais e emocionais da questão. Ainda assim eles

chegam a conclusões bem diferentes. As questões levantadas nos parágrafos seguintes são retiradas em grande medida a partir do trabalho de dois desses estudiosos, Stanley Grenz e Richard B. Hays.² Eu ofereço a eles (esses parágrafos), não porque concordo plenamente com eles, mas na esperança de que eles vão estender a nossa conversa sobre esta importante questão.

Uma primeira questão diz respeito à conduta teológica adequada à reflexão. Há sempre uma troca na teologia entre a Bíblia e a experiência, e a teologia pode se desenvolver em qualquer direção: Nós podemos começar com a Bíblia e então aplicar seus ensinamentos a nossa experiência, ou começar com uma questão que nossa experiência cria e nos voltarmos para a Bíblia por respostas. Uma questão crítica para qualquer proposta teológica é qual dos dois, a

Bíblia ou a experiência, impõe as normas em última instância. Qual é a última instância de recurso? Por definição, a teologia cristã dá prioridade à Bíblia, então a questão de qualquer proposta concreta é se de fato ela faz isso. Quando perguntamos essas questões do trabalho de Guy e de Jones aqui, eu me encontro suspeitando que a experiência ganha lugar de honra. É verdade que eles olham atentamente para algumas passagens bíblicas, especialmente no caso de Jones. Mas ambos parecem aceitar como um fato certo que as relações entre pessoas do mesmo sexo são apropriadas para os cristãos, porque as pessoas as acham pessoalmente gratificantes. Com esta convicção, eles se voltam para a Bíblia, a fim de “aliviar” os textos bíblicos que falam contra o contato homogenital, e para mostrar que essa atividade não viola as normas bíblicas para o comportamento humano.

Para desenvolver uma perspectiva sobre a sexualidade humana que seja verdadeiramente bíblica, é importante consultar um vasto conjunto de evidências bíblicas sobre o tema. A Bíblia contém declarações importantes sobre a sexualidade que não recebem muita atenção nestes dois ensaios, e alguns deles ostensivamente apoiam conclusões diferentes. Duas das passagens mais importantes aparecem em primeiro lugar na Bíblia em duas histórias da criação. De acordo com Genesis 1, o propósito essencial das relações sexuais é a procriação (Gen. 1:26-28); de acordo com Genesis 2, as relações sexuais atendem a uma necessidade humana profunda de intimidade (Gen. 2:24). Ambas as contas apoiam a visão de que a monogamia heterossexual é o quadro divinamente ordenado das relações sexuais.

Para Grenz, em especial, as contas de Gênesis são básicas para tudo o que se segue na Bíblia sobre a sexualidade, incluindo os pontos de vista de Jesus e Paulo. "As histórias da criação em Gênesis indicam claramente que a heterossexualidade forma a base da dinâmica sexual humana desde o início, uma visão confirmada pelo próprio Jesus. "Para Paulo ... O único modelo adequado das relações sexuais é o formado a partir da história da criação em Gênesis 1-2. De acordo com os preceitos do Código de Santidade, Paulo conclui que este modelo é natural, pois só ele é instituído pelo Criador " Então pode haver só uma conclusão: Visto que a Bíblia apresenta a heterossexualidade

como o projeto de Deus para a criação, não devemos aceitar a homossexualidade como normal ou como uma alternativa no mesmo nível.

Guy lembra que com os contraceptivos disponíveis, a procriação não é mais uma necessidade concomitante da experiência sexual. Mas o fato de que o sexo sirva a outras funções além da procriação, e de que a procriação agora seja uma escolha do casal e não uma coisa inevitável, não significa que o potencial procriativo da atividade sexual seja irrelevante para o seu significado. De acordo com Gênesis 2, o relacionamento é claramente para ser permanente e para estabelecer uma unidade social entre outros na sociedade como um todo.

Guy dá ao prazer físico e à preferência pessoal um proeminente lugar em sua abordagem à sexualidade, embora ele enfatize que o amor entre pessoas do mesmo sexo só é apropriado em relacionamentos de compromisso e cuidado. Mas de acordo com a Bíblia, há mais significado no sexo do que isso. Uma significativa relação sexual, no sentido bíblico, não só envolve mais do que prazer físico e realização pessoal, é também mais do que um acordo privado, de longa duração, entre duas pessoas que procuram satisfazer as suas necessidades físicas e emocionais. As descrições da sexualidade em Gênesis 1 e 2 sugerem que a atividade sexual tem uma finalidade social. As relações sexuais, solidificadas pelos laços emocionais que revelam a intimidade sexual, fornecem os blocos de construção de uma sociedade sólida. (Em outras palavras, é a relação que torna as relações sexuais importantes, e não o contrário.) Em toda a Bíblia, a atividade sexual sempre tem implicações para a comunidade. Como observa Hays, "O Novo Testamento nunca considera a conduta sexual uma questão de interesse puramente privado entre adultos. De acordo com Paulo, tudo o que nós fazemos como Cristãos, incluindo nossas práticas sexuais, afetam todo o corpo de Cristo".

Quando olhamos para o leque de citações bíblicas que tratam da sexualidade, encontramos um padrão consistente. Considere as passagens do Novo Testamento que se referem à expressão "uma só carne" do Gênesis. Eles indicam que a situação adequada para a atividade sexual é uma relação que é permanente (Mt 19:5), séria e não casual (1 Cor. 6:16), e caracterizada por afeto e ternura (Ef. 5:31). Mas também é significativo que cada uma dessas passagens defende a monogamia heterossexual. De fato, enquanto a Bíblia condena uma série de práticas heterossexuais adultério e incesto, por exemplo, todas as passagens em que afirma a atividade sexual se referem a relações heterossexuais. Quando nos voltamos para os trechos que se referem às relações entre pessoas do mesmo sexo, um outro padrão consistente aparece. A perspectiva bíblica sobre eles é decididamente negativa. Na verdade, todos os textos bíblicos que falam da atividade homoerótica, apesar de relativamente poucos, "expressam a desaprovação incondicional", para usar as palavras de Richard Hays.

Jones afirma que a trajetória da teologia de Paulo sugere que a cruz de Cristo, em última análise, torna irrelevante, não apenas divisões entre judeus e gregos,

escravos e livres, homens e mulheres, mas também divisões entre casais do mesmo sexo e casais heterossexuais também. Mas o estudo da Hays sobre os comentários de Paulo sobre a homossexualidade leva a conclusões diferentes. A medida que ele lê o Novo Testamento, as divisões entre relacionamentos heterossexuais e homossexuais não são como as distinções entre judeus e gregos, escravos e livres, homem e mulher. Quando se trata de escravidão e subordinação das mulheres, encontramos as tensões internas na Bíblia e "testemunhas contrapostas" que complicam o quadro. Mas não quando se trata das relações entre pessoas do mesmo sexo. O Novo Testamento continua sendo inequívoco e uníssono na sua condenação da conduta homossexual. Ele não oferece as lacunas ou cláusulas de exceção que podem permitir a aceitação de práticas homossexuais em algumas circunstâncias.

Frequentemente é observado que o entendimento moderno da orientação sexual não era conhecido no mundo antigo, cujos habitantes tendem a julgar as ações, ao invés dos atores. Conseqüentemente, eles não tinham como ver os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo como a expressão de compromisso pessoal profundo. Isso realmente não muda as coisas, de acordo com Hays. "Paulo trata toda a atividade homossexual como evidência clara da trágica confusão da humanidade e da alienação do Deus criador" O fato permanece: Sempre que a Bíblia se refere à atividade homossexual, é para condená-la. Sempre que afirma a atividade sexual, refere-se a um comportamento heterossexual.

E sobre o código sagrado? Ele não é obsoleto para os Cristãos? Não inteiramente, Hays sugere. De acordo com Atos 15, os cristãos deveriam viver de acordo com partes dele, incluindo sua proibição de fornicação (Atos 15:29), por isso, é razoável concluir que as suas disposições sobre a homossexualidade estavam entre eles, mesmo que eles não apareçam explicitamente.

Para os dois, Hays e Grenz, Romanos 1 indica claramente que a homossexualidade é consequência do pecado, uma manifestação da queda que caracteriza a condição humana. Conseqüentemente, eles rejeitam qualquer noção de que relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo sejam uma forma aceitável de comportamento cristão. Isso não significa, no entanto, que a igreja deve categoricamente condenar a homossexualidade em todas as suas formas. Ambos aceitam o ponto de vista, permeando as discussões modernas sobre o tema, que há uma distinção entre uma orientação homossexual e o comportamento homossexual. É geralmente aceito hoje que a identidade sexual é uma característica, em vez de uma escolha, o resultado de fatores complexos de trabalho ao longo do tempo nos anos de formação de uma pessoa. De fato, as pessoas geralmente apelam para esse conceito para justificar que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo são expressões "naturais" da identidade sexual essencial de uma pessoa. Grenz e Hays aceitam a premissa, mas rejeitam a conclusão. Eles concordam que as pessoas não são capazes de escolher uma orientação sexual homossexual, mas negam que isso lhes dê direito a participar em relações com pessoas do mesmo sexo.

A distinção entre uma orientação homossexual e o contato homogenital é particularmente importante para Grenz. Ele vê uma clara diferença entre disposições humanas e as ações humanas. Muitas de nossas disposições, argumenta ele, são manifestações de nossa condição caída e será restaurada quando este mundo terminar. Ações pecaminosas, entretanto, são uma questão diferente. "A condenação de Deus não repousa sobre disposições humanas próprias, mesmo que participem da queda humana, mas em ações que fluem a partir delas."

Então, mesmo que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo pareçam "naturais" para algumas pessoas que se sentem atraídas pelo mesmo sexo por disposição, isso não as faz moralmente aceitáveis. "Ética não é apenas uma apologia do que vem naturalmente" diz Grenz. "Nossas inclinações naturais não são um guia seguro para a conduta humana própria, mas são parte de nossa queda". "Mesmo que algumas pesquisas concluam que os homens são naturalmente promíscuos" ele observa, por comparação, "Esta suposta inclinação natural não põe de lado a ética bíblica de fidelidade." Eu suspeito que Guy e Jones sem dúvida, apoiariam este princípio, dada a sua ênfase na importância de relacionamentos de compromisso e amor.

É importante lembrar que a responsabilidade "pessoal não é limitada a questões em que se exerça a opção completa, "se esta consiste em atos particulares ou pecado em geral. Somos escravos do pecado e ainda assim somos responsáveis, se este resulta de nossas escolhas pessoais, conscientes ou não. "A Bíblia ... Não procura desculpar pessoas, na base da sugestão de que eles não são responsáveis, porque não optaram conscientemente por ser do jeito que são," Grenz argumenta. "Pelo contrário, a resposta que a Bíblia oferece é a graça de Deus, tornando-se ativo em meio a nossa queda, fracasso e pecado."

A questão no entanto, persiste. O fato da experiência não demanda simplesmente que os Cristãos desenvolvam uma revisão da interpretação da sexualidade, assim como a igreja antiga revisou seu entendimento sobre a adesão adequada na comunidade cristã e inclusão dos gentios? Não de acordo com Hays. Ele admite que o argumento mais forte para a aprovação das relações do mesmo sexo na igreja é o testemunho de pessoas que vivem em um relacionamento estável e amam pessoas do mesmo sexo e reivindicam experimentar a graça de Deus neles. Mas, argumenta ele, a analogia desmorona quando nós examinamos a forma como os Cristãos do Novo Testamento responderam à conversão dos Gentios. Não foi só a experiência dos gentios que os convenceu. Eles examinaram cuidadosamente as Escrituras e descobriram um novo significado nos textos sobre a intenção de Deus de salvar todas as pessoas. No caso dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, a igreja como um todo não fez isso. Em vez disso, o testemunho uniforme da igreja e da tradição cristã é que "a homossexualidade é um, dentre os muitos sinais trágicos de que somos um povo caído, alienado do propósito amoroso de Deus".

Se há uma conclusão incontroversa que podemos tirar de tudo isto, é: Há grande divergência sobre a questão. Por um lado, há aqueles que, como Guy e Jones, argumentam que atividades eróticas entre pessoas do mesmo sexo são apropriadas para os cristãos, no âmbito das relações de compromisso e amor. Por outro lado, existem aqueles que, como Grenz e Hays defendem que todo o contato homogenital é inaceitável para os cristãos, independentemente da sua orientação sexual.

Com pontos de vista profundamente arraigados em ambos os lados da questão, onde é que isso nos deixa? Como a Igreja de hoje deveria responder a seus membros que tem uma orientação sexual homossexual? O que a Igreja deveria dizer sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo? Vamos concluir listando algumas respostas diversas. Em cada caso, também teremos uma nota de um problema familiar apresentado.

1. As relações homossexuais são pecaminosas e a atração sexual por pessoas do mesmo sexo também. As pessoas com orientação homossexual devem procurar reverter isso.

Problema: É amplamente aceito que a orientação sexual não é uma questão de escolha, e as tentativas de "mudar de orientação" são notoriamente ineficazes.

2. Relações entre pessoas do mesmo sexo são perfeitamente naturais. Elas cumprem a finalidade essencial da sexualidade tão bem como as relações heterossexuais fazem. Casais do mesmo sexo são tão capazes de sustentar relacionamentos exclusivos como heterossexuais. Eles são tão bons pais quanto os heterossexuais. Eles são tão bons membros da igreja quanto os heterossexuais. A Igreja deve acolher as pessoas da sociedade que estão envolvidas em relações de amor e compromisso com alguém do mesmo sexo.

Problema: O testemunho bíblico afirma uniformemente relações heterossexuais e condena as atividades entre pessoas do mesmo sexo.

3. Embora a igreja deva condenar o comportamento homossexual, não deveria excluir as pessoas simplesmente por que eles têm uma orientação homossexual. Pelo contrário, ela deveria dar as boas-vindas a eles dentro da comunidade e abrir suas posições de liderança a eles, com a importante condição, entretanto, de que eles devem permanecer celibatários. Há outras coisas que a Igreja deveria fazer, também. Deveria evitar tratar os pecados sexuais como piores do que os pecados de outros tipos. Em particular, a Igreja deveria desenvolver uma perspectiva sobre a sexualidade que afirmasse o ser solteiro e o celibato como meios para a satisfação pessoal. Isso é especialmente importante em vista da cultura

saturada de sexo em que vivemos, onde a falta de atividade sexual é considerada como uma carência enorme.

Problema: É insensível da parte das pessoas naturalmente heterossexuais dentro de relacionamentos satisfatórios, negar a satisfação de que gozam àqueles, cuja orientação homossexual é perfeitamente natural para eles. (Em contraste, a igreja espera que os solteiros heterossexuais permaneçam no celibato até o casamento).

4. A homossexualidade não é parte da ordem das coisas que Deus quis, e a Igreja não pode dar às relações entre pessoas do mesmo sexo a aprovação oficial que dá ao casamento heterossexual. No entanto, as pessoas em relacionamentos de compromisso não devem ser excluídas da comunhão cristã, mesmo que a sua situação doméstica não se enquadre no ideal bíblico. Relações de compromisso entre pessoas do mesmo sexo são certamente preferíveis à promiscuidade. Talvez a abordagem da Igreja aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo deveria assemelhar-se a sua atitude em relação ao divórcio. Não é o ideal, mas sob certas circunstâncias, pode ser preferível às alternativas.

Problema: Essa posição provavelmente satisfaria a poucas pessoas e ofenderia a muitos, especialmente àqueles que encontram grande satisfação nos relacionamentos com o mesmo sexo.

5. Hays sugere outra possibilidade que pode parecer surpreendente, tendo em vista a sua franca oposição às relações do mesmo sexo. Ele reconhece a presença no meio da comunidade cristã de pessoas que têm convicções diferentes das suas. "Há cristãos sérios que com sua consciência acreditam que a atividade erótica entre pessoas do mesmo sexo está em harmonia com a vontade de Deus". Em uma área de questões tão difíceis, ele argumenta, "devemos receber uns aos outros como irmãos e irmãs em Cristo e trabalhar decidindo nossas diferenças através da reflexão conjunta sobre o testemunho das Escrituras". Em outras palavras, vamos afirmar uns aos outros como irmãos na fé e, juntos, buscar uma compreensão mais clara desta questão difícil.

Problema: Isto parece ficar aquém do testemunho direto contra atividade do mesmo sexo que a Bíblia apoia.

Qual destas abordagens devem os Adventistas do Sétimo Dia tomar, se é que devem tomar alguma? Pode haver alguns membros da Igreja que ainda tomam o primeiro, mas não tem grande apoio, pelo menos não mais. Grenz os favorece, mas suas recomendações, notadamente carecem de entusiasmo. Guy e Jones tomam a segunda abordagem, e deve haver um número de pessoas que concorda com isso, mas eles são provavelmente uma distinta minoria na igreja. A terceira abordagem deve ter o maior apoio na Igreja, pelo menos nos países

onde o problema é discutido abertamente. E embora elas deixem muita gente insatisfeita, as abordagens 4 e 5 podem fornecer uma via média de muita ajuda. Ambos ficam aquém do endosso que Fritz Guy pede, mas qualquer um deles é preferível ao opróbrio e à estigmatização a que lésbicas e gays têm sido muitas vezes submetidos.

A despeito de nossa aversão tradicional aos relacionamentos de pessoas do mesmo sexo, nos anos recentes nós como igreja temo-nos tornado mais abertos à complexidade da sexualidade humana e capazes de considerar respostas mais úteis. Ao fazermos isso, temos de afirmar a plena humanidade de todos os filhos de Deus e tratar aqueles que discordam de nós, na orientação e na convicção, como irmãos e irmãs em Cristo.

Questões para discussão

1. A teologia de Fritz Guy sobre sexualidade começa com uma afirmação de que o prazer físico é intrínseco a experiência humana. Como isso afetaria tal teologia se alguém comesse com o princípio de que toda conduta humana, como comer e beber, e a atividade sexual também deveria glorificar a Deus?

2. De acordo com as duas primeiras descrições da sexualidade humana que aparecem na Bíblia (Genesis 1 e Genesis 2) atividade sexual preenche duas importantes funções: procriação e intimidade pessoal. Como uma teologia da sexualidade se desenvolveria se alguém desse tanta atenção ao primeiro quanto ao segundo?

3. Fritz Guy rejeita a ideia de que a igreja deveria acolher, mas não afirma pessoas envolvidas em parcerias entre pessoas do mesmo sexo. Tal abordagem, entretanto, fornece uma via possível entre a afirmação calorosa que ele pede e a fria rejeição que muitos receberam da igreja? É possível afirmar o valor do ser humano, dar as boas-vindas a eles em comunhão, sem aprovar suas atividades sexuais?

4. Entre Adventistas do Sétimo Dia, atividade sexual tradicionalmente foi restrita a sanções sociais, bem como a relacionamentos pessoais de compromisso. Nós temos encorajado, se não requerido, que as pessoas esperem até o casamento para se envolver em intimidade sexual. Quando Fritz Guy chama os cristãos a “dar as boas-vindas, afirmar e apoiar pessoas envolvidas em relacionamentos apropriados entre pessoas do mesmo sexo, ele quer dizer que a expressão formal de compromisso é necessária? Por acaso ele está chamando pastores adventistas a realizarem casamentos entre pessoas do mesmo sexo?

5. Há uma distinção familiar em discussão sobre sexualidade entre atividade sexual e orientação sexual. O argumento usual é de que enquanto a orientação sexual não é uma escolha, a atividade sexual é, e atividade sexual apropriada tem lugar apenas em harmonia com uma orientação. De acordo com Fritz Guy,

entretanto, a qualidade moral da intimidade sexual entre pessoas do mesmo sexo não depende da orientação sexual. Isso significa que é apropriado para uma pessoa de orientação basicamente heterossexual se envolvesse em um relacionamento entre pessoas do mesmo sexo se ele escolhesse fazer isso?

6. Enquanto Fritz Guy repetidamente usa as palavras “cuidados e comprometido” para descrever relacionamentos sexuais apropriados, ele não fala deles como “exclusivos”, mas ao invés disso como “não-competitivos”. Essas duas expressões são equivalentes? Se não, seu argumento parece permitir atividade sexual envolvendo mais de dois indivíduos, desde que todos os participantes sejam “comprometidos e cuidadosos” – comprometido com o(s) relacionamento(s) e igualmente cuidadosos com todos os outros envolvidos. Podem duas pessoas que estão envolvidas em intimidade física como expressão de seu amor aprovar a intimidade física com outras pessoas para expressar o amor também? (Por exemplo, imagine um trio de intimidade sexual compreendendo dois homens bissexuais e uma mulher heterossexual, ou um arranjo polígamo aceitável para todas as partes como o retratado na série HBO “Big Love”)

7. Pelo menos um dos exemplos de possível amor entre pessoas do mesmo sexo mencionado por Fritz Guy, Davi e Jonatas, envolve alguém que era ativamente heterossexual. Isso implica que alguém pode estar envolvido tanto em um relacionamento heterossexual quanto em um homossexual sem violar o critério moral que ele mencionou?

8. Dada a divisão das questões sobre o amor entre pessoas do mesmo sexo (conforme a igreja Episcopal), Fritz Guy prevê alguma forma de se mover em direção a uma aceitação aberta de casais homossexuais entre os Adventistas do Sétimo Dia sem fragmentar a igreja?

Notas e Referências

1. Seria necessária uma dissertação, pelo menos, enquanto este examinasse a terminologia empregada nas muitas discussões sobre esta questão. Estou certo de que existem conotações para as várias expressões que uso, que alguns acharão censuráveis, e peço desculpas antecipadamente. Deveria ser óbvio para o leitor que esse assunto está amplamente fora dos meus conhecimentos. Na maioria das vezes, no entanto, em diferentes partes da discussão sigo a liderança das figuras cujo trabalho considero, como “mesmo sexo” e “homossexual”, que são consideradas aqui como sinônimos. Um esclarecimento pode ser útil. Quando falo em “relações entre pessoas do mesmo sexo”, tenho em mente atividades eróticas entre pessoas do mesmo sexo e quando falo em “relações do mesmo sexo”, estou falando sobre a estrutura emocional e social mais ampla na qual essas tomam lugar. Essa distinção é paralela àquela entre “relações sexuais”, que se refere a algum tipo de contato genital, e “uma relação sexual”, que normalmente se refere a algum tipo de arranjo em andamento.

Muitas pessoas que se envolvem em relações sexuais estão desconectadas de qualquer coisa que possa ser chamada de "relacionamento".

2. Grenz devota um capítulo a homossexualidade na parte 3, "Singleness as an Expression of Human Sexuality". **Sexual Ethics: An Evangelical Perspective.** Louisville, Ky.: Westminster John Knox, 1990. 223–46.

Parte 5
Perspectivas Sociais Cristãs

Parte 5 – Capítulo 1

Normas Sexuais Cristãs Para Hoje: Algumas Propostas

Por: David R. Larson

Existem muitas formas de se insultar homens e mulheres heterossexuais e homossexuais hoje. Uma delas é afirmar ou sugerir que é impossível para nós viver uma vida sexual responsável. Outra é deixar a impressão de que é desnecessário para nós, fazermos isso. As duas alegações são falácias.

Quer sejamos heterossexuais ou homossexuais, aqueles de nós que somos cristãos temos de prestar contas a nós mesmos, aos outros, e a Deus sobre como nós agimos e pensamos sexualmente. Porque nosso desejo sexual e o prazer podem ser tão intensos, e porque as consequências de desfrutar desse prazer podem ser positivas ou negativas, em nossa vida e na vida de outros, é nossa incumbência pensar claramente e agir da forma mais honrosa possível.

Esse capítulo propõe algumas normas éticas que nós cristãos podemos aplicar a nossas atividades sexuais. Aqueles que estudam ética militar com frequência distinguem entre as normas que determinam quando ir para a guerra (*Jus ad bellum*) e as normas que dizem respeito à quando decidimos pegar em armas (*Jus in bello*). Embora os dois conjuntos de ética sejam importantes, eles são diferentes. Como forma de analogia, esse capítulo não é sobre se nós devemos ser sexualmente ativos, mas sobre como nós devemos nos conduzir quando somos sexualmente ativos. No entanto, maior clareza sobre isso pode nos ajudar a decidir quando nós devemos ser sexualmente ativos em primeiro lugar.

A Prioridade dos Relacionamentos

Muitas vezes ouvimos que no mercado imobiliário os três fatores mais importantes são localização, localização e localização. As três considerações mais importantes na ética sexual cristã são relacionamento, relacionamento e relacionamento. Nada importa mais, ou tanto. A primeira questão diante de nós não é se o ato sexual é certo ou errado, mas se o relacionamento onde ele está inserido é bom ou ruim. Relacionamentos são primários, atos, embora sejam importantes, são secundários.

Muitos de nós tentamos discutir a moralidade do ato sexual particular com pouca ou nenhuma consideração para com os relacionamentos em que eles ocorrem. Explorar a ética sexual cristã começando com tais questões é um erro. Este método geralmente leva a respostas que deixam perplexo mais do que

convencem, e tais resultados indevidamente nos permitem impor os nossos gostos e aversões sexuais sobre os outros. Quando as violações sexuais ocorrem, elas ocorrem como atos dos relacionamentos que são deficientes ou deformados de formas específicas. Esses relacionamentos merecem nossa atenção ética primária. Uma das magníficas obras de arte a céu aberto na Filadélfia é a Claes Oldenburg's Kiss, uma gigantesca escultura de prendedores de roupa que têm vários andares acima de tudo o que se vê. Apesar de sua beleza provocante, esta estátua é incapaz de nos dizer se o encontro que comemora é eticamente honroso, porque não diz nada sobre a relação em que ela ocorre. Dependendo da bondade ou da maldade desse relacionamento, o beijo pode ser bom eticamente correto ou errado. Quando se trata de ética sexual cristã, o relacionamento conta mais do que tudo.

Relacionamentos e Amor

A maioria dos cristãos hoje defende que as relações sexuais devem ser caracterizadas pelo amor verdadeiro. Se ele é assim, nós acreditamos que o relacionamento é honroso, se ele não é, nós o julgamos como desonroso e perigoso.

A convicção de que os relacionamentos sexuais devem se caracterizar pelo amor genuíno nem sempre foi acreditada e praticada, mesmo por aqueles em nossa herança cristã. Onan, por exemplo, foi condenado porque praticou o coito interrompido ao invés de engravidar a viúva de seu irmão. (Gen. 37: 1-30).¹ De acordo com a lei do casamento em Levítico, ele tinha o dever de ajudar a esposa de seu irmão morto a conceber, independente de que ele sentisse qualquer amor particular por ela. Provavelmente isso era para dar posteridade a seu irmão falecido e, portanto, uma espécie de imortalidade, e para prover à viúva de seu irmão filhos que pudessem lhe trazer alegria e cuidado em sua velhice.² A concepção era primária, a afeição secundária.

Centenas de anos depois, Martin Luther perguntou o que ele deveria dizer a uma mulher cristã que tinha o infortúnio de ser casada com um homem impotente que se recusava a dar-lhe o divórcio. Ele deveria se entregar a outro homem, Luther escreveu, talvez seu cunhado, e atribuir os filhos desse relacionamento a seu marido. Ele “deve conceder esse direito a ela, permitindo-lhe o coito com outro, pois ela é sua mulher em um sentido formal e irreal de qualquer maneira” ele escreveu.³ Se o marido se recusar a permitir isso, ela deve se sentir livre para contrair outro matrimônio e se mudar para algum lugar distante. “Que conselhos podem ser dados em uma constante luta com os perigos de suas próprias emoções naturais”?⁴ Satisfação, e não afeição, era a preocupação primária de Luther. Embora possamos identificar outras instâncias como essas nas escrituras e em outros lugares, e mesmo que a idealização do amor romântico tenha sido desenvolvida de forma relativamente recente, a maioria dos cristãos

de nosso tempo defendem que o amor deveria permear todos os relacionamentos sexuais.

Esse amor é afeição por uma pessoa em particular em toda a sua individualidade idiossincrática. Isso difere do tipo de amor sobre o qual Diotima instruiu Sócrates no simpósio de Platão.⁵ Ela disse que deveria haver uma ética progressiva na qual nós deveríamos começar com amor por uma pessoa em especial a medida que amadurecemos deveria se tornar um amor pela beleza em geral. Talvez tomando seu ponto de vista de forma muito severa é como se nós disséssemos a quem amamos, “eu não amo você querido; eu amo a eterna beleza na qual você é um exemplo parcial e passageiro”!

Isso não é o que nós cristãos temos em mente. O tipo de amor que nós procuramos é direcionado para alguém como uma pessoa finita e falível, com toda a alegria e tristeza que isso implica. Nós não amamos alguém como o pensamento de que ele ou ela é um momento pelo qual nós amamos a excelência atemporal. Nós amamos essa pessoa. Nós amamos a *ele* ou a *ela*.

A crença de que os relacionamentos sexuais deveriam ser caracterizados pelo amor é relevante para nosso entendimento dos textos nas escrituras que condenam a conduta homossexual.⁶ Especialistas nessas línguas, costumes, e contexto histórico continuam a estudar o tipo preciso de atividade que cada passagem rejeita; como eles deveriam fazer.

Será que esta parte das Escrituras condena a exploração homossexual desenfreada, a prostituição no templo, a conquista militar, a proteção territorial, a experimentação homossexual por heterossexuais, a exploração de jovens, feita por adultos prósperos e altamente educados, ou um de uma série de outras possibilidades?

Os escritos de Paulo são particularmente intrigantes nessa questão. Ele condena as práticas homossexuais femininas e masculinas em uma passagem (Rom. 1:1-32) e os homens que usam cabelos compridos em outra (1 cor. 11:2-16), os dois em grande parte por serem contrários a natureza.⁷ Embora hoje nós devêssemos aplicar as duas passagens de forma universal, ou as duas de forma local, ou mesmo uma de forma local e outra de forma universal é uma questão que a evidência bíblica – e não nossas ideias pré-concebidas – deveria decidir de uma forma ou de outra. Sem comprometer a prioridade das escrituras nós deveríamos também consultar evidências de outras áreas tais como história, ciência, filosofia e experiência.⁸

Embora todas as sentenças interpretativas não estejam ainda aqui, é possível notar duas coisas: (1) as escrituras condenam os atos homossexuais, e (2) em nenhum lugar se dirige aos atos que acontecem em relacionamentos amorosos. É bom saber tanto quanto possível sobre o que o autor tinha em mente; entretanto, para os propósitos desse capítulo, é suficiente saber isso.

Amor Como Lealdade Intensa

Embora o Velho Testamento da Bíblia utilize várias palavras para amor, a mais rica e distintiva é *chesed*. Variavelmente traduzido como "benevolência", "misericórdia", "gentileza" "bondade", "amor", "amor inabalável", "implacável amor" e "amor da aliança", seu significado em hebraico é tão básico e poderosos que nenhuma tradução ou combinação de palavras traduz plenamente o seu significado. No entanto se escolhermos uma única expressão, "lealdade intensa" seria provavelmente a tradução.⁹

Zelo aparece 270 vezes nas escrituras. As mais ou menos 70 vezes que ela aparece nos salmos são especialmente reveladoras porque quase sempre se referem a afeição apaixonada e persistente de Deus para com o povo de Israel e, por meio deles, a todos os outros. Um salmo, por exemplo, celebra o amor incansável de Deus na medida em que os líderes de culto e suas congregações ainda leem responsabilmente. Cada citação de uma das atividades de Deus é seguida por, "porque a sua benignidade dura para sempre" (Sal. 136). Esse amor é "fixo, determinado, quase obstinado". "É o amor certo, amor inabalável". Abrange "fidelidade, firmeza, verdade, adesão firme e determinada à fidelidade a aliança". É "a força, a firmeza e a persistência do amor certo de Deus".¹⁰

Nenhum tema é mais central para a vida e o pensamento hebreu.

Três famosos relacionamentos nas escrituras ilustram esse tipo de amor em ação. A história de Rute e Noemi é o relato de uma viúva que deixou sua terra natal e se estabeleceu em uma cultura diferente, acima da lealdade para com a sogra. "Não me instes para que te abandone" ela pediu, "e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus; (Rute 1:16). A história de Davi e Jonatas é sobre dois homens que poderiam ter lutado entre si até a morte, pois um era filho do rei e o outro um oponente. Mas Davi, o pastor, e Jonatas, o príncipe, formaram uma amizade intensa que resistiu apesar de todas as probabilidades. Depois que Davi se tornou rei, e Jônatas, o herdeiro legítimo do trono, havia morrido na batalha, David arranhou para que o filho aleijado de Jônatas, Mefibosete, vivesse na casa real. "Usarei contigo de benevolência por amor de Jônatas, teu pai". (2 Sam. 9:7), ele declarou. A história de Oseas e Gomer é o retrato de um homem que persistiu e amar e cuidar de sua esposa a despeito de sua flagrante infidelidade. As escrituras dizem que o doloroso, mas constante amor de Oseas era como o amor de Deus, que "como o SENHOR ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses, e amem os bolos de uvas". (Os. 3:1).

Aliança é uma palavra das Escrituras utilizada frequentemente em conexão com essas relações. Quando é descrita como um acordo entre duas partes em que um ou ambos fazem promessas, sob juramento, de praticar ou abster-se de certas ações previamente estabelecidas. Isso soa muito como um contrato moderno de negócios que especifica os requerimentos mínimos legais que o

sistema jurídico irá impor.¹¹ Às vezes, os convênios antigos eram formais e friamente legalistas. Mais frequentemente, eram promessas emocionalmente exuberantes que prometiam fidelidade e iam muito além do que era minimamente requerido. Nesses casos, o convênio era uma promessa emocional e solene de ser fiel; Era uma promessa de honra não só para aquele a quem se fazia a promessa, mas também para aquele que a fazia.¹²

Josiah Royce, o primeiro filósofo nato da Califórnia, provavelmente explorou o significado moral e a importância da lealdade mais profundamente do que qualquer outro pensador moderno. Ele o descreveu como um supremo bem moral, aquele do qual todos os outros derivam e encontram significado. “A lealdade, quando a lealdade é adequadamente definida”, escreveu ele, “é o cumprimento de toda lei moral”.¹³

No início de seu estudo, Royce define lealdade como “a devoção e a disposição profunda de uma pessoa para com uma causa”.¹⁴ Tal devoção completa é admirável mesmo quando a causa à qual ela se direciona não é. Por exemplo, os ladrões que são leais, certamente recebem mais admiração de nós do que aqueles que traem uns aos outros.

Royce passa a falar em uma linguagem que ecoa as escrituras, elogiando a fidelidade à aliança, sem na verdade citá-la, a lealdade é mais verdadeira quando se dedica a causas louváveis, e a melhor delas é a fidelidade a fidelidade em si. Nós deveríamos ser leais à lealdade, ele argumenta. “Ao escolher e servir à causa a qual se é leal seja, em todo caso, leal à lealdade”.¹⁵

“Lealdade à lealdade” pode soar muito abstrato, talvez até similar ao ensinamento de Diotima, exceto que Royce põe a “lealdade” onde ela falou de “beleza”. Embora possa parecer ser assim, sua visão parece importantemente diferente. Royce assegura que ao selecionar a causa a qual nós seremos leais devemos selecionar aqueles que irão também ajudar e promover a prática da fidelidade em nós e nos outros. Tudo o que fazemos que aumenta a nossa própria lealdade e possibilita e incentiva uma maior fidelidade nos outros é eticamente correto; tudo o que não faz isso é errado.

Muito parecido com o elogio que as escrituras fazem à fidelidade à aliança, Royce declara que a lealdade é mais do que a devoção que as pessoas podem ter umas pelas outras. É algo de próprio, é um fator adicional que inclui e sustenta aqueles que são leais uns aos outros. “Amantes leais”, ele escreveu, “não são leais um ao outro como indivíduos separadamente, mas ao amor deles, à união deles, que é algo mais do que qualquer um deles, ou mesmo do que ambos vistos como indivíduos distintos”.¹⁶

Esse algo mais é o que falta em muitas das relações sexuais de hoje, assim como nas de todas as gerações. Voyeurismo e exibicionismo são casos assim, porque por definição, não dependem de intensa lealdade na relação entre as partes. A mesma coisa pode ser dita sobre coprofilia, necrofilia, piromania, fetichismo, bestialismo, fricção em público, sexo grupal, clismafilia, obscenidade,

pornografia e prostituição. Nenhuma das relações onde isso ocorre personificam qualquer coisa análoga ao amor inabalável de Deus.

A fornicação ocorre quando nós intencionalmente excluimos a lealdade intensa de nosso relacionamento sexual. Tais relações alienam o poder sexual da pessoa do resto dela. Elas alienam a totalidade de uma pessoa em relação à totalidade do parceiro. Essas ligações também nos alienam de Deus porque elas são o contrário do amor inabalável de Deus por nós.

O adultério é deslealdade ou infidelidade. Isso é pior do que a fornicação porque ofende mais o que significa ser leal:

Os piores epítetos são reservados para o pecado da traição.

Piores que assassinato, piores que incesto; traição ao país leva a menosprezo universal. Traição a um amante é considerado por muitos como uma violação irremediável. Para os religiosos, traição a Deus é o pecado supremo. As formas específicas de traição – adultério, traição e idolatria – todas são consideradas um mal.¹⁷

A fornicação é a recusa a uma lealdade intensa; o adultério é a sua destruição. É por isso que nas escrituras o adultério é frequentemente uma metáfora para a perversidade da humanidade de forma geral.

Algumas recentes modificações na proposta de Royce sobre lealdade ajudam a distinguir entre suas expressões máxima e mínima.¹⁸ No mínimo aqueles que são leais, não traem. Muitas pessoas intensamente leais vão além e fundem as suas vidas em novas entidades sociais que se tornam células no corpo da sociedade, sem eliminar a individualidade de cada pessoa. Isso é o que queremos dizer quando falamos que as relações sexuais devem ser caracterizadas pelo amor, e quando nós especificamos isso, entre outras coisas, nós cristãos entendemos que esse amor deve ser de intensa lealdade.

Amor Como Respeito Mutuo

Quando se trata de palavras para amor, o termo grego *ágape* é tão importante no Novo Testamento da Bíblia como a palavra hebraica *Chesed* no Velho Testamento. Seu significado na linguagem grega antes do tempo de Cristo não é certo, provavelmente porque não era utilizado com frequência. Isso torna mais surpreendente que *ágape* tenha se tornado tão amplamente identificado com o movimento cristão. Muito mais do que *philia* (amor fraternal), *eros* (paixão pela verdade, beleza e bondade), e *epithymia* (desejo sexual), o termo se tornou uma contribuição cristã distintiva.²⁰

Entender *ágape* como respeito mútuo é provavelmente a melhor maneira de que alguns comandos bíblicos façam sentido hoje:²¹ “Portanto, tudo o que vós quereis

que os homens vos façam, fazei-lo também vós, porque esta é a lei e os profetas” (mat. 7:12). Manda um. “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo” (Lc. 10:27) declara outro. Alguns se referem a isso como a regra de ouro e como sua alternativa negativa “Não façam com os outros, o que vocês não gostariam que fizessem com vocês”, como a regra de prata. Entretanto, nós não devemos exagerar a diferença entre eles porque ambos exibem a lógica do respeito mútuo.²²

Isso começa com a suposição expressa ou não expressa que deve ser logicamente consistente.²³ Em seguida ele afirma que quando somos saudáveis, todos nos tratamos com respeito. Nós nem sempre admiramos o que nós dizemos e fazemos ou honramos o caráter que nós desenvolvemos; entretanto, nós valorizamos nossas vidas e nós as protegemos e preservamos tanto quanto possível. Embora não sejamos necessariamente egoístas de formas eticamente inaceitáveis, em certa medida todos nós temos interesses próprios.

A lógica do respeito igualitário também requer de nós que sejamos tão honestos e precisos quanto possível sobre as formas como somos semelhantes e diferentes e quando essas variações são importantes. Quando se selecionam pessoas para ser cirurgiões, por exemplo, é vital notar que alguns de nós podem ver e outros não, e selecionar os que podem, por exemplo. A dificuldade é que nós com frequência aplicamos considerações irrelevantes. Se alguém que quer se tornar um cirurgião é ocidental ou oriental não é pertinente e não deve ser tido em conta, mesmo que no passado fatores como esses tenham sido considerados. As qualificações da pessoa deveriam ser a única consideração. Com relação a tratar as pessoas com respeito igualitário, o fator que conta mais é que somos todos seres humanos. A humanidade que nós partilhamos é a consideração mais pertinente.

Porque não existe diferença eticamente relevante entre a humanidade de uma pessoa e a de outra, as exigências de coerência lógica exigem que tratemos os outros e a nós mesmos com o mesmo tipo de respeito. Justificar qualquer outro tipo de ação é ser tão irracional que nada mais do que digamos pode ser levado a sério. Um professor que dá notas diferentes a alunos que se saem igualmente bem em um teste age de forma inconsistente e ilógica. Nós não podemos defender tal conduta.

Na discussão de como os maridos devem tratar suas esposas, a carta aos efésios oferece a exposição mais notável da lógica do respeito igualitário: “Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos” (Ef. 5:28-30). Nós com frequência discutimos essa e outras passagens de pontos de vista históricos e linguísticos. Nós fazemos bem em analisar isso desde o ponto de vista da ética também.

Quando analisamos essas passagens do ponto de vista da ética, a primeira coisa que notamos é que a sua linha de raciocínio depende da suposição não expressa de que nosso pensamento moral deve ser logicamente consistente. Isso nos lembra que, na verdade, todos nós, nesse caso todos os maridos particularmente, prezamos nossas próprias vidas.

Trazer isso a nossa atenção, argumenta que, amando sua esposa, o marido ama a si mesmo, provavelmente porque, para os fins desta discussão, marido e mulher são idênticos em todos os sentidos eticamente relevantes. A conclusão decorre necessariamente: com respeito à questão em mãos, não existe diferença eticamente pertinente entre ele e sua esposa. Ele é obrigado a prezá-la também. Não a tratar com respeito mútuo seria logicamente inconsistente.

Mais do que qualquer outro pensador desde o iluminismo, Immanuel Kant colocou o princípio do respeito igualitário na frente e no centro.²⁴ Uma versão de sua imperativa categórica nos obriga a agir de modo que os princípios que informam nossas ações possam ser feitas dentro das leis universais sem contradizer-se. Uma segunda versão manda que nos tratemos com humanidade, quer encontremos isso nos outros ou em nós mesmos, como princípio e nunca meramente como um meio. Em outra versão do seu imperativo categórico, Kant afirma que devemos agir como se estivéssemos vivendo em um reino em que nós somos os únicos que fazem as leis e aqueles que têm de obedecê-las. O ponto dessas três versões dos imperativos categóricos de Kant é que a coerência lógica nos obriga a tratar os outros como nós, inevitavelmente, queremos que eles nos tratem.²⁵

Por causa dos relacionamentos sexuais nos quais o estupro acontece é a pior e mais clara violação do amor como respeito mútuo, eles merecem nossa atenção. Mais uma vez, nós começamos com a presunção de que nós deveríamos pensar e agir de forma consistentemente lógica. Nós então nos lembramos de que nós todos valorizamos nossa própria vida ou, nas palavras das Escrituras não odiamos, mas nutrimos e cuidamos delas com ternura. Isso significa que nenhum de nós pode aceitar sofrer abuso, porque ninguém pode querer experimentar algo que, na verdade, ele ou ela não vai experimentar! Além disso, com relação a esta questão, não há diferença relevante entre os outros e nós. Isso torna a conclusão inevitável. Abusar de alguém é algo que nós não podemos fazer a nós mesmos. Se a consistência lógica é eticamente obrigatória, já que esta foi a linha de raciocínio assumida até aqui, a relação em que a violação ocorre é eticamente errada.

Na medida em que, em qualquer caso específico, elas são moralmente semelhantes ao estupro, as relações sexuais em que uma série de outras práticas acontecem também merecem a nossa reprovação ética. Isso inclui a pedofilia, o incesto, o sadomasoquismo, a poligamia, poliandria, o chauvinismo masculino ou feminino, e o assédio sexual no trabalho em qualquer das suas formas reconhecidas: avanços indesejados e ambientes inaceitáveis. Isso também se aplica a relacionamentos sexuais entre profissionais e as pessoas a

quem eles servem: pastores e fiéis, professores e estudantes, profissionais da saúde e pacientes, terapeutas e clientes, consultores de investimentos e capital de risco. Nem todo relacionamento sexual que se desenvolve nesses contextos é moralmente idêntica ao estupro; entretanto, muitos deles presumivelmente são, e deveríamos considera-los como algo inaceitável.²⁶

Embora ágape seja o princípio do respeito igualitário, é também muito mais que isso:

Amor é se regozijar sobre a existência do ser amado; é o desejo de que ele seja melhor do que é; é a saudade de sua presença quando ele está ausente; é a felicidade quando se pensa nele; é a profunda satisfação sobre tudo o que o faz grande e glorioso. Amor é gratidão: é a gratidão pela existência do ser amado; é a aceitação feliz de tudo o que ele dá sem o sentimento de ciúmes de que a própria pessoa deveria ser capaz de fazer o mesmo; é gratidão que não busca igualdade; é saber do presente que a companhia dos outros é para si mesmo; Amor é reverência: mantém sua distância ao mesmo tempo que se aproxima, mas não pretende absorver a outra em si mesmo ou quer ser absorvido por ela, mas se alegra com a alteridade do outro; deseja que o amado seja o que ele é e não tenta refazê-lo em uma réplica de si mesmo ou fazer dele um meio para o avanço próprio. O amor é reverência e busca o conhecimento do outro, não por curiosidade, nem para ganhar poder, mas para se regozijar e maravilhar. Em todo esse amor existe um elemento de “santo temor” que não é uma forma de fuga, mas sim de respeito profundo para a alteridade do ser amado e a relutância profunda em violar sua integridade. Amor é lealdade. É a vontade de deixar a si mesmo ser destruído ao invés de deixar que o outro seja; é o compromisso de se comprometer para tornar o outro grande.²⁷

Casamento, Significado e Misericórdia

Se esse capítulo foi bem-sucedido até agora, nós estabelecemos que na ética sexual cristã nós deveríamos nos focar primariamente em nossos relacionamentos. Nós também demonstramos que nossos relacionamentos sexuais deveriam ser caracterizados pelo amor genuíno e que devemos compreender essa fidelidade tão intensa e respeito igualitário. Nem todos os nossos relacionamentos de amor deveriam ser sexuais, mas todos os nossos relacionamentos sexuais deveriam ser de amor. Alcançar uma clareza maior sobre como devemos nos comportar quando estamos sexualmente ativos pode nos ajudar a determinar se deveríamos participar de tais atividades.

Nada do que dissemos significa que em nossos relacionamentos sexuais nós não devemos aproveitar o contato físico antes que prometamos particularmente e declaremos publicamente nossa lealdade intensa e respeito igualitário. A diretriz de “nada antes” e “depois de tudo” não é realista nem sábia. Pelo contrário, devemos nos esforçar para calibrar as nossas intimidades intensificando os nossos compromissos em desenvolvimento.

“Proporcionalidade”, ou melhor ainda “propriedade”, é o objetivo. Embora existam exceções, na maioria dos casos esse processo leva meses ou anos, não dias ou semanas.

Relacionamentos de amor heterossexual e homossexual genuínos existem. Isso não quer dizer que eles encarnem perfeitamente a lealdade intensa e o respeito igualitário, mas que as pessoas que aceitem esta norma como seu objetivo e realiza-lo de forma considerável. Alguns falam do “estilo de vida homossexual”, como se todos os homossexuais organizassem suas vidas da mesma maneira. Isso não é assim. Assim como não existe um estilo de vida heterossexual, também não existe um único estilo de vida homossexual. Violações da lealdade intensa e do respeito mútuo, ocorrem em ambos os grupos, assim como a sua realização prevista e real. Não devemos nos perguntar se devemos permitir que existam as uniões de amor heterossexuais e homossexuais; elas já existem.

Tudo o que nós dissermos de agora em diante deve começar com este fato e ficar preso a ele.

Devemos reconhecer que essas relações existem. Nós deveríamos fazer tudo o que pudermos para sustenta-las e dar suporte as pessoas que estão nelas. Nós deveríamos encorajar e permitir que essas pessoas contribuíssem com a igreja e com a sociedade ao invés de esgotar todos os seus recursos em si mesmos. Devemos evitar que outras pessoas abusem ou violem essas pessoas e disciplinar àqueles que fazem isso. Nós devemos fazer tudo o que pudermos com voz e voto para ter certeza de que eles desfrutam dos direitos e deveres que todos os cidadãos possuem. Nós deveríamos esperar que eles se comportem de forma responsável, como fazemos com todos os outros.

Nós também devemos encontrar formas de honrá-los em cerimoniais cristãs apropriadas. Mesmo que nos refiramos a essas relações como “casamentos” é uma questão importante que podemos responder com sucesso apenas em contextos específicos.²⁸ Usar uma palavra tem a vantagem de destacar o valor que colocamos em ambas as uniões amorosas heterossexuais e homossexuais. No entanto, em muitos lugares hoje, os custos de se fazer isso seriam superiores aos benefícios.

Com o tempo, nós mudamos os significados das palavras, algumas vezes de forma surpreendente, e o mundo não vai parar de girar se fizermos isso de novo. Antes a palavra “enfermeira” [nurse] para mulheres que amamentavam bebês. Depois o significado foi expandido para ser aplicado aqueles que cuidavam de crianças de forma geral. Nós enviamos as mulheres para as zonas de guerra, como “enfermeiras” que ajudavam e confortavam soldados feridos e moribundos. Hoje em muitos centros médicos nós temos enfermeiros homens que a maioria dos pacientes respeita e aprecia, apesar de que seus títulos, que não são literalmente exatos, possam ofender as gerações anteriores.

Nós mudamos o significado da palavra “companheiro” [fellow] de forma semelhante. Nós usávamos esse termo inicialmente para “homem” ou “garoto”.

Em seguida o termo foi aplicado a alguns estudiosos, de forma suficientemente apropriada, já que quase todos eles eram do sexo masculino. A ideia de um “companheiro” [fellow] feminino não faz mais sentido literal do que a do “enfermeiro”[nurse].

Isso mostra que, embora hoje nós usualmente reservemos a palavra casamento para as uniões heterossexuais, a princípio não há razão para que isso deva ser sempre assim. Contudo, na verdade nós mudamos o significado das palavras “enfermeira” e “companheiro” e outras palavras de forma lenta, local, desigual e livre. É duvidoso que possamos aumentar a disseminação dessas transformações, forçando a sua mudança.

Um fator complicador é que alguns heterossexuais e alguns homossexuais não querem aplicar a palavra casamento a suas uniões sexuais e amorosas, e muitos são ambíguos sobre isso. Para eles, a palavra se refere a uma instituição que por muito tempo tem explorado mulheres e crianças e querem estabelecer formas de interação que são mais saudáveis para todos. Ao invés de transformar o significado do “casamento”, eles preferem abandonar esse termo em favor de outros que não possuem toda essa conotação negativa.

Outra dificuldade, entretanto, é que não há consenso entre os Cristãos hoje sobre como entender a orientação homossexual teologicamente. Alguns a consideram como parte da boa criação de Deus, outra expressão da variedade em todas as coisas que Deus obviamente prefere. Outros veem isso como um aspecto de nosso mundo caído com o qual nós devemos lidar da melhor maneira possível. Há ainda uma terceira posição, que sustenta que a orientação homossexual não pode representar a intenção primordial de Deus, mas que é uma benção em nosso mundo menos-que-perfeito. Vemos isso, eles sustentam, nas muitas formas que os homossexuais com frequência enriquecem as nossas vidas, precisamente devido à sua orientação, e não apesar dela. Tais questões levam muitos outros cristãos a ficarem confusos, frustrados, e finalmente, sem nenhum valor prático, não importa como nós respondamos a eles.

Ainda outro fator de complicação é que nessa questão muitos cristãos parecem ter se apoiado em um canto conceitual sem perceber em uma posição consistente. Ela sustenta que a intimidade sexual humana tem duas finalidades específicas, unir e procriar, e que nunca devemos intencionalmente separá-las. Em grande parte, por esse motivo, ela rejeita a contracepção artificial e o casamento homossexuais como não naturais. A posição oposta também é consistente. Ela também afirma esses dois propósitos mas sustenta que pode ser moralmente aceitável separá-los intencionalmente. Ela então aprova tanto a contracepção artificial quanto o casamento homossexual como igualmente naturais. A terceira posição parece ser inconsistente. Ela sustenta que a intimidade sexual tem duas finalidades, unir e procriar, o que podemos legitimamente separar. No entanto, ela divide a diferença entre as duas primeiras posições por analogia aos métodos contraceptivos artificiais como naturais e condena o casamento homossexual como anormal. Alguns afirmam que em suas

próprias premissas a terceira posição deveria chegar à conclusão oposta, que a contracepção artificial é antinatural porque intencionalmente separa o propósito da união e o da procriação, enquanto o casamento homossexual é natural porque ele gera esse resultado, mas não pretende isso.²⁹

Esse não é o tipo de pergunta que podemos responder de forma rápida e simultaneamente para os cristãos do mundo inteiro. É por isso que devemos concentrar-nos em nossas certezas morais ao invés de nossas perplexidades morais. É também por isso que faz sentido honrar o princípio da subsidiariedade.³⁰ Essa diretriz, que se aplica na liderança da igreja, assim como no governo, empresas, universidades, vida militar, e outros ajustes, nos encoraja a responder a perguntas no nível mais baixo efetivo da administração. Ignorar esse princípio pode transformar um problema local em uma discórdia regional, nacional ou mesmo global. Os líderes cristãos devem estabelecer orientações gerais e deixar a sua execução até aqueles que estão mais próximos das pessoas.

Alguns líderes políticos e religiosos erroneamente nos distraem de suas políticas destrutivas de atacar ferozmente qualquer alteração no significado das palavras, como *casamento*. As políticas estão alargando o precipício entre ricos e pobres, eles estão mergulhando-nos em conflitos militares em todo o mundo. Eles estão permitindo que as nossas estradas, pontes, escolas e bibliotecas se deteriorem. Eles estão nos impedindo de ter certeza que cada cidadão tenha acesso a cuidados básicos de saúde, sem levar à falência o sistema. E eles estão prejudicando nosso ambiente natural, deixando-o menos vibrante para as gerações futuras. Esses políticos são capazes de implementar tais políticas, sem as nossas objeções unificadas com sucesso, em parte porque eles desviam nossa atenção para outras coisas, como o próprio significado de palavras como união, algo que irá evoluir por conta própria, em qualquer caso. Quer os chamemos de casamento ou não, genuinamente as relações amorosas tanto heterossexuais como homossexuais são difíceis de estabelecer e manter. Em diferentes graus e formas todos nós sabemos o que Paulo quis dizer quando ele escreveu que as vezes fazia o que não queria fazer ou não fazia o que queria fazer. É mais fácil pretender fazer algo do que realizá-lo, ele observou com razão (Rom. 7:14-25). Mas devemos nos lembrar de que Paulo também disse que não há condenação para os que estão em Cristo Jesus (rom. 8: 1-8). Ele estava falando sobre a misericórdia de Deus, que chega a cada momento como perdão divino e poder moral. Nós podemos experimentar a misericórdia de Deus sem estar em um relacionamento sexual de amor. Não podemos continuar em tais uniões sem isso.

Em última análise, a vida moral cristã não é primariamente uma questão de obedecer a regras ou alcançar metas. Essas coisas são importantes, mas não são a última instância. Ser cristão é responder favoravelmente uma e outra vez a misericórdia de Deus, que perdura para sempre. O evangelho é o primeiro, a lei vem depois.

Analogamente, em nossos relacionamentos com os outros, a aceitação deveria preceder a confrontação. Todos precisamos das duas coisas. Mas se nós não sabemos que os outros realmente nos valorizam e desejam o nosso melhor, nós seremos incapazes de receber bem as recomendações de mudanças que eles nos fazem. Alguns dizem que aceitação e confrontação rendem transformações positivas.³² A receita efetiva exige, pelo menos, uma dúzia de porções de aceitação para cada parte de confronto. Deus nos amou quando ainda éramos pecadores (Rom. 5:8); é assim que deveríamos nos tratar uns aos outros!

Questões para discussão

1. A Bíblia não diz nada ruim sobre a prática da escravidão e nada bom sobre atos homossexuais. Nós fomos além (não contra) as Escrituras no primeiro caso. Deveríamos fazer a mesma coisa no segundo caso também?
2. Que outras passagens do Antigo Testamento retratam o amor como “Lealdade constante”?
3. Você pensa que é uma boa ideia esperar que cristãos heterossexuais e homossexuais vivam com as mesmas regras sexuais?
4. Quando dizemos que uma prática não é nem “natural” nem “não-natural” precisamente o que queremos dizer?
5. Paulo diz que homens e mulheres heterossexuais deveriam se casar ao invés de “arder” com paixão sexual. Isso se aplica a cristãos homossexuais também?

Notas e Referências

1. Todas as citações das escrituras utilizadas pelo autor são da Versão em Inglês “New Revised Standard Version”. *Na tradução foi utilizada a versão NVI
2. Ao identificar erroneamente sua transgressão, muitas pessoas ao longo dos anos igualaram o “pecado de onan” à masturbação. A história de Onan é sobre uma questão diferente: a recusa de um homem em honrar seu irmão falecido, garantir sua posteridade e suprir as necessidades sociais e econômicas de sua viúva quando não havia outros sistemas de apoio.
3. DILLENBERGER, John (ed.). **Martin Luther: Selections from His Writings**. New York: Anchor/Double Day. 1961. p. 337.
4. Ibid., 338
5. BENARDETE, Seth (ed. e trad.). **Plato’s Symposium**. Chicago: University of Chicago Press. 2001.
6. Gen. 19: 4–11; Juizes 19: 1–30; Lev. 18:22 e 20:13; Rom. 1: 16:32; e provavelmente 1 Cor. 6: 9; e I Tim. 1:10

7. Os apelos à "natureza" também podem ser desconcertantes em nosso tempo. As pessoas tentam discernir o que é "natural" consultando suas tendências, realizando pesquisas, revisando a história, realizando estudos transculturais, realizando experimentos científicos e assim por diante. Essas abordagens costumam ser pouco satisfatórias porque não fornecem uma ponte conceitual entre como as coisas são e como deveriam ser. As teorias clássicas da lei natural não tiveram esse problema no mesmo grau, por pelo menos duas razões. Uma delas é que eles declararam abertamente que devemos agir em harmonia com a verdadeira natureza humana, algo que não podemos descobrir simplesmente olhando ao redor ou dentro. A outra é que, usando recursos filosóficos e teológicos, eles foram capazes de descrever a verdadeira natureza humana de maneiras que muitas pessoas consideraram persuasivas porque ela se encaixava em sua visão de mundo amplamente compartilhada. Embora muitos neguem isso, todas as teorias da lei natural dizem algo assim: "Dada tal e tal visão de mundo, isso é natural e isso não é". Os apelos ao que é "natural" são, portanto, frequentemente substitutos para afirmações mais abrangentes. Em muitas sociedades hoje, há pouco consenso sobre essas questões maiores.

8. A Revolução de Copérnico nos levou a entender algumas passagens das Escrituras de maneira diferente. Assim como o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, quando Jesus Cristo não retornou a terra em glória como os Milleritas entendiam as profecias bíblicas fez com que muitos deixassem de acreditar. A experiência também nos ensinou a ser mais cautelosos ao pegar cobras e beber veneno do que algumas conclusões do Evangelho de Marcos parecem advogar. Em nenhum caso as escrituras ou o valor que damos a elas muda; em cada caso, nossa compreensão de como melhor entendê-lo e aplicá-lo a nossas próprias vidas o fez.

9. GOOD, E. M. Love in the OT. In: George Arthur Buttrick, **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. New York: Abingdon, 1962. 3:164–68;

SAKENFELD, Katherine Doob. Love (OT). In: David Noel Freedman (ed.). **The Anchor Bible**. New York: Double Day. 1992. 4:375–80.

10. SNAITH, From Norman H. **The Distinctive Ideas of the Old Testament**. Philadelphia: Westminster, 1946. In Paul RAMSEY, **Basic Christian Ethics**. Louisville: Westminster/John Knox. 1993. 5.

11. MENDENHALL, George E.. HERION, Gary A. Covenant. In FREEDMAN, **Anchor Bible**, 1:1179.

12. Para discussões sobre as diferenças atuais entre "códigos", "contratos" e "convenções" por favor veja William F. May. **The Physicians Covenant: Images of the Healer in Medical Ethics**, 2d ed. Louisville: Westminster John Knox, 2000; e Idem, **Beleaguered Rulers: The Public Obligation of the Professional**. Louisville: Westminster John Knox, 2003.

13. ROYCE, Josiah. **The Philosophy of Loyalty**. New York: Macmillan. 1908. pp.16-17.

14. Ibid.

15. Ibid., 121.

16. Ibid., 20

17. FLETCHER, George P. **Loyalty: An Essay on the Morality of Relationships**. New York: Oxford University Press. 1993. P. 41.

18. Ibid., 41–77.

19. JOHNSTON, G. Love in the NT. In: George Arthur BUTTRICK (ed.). **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. New York: Abingdon. 1962. 3:168–78; KLASSEN, William. Love (NT and Early Jewish Literature). In reedman, **Anchor Bible Dictionary**, 4:381–96;

STAUFFER, Ethelbert. Agapao. In Gerhard KITTLE (ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Geoffrey W. BROMILY (trad. e ed.). **Grand Rapids**, Mich.: Wm. B. Eerdmans. 1964. 1:21–55.

20. Debater se agapç é altruísta e eros, e outras formas de amor são egoístas, não é o melhor uso de nosso tempo, porque essa controvérsia se baseia na suposição de que, no fundo, somos indivíduos distintos relacionados uns aos outros apenas externa e contingentemente. O oposto é realmente o caso. Nossos relacionamentos são internos e necessários, de modo que ninguém pode ser quem realmente é em total isolamento dos outros. Portanto, pouco importa se, inicialmente, apontamos nosso amor para nós mesmos ou para os outros, porque, se for genuíno, acabará por beneficiar ambos. Não somos grãos de areia, mas fios em um tecido bem tecido. Se mudarmos um de nós, modificaremos todos. A alegação de que o agapç é totalmente altruísta tem consequências especialmente negativas para a ética sexual cristã. Afinal, se agapç, a forma distinta do amor cristão, necessariamente rejeita nossos desejos intensos de receber e também de proporcionar prazer sexual, muito poucos de nós podemos ser cristãos, ou até mesmo querer ser. Após as palestras de Jack W. Provonsha na Universidade Loma Linda, parece melhor descrever agapç como um sol, com as outras formas de amor circulando-as como planetas, enfatizando assim que todas elas são válidas e valiosas, fornecendo em suas órbitas adequadas as quais estão centradas e controladas pelo amor agapç.

21. OUTKA, Gene. **Agapç: An Ethical Analysis**. New Haven: Yale University Press, 1972. pp. 7–54. Enquanto Outka usa "igual consideração", este capítulo emprega "respeito igualitário" na esperança de que suas conotações sejam mais fortes.

22. O princípio da consistência genérica, "Aja de acordo com os direitos genéricos de seus destinatários e de si mesmo", é exposto sem apelo às autoridades religiosas em Alan Gewirth, **Reason and Morality**. Chicago: University of Chicago Press, 1978. Edward Regis, Jr. Ed. **Gewirth's Ethical Rationalism: Critical Essays with a Reply by Alan Gewirth**. Chicago: University of Chicago Press, 1984. Essa parece ser mais uma ocasião em que convicção religiosa e razão secular apontam na mesma direção.

23. Como desenvolvido neste capítulo, a lógica do respeito igualitário não o compromete a falácia naturalista ao afirmar que, a partir de uma descrição neutra, podemos deduzir uma prescrição ética. Pelo contrário, começa com a afirmação prescritiva de que é eticamente obrigatório ser logicamente consistente, mesmo que isso nem sempre seja declarado explicitamente. Esta é a principal premissa; a premissa secundária é que o princípio norteador de alguma ação não é consistente consigo mesmo. Segue-se uma conclusão necessária de que esse ato é, portanto, eticamente errado. Esta premissa principal é incapaz de prova absoluta. No entanto, tem a vantagem de não assumir muito inicialmente. A abordagem neste capítulo assume tão pouca ética desde o início que é difícil imaginar alguém se opondo. Se alguém realmente afirma que não temos obrigação ética de ser logicamente consistente, é difícil levá-lo a sério. Tomar essa posição pelo valor que apresenta, exigiria que concordássemos que mesmo a afirmação de que a consistência lógica é eticamente dispensável não precisa ser consistente consigo mesma. Isso parece nos levar a lugar nenhum.

24. KANT, Immanuel. **Metafísica dos costumes**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Vozes; 2013. 320 pág.

25. A “regra de ouro”, ou o que esse capítulo chama de “a lógica do respeito igualitário” defende um ponto que é lógico, não psicológico. Isso não significa que nós deveríamos tratar os outros como gostaríamos que eles nos tratassem. Esse significado é muito subjetivo. O ponto é que devemos tratar os outros como inevitavelmente seremos tratados. Isso é mais objetivo.

26. Pelo papel das presunções na ética cristã, por favor veja WOGAMAN, J. Philip. **A Christian Method of Moral Judgment**. Louisville: Westminster John Knox, 1997.

27. NIEBUHR, H. Richard. **The Purpose of the Church and its Ministry**. New York: Harper and Row, 1956.

28. Por favor veja SULLIVAN, Andrew. **Same-Sex Marriage: Pro and Con: A Reader**. New York: Vintage Books, 2004;

ELLISON, Marvin Mahan. **Same-Sex Marriage? A Christian Ethical Analysis**. Cleveland: Pilgrim, 2004.

29. O antigo princípio de duplo efeito na ética cristã distingue entre os resultados “pretendidos” e aqueles que são “apenas previstos”. Deixando de lado alguns aspectos técnicos importantes, esse princípio diz que quando uma ação tem dois resultados inevitavelmente vinculados, um eticamente aceitável e outro eticamente inaceitável, a ação pode ser feita se, e somente se, pretendermos exclusivamente o efeito eticamente aceitável. Uma maneira de saber se uma determinada ação se qualifica é perguntar se poderíamos eliminar o resultado eticamente inaceitável. Um cirurgião prevê que ele deixará uma cicatriz, mas não pretende fazê-lo, como evidenciado pelos esforços feitos para tornar a cicatriz a menor e mais invisível possível. Um cirurgião que não tenta minimizar o tamanho e a visibilidade das cicatrizes pode ser suspeito de pretender deixá-las. Essa

analogia se encaixa quase perfeitamente na nossa discussão, porque muitos casais homossexuais preveem que não terão filhos biológicos, mas não pretendem que isso seja exibido por suas várias tentativas de adotar filhos.

30. Para uma discussão sobre os princípios da subsidiariedade em ética Cristã, por favor veja J. Philip Wogaman, **A Christian Method of Moral Judgment**. Louisville: Westminster John Knox, 1997.

31. NIEBUHR, H. Richard. **The Responsible Self: An Essay in Christian Moral Philosophy**. New York: Harper and Row, 1963.

32. Howard Clinebell escreveu essa formula em um em um quadro branco para seus alunos de psicologia pastoral na Claremont School of Theology na década de 1970.

Parte 5 - Capítulo 2

Ministrando aos Gays Dentro da Comunidade da Igreja: Uma Perspectiva Pastoral

Por Mitchell F. Henson

O ano era 1953. Eu era adolescente e membro do clube de desbravadores em Greensboro, Carolina do Norte, que se reunia todos os domingos à tarde no porão da casa de um dos membros da igreja. Lá nos aprendemos a marchar; lá nos aprendemos a bater continência; lá nos aprendemos a ficar em formação militar e em posição de sentido. Nós ganhamos distintivos em tecelagem, amarração de nós, cozinha e técnicas de sobrevivência. Vários de nossos líderes de desbravadores eram veteranos das guerras da Coreia e da Segunda Guerra Mundial. Então nosso clube de desbravadores tinha uma ênfase militar.

Em uma viagem de acampamento, fomos levados para dentro da mata e nos mostraram um riacho. Havia algumas pequenas e onduladas criaturas que se pareciam com pequenos lagartos. Eram salamandras, e nos disseram que o fato de ter salamandras no riacho é uma boa indicação de que a água é segura para beber. “Se é segura o suficiente para elas é segura o suficiente para você”. Levou muito tempo antes que eu entendesse quão importantes essas palavras eram – não só para a sobrevivência na floresta, mas também para a sobrevivência na igreja!

Em 1 de fevereiro de 1960, na loja Woolworth na rua Main, vários homens e mulheres jovens saíram de uma seção da loja e se sentaram na “soda fountain” onde apenas pessoas brancas eram permitidas. Historicamente essa manifestação na loja Woolworth se tornou quase tão importante quanto a recusa de Rosa Parks em se levantar no ônibus, em 1 de dezembro de 1955, e tão significativa quanto a marcha de Montgomery, Alabama, em 7 de março de 1965. Aconteceram eventos históricos na luta racial nos anos 1950 e 1960.

Enquanto isso, na rua State, a igreja Adventista do Sétimo-Dia se reunia cada manhã de sábado, e nenhuma palavra era mencionada desde o púlpito a respeito desses eventos. Nós estávamos esperando a volta de Jesus. Era nossa obsessão. Era nosso objetivo. Era nossa missão. Era nosso chamado. Nós não tínhamos tempo para preocupações terrenas tais como a igualdade e a justiça. Nós éramos apenas estrangeiros na terra. Nosso lar era o céu, e nós estávamos interessados em chegar lá o quanto antes!

Essas eram as lentes através das quais eu via o mundo ao meu redor dos nove aos dezoito anos. Eu sabia que o homem nunca andaria na lua porque Deus não permitiria que o “pecado deste planeta” se espalhasse pelo universo. Eu sabia que não haveria tempo suficiente para que eu fizesse 16 anos e dirigir um carro. Todas essas coisas eu sabia, porque elas me foram ditas e eu acreditei nelas.

Durante toda a minha educação teológica, primeiro no Southern Missionary College e depois na Columbia Union College, questões sobre justiça social nunca foram levantadas. Havia apenas a exegese dos textos bíblicos, e esforços para entender e defender os escritos de Ellen White, e é claro, a obsessão com os sinais da breve vinda de Cristo.

Foi no Seminário Teológico Adventista do Sétimo-Dia que nós pela primeira vez começamos a olhar para as questões sociais. Havia afrodescendentes no seminário que disseram que a igreja nunca poderia receber o derramamento do Espírito Santo enquanto ela fizesse separação entre irmãos e irmãs. Havia pregadores não adventistas que vimos falar para nós: Anthony Campolo nos desafiou a olhar além de nossos livros e olhar ao redor para indivíduos, situações e circunstâncias em nosso meio. Alguns de nossos professores, tais como Roy Branson e Harold Weiss, também nos encorajaram a fazer isso. Ainda assim, outros professores e palestrantes convidados insistiam que essas eram visões de um “evangelho social”, e como tal, essa era uma distração para a “Igreja remanescente de Deus”, e não deveria ocupar nossa mente e nossa atenção.

Embora as escrituras sejam repletas de exemplos de “evangelho social” tais como “quando o fizestes a um destes meus pequeninos, a mim o fizestes” cada geração de adventistas deve de alguma forma tentar incorporar os aspectos sociais do cristianismo dentro da teologia adventista. Esse obviamente será um desafio, mas é um desafio cheio de ideias, e demanda coragem, compaixão e uma contínua reavaliação de nossa teologia, nossas práticas e nossa visão, dos dois mundos e o que significa ser o povo remanescente.

Em 1984 eu fui para a Igreja Adventista da cidade de Glendale, Califórnia, como pastor associado. Eu tenho sido o pastor Sênior por alguns anos. Eu apreciei essa experiência, mas sentia que queria ganhar educação adicional. Eu também queria dar um passo atrás e dar uma outra olhada no que era realmente o ministério. Então começaram sete maravilhosos anos, na igreja da cidade de Glendale, como associado.

No começo dos anos 1980 nós ficamos cientes, em nossa reunião de comissão, sobre as discussões a respeito de um certo jovem que estava começando a frequentar nossa igreja. Durante a época a AIDS estava se tornando uma epidemia na América. Nós recebíamos ligações perguntando se estaríamos dispostos a ministrar, visitar, ou as vezes a fazer velórios de jovens que haviam morrido de AIDS.

O pastor Senior Rudy Torres contou a história: um dia um jovem chamado Carlos Martinez, veio a nossa igreja e se assumiu em um grupo de estudo bíblico. Ele contou que havia contraído AIDS, mas ele acreditava que Deus continuava a amá-lo e cuidar dele. Logo Carlos estava no hospital. Torres e eu o visitamos, e no curso daquelas visitas nós tivemos numerosas conversas com enfermeiras e outros atendentes. Nós descobrimos que havia muitos jovens no hospital que quando descobriam que tinham AIDS, perdiam todo o apoio da igreja. A medida que continuamos a ministrar a Carlos e a outros, nós ficamos conhecidos como

os pastores dispostos a alcançar jovens enfrentando uma doença que, naquele tempo, era considerada como uma morte inevitável.

Foi durante esse tempo que eu comecei a trabalhar com o preconceito que eu tinha em meu coração contra gays e homossexuais em geral. Eu sabia que, de acordo com o meu entendimento das escrituras, nenhum homossexual estaria no reino de Deus; ainda assim, ali estavam jovens nos procurando em seu momento de necessidade. A gratidão que eles e seus familiares nos mostraram comoveu meu coração e me forçou a reavaliar minhas crenças. Eu comecei a entender a graça de Deus, o perdão, e a aceitação em um nível mais profundo. Após enterrar oito ou dez desses jovens, eu percebi que para mim o ministério nunca mais seria o mesmo.

Deixe-me ser muito específico sobre porque a igreja Adventista do Sétimo dia da cidade de Glendale continua a ministrar a todos os que vem a ela. Eu acredito que a atitude que existia contra os afrodescendentes na igreja quando eu era jovem existe hoje contra os homossexuais. Não é que nós não permitamos que eles frequentem a igreja (desde que nós “não saibamos quem eles são”). Não é que nós não os encorajemos até a se tornarem membros da igreja (desde que eles declarem que são celibatários). Mas nós certamente não queremos que seus consideráveis talentos sejam usados ou coloca-los em posição de liderança sabendo que eles são gays. Nós podemos ficar em situações embaraçosas, tentando explicar a ativistas conservadores e a aqueles que procuram “proteger a reputação da igreja” como podemos manter um padrão elevado enquanto aceitamos e permitimos que homossexuais sejam ativamente envolvidos.

Eu acredito que muitos membros mais jovens de nossas igrejas estão esperando para ver como nós lidaremos com esse assunto importante. Nós vamos desenvolver um melhor entendimento do ministério do Espírito Santo? Nós vamos deixar que a mão Dele conforte e guie as pessoas a um melhor entendimento da vontade de Deus em suas vidas? Nós vamos atualizar as palavras de Cristo, “Todo aquele que quiser, pode vir a mim”? Às vezes, nossos esforços determinados para mudar os comportamentos sociais das pessoas traz uma crença fraca no poder transformador do Espírito Santo, que continua a trabalhar na vida das pessoas muito tempo depois deles se tornarem membros e líderes da igreja.

O buraco negro da teologia cristã é o assunto da sexualidade. As escrituras no velho testamento são abundantemente claras de que o sexo é para procriação. No novo testamento, Paulo adverte de que é melhor “casar do que queimar” (significando “queimar de paixão”), porque o tempo é curto. Nos anos recentes, à medida que temos incorporado o entendimento da psicologia (incluindo a necessidade de intimidade e contato pessoal) em nossos ensinamentos sobre sexualidade, e desde que a tecnologia nos tem provido com formas fáceis e não invasivas de interromper o processo natural de procriação, eu penso que nós podemos dizer de forma segura que, no mundo ocidental pelo menos, 99 por cento de toda a atividade sexual, tanto marital quanto extramarital, é para outros propósitos que não o da procriação. Entretanto, muitos cristãos continuam a

interpretar as escrituras, no que se refere a sexo, intimidade e casamento de forma tradicional.

Como heterossexuais, nós temos expandido o significado bíblico para incluir o sexo por prazer e intimidade, mas nós paramos rapidamente em entender a sexualidade em um sentido mais amplo – não só a estimulação genital o a procriação, prazer e intimidade, mas sexualidade como uma afirmação de quem eu sou como ser humano e como eu me relaciono com a vida como ser sexual. Talvez nós tenhamos evitado isso por causa da conotação carregada da palavra sexo; ou talvez nós simplesmente não tenhamos estudado isso de forma cuidadosa porque “o tempo é curto” e nós temos questões mais urgentes. No entanto, a medida que o tempo continua, nós nos vemos cada vez mais desafiados a revisitar e definir de forma mais clara nossas visões sobre sexualidade, solidão, celibato, celibato no casamento, e uma ampla variedade de comportamentos sexuais e costumes que continuam a ser praticados em nossa cultura.

Eu gostaria de abordar alguns mitos que continuam a ser parte do vocabulário da nossa comunidade Cristã. Indivíduos tem ligado para nossa igreja, perguntando porque permitimos que gays frequentem nossa igreja. As pessoas que ligam usam frases como “estilo de vida gay” e “viver em pecado”, e ministérios de “terapias de reversão” tem utilizado essas frases como desafio a nossa prática de adoração aberta e inclusiva.

A primeira frase que eu gostaria de abordar é “estilo de vida gay”. Na comunidade heterossexual, essa frase vem como um eufemismo para certas práticas sexuais específicas, as quais eu não vou discutir explicitamente aqui, a não ser para observar que heterossexuais praticam *todas* as práticas sexuais incluídas no tão falado “estilo de vida gay”, e de forma bem regular! Eu vou mencionar brevemente algumas estatísticas facilmente disponíveis na internet (veja, por exemplo a revista *Mademoiselle Magazine*, dez. 1993) Sexo oral e anal entre pessoas heterossexuais adultas é bem comum, sendo que 88 por cento dos homens e 77 por cento das mulheres reportaram praticá-los.

Ou colocando em uma forma mais “palatável”, é atividade sexual que não tem absolutamente nenhuma chance de cumprir a injunção bíblica de “crescer e multiplicar a terra”. Como pastor, quando eu sou desafiado por indivíduos que acusam outros de praticar o “estilo de vida gay” eu percebo que isso vem de pessoas que simplesmente são desinformadas sobre todo o continuum da expressão da sexualidade humana. E, como muitos pastores sabem, eu não tenho nem permissão nem responsabilidade de perguntar especificamente sobre a intimidade sexual dos membros da igreja. Mas muitos “cristãos” persistem, acreditando que eles estão de alguma forma de posicionando a favor do cristianismo conservador jogando a frase “estilo de vida gay” de forma bastante devassa.

Deixe-me contar o que eu aprendi como pastor em minha associação com membros gays que frequenta minha igreja. Não existe um estilo de vida gay mais do que existe um estilo de vida negro, um estilo de vida protestante, um estilo de

vida católico ou mesmo um estilo de vida Adventista do sétimo dia. Agora, logicamente, você vai reconhecer imediatamente que cada um desses grupos tem certos comportamentos que são únicos para eles. Mas esses aspectos se qualificam como um estilo de vida? Eu acho que não.

A medida que a homossexualidade se tornou mais publicitada na mídia e mais organizações de apoio foram se estabelecendo, um número crescente de indivíduos se sentiu livre para “se assumir” e declarar sua homossexualidade. Entretanto a maioria dos estudos sociológicos indicam que o número de homossexuais nas sociedades típicas tem permanecido relativamente constante por centenas, talvez milhares de anos. Não pode ser, portanto, como alguns afirmam, uma doença que pode ser pega, ou algum tipo de movimento político para recrutar e afiliar, ou mesmo algum tipo de religião abominável determinada a converter e ganhar novos congregantes. Eu vou prontamente reconhecer, entretanto, que algumas pessoas são bastante vociferantes em seu suporte à homossexualidade... e à heterossexualidade, e ao celibato. Em outras palavras, não há uma forma particular, se somos honestos, de categorizar gays dessa maneira. Categorizar pessoas dentro de estilos de vida nos permite manter preconceitos enquanto declaramos defender princípios.

Há gays que escolheram não tornar conhecida sua definição sexual. Eles estão ainda “dentro do armário”.

Há gays que estão “fora do armário” mas escolhem, por razões pessoais, permanecer celibatários. Eles podem ou não ser casados e viver em relacionamentos “heterossexuais”.

Há gays que são “assumidos” apenas na comunidade gay, e vivem vidas devassas, indo de relacionamento em relacionamento – assim como vemos na comunidade heterossexual. A maior parte dos textos bíblicos que fazem objeção a exploração sexual dos gays se refere a esse grupo. Nós nos referimos aos heterossexuais que agem dessa forma como fornicadores, prostitutas ou devassos. Mas nós raramente os excluimos do meio cristão. Na verdade, a maioria dos ministros fazem grande alarde para ter certeza de que entendamos que Jesus era amigo de tais pessoas! Ele comeu com eles. Ele pregou para eles. Ele os amou! E finalmente (e essa é sem dúvida uma imagem completa da variedade de vidas dos gays), há aqueles em relacionamentos de compromisso, vivendo em meio a comunidade heterossexual. Algumas vezes eles são vistos como os mais criativos do grupo, os artistas, e eles muitas vezes tem vidas ricas e completas. Eles têm uma grande variedade de amigos dentro das comunidades gays e heterossexuais.

Em outras palavras, existe uma ampla variedade de expressões de estilos de vida entre gays. Em comunidades onde eles são mais aceitos, eles podem ser mais visíveis.

Outro mito que eu descobri em meu trabalho pastoral é de que gays são liberais teologicamente. Alguns dos cristãos mais conservadores em minha comunidade, aqueles que são familiarizados com os escritos de Ellen White, que usam os

textos bíblicos como base para suas crenças, são os membros gays da igreja! Eles frequentemente expressam o muito que eles desejam a breve vinda de Jesus. Eles almejam por um lugar onde não haja muros de separação, sem sorrisos condescendentes, sem boas vindas superficiais como “bom te ver”, que são rapidamente retratadas quando os membros descobrem quem eles realmente são. Um fato interessante é que, na santa ceia, a maioria dos gays da minha congregação vai e participa.

A maioria dos Adventistas sabe que é notoriamente fraca a presença de heterossexuais nas santas ceias. Alguns conjecturam que é porque nós praticamos o antigo ritual do lava-pés. Muitos pastores têm tentado modernizar o serviço envolvendo-a com banquetes de amor, comunhão familiar e outras inovações para tentar torna-la mais apelativa. Eu me lembro de recentemente me sentar no banco do fundo com minha esposa enquanto os elementos eram servidos. Todos a minha volta, jovens homens e mulheres pegaram e aceitaram com avidez esses emblemas do corpo de Cristo. Lágrimas vieram a meus olhos quando percebi que essa era uma das poucas igrejas, provavelmente uma das muito poucas igrejas Adventistas do Sétimo Dia, onde eles poderiam aceitar esses emblemas ou pelo menos aceita-los avida e alegremente. Que privilégio foi estar naquela ceia naquele dia!

Outro mito que quero abordar é o de “viver em pecado”. Esse, é claro, tem muita força entre aqueles que desejam tomar as rédeas de igreja e disciplinar indivíduos que podem não se encaixar em nossas normas sociais ou eclesiais. É normalmente utilizada contra os divorciados por motivos “não bíblicos” ou para aqueles que vivem com alguém com quem não são legalmente casados; e é frequentemente a linguagem utilizada para se referir aos homossexuais. Mas quando olhamos cuidadosamente para a ideia de viver em pecado, pelos olhos das escrituras e de Cristo, nós começamos a perceber que cada um de nós, a todo momento, de alguma forma estamos vivendo em pecado.

Agora, eu não quero distorcer as palavras aqui. Eu entendo o conceito de viver em pecado, como discutido no *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Tem a ver com viver de uma forma que afronte a doutrina da igreja ou traga reprovação sobre a denominação. É minha experiência, entretanto, que a reprovação trazida a igreja pelo preconceito contra gays traz maior dano que qualquer censura que decorra da presença deles. Pessoas da comunidade, especialmente indivíduos de fora da igreja, esperam que a igreja seja um lugar onde as pessoas são aceitas. Eles nos têm ouvido dizer que a igreja é um hospital para os pecadores! Eles acreditam que se alguém deseja frequentar a igreja, ela deveria poder. Infelizmente, entretanto, há muitos que tem uma história de alguém a quem a igreja feriu, procurando defender o estandarte da vida sem pecado tentando expulsar aqueles que “vivem em pecado”.

Eu sou bem ciente das regras do *manual de igreja* contra a homossexualidade. E eu posso sinceramente dizer que não há indivíduos na minha igreja que pediram para serem aceitos como membros de igreja só porque eles são homossexuais. Heterossexuais e homossexuais da mesma forma pedem para

ser membros da igreja porque eles acreditam que a igreja é um lugar caloroso e amoroso onde eles podem crescer em Cristo. Entender nossas vidas por meio da graça significa que todos reconhecemos que vivemos constantemente em pecado e precisamos da convivência com os “santos” para poder lidar com este mundo pecaminoso.

Em todos os meus anos de pastorear uma igreja com membros gays, nunca qualquer gay cristão me pediu para endossar qualquer tipo de comportamento ou estilo de vida. Se alguém estivesse vivendo uma vida na intenção de afrontar a igreja – alguém hostil, arrogante, ofensivo – essa atitude seria no mínimo tão destrutiva quanto o comportamento. E essa atitude teria que ser confrontada. Em outras palavras, viver em pecado é mais do que um ato pecaminoso; é uma atitude pecaminosa, uma atitude nociva, uma atitude destrutiva, uma atitude arrogante, uma atitude rebelde. Essa atitude deveria ser confrontada para proteção do corpo de Cristo.

De todas as experiências que eu tive com homens gays que queriam mudar, mas eram incapazes, uma permanece em minha mente. Eu farei apenas referências gerais a ele aqui já que alguns de vocês podem se lembrar dele já que ele tinha uma posição proeminente na igreja. Ele perdeu tudo quando descobriram que ele era gay. Sendo forçado a abandonar sua profissão, ele se envolveu em um relacionamento sexual violento e disfuncional, onde ele infelizmente contraiu AIDS. Durante esse tempo de desespero, ele de alguma forma ouviu sobre a igreja da cidade de Glendale e veio me visitar. Ele era um homem que eu havia conhecido anos antes – articulado, inteligente, educado e criativo – agora desamparado e completamente doente, uma mera sombra do homem que eu havia conhecido antes. Nós conversamos um pouco. Eu logicamente orei e empatizei com ele, e lhe dei algum dinheiro para a passagem de ônibus.

Vários meses depois, eu recebi uma carta, que eu ainda tenho. A carta dizia: “Quando você receba essa carta, eu já terei morrido devido a uma overdose de medicação que eu tenho guardado. Eu desisti da minha vida na universidade porque eu não podia mais viver uma vida que era uma mentira. E agora, eu decidi tirar minha própria vida porque acho que minha vida não tem mais sentido”. Eu pensei comigo mesmo, como continuo a pensar até hoje, que homem honesto. Que homem tragicamente honesto! Eu não culpo ninguém pelas circunstâncias em que ele se encontrou, mas também não o culpo. Ver alguém que voou tão alto reduzido uma posição quase inumana foi uma experiência que eu prometi a Deus que nunca esquecerei, e que nunca quero conscientemente fazer parte.

Talvez muitos de vocês se lembrem do programa de televisão *Além da imaginação*. Nos anos 1950 e 1960 era um dos programas mais populares da televisão. Eu gostaria de citar um trecho de um dos clássicos episódios. Quando a cena abre, vemos um corpo deitado em uma cama de hospital, o rosto envolto em bandagens, com apenas uma abertura para a boca. Eu gostaria de lhe apresentar Janet Tyler, paciente número 307, que retornou de seu décimo primeiro tratamento. A estrutura óssea de sua face é tal que a cirurgia plástica não é o tratamento indicado. Seus médicos escolheram uma série de injeções

de vários tipos, incluindo tratamentos de tireoide, sem resultado. Aquela ela aguarda com expectativa, embora com minguante esperança, de que esse procedimento final tenha um efeito suficiente para que ela não se sinta mais uma aberração da natureza. Ela é uma jovem que se alterna entre o desespero e uma melancólica esperança de ter uma vida melhor. A enfermeira gentilmente coloca o termômetro através da abertura em sua boca. É hora de checar os sinais vitais da paciente – temperatura, pressão sanguínea, e pulso. E Janet fala:

- E hoje? Como parece de fora? Está bonito?

- Está bom, diz a enfermeira.

- Quando eles vão tirar as bandagens? Janet pergunta, em tons abafados dentro de seu túmulo de gazes.

- Em breve. – Diz a enfermeira. – “Querida, porque você não descansa? Você passou por muita coisa.

E Janet continua a falar com ninguém em particular.

- Está muito ruim não está?

- Já vi piores. – Diz a enfermeira.

- Não, está muito ruim. Eu não sei quanto mais eu posso aguentar. Onze tratamentos. O seguro do governo me notificou que esse é o último tratamento que eles vão pagar. Desde que eu era uma garotinha as pessoas me desviavam com nojo. Eu me lembro de quando eu era só uma criança e outra garota, que eu achava que era minha amiga, olhou para mim e gritou e saiu correndo. Eu nunca quis ser bonita, parecer uma pintura ou uma atriz de cinema; eu só queria me parecer com todo mundo. Eu só queria ser normal.

- Descanse querida. Amanhã os médicos virão, e aí nós vamos ver.

Durante o programa, os ângulos da câmera estão sempre na altura dos olhos de Janet Tyler, como se olhando por meio de seus olhos. Nós nunca vemos os médicos; não há nunca uma imagem frontal das enfermeiras ou de qualquer dos atendentes. Seus rostos estão sempre tampados ou em sombras, fumaça de cigarro, atrás de biombos, móveis ou outro objeto. - Tudo isso foi feito – disseram os produtores – para aumentar a curiosidade de quem está assistindo. Isso cria mistério, intriga e antecipação”.

Finalmente, quando as gazes são removidas, nós ficamos chocados! Se revela uma mulher de beleza estonteante. Certamente os procedimentos funcionaram dessa vez! Com certeza ela ficará satisfeita. Ela está segurando um espelho mas grita de horror. Jogando o espelho contra a parede ela corre selvagememente para os escuros e sombreados corredores do hospital. A câmera volta, e só então nós vemos as faces dos cuidadores. Todos eles se parecem com porcos – horríveis, deformados e grotescos.

O episódio termina com essas palavras de Rod Serling: “Agora a questão vem à mente, que lugar é esse? E que tempo é esse? Onde a feiura é a norma, e a

beleza o desvio dessa norma”? E eu adiciono, e a igreja? E a sua igreja? Qual deveria ser a nossa atitude e postura em relação a aqueles que são gays? Eles estão incluídos na declaração de Jesus “todo aquele”? Você pode ter certeza que a mudança que você exige dos outros vai ser uma melhora? Brincar de Deus pode ser a última blasfêmia!

Eu sou um pastor, e como pastor eu servi em várias igrejas por mais de trinta anos. Durante esse tempo, eu tenho procurado ser fiel ao chamado de Deus. Eu fiquei muito aquém desse desejo, mas ele ainda queima em minha alma; e a diferença entre o que eu quero ser e o que eu realmente sei que sou me dá a abençoada graça de aceitar os outros. Toda a cirurgia espiritual, emocional e psicológica que eu fiz não me tornaram outra pessoa. Em baixo de tudo, eu ainda sou eu mesmo – um eu melhor eu espero, e certamente mais caridoso e menos julgador. De onde eu posso ver, por meio de meus próprios relacionamentos e minhas lutas com meus próprios demônios como é difícil – como é impossível, de fato – se tornar outra pessoa. Então eu tenho que me contentar com a pessoa que eu sou agora, com esforço diário e oração para ser o melhor eu que eu posso. Mas a graça, a doce graça, a salvadora graça, me assegura que a todo tempo, desde lado do céu, eu sou aceito por Deus, salvo pelo sangue de Cristo e seguro da vida eterna. Essa aceitação, esse amor, essa segurança, essa continuidade espiritual, me levam a ser um melhor servo, marido, pai, avô, amigo e sim, pastor.

Lutas? Sim. Desapontamentos? Sim. Altos? Sim. Baixos? Ah sim. Mas nada, nenhuma coisa, diz a escritura, será capaz de me separar, será capaz de separar você, será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus. Com essa declaração inclusiva, eu deixo meu ministério nas mãos de Jesus que diz “todo aquele”.

Questões para discussão

1. Quantos gays você conhece pessoalmente? Gays Cristãos?
2. Qual é a pior coisa sobre ser gay? Há alguma coisa boa em ser gay?
3. Você acredita que uma pessoa gay deveria permanecer celibatária, se ele ou ela é um(a) cristão e indo a igreja? Você acredita que heterossexuais solteiros deveriam permanecer celibatários? Você vê uma diferença entre os dois? Se você vê, explique
4. A igreja deveria prover treinamento para seus pastores sobre como lidar de forma cuidadosa com seus membros gays e seus familiares?

Parte 5 - Capítulo 3

Políticas Públicas Envolvendo a Homossexualidade

Por Mitchell A. Tyner

Homossexualidade – mais particularmente, o status de homossexuais e seus relacionamentos antes da lei – tem se tornado um dos mais confrontadores e divisores tópicos de nosso tempo, tanto política quanto teologicamente. Numerosos escritores têm identificado bem mais de mil circunstâncias onde os casais homossexuais têm direitos e privilégios negados em comparação aos casais heterossexuais, e essa revelação tem levado muitos a advogar pelo reconhecimento do casamento homossexual ou um equivalente funcional a ele. Seus esforços, em troca, têm produzido uma vociferante repercussão daqueles que argumentam que fazer isso irá remover os fundamentos morais da sociedade americana.

Outros escritores têm descrito a desigualdade, não relacionada ao casamento, dos homossexuais na sociedade atual, envolvendo questões como a falta de proteção aos homossexuais como grupo vulnerável, levando a negação de proteções como os direitos fundamentais de emprego e moradia.

Recentemente, numerosas jurisdições têm se movido de forma significativa a favor da igualdade para homossexuais, incluindo listar a orientação sexual como categoria a ser protegida em estatutos de direito locais ou direitos humanos e o reconhecimento do casamento homossexual ou da parceria doméstica. O mais significativo movimento judicial foi a decisão de 2004 da Suprema Corte dos E.U.A. em *Lawrence vs. Texas*, que decidiu que as leis anti-sodomitas não podem ser aplicadas a homossexuais. Na decisão de *Lawrence*, a corte revogou a infame decisão previa de *Bowers vs. Hardwick* e reconheceu a existência do direito à privacidade em questões sexuais.

Legalmente esse movimento continua a acelerar, à medida que muitos estados e nações promulgam estatutos protetivos. Não é o propósito dessa discussão nos endereçarmos a realidade legal e política atual, como outros tem feito de forma tão admirável. A associação que deu origem a este livro se dirige a homossexualidade dentro do contexto Adventista do Sétimo Dia, e esse capítulo continua nesta mesma direção. Os escritores se dirigiram a questões sobre como a Igreja Adventista do Sétimo Dia, tanto corporativamente quanto individualmente, deveria entender o fenômeno da homossexualidade nas escrituras, e a responsabilidade tanto da igreja quanto dos membros para com eles. Isso nos leva a mais uma questão: Como nós, corporativa e individualmente, nos relacionamos com as questões político-religiosas envolvendo a homossexualidade que atualmente produzem tanto alvoroço e tão pouca luz? Quais são as considerações que deveriam estar envolvidas na formulação da resposta Adventista a tais questões públicas? Esse capítulo vai

analisar quatro questões, as duas primeiras bíblicas e atemporais, e as últimas duas mais contemporâneas. A lista não é exaustiva; deveria incluir, mas não se limita ao seguinte.

1. A posição proposta maximiza a liberdade humana?

Para ser fiel as escrituras, nossa posição sobre questões de políticas públicas deveria trabalhar para maximizar a liberdade humana ao nível apropriado mais alto.

Discutivelmente, a passagem bíblica mais reveladora que envolve liberdade não é a do chifre pequeno em Apocalipse 13, mas sim Lucas 15, a passagem a que nos referimos como a história do filho pródigo, embora ela devesse ser chamada de a história do pai que espera.

Um rapaz, criado em uma fazenda grande, porém remota, foi a seu pai e disse: “pai, estou entediado. Estou cansado de viver aqui. Eu quero experimentar o mundo por mim mesmo; eu quero ir para a cidade grande; eu quero fazer minhas próprias coisas. E pai, eu quero que você me adiante minha herança para financiar a viagem”.

Nada na lei Judaica ou na lei romana obrigava o pai a conceder esse pedido, mas ele o fez. O filho partiu, dinheiro em mãos, ele foi em direção às luzes brilhantes. Enquanto o dinheiro durou, durou seu status social. Mas logo ele se viu em uma espiral socioeconômica descendente. Seu dinheiro acabou, ele foi forçado a ganhar a vida da maneira mais indigna para um judeu: alimentando porcos. Ele acordou uma manhã no chiqueiro, olhou em volta e disse: “Que estado miserável! Que genuína ruína eu fiz da minha vida”.

Para colocar essa história em termos Adventistas do Sétimo Dia, imagine um rapaz de uma fazenda no estado de Montana que, indo para Nova York, acorde do estupor causado pelo uso de drogas, em um daqueles bairros em que você não quer entrar a noite. Ele tem ganhado a vida vendendo drogas. Ele lembra e pensa, “É sábado de manhã. Minha mãe e meu pai estão indo para a igreja, e olhe para mim. Olhe quão longe eu fui”.

A Bíblia simplesmente diz, “ele caiu em si”. Ele percebeu sua situação. Ele olhou em volta e disse: “eu arruinei minha vida, eu não tenho nada: nem lugar para dormir, não tenho meios de apoio, nada para comer, e eu não posso voltar para casa. Eu peguei minha parte da herança e desperdicei tudo. Ele se foi. Até os empregados do meu pai lá na fazenda estão melhor que eu. Eu deveria voltar para casa e simplesmente pedir ao meu pai que me contrate”.

Ele se sentou na lama e compôs o discurso que ele ofereceria a seu pai. Ele diria: “Pai, eu pequei contra você e contra Deus. Eu não sou mais digno de ser chamado seu filho – apenas me contrate e me deixe viver no barracão com seus empregados”. Com isso, ele foi para casa.

Imagine o pai, sentado na varanda em uma daquelas velhas casas de fazenda – aquelas com uma longa varanda que pega toda a largura da casa. A família se senta lá no fim da tarde, pegando a brisa, falando do tempo, do cultivo e das novidades da família.

O pai tem sentado lá toda tarde desde que o filho partiu. Ele nunca desistiu da volta do seu filho. Então um dia, lá embaixo na estrada, ele viu uma patética figura mancando. Ele estava coxo, ele estava maltratado e sujo. Mas o pai imediatamente o reconheceu como seu filho. O pai não esperou que o filho viesse até ele. Ao invés disso, o pai correu pela varanda, pelo caminho, atravessou o portão, e desceu a estrada para encontrar o filho. Quando se encontraram, o filho começou a preparar o discurso de contrição: “Pai, eu estraguei tudo, eu não sou digno de ser chamado seu filho...” e ele nunca chegou ao final do discurso.

É como se o pai dissesse, “filho, eu sei, eu entendo. Falamos sobre isso outra hora. Por agora, tudo o que importa é que você está em casa. Venha para dentro, vamos celebrar o seu retorno!” Com isso ele cobriu sua figura imunda com sua melhor capa, colocou um anel em seu dedo e o levou para a casa onde a celebração começou.

O filho mais velho ouviu o som da celebração e perguntou a um dos empregados o que estava acontecendo. Ele disse: “seu irmão voltou e seu pai está dando uma festa”. Mas o irmão mais velho se recusou a participar da celebração.

Finalmente, o pai veio a ele e disse: “Nós estamos celebrando o retorno do seu irmão – entre e celebre conosco”!

O irmão mais velho disse: “Olha pai, eu estive com você todos esses anos. Eu obedeci a todas as suas ordens. Eu fiz tudo o que você pediu, mas você nunca me fez uma festa. Agora esse seu filho volta para casa depois de desperdiçar seu dinheiro e a vida dele e você espera que eu celebre? Porque eu deveria”?

Perceba que o irmão mais velho estava de fato certo, o que simplesmente mostra como você pode estar bem correto, mas muito errado na interpretação e na aplicação desses fatos. Perceba que ele também se refere a “seu filho” e não a “meu irmão”.

O pai respondeu: “Seu irmão estava perdido, e foi achado; ele estava morto e reviveu para nós. É próprio que celebremos”!

Quem estava certo nessa história, o pai ou o filho? O pai é claro. O pai representa a Deus, nosso Pai. O filho nos representa, porque cada um de nós em algum momento ou outro nos afastamos de nossa casa espiritual.

Porque o pai deixou que isso acontecesse? O pai poderia ter evitado isso. Ele não tinha que ter dado o dinheiro ao filho, mas ele deu. Poderia até se alegrar que financiando a jornada do pródigo o pai ajudou e incentivou a prodigalidade. Por que? Porque o pai se interessava mais em seu filho do que em seu dinheiro. Porque em última instância ele estava interessado em seu relacionamento com seu filho. Porque ele queria um relacionamento com seu filho que só era possível

quando o filho estivesse pronto para entrar nele voluntariamente. O pai não forçaria seu filho a ficar em casa. Ele não ficaria satisfeito com obediência coercitiva.

Essa não é uma parábola maravilhosa do nosso Pai celestial?! Nosso Pai põe um valor tão alto em seu relacionamento conosco que ele pagou o preço do Calvário para evitar nos coagir. Ele poderia ter nos forçado a ficar em casa com ele, e ninguém poderia culpa-lo por fazer isso. Mas Ele não ficaria satisfeito em coagir à obediência. Sim, Ele está interessado em nossa conduta, mas quando voltamos a Ele, Ele não diz: “muito bem, antes de entrar vamos conversar sobre aquele tempo no chiqueiro. Vamos conversar sobre o que você fez, vamos falar sobre o dinheiro que você desperdiçou, vamos deixar tudo isso claro”. Não, ele põe sua capa em volta de nós e diz: “Venha para dentro. A festa está pronta para começar – em sua honra”.

Aqui está uma parábola que ilustra uma importante faceta da grande controvérsia entre bem e mal, uma chave histórica do ensinamento Adventista. Deus poderia ter-nos criado de tal forma que nós não pudéssemos pecar. Ele não fez isso, porque ele quis um relacionamento conosco baseado em nossa escolha de estabelecê-lo. Ele se recusa a nos coagir. Mesmo tendo custado tão caro a Ele. Isso custou a vida de seu filho no Calvário, Ele pagou para que nós pudéssemos nos relacionar com Ele livremente. Cada homem, mulher, menino e menina é livre para se relacionar com Deus livremente, de acordo com sua consciência, não a de outra pessoa.

O que nós aprendemos dessa história? Primeiro, que Deus põe um tremendo valor na liberdade. Ele poderia ter evitado o Calvário, mas Ele não evitou, porque ele não nos coagiria à obediência. Segundo, não é nosso papel, assim como do irmão mais velho, ser mais julgadores uns com os outros do que nosso Pai é conosco. Terceiro, nós recebemos um exemplo que fala a nossas próprias atitudes e ações: Se Deus foi tão longe para não nos coagir, então como nós, seus filhos, nos atrevemos, a coagir uns aos outros?

2. A posição sugerida maximiza a igualdade?

Novamente, para ser fieis às Escrituras, nossa posição sobre questões de políticas públicas deveria trabalhar para maximizar a igualdade humana ao nível apropriado mais elevado.

Considere o evangelho de Lucas, capítulo 10. Jesus foi confrontado por um questionador – um jurista, um jovem estudioso das leis religiosas que havia ouvido de Jesus e queria registrar os ensinamentos Seus ensinamentos. O diálogo foi algo desse tipo:

Jurista: “Rabi, o que eu devo fazer para herdar a vida eterna?”

Jesus: “O que você leu na lei?”

Jurista: “Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua força e com toda a sua mente, e seu irmão como a você mesmo”.

Jesus: “Você leu bem, agora vá e faça isso e você viverá”.

Quando confrontado com uma pergunta indesejada, pode-se adquirir um pouco de espaço de manobra, procurando definir um ou mais termos usados na resposta. Então o Jurista replicou: “então quem é meu irmão”?

Sabendo que seu questionador não era passível de uma resposta direta, Jesus escolhe responder indiretamente, por meio de uma história, a parábola do bom samaritano.

“Um certo homem” disse Jesus, “descia de Jerusalém a Jericó”. O Sr. Anônimo escolheu um atalho, uma estrada sinuosa que descia rapidamente das montanhas da Judéia ao vale do Mar Morto. É uma estrada perigosa hoje, e certamente era muito mais nos tempos de Roma. Durante o curso de sua jornada, o Sr. Anônimo foi assaltado: Ele foi atacado por ladrões, roubado, despojado de todos os seus bens e deixado para morrer.

Jesus então apresenta à sua audiência uma interessante procissão de observadores. O primeiro a aparecer em cena era um sacerdote, clérigo, treinado para identificar e aliviar as necessidades humanas. Fiel a seu chamado, ele avistou o homem ferido e pensou, “isso é terrível! Esse homem foi ferido sem ter culpa e ainda assim está aqui caído”. Mas ele rapidamente se conteve antes que sua empatia o colocasse em problemas. Ele pensou: “Os ladrões que fizeram isso podem ainda estar por perto. Eles poderiam muito bem fazer o mesmo comigo. E além do mais, minha primeira responsabilidade é com minha família e com meu ministério. Este homem não é parte de nenhum dos dois. Eu não o conheço e não lhe devo nada! Se eu for ferido ou morto, quem cuidará deles? Certamente o mais próprio e prudente a fazer é continuar e reportar o fato às autoridades. Além disso, estou levando os dízimos do mês da congregação local ao Banco Nacional de Jericó para depositar. Não podemos arriscar perder isso”.

Tendo se armado de boas desculpas, ele passou pelo homem ferido. Mas ele não passou muito perto – tão perto que ele pudesse olhar nos olhos do homem e sentir sua dor. Ao invés disso, ele passou pelo lado mais distante, evidência de que a pacificação de sua consciência não estava funcionando assim tão bem.

A seguir veio o Levita. Aqui estava um homem treinado de forma muito similar ao sacerdote. Ele também foi ensinado a ser um pastor para as ovelhas, mas ele não servia em um papel diretamente pastoral. Talvez em um linguajar moderno poderíamos chama-lo de um religioso burocrata, um administrador denominacional. O levita também reagiu conforme treinado. Ele também viu o homem ferido e começou a sentir empatia. Mas sua mente pensou um pouco: “Isso é horrível! Precisamos recuperar o controle de nossas estradas e colocar esses criminosos no lugar em que merecem”. Enquanto se dedicava ao assunto das deficiências do sistema de justiça criminal, ele também começou a sentir o dilema do sacerdote: “Eles podem fazer o mesmo comigo”. E ele também racionalizou para sair desse compromisso: “Eu vou descer a Jericó entregar um

discurso sobre o tratamento ético aos estrangeiros. Se eu parar aqui, eu vou ajudar apenas uma pessoa. Mas se eu continuar, minha palestra poderia ser o começo de toda uma sociedade de bons samaritanos em Jericó. Certamente, a coisa mais responsável a se fazer é prosseguir”. E então, pelo bem de fazer uma palestra sobre amar ao próximo definindo em dor e angústia, ele seguiu o percurso do sacerdote e passou pelo outro lado.

E então vem o samaritano. Porque Jesus escolheu um samaritano para esse papel? Talvez foi por que ele sabia bem a reação de seu questionador a tais pessoas. Samaritanos eram os párias do dia. A opinião pública era de que eles não eram judeus puros; eles eram de uma linhagem inferior, posição social inferior e educação inferior. Eles não eram confiáveis. Se nós passássemos por uma rua em Jerusalém poderíamos ter ouvido de passagem conversas nas quais se dizia: “Você não pode confiar nesses samaritanos. Eles mentem, trapaceiam e roubam. Eles preferem a vida mansa do que trabalhar para viver. É melhor não se misturar com eles para sua própria segurança”. Se o homem ferido soubesse que um samaritano estava se aproximando, ele provavelmente teria estremecido de antecipação por medo de sofrer mais danos.

Mas o samaritano parou, o único dos três observadores a fazer isso. Ele parou para dar assistência a alguém que em outra circunstância o teria desprezado.

Sua reação não foi nem a de uma torre de marfim, nem uma mera resposta emocional. Ele metodicamente derramou óleo e vinho (os únicos agentes limpadores e desinfetantes disponíveis) nas feridas do homem agredido, o vendou, colocou o homem sobre o seu animal, e o levou até a pousada mais próxima. Antes de sair, ele disse ao dono da pousada, “cuide dele, e quando eu voltar eu acertarei a conta com você”. O samaritano desconsiderou as ameaças à sua própria segurança que foram corretamente notadas pelo sacerdote e pelo levita. Ele simplesmente agiu, em nome de alguém que não gostava muito dele.

Nesse ponto, o diálogo entre Jesus e seu interrogador é retomada.

Jesus: “Agora, qual desses três você acredita que agiu como próximo do homem ferido”?

Jurista: “Obviamente aquele que parou para ajudar”.

Jesus: “Exatamente, vá e faça o mesmo”.

Não é interessante o que Jesus não disse ao jurista? Ele não disse: “Vá e estude os pergaminhos. Quando você possa com propriedade e coerentemente interpretar as profecias e explicar a visão de Ezequiel de rodas dentro de rodas, então volte e nós iremos discutir o seu futuro curso de ação”. Jesus não falou nada sobre o que o jurista deveria saber ou acreditar, somente o que ele deveria *fazer*. Ele não falou sobre ortodoxia, mas sobre ortopraxia. Ele simplesmente disse: “Vá e *faça* o mesmo”.

Quatro características da reação do samaritano merecem imitação. Primeiro foi uma reação de se importar. O samaritano obviamente se importou o suficiente com o dilema do homem ferido para se colocar em perigo para poder ajudar. O

ato de não pegar o caminho percorrido pelos observadores anteriores foi motivado pelo reconhecimento do valor de outro ser humano em necessidade – em outras palavras – importar-se.

Segundo, foi uma resposta de envolvimento. É muito fácil para as pessoas modernas confiar em grupos – grupos de apoio, agências de estado, organizações religiosas – para reagir as necessidades humanas enquanto ficamos sentados fazendo doações de um pouco de dinheiro e um pouco de tempo. O samaritano colocou muito mais do que isso em seu projeto.

Terceiro, foi uma resposta de comprometimento. O samaritano não só enfaixou as feridas da vítima, ele também se voluntariou para pagar por seus cuidados por tempo indeterminado. Isso é comprometimento!

Quarto, foi uma resposta relevante. O samaritano poderia ter continuado o seu caminho, e chegando a Jericó e convocado um concílio sobre as causas e remédios para os crimes na estrada. Não uma coisa ruim em si mesma, mas irrelevante para o homem caído na estrada. Ao invés disso o samaritano se envolveu imediatamente, e ele fez o que precisava ser feito naquele momento. Ele agiu de forma relevante.

Talvez o mais importante para essa discussão, é que tudo isso foi por uma pessoa com quem o samaritano estaria em profunda discordância teológica, política e outras. Não havia ponderação de convergências teológicas, ou laços históricos da afinidade cultural. Não havia a consideração da opinião pública ou da opinião de outros samaritanos, não havia mapeamento de possíveis consequências geopolíticas. O samaritano não viu um judeu (ou um edomita, ou romano ou grego ou qualquer que fosse a vítima), ele só viu uma pessoa em necessidade e reconheceu que ele tinha a habilidade para sanar a necessidade.

O que essa história nos diz sobre nossa resposta a questões como direitos iguais para homossexuais – ou qualquer outra pessoa? Ela diz que nossa resposta deve ser, cuidado, envolvimento, compromisso e relevância. Ela não deve ser desencorajada pela aprovação de muitos sobre o objeto de nosso cuidado, ou ameaça a nossa própria posição. Nós devemos estar preparados para ajudar de forma imparcial a aqueles a quem nós podemos servir, independente da concordância deles – ou a falta dela – com nossas crenças e interpretação. Como poderiam tais considerações nos levar a negar direitos iguais a homossexuais ou a qualquer outra pessoa?

No contexto atual, uma consideração das relações interpessoais da liberdade e igualdade é necessária, porque direitos iguais não pouco frequentemente agem como restrição à liberdade. Nós não exercemos nossa liberdade em um vácuo, mas em um contexto de relacionamentos sociais. Como o apóstolo Paulo disse, “nenhum de nós vive para si mesmo”. Paulo também observou: “todas as coisas me são lícitas, porém nem tudo me convém”. Um exercício responsável de nossa liberdade sempre considera o efeito de nossas ações sobre os direitos e necessidades dos outros.

Desde o fim dos anos 1990, tem acontecido, dentro da comunidade estado-igreja, uma discussão com respeito a se crenças religiosas sinceras deveriam constituir uma defesa válida para violar a igualdade de direitos dos outros. A questão surgiu dessa forma. Em 1990, no caso da Divisão de emprego, do departamento de recursos humanos do Oregon Vs. Smith, a Suprema Corte dos E.U.A. limitou severamente a cláusula de livre exercício da primeira emenda da constituição dos E.U.A. Um resultado foi a formação de uma ampla coalizão que procurou na legislação uma forma de minorar o dano causado a liberdade religiosa. Isso provocou a criação do Ato de Restauração da Liberdade Religiosa (RFRA) em 1993. A corte respondeu alguns anos depois em Boerne vs. Flores, decidindo que a RFRA era inaplicável aos estados. A coalizão então preparou uma nota conhecida como Ato de Proteção a Liberdade Religiosa (RLPA). A RLPA nunca saiu do papel. Ela afundou na questão da crença religiosa como defesa. Um lado dizia: “Se a crença religiosa não for incluída na nota como legítima defesa, nós vamos deixar a coalizão”.

O outro lado dizia: “Se a crença religiosa é reconhecida como defesa, nós vamos deixar a coalizão”. Então a coalizão afundou.

Sobre o que era realmente essa discussão? Homossexualidade. A questão era se uma sincera crença religiosa de que a pessoa não deveria contratar ou alugar para homossexuais deveria ser uma defesa válida para a acusação de violação dos direitos de proteção. A diferença de opinião nessa questão é tão profunda que tem impedido a comunidade religiosa de alcançar ampla proteção do livre exercício da religião desde então.

Como respondemos a essa questão? Nossas crenças religiosas nos permitem discriminar? Quando colocamos a questão no contexto de raça, a resposta é clara para a maioria das pessoas: Só porque uma pessoa sinceramente acredita que ele ou ela não deveria contratar ou alugar para uma pessoa de cor não deveria ser atenuante do dever de não discriminação. Nessa instância, os direitos de igualdade de uma pessoa, triunfam sobre a prática da motivação religiosa de outro. Alguns vão argumentar contra essa posição – até eles reconhecerem que isso não pode ser distinguido de qualquer princípio base da questão de direitos iguais dos homossexuais. Isso simplesmente vem do fato de que um é geralmente aceito em nossa sociedade e o outro não é – ainda. Certamente nossa resposta a tais questões deveria maximizar tanto a liberdade quanto a igualdade, balanceando propriamente as duas, ao invés de meramente refletir a opinião popular.

3. A posição proposta é condizente com nossa história?

Para ser responsável, nossa posição em questões de políticas públicas deveria ter conhecimento das lições aplicáveis encontradas em nossa própria história. Nós temos experiência com os resultados negativos dos esforços de pessoas bem-intencionadas para decretar suas visões e convicções em lei. Considere os efeitos da lei dominical nacional conduzida no fim do século dezenove.

Em 1888, o Senador H. W. Blair de New Hampshire patrocinou um projeto de lei no Senado (N. 2983) para promover a observância do Domingo como dia de descanso. O projeto de lei de Blair (e outro similar em 1889) foi derrotado, pelo menos em parte devida as quinhentas mil assinaturas asseguradas contra isso pela então minúscula Igreja Adventista do Sétimo Dia, estimulada pelo entusiasmo de A. T. Jones, entre outros. O projeto de lei nacional foi parado, mas o esforço para forçar a observância do domingo não foi. Ao invés disso, a cena da atividade foi para os estados.

Durante 1895 e 1896, pelo menos setenta e cinco Adventistas do Sétimo Dia foram perseguidos nos Estados Unidos e Canadá baixo leis dominicais estaduais e municipais. Alguns foram multados; uns poucos foram absolvidos ou tiveram a sorte de ter seus casos encerrados. Mas 28 estiveram na prisão, somando 1.144 dias de prisão. Quase 3 anos e meio em total.¹ Tal perseguição não foi uma casualidade ou só uma pequena parte de um cenário maior de milhares de americanos presos por uma grande variedade de atividades dominicais. Ao contrário, era uma questão de execução seletiva. Aqueles perseguidos se tornaram alvo não apenas por sua conduta, mas pelas razões por trás delas.

Talvez o mais significativo desses casos foi o de R. M. King do condado de Obion, Tennessee.² King cultivou na comunidade por vinte anos e era tido em alta estima por seus vizinhos, embora eles discordassem de sua prática de, como Adventista do Sétimo Dia, lavrar seus campos no domingo. Seus vizinhos tentaram persuadir King a não trabalhar no domingo, mas ele resistiu. Finalmente, “eles insistiram que ele deveria guardar o domingo e não ensinar seus filhos por meio do exemplo que o sétimo dia é o sábado e que se ele não cumprisse com seus desejos ele seria processado. “King foi posteriormente preso por trabalhar em seus campos no domingo, 23 de junho de 1889. No dia 6 de julho, o juiz do condado de Obion considerou King culpado e o multou em um total de \$12,85; Como King se recusou a parar de trabalhar no domingo, seus vizinhos o indiciaram por meio de um júri pela mesma ofensa.

O juiz Swiggart e um júri ouviram a questão em Troy, Tennessee, em 6 de março de 1890, o procurador geral Bond defendeu o estado e o Coronel T. E. Richardson defendeu King. A acusação era de que as repetidas quebras da observância do domingo por King causaram uma perturbação pública – uma acusação que abriu o caminho para uma penalidade mais dura do que meramente pela violação da lei dominical. O júri ouviu cinco testemunhas da promotoria e uma da defesa. Eles deliberaram por apenas meia hora antes de retornar com o veredito de culpado e assegurar uma multa de setenta e cinco dólares. O juiz negou o pedido de um novo julgamento e avisou que King e seu grupo deveriam obedecer à lei ou deixar o país.

O coronel Richardson apelou, em favor de King, para a suprema corte do estado, que em 1891 simplesmente encerrou sem emitir opinião. Então Richardson, junto com Donald M. Dickinson, gerente geral dos serviços postais de 1888 a 1889, apelaram ao Tribunal do circuito do Distrito ocidental do Tennessee.³ A teoria de apelação deles foi uma nova teoria: Já que nenhum caso anterior

reconheceu a quebra habitual da observância do domingo como uma perturbação pública e nenhum estatuto estadual a descrevia como tal, condenar King por tal atividade constituía uma negação do devido processo e proteção igualitária como garantido pela décima quarta emenda da Constituição dos Estados Unidos. Significativamente, eles também argumentaram que ele teve a garantia da liberdade religiosa negada pela primeira emenda das cláusulas religiosas.

Em 1 de agosto de 1891, o Juiz Hammond proferiu sua decisão. Ele reconheceu:

*“Por uma espécie de vantagem factícia, os observadores do domingo têm garantida a ajuda da lei civil, e além dessa vantagem com grande tenacidade, e a despeito do clamor por liberdade religiosa e o progresso que tem sido feito na absoluta separação da igreja e do estado, e a despeito do forte e impiedoso ataque que sempre esteve pronto, no controverso campo da teologia, para que fosse feito, como foi feito aqui, mediante a reivindicação da autoridade divina para mudar do sétimo para o primeiro dia da semana”.*⁴

Entretanto, a decisão da corte foi mantida. Era próprio definir tal conduta como uma perturbação pública? Era, disse Hammond, se uma corte estadual disse que sim. A corte federal não daria uma segunda opinião sobre a decisão da corte estadual a respeito uma lei estadual. Portanto, nenhuma privação de processo existiu. King também perdeu em sua apelação a primeira emenda, disse Hammond, porque a emenda não se aplica aos estados.

De acordo com a decisão, “a décima quarta emenda da constituição dos Estados Unidos não revogou a lei dominical dos estados, e estabeleceu a liberdade religiosa no lugar. Os estados podem estabelecer uma igreja ou credo...”⁵

Naquele ponto, os advogados de King apelaram para a Suprema Corte no outono de 1891, pedindo a Corte que esclarecesse se a cláusula do devido processo da décima quarta emenda fazia as garantias da primeira emenda obrigatórias nos estados.⁶ Essa foi uma estratégia utilizada com sucesso pelas testemunhas de Jeová em 1940.⁷ Se a Suprema Corte tivesse adotado essa teoria em 1891, o curso da legislação dominical e de fato toda cláusula de jurisprudência religiosa, teria sido diferente. Mas a corte não teve a oportunidade de dar um parecer sobre a questão: R. M. King morreu em 12 novembro de 1891, antes que seu caso chegasse a corte.

Os anos 1890 podem ter sido a gota d’água na perseguição aos sabatistas, mas a inundação não recuou imediatamente. Como a maré do fundamentalismo correu em direção ao seu auge na época do famoso Julgamento de escopos, levou consigo um volume contínuo de processos.⁸ Bem no século XX, como a América experimentou uma crescente industrialização e urbanização, com o concomitante crescimento do secularismo e do pensamento liberal, o padrão continuou – e não só no sul rural. Em 1923, três adventistas do sétimo dia foram presos em Massachusetts e multados por pintar o interior de uma casa em um domingo para que a casa ficasse pronta para ser ocupada no dia seguinte. Em

1932, um xerife adjunto do condado de Washington, Virginia, prendeu dois adventistas do sétimo dia por trabalhar no sábado, uma mãe aleijada que andava de muletas, por lavar roupas em suas próprias dependências e um homem que doou e transportou uma carga de madeira para uma igreja para aquecê-la para os serviços religiosos.

Em 1938, um comerciante de Massachusetts foi preso por vender ovos frescos no domingo, numa época em que era legal comprar alimentos cozidos, ovos, cerveja e licor, além de participar de eventos esportivos e filmes nesse mesmo dia.⁹

No começo dos anos 1940, uma linha de casos da suprema corte dos E.U.A. estabeleceu que a primeira emenda, incluindo as cláusulas religiosas, de fato se tornaram aplicáveis aos governos locais e estaduais por meio da décima quarta emenda, abrindo as portas para os desafios das leis dominicais baseadas nessas cláusulas, e em 1961 esses desafios encontraram seu caminho para a corte. As questões iniciadas com o caso de R. M. King em 1891 seriam finalmente respondidas pela suprema corte setenta anos depois. É bom que King não viveu para ouvir a resposta: As leis dominicais foram mantidas como não sendo mais de natureza religiosa. Essa alegação teria sido impossível de fazer com uma cara séria em 1891.

Qual é o ponto? Esse ativismo adventista de antes evitou dois projetos de lei no Congresso e chegou muito perto de produzir uma mudança na lei, que o Tribunal poderia ter alcançado meio século mais cedo, não fosse pela morte de R. M. King. Não até 1963, no caso de Sherbert vs. Verner, o Tribunal concordou que a crença e a prática religiosa merecem proteção. E Adele Sherbert era também uma Adventista do Sétimo Dia. Nossa própria história deveria nos ensinar o que podemos realizar na área de direitos humanos quando colocamos suficientes recursos nesse esforço.

Outro caso em questão foi o de Day Conklin de Big Creek, condado de Forsyth, na Geórgia, que em março de 1889 foi preso, julgado ante um júri e multado em vinte e cinco dólares mais custos, totalizando oitenta e três dólares. Sua ofensa: cortar lenha perto de sua porta da frente no domingo 18 de novembro de 1888. O advogado William F. Findley mais tarde fez a seguinte lembrança do caso:

“Um desses Adventistas do sétimo dia estava aqui no condado Forsyth, e eu acho que nunca houve uma condenação mais injusta. Havia um homem chamado Day Conklin, que estava se mudando em uma sexta. Suas coisas ficaram molhadas na sexta, e começou a fazer frio. No sábado ele foi para fora e cortou lenha suficiente para impedir que sua família congelasse. No domingo, ele ainda não tinha suas coisas secas, e ainda estava tão frio quanto no sábado. Ele então cortou lenha suficiente para manter sua família aquecida e eles o condenaram por fazer isso. Eu disse que isso era um ultraje, uma condenação injusta, por que ele estava fazendo o melhor que podia. Um jurado me disse que eles não o condenaram pelo que ele fez mas

pelo que ele disse que tinha o direito de fazer. Ele disse que tinha o direito de trabalhar no domingo”.¹⁰

Note, “nós o condenamos porque ele disse que tinha o direito”. Na verdade, Conklin foi condenado porque ele alegou que suas práticas religiosas tinham a mesma dignidade e mereciam o mesmo respeito e proteção das práticas da maioria. Seu crime real foi reivindicar a igualdade.

Hoje, grande parte do ressentimento das reivindicações homossexuais por igualdade de direitos no fundo é um ressentimento pela reivindicação de igualdade. “Eles fazem a temeridade de alegar que são nossos iguais”. No debate do casamento homossexual, muitos estão dispostos a aprovar algum arranjo que dê, aos homossexuais, todos ou a maioria dos direitos pertencentes ao casamento, desde que ele seja chamado por outro nome – desde que não se declare igualdade! Infelizmente, isso lembra o destino de Day Conklin.

Certamente o melhor interesse da igreja é uma consideração válida. Ninguém deseja comprometer a igreja advogando, em seu nome, uma posição particular. Alguns argumentam que o melhor interesse da igreja é cumprido mantendo um perfil discreto em questões sociais e políticas. Eles vão citar o conselho de Ellen White de que a igreja no Sul deveria permanecer segregada, ao menos naquele momento, e que nós não deveríamos nos opor publicamente à leitura da bíblia nas escolas. Essas declarações devem ser lidas e entendidas dentro de um contexto e tempo em que a igreja era frágil e vulnerável. A opinião pública era tal que advogar nessas questões cortaria quase todas as vias de testemunho.

Isso é verdade hoje? A advocacia em nome dos direitos à igualdade para homossexuais nega a capacidade da igreja de testemunhar para a sociedade? Em contraste, continuar em silêncio sobre o assunto nega nossa capacidade de nos comunicar com pensadores que defendem uma visão de princípios sobre a matéria? Nossa sociedade não é mais monolítica nesses assuntos; nós não enfrentávamos uma situação análoga nos tempos em que Ellen White escreveu.

Mais fundamentalmente, como poderia ser do interesse da igreja agir de outra maneira que não seja de acordo com o conselho e instrução das escrituras? A Bíblia claramente nos diz que Deus põe um tremendo valor na liberdade humana. Nosso exemplo divino é um que ajuda quando é necessário, não um que “respeita as pessoas”. Nossa própria história mostra o perigo que segue a legislação e imposição de crenças religiosas baseadas em convicções morais sobre aqueles que não as partilham. Agir sob esses princípios é o melhor interesse da igreja. De fato, falhar em fazer isso seria uma acusação sobre a igreja, uma irresponsável negligência de seus interesses.

Questões para discussão

1. Quais são as lições apropriadas a se tirar da experiência adventista na década de 1880?

2. Cristãos deveriam procurar proibir condutas que eles acreditam ser banidas bíblicamente?
3. Cristãos deveriam defender os direitos daqueles que advogam práticas que eles considerem moralmente censuráveis?
4. Quais são os limites próprios do livre exercício da religião?

Notas e Referências

1. Citado em: BLAKELY, William Addison. *American State Papers*, 4th rev. ed. Washington, D.C.: **Review and Herald**. 1949. 514.
2. In Re King, 46 P. 905 (U.S. Cir. Ct., West Tenn., Aug. 1, 1891)
3. Hoje conhecido como United States District Court para os Distrito Oeste do Tennessee.
4. In Re King, citado por Blakely, *American State Papers*.
5. Ibid.
6. Robert M. King vs. W.L. Jackson, Xerife do Condado de Obion, estado do Tennessee, Suprema Corte dos Estados Unidos, número de registro 14912; recurso da Corte do Distrito Oeste do Tennessee, arquivado em 23 de outubro de 1891; Arquivo Nacional dos Estados Unidos, Record Group 267, M216, Roll8, página 16005.
7. *Cantwell vs. Connecticut*, 310 US 296 (Suprema Corte dos Estados Unidos, 1940).
8. *Scopes vs. Tennessee*, 289 SW 363 (Suprema Corte do Tennessee Ct. 1927).
9. Blakely, ***American State Papers***. 508.
10. Ibid., 488–91

Parte 5 – Capítulo 4

Amor, Auxílio, Igualdade e Inclusão

Por Gary Chartier

Larson: Amor e Auxílio

David Larson escreveu um ensaio gracioso e profundo sobre a moralidade sexual cristã.

Ele disse tantas coisas úteis e provocativas. Eu quero focar em duas: Sua declaração de que lealdade intensa é um requisito para relacionamentos sexuais e sua sugestão de que o princípio do auxílio deveria criar argumentos sobre as respostas da igreja para a disputa do status de lésbicas, gays e bissexuais.

Amor

Larson identifica dois aspectos do amor que devem ser exibidos pelos relacionamentos sexuais, moralmente apropriados: amor como lealdade intensa e respeito mútuo. O amor como respeito mútuo é um princípio fundamental da moralidade, incorporado na regra de ouro.¹ Larson amavelmente elabora esse princípio.

Os argumentos de Larson com relação ao amor como lealdade intensa, entretanto, não são tão persuasivos. Ele prestativamente distingue nossa visão do amor erótico preocupado com o parceiro e suas particularidades e a preocupação de compartilhar a vida por completo ao invés do simples prazer sexual (ou, nesse caso, a criação dos filhos e as tarefas de casa). Eu penso que está claro que o amor erótico como descrito por ele é muito bom.² Um presente gratuito, realizado através de uma promessa; tal amor oferece liberdade do isolamento, do medo, da insegurança e da solidão; validação, autoconhecimento e autoestima; dignidade, segurança, confiança, respeito próprio, e autoaceitação. A possibilidade de discernir mais claramente a beleza, a vulnerabilidade, e o valor de todas as coisas; e a oportunidade para o deleite, o desafio e o estímulo e auto transcendência.³ O amor comprometido “é transformador” – libertador, empoderador e enobrecedor.⁴

Entretanto, não decorre da premissa de que esse amor é um grande bem, a ideia de que esse contexto é moralmente necessário para a interação sexual. Larson descreve graciosamente imagens bíblicas do amor da aliança. Mas essas imagens, embora elas apontem clara e poderosamente para o mérito de tal amor, por si mesmas não estabelecem que ele é um requisito moral como configuração para a expressão sexual. Larson acertadamente nota que alguns tipos de relacionamentos sexuais carecem do tipo de lealdade intensa que Josiah Royce

descreve. Mas ele falha em nos prover com um raciocínio plausível para supor que todos esses relacionamentos sejam marcados por esse tipo de lealdade em primeiro lugar.

Relacionamentos sexuais nos quais falta um nível adequado de comprometimento, “alienam o poder sexual do indivíduo do resto de seu eu”, diz Larson. “Eles alienam o eu total do eu total do parceiro. Essas ligações nos alienam de Deus também porque são tão diferentes do amor inabalável que Deus concede a cada um de nós”. Mas porque, precisamente, eles fazem isso? Larson não diz.

Obviamente, em um relacionamento sexual que não seja marcado pelo compromisso os parceiros não estão tão presentes para o outro como eles estariam se eles estivessem em um compromisso marital. Como resultado eles perdem os benefícios que só podem vir com o compromisso marital. Mas o que se segue a isso? Eles experimentam outros benefícios, e talvez eles evitem o que eles veem como um sério risco. Alguma outra premissa é necessária para garantir a conclusão de que eles erram um com o outro, ou consigo mesmos, simplesmente por não experimentar todo o benefício (ou um tipo específico) possível.

Eu não tenho muita certeza do que significa, “alienar o poder sexual do indivíduo do resto de seu eu”. Larson parece sugerir, usando essa frase, que um presente completo, que deveria vir com o sexo, está ausente quando falta o compromisso adequado - e que isso é algo que divide o indivíduo e causa uma auto divisão semelhante no parceiro. Mas essa conclusão só funciona – emocionalmente ou semioticamente – se o sexo necessariamente convergisse em uma total ausência de benefício se alguém decidisse não se doar completamente. E eu tenho dúvidas sobre essa premissa.

Sexo certamente pode promover o apego e a intimidade. Isso significa que as pessoas que se envolvem sexualmente aumentam a probabilidade de serem feridos se forem rejeitados por seus parceiros em algum momento. Essa é obviamente uma das muitas boas razões para manter a honestidade e as promessas no contexto dos relacionamentos sexuais. Mas isso não significa que sexo normalmente comunica ou cria compromisso total. Pessoas diferentes sentem e acreditam e comunicam coisas diferentes em suas relações sexuais. Embora o sexo, como um “símbolo natural”, é apto para comunicar uma gama delimitada de significados relativos a intimidade, não significa que o mesmo significado nasce em cada ato sexual. A noção de que tais atos carregam um significado inerente – auto concessão total - com o qual o sexo fora da estrutura do compromisso conjugal ou quase conjugal estaria em conflito, trata os atos e relacionamentos sexuais como uniformes de uma maneira que eu acredito que não são.

Embora o compromisso proteja a vulnerabilidade das pessoas umas com as outras, uma vulnerabilidade sexual pode acentuar, diferentes experiências sexuais e os relacionamentos podem dar origem a diferentes tipos de vulnerabilidade. E nós frequentemente pensamos em outros contextos, em

qualquer caso, que as pessoas não estão errando com elas mesmas ou com os outros quando elas aceitam um risco significativo. Além disso, grande intimidade pessoal sem sexo pode dar origem a uma vulnerabilidade comparável sem ser objeto de censura dos oponentes ao sexo fora do contexto do compromisso marital.

Alguns podem também argumentar por uma posição como a de Larson sugerindo que ser sexualmente ativo somente dentro do contexto marital ou quase marital ajudaria a garantir que o sexo promovesse uma intensa ligação entre as pessoas e então servisse a causa de solidificar e estabilizar os relacionamentos eróticos. Esse argumento parece plausível em certa medida: limitar o sexo ao casamento ou uma relação de quase casamento poderia de fato ter esse efeito. Mas o fato de uma determinada política servir para aumentar algum benefício não mostra que não seguir essa política está errado. Nós não temos o dever de maximizar o bem (assumindo, de fato, como eu nego, que essa é uma injunção coerente). Se nós realmente temos o dever de procurar prosperidade e satisfação, e não meramente evitar o mal, isso não significa que todos devemos buscar o mesmo tipo de prosperidade e satisfação, que todos devemos buscar a perfeição nas mesmas áreas de nossas vidas.

Somente se o sexo fora da estrutura de compromisso levar à auto alienação e alienação entre parceiros, o ponto final de Larson, levar à alienação de Deus, continua plausivelmente. Será moralmente relevante que o sexo fora do contexto do compromisso apropriado é "oposto ao amor constante que Deus concede a cada um de nós" somente se ele for prejudicial, o que eu já argumentei que ele não precisa ser, ou se ele incorpora menos bem, de um tipo relevante, do que poderia, e fomos obrigados a maximizar o bem - que novamente parece implausível supor que nós somos.

"Muitas pessoas intensamente leais", Larson observa, "Fundem suas vidas em novas entidades sociais que se tornam células no corpo da sociedade sem eliminar a individualidade de cada pessoa". Isso é o que queremos dizer quando falamos que relacionamentos sexuais deveriam ser caracterizados pelo amor, e quando especificamos isso, entre outras coisas, nós cristãos entendemos esse amor como uma lealdade intensa". Novamente, a imagem que Larson pinta aqui é atrativa. Mas quem somos "nós" para sugerir que todas as relações sexuais deveriam ser caracterizadas por uma intensa lealdade *Royceana*? Tal lealdade é um grande bem, mas Larson não demonstrou que sua ausência, simplesmente, torne relações sexuais moralmente deficientes.

Subsidiariedade

O princípio da subsidiariedade sustenta, grosso modo, que uma decisão não deveria ser feita no nível mais alto de uma organização ou comunidade quando pode ser feito em um nível mais baixo – um nível próximo daqueles diretamente afetados por isso. Esse princípio parece intuitivamente plausível na medida em que ele é eficiente e justo. Larson sugere que esse princípio deveria afetar nossa

resolução de disputas com relação ao sexo entre pessoas do mesmo sexo e casamento entre pessoas do mesmo sexo. Isso parece certo se significa que uma gama de mecanismos institucionais e estratégias políticas são apropriadas para alcançar fins justos, ou se isso significa que uma gama de possíveis fins seria compatível com a demanda por justiça.

Entretanto, Larson sugere que muitas questões específicas “não são o tipo de perguntas que nós podemos responder rapidamente e simultaneamente para cristãos ao redor do mundo”, e que essas perguntas podem finalmente, ser tratadas satisfatoriamente no nível local. Aqui eu não fui persuadido. Ele parece ter em mente pelo menos três perguntas: a que conclusões devemos chegar sobre as fontes e o status dos desejos sexuais entre pessoas do mesmo sexo; se qualquer relação sexual responsável deve estar aberta à procriação; e se o casamento fornece a devida estrutura institucional para honrar as relações entre pessoas do mesmo sexo. Em última análise, todos os três requerem resolução além do nível local.

Uma resposta para a primeira questão que trata o desejo erótico entre pessoas do mesmo sexo como um sinal de ruptura - como uma deficiência, mesmo que uma que devêssemos aceitar - enviará a mensagem, onde quer que seja ouvida, de que desejos eróticos por pessoas do mesmo sexo da aos que os experimentam motivos para se envergonharem. Certamente não será feito por “líderes cristãos... estabelecer diretrizes gerais [para a resolução deste tipo de questão] e deixar sua implementação aqueles que estão mais próximos das pessoas”. Raramente é útil para as autoridades da igreja impor soluções a problemas difíceis àqueles a quem servem.

Mas em última instância, a questão de se alguns membros da comunidade cristã devem considerar que sofrem de uma deficiência ou desvantagem simplesmente porque experimentam desejos eróticos por pessoas do mesmo sexo (e certamente se eles agirem sobre esses desejos), é uma pergunta sobre a inclusão da igreja que é importante demais para ser respondida de várias maneiras. Imagine uma afirmação semelhante - que ter pele escura é uma consequência lamentável da maldição de Noé sobre Ham - não faz parte do plano criativo de Deus para a humanidade, mas "um aspecto do nosso mundo destruído com o qual todos devemos lidar da melhor forma possível". Eu não acredito que uma comunidade cristã responsável poderia fazer disso uma escolha local se uma posição teológica marginalizadora desse tipo pudesse ser proposta.

O mesmo se aplica à questão do vínculo moral entre sexo e abertura à procriação. A conclusão de que existe essa ligação, e que, portanto, sexo entre pessoas do mesmo sexo, é errado, obviamente teria consequências substanciais para relacionamentos eróticos entre pessoas do mesmo sexo na comunidade da igreja em todo o mundo. Isso não vai, eu penso, sugerir novamente que esse é o tipo de coisa que pode ser resolvido localmente. No final das contas, em comunidades que aceitam a necessidade de ligar o sexo a abertura para

procriação, a mensagem será clara de que algumas pessoas são pecadoras graves por causa de seus relacionamentos eróticos.

A subsidiariedade não oferece uma solução satisfatória para a disputa sobre o reconhecimento dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo. É certamente verdade que alguns casais do mesmo sexo têm dúvidas sobre a instituição do casamento, e eles deveriam ser livres para estruturar suas vidas e celebrar suas uniões como eles acharem melhor. Faz sentido, então, deixar mil flores desabrocharem. Mas não podemos, em última análise, considerar apenas um modelo no qual casais do mesmo sexo que desejam se casar podem fazê-lo em alguns ambientes, mas não em outros. A opção do casamento entre pessoas do mesmo sexo envia uma mensagem clara: que casais do mesmo sexo são bem-vindos em nossas comunidades em bases iguais aos casais do mesmo sexo. A negação dessa opção envia uma mensagem similar: que pessoas em relacionamentos com pessoas do mesmo sexo são, no melhor dos casos, membros de igreja de segunda classe. Nós não trataríamos como apropriado em algumas comunidades locais da família de nossa igreja, usar uma característica irrelevante, como etnia, como base para determinar se o relacionamento de um casal deveria ser solenizado e celebrado. Nós não podemos continuar como se o gênero fosse uma característica relevante quando não existe base racional para isso.

Novamente, diferentes meios políticos podem requerer o uso de diferentes estratégias políticas para alcançar justiça e inclusão. Mas o último alvo daqueles que procuram uma meta na igreja não pode e não deveria ser um ambiente em que justiça e inclusão são evidentes em alguns lugares e não em outros. A igreja como um todo deve ser uma comunidade na qual o amor de Deus e a justiça são incorporados.

Tyner: Igualdade perante Deus e baixo a Lei

Mitch Tyner ofereceu um claro argumento e análise útil sobre questões de políticas públicas relacionadas a lésbicas, gays e bissexuais de uma perspectiva cristã e especificamente adventista. Eu particularmente aprecio sua equação contundente sobre discriminação baseada em raça e discriminação baseada em identidade sexual. Sua vontade de caracterizar tais discriminações como igualmente problemáticas parece exatamente correta. Por que nos dois casos a discriminação em aluguel, emprego, a provisão de benefícios públicos, e outras áreas da vida não reflete nenhuma preocupação razoável que possa ser especificada além de falsas crenças empíricas ou normativas.

Para constar: a não discriminação contra lésbicas, gays ou bissexuais pode-se pensar que torna mais provável o abuso sexual de crianças. Porém, de fato, as chances de qualquer indivíduo, seja hetero ou gay, abusar sexualmente de uma criança são muito pequenas. Não há razão para acreditar que, simplesmente porque alguém é lésbica, gay, ou bissexual, se possa presumir que ela seja pedófila, ou que ela será menos cuidadosa ou respeitosa que uma pessoa

heterossexual em suas relações com crianças.⁵ Tratar relacionamentos consensuais lésbicos, gays ou bissexuais como legalmente equivalentes aos heterossexuais não oferece mais licença para comportamento abusivo de lésbicas, gays ou bissexuais pedófilos do que aceitar o sexo heterossexual oferece aos pedófilos heterossexuais.

Algumas pessoas podem supor, talvez, que crianças seriam prejudicadas pela tolerância social a lésbicas, gays e bissexuais de outra forma: eles podem ser mais inclinados a pegar essas pessoas como modelos de comportamento sexual e então eles mesmos se envolverem em um comportamento de relacionamentos homossexuais. Mas esse argumento assume que existe algo errado em tal comportamento – o que é exatamente o ponto em questão. Mesmo que pessoas no geral adotassem estilos de vida homossexuais por imitação (e existe é claro uma grande dúvida de que esse seja o caso), ou se a tolerância pública para tais estilos de vida faz com que seja mais provável que as pessoas expressem seus desejos homossexuais que de outra forma eles poderiam reprimir, não haveria nada de errado em criar circunstâncias que dispusessem eles a fazer isso, presumindo que não há nada de errado em ser lésbica, gay ou bissexual ou se engajar em uma relação sexual homossexual, em primeiro lugar.

É especialmente ousado de Tyner igualar o desejo de lésbicas, gays e bissexuais de ser identificados como membros iguais da comunidade, de dignidade comparável a dos heterossexuais, com o desejo similar de Cristãos que observam o Sabbath no sábado de serem tratados com status igual ao dos cristãos que observam o Sabbath no domingo.

Tyner corretamente nota que adventistas entendem o que significa ser membro de uma minoria desfavorável, e corretamente sugere que adventistas deveriam usar esse entendimento para comunicar suas respostas às preocupações de lésbicas, gays e bissexuais.

Eu defenderia apenas uma adição ao excelente conjunto de propostas de políticas de Tyner: um reconhecimento explícito de que os princípios da liberdade e igualdade que ele defende tão apaixonadamente devem aplicar-se à própria igreja por uma questão de lei. Eu acho que seria uma leitura natural do argumento de Tyner concluir que a igreja deveria aplicar esses princípios a suas próprias atividades como expressão de seus princípios básicos. Mas acho que é possível argumentar que as comunidades religiosas devem ser ativamente desencorajadas a se envolverem em discriminação flagrante, assim como outras associações privadas.⁶ Eu suspeito que não há valor em ser doutrinário aqui: pode ser razoável permitir que uma organização religiosa que mantém, incorretamente, que há algo errado em princípio, com o sexo entre pessoas do mesmo sexo, empregar como pastores pessoas cuja conduta é consistente com sua posição discriminatória oficial, assim como um movimento religioso supremacista branco não precisa ser obrigado a empregar pastores de ascendência africana.

É claro que há motivos para estar muito nervoso com o estado interferir nas operações das comunidades religiosas, e acho que Tyner e outros poderiam

estar sensivelmente nervosos com a imposição de regras anti discriminação em igrejas, sinagogas, mesquitas e templos. Se eu estou disposto a correr o risco, é porque eu penso que a discriminação é tão inequivocamente repugnante que merece uma sanção mais intransigente da comunidade, e que comunidades religiosas responsáveis não tem nada a temer da expectativa de que eles tratem todos com respeito e amor inclusivos.

Henson: Ministério inclusivo, natureza e experiências de vida

O notável ministério de Henson, feito de forma pública, a lésbicas, gays e bissexuais tem sido sem precedentes entre os adventistas. Seu ensaio transborda compaixão e visão espiritual. Ele oferece uma narrativa tocante e evocativa que ilumina a forma como as experiências do ministério podem conduzir mudanças na teologia. Ele acertadamente nota que, se abandonamos a narrativa de que o sexo é moralmente apropriado somente se é feito na intenção de procriar, não teremos dificuldade de defender, com alguma credibilidade, a visão de que o sexo entre pessoas do mesmo sexo é errado. E ele claramente reconhece que a reavaliação de nosso pensamento sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo não pode ocorrer em isolamento da nossa reconstrução de normas em relação ao comportamento sexual de forma geral. Eu gosto muito da peça de Henson: é calorosa, tem bom senso teológico, sua sensibilidade pastoral humana, é memorável e apelativa. Deve ser realmente um presente ser um membro da congregação de Henson. Eu gostaria de oferecer apenas três comentários relacionados ao que ele disse.

Sobre “viver em pecado”: as observações de Henson sobre o uso dessa frase carregada são aptas e úteis. Mesmo se as pessoas envolvidas em relacionamentos sexuais e românticos com pessoas do mesmo sexo fossem pecadoras, em virtude de fazê-lo, isso dificilmente justificaria trata-los de forma diferente de todos os outros pecadores que a igreja pretende nutrir e curar. Ainda haveria boas razões para pensar que a igreja deveria abraçar e dar as boas-vindas a eles. Entretanto – e eu não tenho motivos para pensar que Henson discorda – os relacionamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo que não são relações de exploração, injustas, ou indiferentes não se qualificam como pecadoras. Então é certamente crucial enfatizar, quando dizemos que somos todos pecadores e que a igreja é (ou deveria ser) projetada para todos nós, de que pessoas não são pecadoras só porque elas estão envolvidas em relacionamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. (A prática de Henson no ministério deixa isso evidente, eu penso, que ele sabe disso).

Sobre “natureza” e orientação sexual: Henson pode estar certo de que “a maioria dos estudos sociológicos indicam que a quantidade de homossexuais nas sociedades típicas tem permanecido relativamente constante por centenas, talvez milhares de anos”. (Eu não estou certo do que faz uma sociedade “típica”. A Atenas clássica contaria?) Mas nós certamente deveríamos ser claros sobre que, independente dele estar certo sobre isso ou não, isso não pode finalmente determinar o que dizemos sobre relacionamentos entre pessoas do mesmo

sexo. Se a orientação sexual (que, de qualquer forma, parece seguir um continuum, em vez de se dividir em categorias definidas e binárias) está enraizada em uma constante biológica é irrelevante para o seu status moral. Se nós temos boas razões, por outros motivos, no que diz respeito a comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo para considera-lo errado, então talvez seja o caso de que a disposição biológica possa dar as pessoas uma desculpa legítima para se engajarem em algo que de outra forma seria considerado mau comportamento. Mas se não existem esses motivos – como parece para mim que não existem (muitas das contribuições desse volume nos proveem com boas razões para concordar) – então as pessoas que estão envolvidas em tais relacionamentos não precisam de desculpas. (E para ser claro, Henson não sugere que elas precisem).

Sobre a tipologia de Henson dos estilos de vida homossexuais: ele certamente está certo sobre que traição e abandono estão profundamente errados. Ninguém que afirme que Deus é fiel mesmo quando nós somos infiéis pode concordar que qualquer dos dois sejam apropriados. Mas a tipologia de Henson explicitamente identifica apenas o celibato, o casamento e a irresponsabilidade exploradora como possibilidades para aqueles que são atraídos por relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Para ter certeza, ele explicitamente nota que existem outras opções: e parece para mim que isso está certo, que o continuum contém uma ampla gama de possibilidades. Existe, para constar, relacionamentos sexuais que não são exploradores ou manipuladores, mas que são abertos, talvez explicitamente de curto prazo, e não necessariamente exclusivos. E existem casamentos e outras parcerias de longo prazo em que os parceiros são comprometidos, em que eles constroem e dividem uma identidade comum e um senso de “nós”, em que eles se deleitam e se desejam e cuidam um do outro, mas nos quais um ou os dois parceiros podem ser livres para se relacionar sexualmente com outros.⁷ Esses arranjos me parecem ser não necessariamente de risco, mas isso não significa que pessoas razoáveis não possam discordar sobre isso ou que não há nada a se aprender desses relacionamentos. Lésbicas e gays tem explorado uma gama de possibilidades de configurações de relacionamentos. Aqueles de nós que desejam relacionamentos românticos com pessoas do sexo oposto podem aprender de suas experiências de vida (sem concluir sempre, é claro, que o modelo apresentado é apropriado ou sábio).

Conclusão

Larson, Tyner, e Henson merecem nosso obrigado por pressionar a igreja em direção à justiça e compaixão. Eu não gostaria que nenhum dos questionamentos que eu levantei obscurecessem minha fundamental apreciação pela decência e sensibilidade que todos eles têm exibido. Um Adventismo que adote as posturas morais, políticas e espirituais que eles recomendaram e modelaram daria passos gigantes para se tornar o tipo de comunidade – tão aberta e carinhosa – que Larson, Tyner, Henson e eu concordamos que ela poderia e deveria ser.

Questões para discussão?

1. Amor erótico é um grande bem, como Chartier e Larson ambos sugerem, ou é superestimado?
2. Porque você acredita que Larson diz que relacionamentos sexuais não marcados por compromisso compreensivo são alienantes? Você acha que ele está certo? Se está, em que circunstâncias?
3. Quão importante é a ligação sexual entre as pessoas? Relacionamentos românticos e eróticos podem existir se essas ligações são relativamente tênues?
4. Como nós deveríamos decidir quais questões são apropriadamente respondidas pela igreja global e quais pelas entidades locais? Existem perguntas que uma determinada denominação deve esperar para responder até que os cristãos como um todo tenham respondido?
5. Deveriam as leis e regulamentos anti discriminação se aplicar a igrejas, ou as igrejas deveriam ter a liberdade que outras entidades não têm, de discriminar?

Notas e Referências

1. Compare FINNIS, John. *Natural Law and Natural Rights*. Oxford: Clarendon Press of Oxford University Press, 1980. 108p;
FINNIS, John. **Commensuration and Practical Reason, Incommensurability, Incomparability, and Practical Reason**. ed. Ruth Chang. Cambridge, Mass.: Belknap Press of Harvard University Press. 1997. 227–232.
2. Veja JANKOWIAK, William. **Romantic Passion: A Universal Experience?** New York: Columbia University Press, 1995.
GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora Unesp; 2ª Ed. (2003).
MOUNT, Ferdinand. **The Subversive Family: An Alternative History; of Love and Marriage**. New York: Free Press, 1992.
SOLOMON, Robert C. **Reinventing Romance for Our Times**. New York: Touchstone-Simon, 1988.
3. WALLERSTEIN, Judith e BLAKESLEE, Sandra. **The Good Marriage: How and Why Love Lasts**. New York: Warner. 1995.
4. Ibid., 334.
5. FREUND, Kurt; WATSON, Robin; RIENZO, Douglas. Heterosexuality, homosexuality, and erotic age preference. **Journal of Sex Research**, v. 26, n. 1, p. 107-117, 1989.

FREUND, Kurt; WATSON, Robin J. The proportions of heterosexual and homosexual pedophiles among sex offenders against children: An exploratory study. **Journal of sex & marital therapy**, v. 18, n. 1, p. 34-43, 1992.

KLEBER, David J.; HOWELL, Robert J.; TIBBITS-KLEBER, Alta Lura. The impact of parental homosexuality in child custody cases: A review of the literature. **Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law Online**, v. 14, n. 1, p. 81-87, 1986.

WHITEHEAD, Minnie M.; NOKES, Kathleen M. An Examination of Demographic Variables, Nurturance, and Empathy Among Homosexual and Heterosexual Big Brother/Big Sister Volunteers. **Journal of homosexuality**, v. 19, n. 4, p. 89-102, 1990.

SCHNEIDER, Margaret. Educating the public about homosexuality. **Annals of sex research**, v. 6, n. 1, p. 57-66, 1993

6. Compare BARRY, Brian. **Culture and Equality**. Cambridge: Eng. Policy, 2000. Para uma discussão sutil da discriminação por organizações religiosas e possíveis respostas legais.

7. Veja por exemplo, ERIBON, Didier. **Michel Foucault**. São Paulo: Editora: Cia. Das Letras. 1ª ed. 1990. 251 pág.

MACY, David. **The Lives of Michel Foucault: A Biography**. New York: Pantheon 1993; "Conversation," Werner Schroeter, ed. Gerard Courant. Paris: Cinematheque/Institut Goethe, 1982. Citado em Eribon, Michel Foucault. Que relacionamentos como o de Foucault e seu parceiro, Daniel Defert, não precisam ser injustos ou indiferentes, não significa que é sensato estruturar os relacionamentos como eles. Estou inclinado a pensar que não é. Compare com PRATHER, Hugh e Gayle, **I Will Never Leave You: How Couples Can Achieve the Power of Lasting Love**. New York: Bantam, 1996.